



ARIELA PEREIRA

DESEJO

Proibido

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

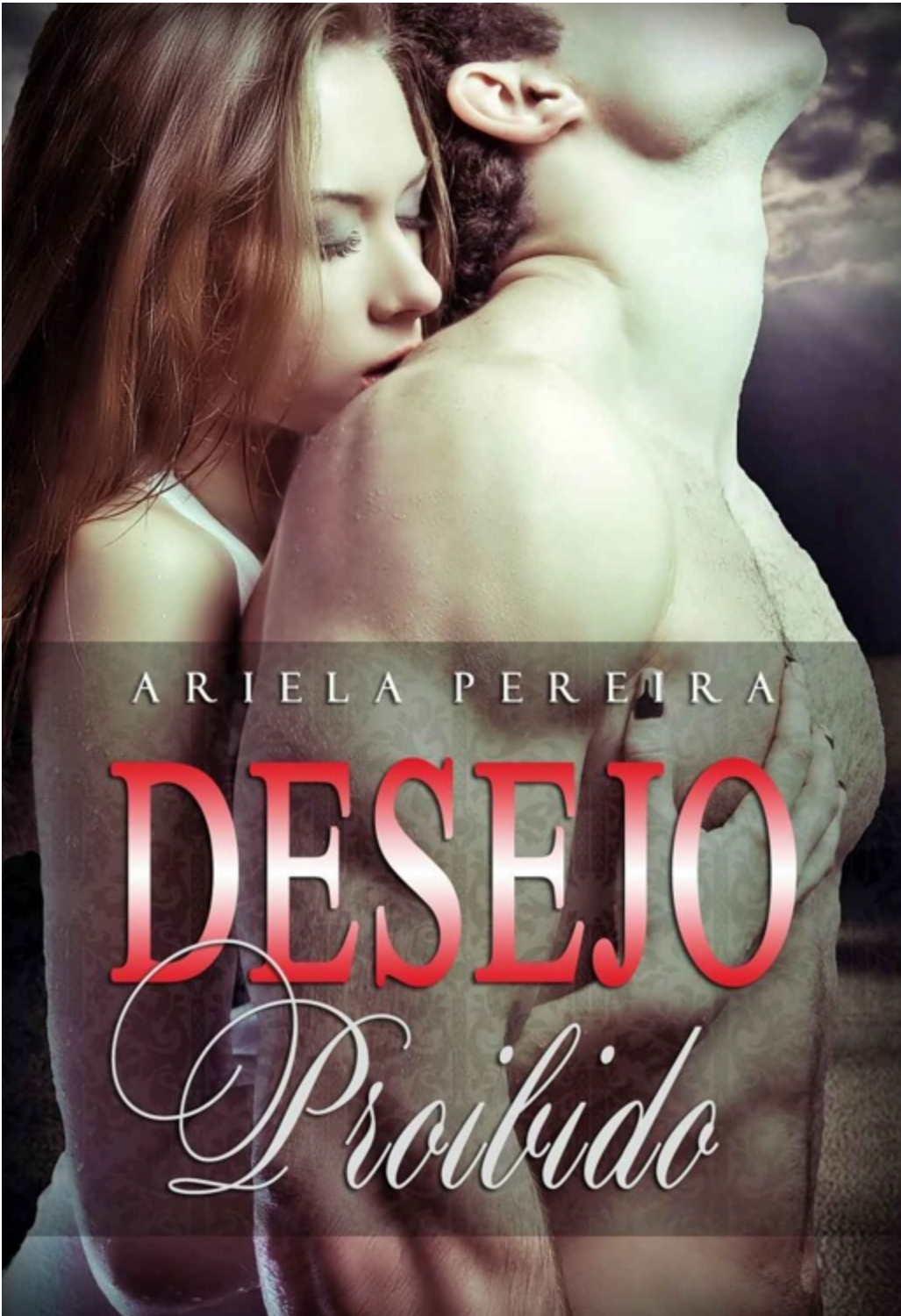
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





DESEJO PROIBIDO

Ariela Pereira

Copyright© 2016 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão: Valéria Avelar

1º Edição

2016

ÍNDICE

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)

[CAPÍTULO XXVIII](#)

[CAPÍTULO XXIX](#)

[CAPÍTULO XXX](#)

[CAPÍTULO XXXI](#)

[CAPÍTULO XXXII](#)

[CAPÍTULO XXXIII](#)

[EPÍLOGO](#)

[OUTRAS OBRAS DA AUTORA DISPONÍVEIS NA AMAZON:](#)

CAPÍTULO I

Bati a cabeça na parede uma, duas, três vezes, com tanta força que cheguei a ver estrelinhas brilhando.

— Para com isso. Se torturar não vai resolver nada. —

Margô falou, sentada do outro lado da mesa no pequeno barzinho na Avenida Atlântica.

O pagode romântico que tocava ao fundo, unido ao fedor de cerveja misturado com cigarro, contribuía para o crescimento da minha nostalgia. Quanto mais pensava no que aconteceu, mais me desesperava.

Eu ainda não podia acreditar no quanto fui tola, me deixando enganar por um cafajeste que desde o início tinha o objetivo único de me extorquir. Aos vinte e cinco

anos de idade eu não tinha mais o direito de ser tão ingênua e de ser tão tapada a ponto de não perceber nada mesmo com todo mundo à minha volta me alertando. Na realidade, eu cheguei a acreditar que as pessoas falavam mal do meu relacionamento com Fábio, por inveja. Fui uma anta mesmo.

Foram três longos anos me prostituindo nas calçadas de Copacabana sem gastar nenhum centavo com qualquer coisa que não fosse o básico — como, por exemplo, o aluguel de uma quitinete, roupas e maquiagem —, a fim de guardar o dinheiro para abrir o meu próprio negócio e sair daquela vida miserável. Durante aqueles anos suportei o frio das madrugadas de inverno, o perigo constante e todo tipo de homem usando meu corpo, para que no final aquele maldito me roubasse.

Todos me avisaram que eu não devia me envolver com o manobrista de um dos restaurantes ali perto, pois um homem jamais levaria a sério uma garota de programas. Todavia, ignorei a todos e o levei para morar comigo; o banquei durante todos aqueles anos porque acreditava que

estava apaixonada e que era correspondida. Juntos planejamos abrir um restaurante, nos casarmos e constituirmos uma família. Eu só me dei conta do quanto estava sendo iludida e usada há dois dias, quando Fábio pegou meu cartão do banco para retirar o dinheiro do aluguel e raspou minha conta para desaparecer como poeira em seguida, levando até o último tostão do dinheiro que ganhei sozinha e que seria o nosso futuro, um futuro que sonhei sozinha também.

Depois de esgotar meu estoque de lágrimas, finalmente perdi as esperanças de que ele pudesse ter sido assaltado — o que seria impossível, considerando que um assaltante não o obrigaria a sacar até o último centavo da conta —, me convenci de que fui feita de otária e levantei-me da cama, perguntando-me o que me restava. A resposta era só uma: voltar às ruas e começar do zero, desta vez sozinha, afinal não existe um meio de se sair dessa vida que não por conta própria, principalmente para quem não tem uma formação escolar adequada para arranjar um emprego que pague o suficiente para se ter abrigo e comida.

Imaginar que eu teria que passar por tudo de novo, tolerar cada madrugada fria nas ruas, cada piadinha de discriminação e deboche jogada pelas pessoas que passavam cada homem barrigudo e grosseiro, me deixava ainda mais deprimida. Parecia pior que a própria desilusão sofrida e a perda do dinheiro. E desta vez ia demorar ainda mais para juntar uma quantia de dinheiro significativa, pois eu já não era tão jovem quanto antes e nem era mais novidade no pedaço, visto que as novatas são sempre mais requisitadas. Porém, se conseguisse abrir uma lanchonete pequena já estaria bom.

Olhei para o rosto enrugado de Margô, do outro lado da mesa, seus olhos vermelhos devido às muitas noites de sono perdido, seu olhar alternando entre o bar e a rua, a procura de qualquer um que lhe oferecesse uma merreca em troca de sexo e temi amargamente terminar como ela. Margô estava nas ruas há mais de vinte anos, era conhecida e respeitada por todos, entretanto, já quase não conseguia mais clientes devido à idade e aos anos no mesmo lugar, passava a maior parte do seu tempo sentada

a mesa daquele bar, bebericando o chope que os homens lhe pagavam por dó, vendendo preservativos só para ter um pretexto para estar ali, servindo de ouvinte para as pessoas desesperadas que queriam desabafar sem serem julgadas, como eu.

— Eu não suporto mais essa vida. — Reclamei pelo que me parecia a décima vez desde que sentei a sua mesa, choramingando. — Não vou dar conta de trabalhar mais três anos para juntar o dinheiro que preciso.

— Veja pelo lado positivo: pelo menos você não tem filhos e nem é viciada em drogas como a maioria das meninas. Pode ficar com o dinheiro todo pra você.

— Não tenho mais estrutura pra isto. Estou cansada. — E estava mesmo. Foram três longos anos de noites em claro, suportando tudo em nome do meu objetivo.

Antes de conhecer Fábio eu já fazia programas, mas era bastante seletiva e saía apenas quando precisava comprar uma roupa cara para desfilas nas casas noturnas da cidade, pois naquela época ainda vivia na casa dos meus pais em Volta Redonda, não precisava me sustentar.

A coisa ficou séria depois que eles descobriram a verdade e me expulsaram, sem dó nem piedade.

— Por que você não arranja um marido pra te sustentar? — Margô indagou, após dar uma grande tragada no seu cigarro.

— E viver apanhando como as garotas que optam por essa saída? Nem morta!

— Talvez você ache um que não bata. Deve ter um cara bom no meio de tanto lixo.

— Um homem jamais vai tratar bem uma mulher se a tirar dessa vida e não tem como esconder isso. Todo mundo na cidade sabe o que fazemos, porque ficamos expostas na rua. Se tivesse como esconder, seria uma saída.

Margô ficou me encarando em silêncio, até que seus olhos se arregalaram.

— Acho que tive uma ideia. — declarou com entusiasmo, tirando seu smartphone da bolsa. Digitou alguns botões antes de me entregar o moderno aparelho, que certamente comprara de algum ladrão e trocara o

chip. — Olha isso.

Peguei o aparelho de sua mão e vi a imagem de uma cidade que parecia francesa, ou italiana.

— O que tem isso? — perguntei sem entender nada.

— Leia o título do artigo, criatura.

Fiz o que ela disse, o artigo era intitulado; “*Montana: A cidade mais rica do Brasil*”. Espantei-me que fosse uma cidade brasileira, visto que parecia organizada e limpa demais. Continuei lendo o artigo com curiosidade, ao mesmo tempo em que Margô relatava-o com suas palavras.

— Essa cidade fica no interior do Goiás, é rodeada de fazendas riquíssimas. Os fazendeiros fundaram uma faculdade particular, com os melhores professores doutores do país, para formarem os próprios filhos. Desde então a cidade cresceu, é quase uma metrópole e como os primeiros moradores são todos ricos, seus descendentes também são, outros milionários migraram devido ao bom desenvolvimento, ou seja, tem muito homem rico lá.

Terminei de ler o artigo, era exatamente como ela

dizia. Eu teria ficado impressionada com aquela história se não estivesse deprimida demais para ter qualquer emoção.

— Legal, mas o que isso tem a ver com os meus problemas?

— Tem tudo a ver. Você pode ir morar em Montana e arranjar um marido rico e que te trate bem. O problema aqui, segundo você mesma, é que todo mundo na cidade já passou nessa rua e te viu, mas lá ninguém te conhece. Os homens são ingênuos e gentis, como são todas as pessoas do interior. Você chega lá dando uma de moça direita e arranja um marido rapidinho. — ela gesticulou para a tela do smartphone. — Pode até acabar morando em uma mansão dessas. Que tal?

O que ela dizia fazia todo o sentido. Embora parecesse uma grande loucura deixar o Rio para ir a um lugar tão distante e completamente desconhecido, com um bom planejamento poderia dar certo. Era melhor que passar o resto da minha vida rodando a bolsinha para tentar juntar novamente o dinheiro que Fábio me roubou e ainda por

cima correndo o risco de arranjar outro como ele. Se conseguisse um marido naquela cidade, obviamente um marido rico que não me deixasse faltar nada, estaria livre daquela vida maldita de uma vez por todas e sem muito esforço.

Restava saber como me firmar em Montana.

— Margô, como você achou essa cidade? Por que nunca tentou ir pra lá e fazer o que está me sugerindo?

— Achei quando um dos meus clientes compartilhou o link do artigo no Facebook. Não vou porque estou velha, Manuela. Você acha mesmo que um homem bom ia se casar comigo, na minha idade?

Senti piedade dela. O que faria de sua vida quando se tornasse uma anciã?

— Não fala assim. Pra todo pé existe um sapato velho.

Ela sorriu sem graça e bebeu mais um gole do seu chope.

— Eu não tenho mais jeito. Sou viciada na noite. Não ia conseguir cuidar de um homem, ficar acordada de dia e dormir a noite. Minha vida é essa aqui. Mas pra você

ainda não é tarde, pode mudar.

Suspirei aquiescendo. Como a dela, haviam muitas vidas tragadas pelo vício nas noites.

— Vou arriscar, não tenho mesmo nada a perder.

Qualquer coisa é melhor que continuar suportando a humilhação desses homens. Se não der certo eu volto.

Resta saber como vou me estabelecer lá. Para dar uma de santinha vou precisar de todo um guarda roupa novo e um lugar descente pra morar. Ainda tenho o carro. Pelo menos isso aquele safado não roubou. Vou vender baratinho e usar o dinheiro pra começar minha nova vida.

— Não venda agora. Use-o para chegar à Montana. Em um lugar desses é melhor chegar de carro que de ônibus, só para manter as aparências. Chegando lá você vende, se não tiver outro jeito.

— O problema é que aquele bastardo não me deixou nenhum centavo. Como vou pagar uma moradia até arranjar o tal marido?

— Trabalhe só mais uma semana. É suficiente para alugar uma casa simples e abastecer a geladeira. Depois

arranje um emprego qualquer. Isso vai te fazer ser bem vista.

Esperar um mês inteiro para receber uma quantia em dinheiro que se pode adquirir em uma noite, definitivamente é o inimigo número um de todas as garotas que optam por esta vida. Mas eu precisava aprender a aceitar.

— Você está certa. — percorri os olhos à minha volta e vi um gorducho mal vestido me secando de perto do balcão. Aquilo me deu náuseas, mas eu sabia que precisava encarar.

— Mas tem uma coisa. — Margô ficou muito séria. — Mantenha o foco desta vez. Não caia na lábria de outro malandro como Fábio. Tem muitos como ele por aí e no Goiás não é diferente. Fuja de homem pobre e fuja de paixões que te ceguem, para que o que aconteceu com você não se repita. Ouça meus conselhos desta vez. Concordei, lembrando o quanto ela me alertou sobre Fábio, tanto que cheguei a me afastar acreditando que queria me ver sozinha como ela, da forma que ele me

convenceu a acreditar. Desta vez a ouviria e internalizaria a experiência com Fábio como um aprendizado para nunca mais me iludir com homem, nunca mais ouvir a voz do meu estúpido coração e, acima de tudo, nunca mais me envolver com um pobretão que só quisesse me comer e me explorar. Depois de Fábio, me tornaria uma nova mulher, muito mais esperta.

Batalhei como uma louca durante a semana que se seguiu nas ruas de Copacabana, me entregando a qualquer um com dinheiro que me chamasse, guardando cada centavo até que tivesse o suficiente para chegar ao Goiás, alugar uma casa mais ou menos boa e me sustentar até arranjar um emprego e uma marido.

Quando deixei o Rio de Janeiro, na manhã de segunda-feira, dirigindo meu Fiat velho com a documentação toda atrasada, seguindo um mapa que me mostraria o caminho exato para o meu destino, jurei a mim mesma que nunca mais me prostituiria; nunca mais deixaria um homem me tocar que não aquele que se casasse comigo e esse tinha que ser no mínimo atraente e, claro, muito rico.

De acordo com minhas pesquisas, era uma viagem que duraria quatorze horas em um carro novo, no meu duraria uns dois dias com algumas paradas para refeições e descanso.

Minha rota estava completamente traçada. Mantive o som ligado em um rock agitado no último volume durante todo o tempo, segui a risca o roteiro de viagem, parando nos lugares previamente determinados, apreciando a paisagem a minha volta tornando-se cada vez mais plana e escassa de árvores, com quilômetros e mais quilômetros de pastos verdes repleto de gado.

Eu já estava muito perto de Montana, a cerca de duzentos quilômetros, em uma rodovia cujo destino era somente aquela cidade, quando passei por uma garota muito jovem, carregando uma mochila grande nas costas, pedindo carona. O sol estava escaldante e não havia sequer a sombra de uma árvore onde ela pudesse se abrigar, por isso fiquei com pena e parei, voltando de ré. Ela só podia estar indo para Montana também, pois a estrada não levava a outro lugar.

— Olá. Querendo uma carona? — Indaguei, já tirando meus cacarecos digitais de cima do banco do carona.

— Claro. Obrigada por ter parado. — Disse sorrindo, exibindo covinhas nas bochechas e entrou. Acomodou-se no assento, tirou a mochila das costas e de dentro dela, muito mais rápido do que eu pudesse esperar, sacou um revolver pequeno, apontando-o diretamente para a minha cabeça. — Não se mova! — Falou séria.

Fiquei paralisada, com o sangue gelado nas veias, apenas minha mente trabalhando rapidamente em busca de uma saída. Porém, antes que eu conseguisse pensar em outra coisa que não em como me virar sem o dinheiro que estava no carro e sem o próprio carro, dois homens armados surgiram da lateral da estrada, de trás do declive que havia lá.

Merda! Mas eu não tinha sorte mesmo!

Eram dois garotos tão jovens quanto a menina que me fez parar.

— Desce gatinha. Precisamos do seu carro. — Um deles falou, apontando-me sua arma do lado de fora da

porta do motorista, enquanto o outro se mantinha ao seu lado como uma espécie de barreira para ocultar o que se passava de outros eventuais motoristas.

Lembrei-me do dinheiro em minha bolsa, tudo o que consegui juntar durante aquela última semana estava dentro dela. Nem me passou pela cabeça guardar no banco para sacar quando precisasse, afinal nunca fui assaltada em mais de três anos morando em uma das cidades mais perigosas do país, que dirá no Goiás. Só então me dava conta do tamanho da minha estupidez.

— Por favor, me deixe ficar apenas com minha bolsa, por causa dos meus documentos pessoais. Pode levar o carro. — Tentei.

— Foda-se seus documentos! Desce logo da porra desse carro antes que eu enfie uma bala na sua cabeça. — O cara se impacientou e meu sangue gelou ainda mais de medo. Seria muito fácil para eles me matarem ali, visto que a estrada estava completamente deserta, não passava um carro desde que parei.

Sem alternativa, saltei devagar, com as duas mãos

erguidas no ar, sem nada além da roupa do corpo, para no instante seguinte ver os dois moleques entrando e dando a partida. Fizeram o retorno e seguiram em alta velocidade na direção de onde eu vinha.

Fiquei parada no meio da estrada, ainda com as mãos erguidas no ar, observando meu carro indo embora, junto com meu dinheiro, até que desapareceu no horizonte e só então voltei a respirar, soltando o ar dos pulmões devagar, o desespero me tomando muito mais que o alívio por ter escapado com vida de um assalto.

O que eu ia fazer agora, sem dinheiro, sem meu carro para vender e sozinha no meio do nada? Que droga! Por que as coisas sempre tinham que dar tão errado para mim? Parecia até que eu tinha praga de madrinha, ou talvez apenas tomasse todas as decisões descabidas.

Desalentada, sem saber o que faria quando chegasse a Montana — isso se chegasse lá, pois nem carro passava naquela estrada —, sentei-me no meio fio, sob o sol que queimava feio minha pele desprovida de protetor solar e fiz o que me restava: esperei.

Alguns minutos depois, avistei um carro de luxo vindo na direção de Montana e levantei-me, acenando como uma louca para que parasse, mas o sujeito passou direto, sequer reduziu a velocidade. Não demorou muito para que outro, também de luxo, passasse na direção oposta e tornei pedir carona, afinal qualquer lugar era melhor que ficar ali sozinha no meio do nada, correndo o risco dos ladrões voltarem e acabarem comigo. Mas esse também não parou.

Aquilo se perdurou por horas. Carros de modelos caríssimos, como se não existisse pobres naquela região, passavam por mim, indo e vindo, esporadicamente, sem que nenhum pareasse ou sequer reduzisse. E eu sequer podia culpá-los, pois me dei muito mal quando cometi a sandice de dar uma carona.

Estava quase desistindo, quando por fim um motoqueiro parou, logo adiante e voltou de ré.

Mas que sorte a minha! Tantos carros de luxo passando e logo uma moto barulhenta e velha para!

Todavia, isso era melhor que nada, eu só queria sair

dali antes que algo pior acontecesse e o sujeito estava indo na direção de Montana, me levaria ao meu destino.

Menos mal.

— Olá. Muito obrigada por ter parado. — Falei para o motoqueiro, sem ver o seu rosto oculto pela viseira escura do capacete.

Apesar do calor, usava uma jaqueta de couro preta, jeans surrado e luvas.

— Você está indo para Montana? — Indagou, com a voz grossa.

— Sim. Você pode me levar? — Eu praticamente implorei, com dificuldade em empurrar as palavras através da minha garganta seca.

O homem tirou o capacete e fiquei muda, quase sem ar, meu queixo caindo tanto que quase tocou o chão. Ele tinha o rosto mais bonito e masculino que meus olhos já viram; a pele possuía um tom moreno raro, como se estivesse muito bronzeada e saudável; o cabelo castanho claro era cheio, formando um topete meio arrepiado; os olhos eram de um azul claro, sombreados por sobrancelhas grossas,

naturalmente arqueadas, e carregava uma inocência meio angelical, quase um ar de tristeza; o queixo era másculo, coberto pela sombra de uma barba que parecia não ser feita há uns dois dias e o sorriso, ah que sorriso! Parecia um convite irresistível para a tentação.

Esperiei que ele descesse o olhar pelo meu corpo, como todo homem fazia quando via uma mulher pela primeira vez — alguns faziam todas às vezes —, mas não aconteceu. Ou era gay, ou eu estava muito mal naquele jeans sujo de poeira, com a pele queimada de sol, e o cabelo, naturalmente desgrenhado, ainda mais emaranhado. Era mais fácil acreditar na primeira hipótese, visto que a minha aparência era o tipo que todo homem olhava, o tipo gostosona, com os quadris largos, as pernas grossas e a cintura fina, o que unido aos olhos verdes em contraste com o cabelo escuro, me garantiam

muitos olhadas cobiçosos masculinas, o que até então só me trouxe prejuízo e tristeza.

Instintivamente, desci meu olhar pelo corpo dele, buscando o resto da sua beleza, mas não consegui ver muita coisa por baixo da jaqueta folgada, embora tivesse certeza de que era lindo inteiro. Seria o marido que eu escolheria se não fosse um pobretão em uma moto empoeirada. Desse tipo, eu só queria distância. Fábio me ensinou bem a lição.

— Você está bem? Aceita um pouco de água? — Ele indagou, sem que aquele sorriso lindo deixasse de brincar em seu rosto.

— Aceito sim. Estou morrendo de sede.

Sem saltar, ele apoiou os dois pés no asfalto para manter o equilíbrio sobre a moto velha e tirou uma garrafinha de água mineral da mochila que trazia nas costas, entregando-me.

— Não está muito gelada, porque faz horas que coloquei aí, mas dá pra beber.

Sem hesitar, bebi toda a água da garrafa direto do

gargalo, de uma só vez e o vi sorrindo ainda mais amplamente, observando-me com aquela cara de homem puro do interior, sem a malícia inerente a todos os homens que eu conhecia e até aos que eu não conhecia.

— Muito obrigada. Eu estava mesmo morrendo de sede.

— O sol hoje está muito forte. Vamos sair daqui. —

Desprendeu o capacete que estava seguro por uma redinha na garupa e entregou-me, antes de colocar o seu. Fiz o mesmo e montei na garupa, sem saber onde colocar os braços. — Segure-se em mim, se não você pode cair. —
Falou.

Acreditei piamente que aquele era o objetivo de um homem ter uma moto em vez de um carro, mesmo que fosse um carro barato: fazer com que uma garota o abraçasse antecipadamente, durante um encontro, uma tática que certamente funcionava, pois quando contornei meus braços em volta do seu corpo, a sensação não podia ser mais agradável. Senti músculos rígidos e calor masculino — não um calor comum, esse era gostoso e

excitante — partindo de baixo do couro da jaqueta e me aninhei ainda mais a ele, sem ter muita noção do que estava fazendo. Ficando louca, na certa.

Foi assim que arrancamos em altíssima velocidade, rompendo o sol da tarde na direção de Montana.

CAPÍTULO II

Era a primeira vez que eu andava de moto, apesar do barulho infernal do motor e do vento causado pela altíssima velocidade, a sensação era boa, um misto de liberdade e adrenalina, que ficava ainda melhor unido ao calor gostoso que partia daquele homem. Obviamente eu nunca teria nada com ele, por não ser exatamente o que eu procurava, entretanto, não fazia mal algum tirar uma casquinha e tirei uma bem grande durante todo o percurso, abraçando-o com firmeza, por trás.

— De onde você está vindo? — Ele perguntou, elevando o tom da voz para que se sobressaísse ao barulho do motor.

— Do Rio. Sou de lá e você?

— Nascido e criado em Montana. Veio a passeio?

Vixe! Eu não tinha me preparado para responder perguntas como aquelas. Tive que improvisar.

— Não. Na verdade, estou de mudança. Tenho uma tia que mora aqui.

— Quem é sua tia? Talvez eu conheça.

Putá merda!

— Margô. Conhece? — Seria muita sacanagem se existisse uma Margô naquele lugar.

— No momento não lembro. O que você fazia sozinha na beira da estrada?

— Fui assaltada. Levaram meu carro, meu dinheiro, minhas roupas e tudo mais.

— Minha nossa! Eu sinto muito. Isso não é muito comum por aqui.

— Podia ter acontecido com qualquer um. A garota estava pedindo carona e eu parei.

— Podia ter sido comigo. — Ele completou como se fosse capaz de ler meus pensamentos. — Você pretende prestar queixa?

— Sim. Não vou deixar isso barato. Preciso recuperar

minhas coisas.

Continuamos conversando como velhos conhecidos durante todo o caminho, o que tornou o percurso relativamente rápido. Era noite quando chegamos a Montana. Ao contrário do que eu esperava não se tratava de uma cidadezinha pequena do interior, parecia uma metrópole, com muitos edifícios grandes na rua principal, um trânsito bastante movimentado e uma iluminação pública que não deixava a desejar.

— Onde você vai ficar? — meu resgatador perguntou e novamente precisei improvisar uma mentira de última hora, afinal eu pretendia primeiro me hospedar em um hotel, arranjar um emprego e só depois socializar com a população, não ao contrário.

— Não lembro bem onde fica a casa da minha tia. — menti feio. — Era criança quando vim aqui pela última vez.

Esperei que ele me propusesse passar a noite na sua companhia, em um quarto de motel, como qualquer homem faria, mas ele não parecia ser qualquer homem e sua

proposta foi diferente.

— Tenho uma amiga que é dona de uma pensão. Você pode passar essa noite lá e pela manhã procura a casa da sua tia. O que acha?

— Acho ótimo. Obrigada.

— Quer comer alguma coisa antes de ir?

Eu estava morrendo de fome, mas não queria perder ainda mais o meu tempo, tinha objetivos a cumprir, preferia aproveitar o resto da noite para descansar e estar inteira no dia seguinte. Além do mais não queria prolongar minha intimidade com aquele motoqueiro. Toda a minha sensatez me ordenava a afastá-lo.

— Não. Obrigada.

Continuamos percorrendo as ruas da cidade até que deixamos o que parecia o centro, para que as mansões que Margô mostrou-me no site revelassem diante dos meus olhos, muito mais suntuosas e esplendorosas que nas fotografias. Jurei a mim mesma que um dia, não importasse quanto tempo demorasse, ainda moraria em uma mansão como aquelas, com o meu futuro marido, um

gatinho tão lindo quanto o motoqueiro que me resgatara, porém que dirigisse um carro de luxo e não pilotasse uma moto velha.

Deixamos aquele bairro, adentrando um setor onde as moradias eram mais modestas. Meu resgatador parou diante de uma casa simples de um andar, com a fachada azul, toda fechada e escura, o que deveria ter me alertado para o perigo. Porém, continuei me sentindo segura, espantosamente.

— Será que tem alguém acordado? — indaguei, saltando da garupa da moto, tirando o capacete.

— É uma pensão. Deve ter alguém. — ele também saltou e livrou-se do capacete, seu olhar varrendo a sacada da casa, seu rosto lindo me impressionando mais uma vez, exprimindo um magnetismo tão irresistível que não me permitia desviar o olhar. — Tem uma campainha ali. — gesticulou para um certo ponto perto da porta larga de ferro antes de se aproximar para tocar a campainha, só então voltou a encarar-me, aquele sorriso largo iluminando o seu rosto, seu olhar sereno, desprovido da

habitual

malícia

masculina,

me

fazendo

sentir

reconfortada e segura.

— Qual o seu nome? — ele quis saber.

— Manuela. E o seu?

— Miguel. Foi um prazer te conhecer, Manuela. —

falou como se estivesse se despedindo, mas permaneceu onde estava.

Não demorou muito para que a porta da casa se abrisse e uma mulher magra, alta, com cerca de cinquenta anos saísse, abraçando o próprio corpo para se proteger da mudança de temperatura, usando um pijama listrado muito parecido com aqueles dos judeus do filme “O Menino do Pijama listrado” e com o cabelo ruivo enrolado em bobs, como eu não via desde que minha avó era viva.

Examinou-me rapidamente, para em seguida abrir um

largo sorriso na direção de Miguel.

— Miguel. O que faz aqui a essa hora?

— Trouxe uma hóspede. A senhora tem algum quarto desocupado?

A mulher me examinou dos pés à cabeça, seu sorriso se desfazendo.

— Ela está sozinha?

— Sim. Ela foi assaltada na estrada e não sabe ao certo onde fica a casa da tia. Vai sair pela manhã. Eu pago pela noite.

No instante que ele fechou a boca, minha mente projetou o momento que bateria na porta do meu quarto para cobrar pela diária que pagava o que me irritou, só por constatar, mais uma vez, o quanto os homens são iguais, só mudam de endereço.

—Você sabe que não gosto de hospedar mulheres sozinhas, mas vou fazer essa exceção porque é você que está me pedindo.

Se ela não alugava nem para mulheres solteiras, imagina para uma foda apenas. Definitivamente aquele

cara não estava planejando nada do que pensei, minha mente que é poluída demais.

Miguel tirou a carteira do bolso.

— Qual o preço do pernoite?

— Não se preocupe com isso. Depois vemos como fica. — a mulher gesticulou negativamente na direção da carteira dele, depois se virou para mim. — Agora vamos entrar, está tarde. Boa noite Miguel.

— Boa noite dona Dolores. — olhou dentro dos meus olhos, sorrindo lidamente. — Você está segura aqui. Se precisar de alguma coisa, me ligue pela manhã. A dona Dolores tem o meu número. Boa noite.

— Boa noite. Muito obrigada por tudo.

E assim ele se foi, deixando-me com uma sensação estranha de vazio e com a consciência pesada por ter julgado mal suas intenções, o que não era totalmente culpa minha afinal estava acostumada a lidar com homens que não davam nem um aperto de mão sem esperar algo em troca — favores sexuais — imagina pagar um pernoite. A mulher me conduziu para o lado de dentro através de

um portão de ferro que havia na lateral da casa, atravessamos um longo corredor, entre o muro e a parede e por fim chegamos ao quintal, onde havia os quartos construídos em formato de um arco, de um andar apenas, com varanda na frente e muitos vasos de plantas. Abriu uma das portas, revelando o quarto amplo, com um cheirinho agradável de limpeza, como não era comum de se encontrar no Rio.

— Não temos quartos com cama de solteiro. — a mulher falou com rudeza, deixando claro que não gostava de hospedar solteiros, de modo que pude compreender o porquê. — Também não aceitamos visitas masculinas, música alta e nem atendemos a noite, mas estarei à disposição cedo da manhã se precisar de alguma coisa. O café é servido às seis horas e retirado às sete e meia. Boa noite.

— Boa noite.

Com isto, ela desapareceu por uma porta nos fundos da moradia.

Olhei para a cama larga forrada com o lençol branco

de algodão e todo o meu corpo implorou por ela, o cansaço me tomando de vez, mas eu ainda não podia me deitar, precisava lavar minhas roupas para usar no dia seguinte, pois não tinha outra. Se soubesse que seria assaltada, teria escolhido uma blusa de mangas mais comportada, ideal para procurar um emprego, já que as pessoas dão importância demais à aparência e a minha podia ser considerada vulgar, dependendo do nível de conservadorismo dos meus supostos contratantes. Lavei as peças com o sabonete do banheiro, fazendo as paredes do boxe de varal e deite-me completamente nua, pegando no sono tão depressa que não tive tempo de elaborar uma estratégia para acordar cedo no dia seguinte, o que me ferrou, pois era quase nove horas quando despertei, pude constatar isso no relógio antigo de parede.

Droga! Tinha perdido o café da manhã, estava dura e minha barriga roncava de fome. Precisava ir à delegacia tentar recuperar meu dinheiro, o que era bastante improvável, ou arranjar um trabalho cujo patrão me desse um adiantamento logo nas primeiras horas que fosse

suficiente pelo menos para uma refeição e pelo quarto.

Eu ainda podia procurar Miguel, mas não queria ficar incomodando, tampouco queria ficar conhecida na cidade como uma coitadinha que sai por aí pedindo favores.

Precisava ser forte e independente para que o homem que eu escolhesse para casar-me desse o devido valor. Assim, deixei a pensar sem ver a dona Dolores, partindo em busca dos meus objetivos usando as roupas ainda úmidas, mas que logo secariam no corpo sob o sol forte.

Como já esperava na delegacia ninguém resolveu o meu problema, mal registraram a queixa de assalto e ainda reclamaram porque eu tinha documentos para apresentar.

Restava-me encontrar um trabalho, para isto, fui para a rua principal por onde passei na noite anterior com Miguel. Teria chegado lá mais depressa se tivesse dinheiro para alugar um dos moto-táxis que circulavam por todos os lados ou se não precisasse dar uma de santinha e pegado uma carona. Era quase meio dia quando por fim alcancei o centro comercial, estava exausta da caminhava, faminta e agoniada por causa do sol forte.

Ainda assim me forcei a sorrir para entrar em cada estabelecimento, fosse loja de roupas, restaurantes e lanchonetes, em busca de qualquer ocupação que me garantisse alguns reais, mas não consegui nada, nem mesmo quando implorei ao gerente de um restaurante que me deixasse lavar os pratos. Todos os cargos pareciam ocupados, ou a minha cara de forasteira, unido ao meu traje não muito social — jeans colado e blusinha de alças cavada — não inspirava confiança, visto que era possível notar que se tratava de uma população que guardava tradições, dava importância demasiada às aparências e se comportava com altivez, como era comum às pessoas abastadas, da forma como em breve eu me tornaria, bastava apenas me encaixar.

Continuei procurando emprego durante toda a tarde e nada. A fome aumentava a ponto de me deixar trêmula, suando frio. Quando passei na frente da igreja cogitei seriamente sentar-me diante dela e pedir esmolas, mas isso pioraria as coisas. Desalentada, sentei-me no banco de uma pracinha ali perto, esperando por algo que sequer

sabia o que era apreciando a brisa que se tornava amena à medida que a noite caía.

Vi carros de luxo — como eram todos por ali — passarem devagar numa rua próxima e tive vontade de gesticular pedindo parada, discretamente, só para seduzir o motorista e transar com ele em troca de dinheiro.

Parecia tão fácil. Isso resolveria todos os meus problemas, acabaria com minha fome e me garantiria um quarto onde dormir. Entretanto, eu tinha prometido a mim mesma que nunca mais me prostituiria. Não podia desistir de cumprir minha promessa, precisava continuar tentando, aquele fora apenas um dia ruim. Talvez amanhã tudo desse certo, se a fome não me matasse até lá.

Permanecia cabisbaixa, pensando em outras possíveis saídas, quando de súbito ouvi o ronco do moto de uma moto se aproximando e antes mesmo de erguer o olhar, soube que era Miguel.

— Oi. Você tá legal? — ele indagou, parando diante de mim, em cima da calçada de tijolos, tirando capacete.

Olhei em seu rosto e mais uma vez fui capturada pela

sua beleza máscula, enfeitiçada pelo seu magnetismo, uma armadilha perigosa para uma mulher determinada a não se envolver de novo. Desta vez usava uma camiseta de malha preta que mesmo sendo folgada revelava os músculos bem feitos do seu corpo e os braços grossos. Como imaginei tinha um físico delicioso, tão atraente quanto o resto.

— Não é proibido estacionar na calçada da praça? — perguntei desanimada, minha voz mais fraca que o normal.

— Não sei. Nunca tinha estacionado antes.

— Deve ser sim. Essa cidade parece tão certinha.

Ele ficou me encarando em silêncio por um tempão, depois percorreu o olhar pelo meu corpo, não com a malícia comum que existe nos homens, estava observando as minhas roupas, as mesmas que eu usava quando me encontrou na beira da estrada.

— Você não me parece bem. Não achou a casa da sua tia?

— Não. Acho que ela nem mora mais aqui. Estou completamente sozinha e perdida. — aquilo soou como um gritante pedido de socorro.

— Você não está sozinha. Eu estou bem aqui. — sorriu, me parecendo meio desconcertado. — Está a fim de comer alguma coisa?

Foi a minha vez de sorrir, muito amplamente.

— Com certeza. — quase gritei.

— Sobe aí. — tirou o outro capacete debaixo da redinha e me deu.

Montei na garupa e envolvi seu corpo forte e duro com os meus braços, inebriada com seu calor ainda mais presente devido á fragilidade da malha da camiseta. Era realmente um contato muito gostoso.

Até que eu não era tão sem sorte assim. Pelo menos tinha aquele homem para me estender a mão e com toda aquela gostosura, talvez eu experimentasse um pouco mais que sua mão, mesmo que por uma vez apenas para demonstrar a minha gratidão e relaxar o estresse daquele dia. Tinha certeza que não seria nada desagradável.

Me levou a um restaurante moderno, bastante movimentado, na rua principal, onde eu tinha passado mais cedo para procurar emprego. Ao entrarmos, a

receptionista vestida de forma sofisticada, que me tratou com desprezo antes, abriu um sorriso na direção de Miguel, tão largo que eu pude apostar como suas bochechas arderam, seus olhos castanhos claros brilharam para ele, o que não estranhei nem um pouco, o cara era realmente um espécime, qualquer mulher teria aquela reação diante dele.

— Miguel. Quanto tempo. — a sem vergonha levou uma mão ao cabelo escorrido e a desceu, passando pelos lábios e colo, como se lhe apresentasse seus atributos. Da mesma forma como agia comigo, Miguel ignorou totalmente o gesto, mantendo o olhar fixo em seu rosto.

Será que era gay?

— Como está Silvia?

— Muito bem e você?

— Ótimo. Preciso de uma mesa para dois. Aliás, esta é a nova integrante da nossa comunidade, Manuela. — fez a apresentação com simpatia e nos cumprimentamos com polidez, muito rapidamente, já que nossa concentração estava fixa no mesmo rumo.

Depois que alguns dos clientes o cumprimentaram com familiaridade, alguns me observando com curiosidade, outros apenas me ignorando, nos acomodamos em uma mesa perto da janela de vidro que nos permitia ver o lado de fora. Quando abri o cardápio fiquei perdida, sem saber o que pedir e ao mesmo tempo com vontade de pedir tudo, tão grande era a fome que me assolava. Acabei optando por uma feijoada, mas isso era só o começo, eu aproveitaria para comer pelo dia seguinte também, já que não sabia quando teria a próxima refeição. Coitado daquele cara, já era pobre a ponto de pilotar uma moto velha e eu ainda o fazia gastar seu dinheiro comigo. Daria um jeito de compensá-lo por isto.

— Você conhece todo mundo na cidade? — perguntei.

— Não é uma cidade muito grande. A maioria das pessoas se conhece. No Rio é bem diferente, não?

— Sim. Ninguém conhece ninguém. Já esteve lá?

Ele novamente pareceu desconcertado ao sorrir meio de lado.

— Fui assistir o desfile das escolas de samba, uma

vez.

— Gosta de carnaval?

— Não gosto mais. — Ficou sério ao afirmar. — O que você fazia lá? Por que decidiu partir?

Putá merda! Eu tinha que pensar rápido, o que se tornava quase impossível com o cheiro de comida partindo da cozinha e das outras mesas. Eu devia ter previsto que precisaria responder àquelas perguntas e ter me preparado, pois a verdade sujaria uma reputação que eu precisava construir. Fui muito idiota mesmo.

CAPÍTULO III

— Era garçõnete. — respondi, olhando para a moça que servia as mesas. — Parti porque fui expulsã de casa. Seus olhos azuis estreitaram sobre os meus.

— Por que expulsã?

— Andei saindo com alguns clientes do restaurante e meus pais descobriram.

Eu não estava mentindo por completo, aquilo realmente aconteceu, fui garçõnete por alguns meses, quando tinha dezessete anos, antes de começar a sair com os fregueses

do restaurante e descobrir que isto era muito mais rentável, o que causou a minha expulsão de casa. Eu só estava omitindo a parte que eles me pagavam e pulando os quase quatro anos de horror nas calçadas de Copacabana. Fiquei observando seu rosto lindo em silêncio, esperando por uma reação de discriminação, repúdio, ou mesmo a liberdade de dar uma cantada ousada, mas nada disso aconteceu, Miguel permaneceu impassível, seu olhar neutro.

— Seus pais devem ser muito conservadores. —
observou.

— Você não imagina o quanto. Mas vou mostrar a eles que posso mudar que posso ser alguém na vida, preciso apenas arranjar um emprego.

— Que tipo de emprego você procura?

— O que aparecer eu faço.

A comida chegou e ataquei o prato sem me preocupar com a etiqueta, estava faminta demais para isto. Eu comia com muito apetite, sob o olhar espantando de Miguel, sem mais trocarmos uma palavra até que eu estivesse

totalmente satisfeita, mais que isso, eu estava a quase explodindo de tão cheia.

Após a refeição deliciosa, continuamos sentados à mesa, conversando como velhos conhecidos, sobre tudo e ao mesmo tempo sobre nada. A cada instante perto daquele homem eu me sentia mais atraída pelo seu charme, seu jeito gentil e desinteressado de ser, sua beleza rara e máscula, irresistivelmente, embora soubesse que precisava evitar esse tipo de atração, manter-me longe de tais sentimentos, pois foi assim que as coisas começaram entre mim e Fábio e veja como terminaram. Entretanto, com Miguel eu não tinha opção, pois era a única pessoa que eu tinha agora.

Era bem tarde quando ele se ofereceu para ir me levar de volta na pensão. Ao estacionarmos e saltarmos diante da casa azul, toda escura e fechada, enfiou a mão no bolso do seu jeans, de onde tirou um maço de dinheiro, oferecendo-me.

— Isso é pra você. Não é muito, mas é suficiente para pagar o quarto e algumas refeições até você conseguir um

emprego. Vou ver se te ajudo a achar alguma coisa.

Em qualquer outra circunstância eu teria desconfiado das suas intenções por trás daquele gesto, porém, pelo pouco que o conhecia sabia que não havia maldade nenhuma naquele homem, ele não estava me ajudando com o intuito de me levar para a cama em retribuição, como outros já fizeram, fazia simplesmente porque era gentil e bom, talvez a melhor pessoa que já cruzou o meu caminho. Ainda assim, não consegui evitar o constrangimento, senti-me verdadeiramente uma fracassada ao voltar a depender do favor de um homem, quando na verdade deveria estar construindo uma boa reputação, mostrando-me uma mulher independente e forte, capaz de conquistar um marido adequado, como planejei.

— Não posso aceitar. — falei, desconcertada.

— É só um empréstimo. Quando estiver trabalhando você devolve. — disse, com aquele sorriso que deixaria qualquer mulher com a calcinha molhada.

Recebi o dinheiro da sua mão com a sensação de que não parecia certo aceitar a quantia sem dar-lhe nada em

troca. Um homem que vinha fazendo tanto por mim, sem o qual provavelmente eu teria morrido de fome e teria que dormir na pracinha, merecia retribuição e eu só conhecia uma forma de retribuir: dando a ele o que todo homem quer. O que não seria nenhuma tortura, pelo contrário, eu queria aquilo e queria muito, estava irremediavelmente atraída por ele.

Assim, coloquei-me muito perto de si, quase roçando meu corpo no seu, observando seu rosto se tornar subitamente sério, a fisionomia contraindo. Segurei-lhe a mão, espalmando-a em meu rosto e sorri de forma maliciosa e sensual.

— Você gostaria de me acompanhar até meu quarto? —
Indaguei, num sussurro quase erótico.

Ele puxou sua mão muito depressa, ao passo que seu rosto ficava vermelho. *Minha nossa! Eu nem sabia que um homem era capaz de ficar corado.* Recuou um passo, ainda muito sério, alternando seu olhar entre o dinheiro em minha mão e o meu rosto.

— Você não precisa fazer isso. Não precisa ir pra

cama comigo por causa do dinheiro. — Sorriu totalmente sem graça, sem que seu olhar acompanhasse o gesto.

— Não é pelo dinheiro. — com outro passo, reduzi a distância entre nós, apenas para que ele recuasse de novo, esbarrando na moto atrás de si. — Eu quero ficar com você. Pelo menos por esta noite. — *“porque depois estarei ocupada demais conquistando um marido rico”*

— Não vai dar... Quer dizer... Não vai ser possível. — montou na moto e colocou o capacete com pressa, como se fugisse do ataque de um Tiranossauro Rex. — Eu não posso. — completou.

Mas qual o problema com aquele cara afinal? Que homem na face da terra dispensaria sexo fácil e sem compromisso? Casado ele não era, pois averigui o seu dedo desprovido de aliança na primeira vez que o vi. Só podia ser gay então, essa era a única explicação para o seu comportamento. Lembrei-me da forma como a recepcionista do restaurante o devorou com o olhar, sem que ele retribuísse e cheguei à conclusão de que essa era a única explicação, Miguel é homossexual e não falou nada

por timidez. E eu aqui insistindo em levá-lo para a cama.

Sou uma anta mesmo!

— Foi mal. — tentei sorrir para dissipar o clima tenso que se instalara no ar, mas não foi possível. — Me desculpe.

— Tudo bem. — deu de ombros, tentando sorrir também, embora ainda estivesse muito embaraçado.

— Ainda podemos ser amigos? — perguntei sem graça.

— Claro. Sempre estarei aqui quando você precisar.

— Eu também estarei aqui para o que der e vier. —

“Inclusive se quiser ajuda pra pegar alguns caras, sei muito bem como fazer”.

— Então boa noite.

— Boa noite.

Ele arrancou tão depressa que o ronco do motor da moto soou com uma violência absurda. Fiquei ali parada na calçada observando-o até dobrar em uma esquina, imaginando o quanto era verdadeira a fala de Margô sobre todo homem muito bonito ser homossexual, eu tinha

acabado de comprovar isto. Uma pena, um grande desperdício, eu ia fazer loucuras se fosse para a cama com aquele homem. Todavia, foi melhor assim, afinal se ele fosse hetero eu corria o risco de me envolver e acabar me ferrando de novo. Menos mal.

Tentei abrir o portão de entrada o mais silenciosamente possível, o que nada adiantou, pois assim que avancei pelo quintal, a lâmpada da varanda dos fundos da casa da dona Dolores acendeu e me virei para ver a mulher de pijama, encarando-me emburrada.

Forcei minha boca a se esticar em um sorriso e fui até ela.

— Quanto custa o quarto dona Dolores? Quero lhe pagar pelas duas noites e talvez mais algumas.

Ela viu o tufo de dinheiro em minhas mãos, quando comecei a contar as cédulas e pela primeira vez sorriu para mim.

— Cem reais, minha filha. — agora eu era até filha dela. — Quanto tempo você pretende ficar?

— Ainda não sei. — entreguei-lhe os duzentos reais.

Ocorreu-me que eu podia ter começado minha jornada por uma nova vida com o pé esquerdo quando acordei tarde esta manhã. Talvez esta tenha sido a razão de não ter conseguido nada. Se acordasse cedo na manhã seguinte, saísse da pensão depois de tomar o café da manhã, mais disposta e com uma aparência melhor, teria muito mais chances de arranjar um bom emprego e até conhecer alguém interessante. — A senhora pode me acordar amanhã cedo? É que estou sem celular. Roubaram junto com meu carro.

A mulher olhou para o dinheiro em sua mão e depois me encarou com evidente piedade, cheguei até a pensar que me devolveria, todavia, seria muito para a mesma noite encontrar um homem que dispensa sexo e uma mulher que dispensa dinheiro.

— Claro. Que horas quer que te chame?

— As sete está bom.

— Estarei batendo lá as sete em ponto. Boa noite.

— Boa noite.

Aquela noite nem precisei lavar minhas roupas, pois

compraria outras novas logo pela manhã. O dinheiro que Miguel me emprestou não era muito, mas suficiente para o que eu precisava por pelo menos três dias, até lá eu conseguiria algo. Com uma nova aparência — roupas novas, maquiagem e uma escova no cabelo — e indo até o centro de cidade de táxi, a fim de chegar cedo e descansada, poderia procurar emprego também nas empresas sediadas pelos grandes edifícios que vi por lá, assim minhas chances de conseguir algo se tornavam muito maiores.

Com o apetite saciado e o coração cheio de esperança, tomei um banho demorado e adormeci rapidamente.

O dia seguinte começou exatamente como eu havia planejado. A dona Dolores me acordou às sete horas e embora acordar cedo não fosse meu esporte preferido, levantei-me com a maior disposição, tomei um banho rápido para espantar a preguiça, vesti as mesmas roupas e fui tomar o café da manhã na varanda ampla da casa, junto com os poucos outros hóspedes, famílias e homens sozinhos com cara de trabalhadores braçais.

O clima em Montana não era tão diferente do Rio, embora a temperatura fosse muito mais amena, o sol forte já exibia seus raios cedo da manhã. Ao sair, como não encontrei nenhum moto táxi, peguei um táxi que me levou ao centro da cidade. Fui direto para uma loja de roupas não muito sofisticada, onde comprei dois trajes completos sociais, — saia longa e blusa de mangas curtas e calça de linho com um terninho — devia ser suficiente por enquanto. Depois, fui ao cabeleireiro e fiz uma escova para domar a juba que se tornara mais rebelde depois das horas no sol forte na beira da estrada quando fui assaltada. Fiz também uma maquiagem simples e já usando um dos trajes recém-comprados, fui em busca dos meus objetivos, certa de que desta vez encontraria um bom emprego. Ledo engano!

Percorri quilômetros e mais quilômetros de ruas, entrando em todas as lojas e outras empresas pelas quais passava — gráficas, escolas particulares, museus, escritórios, etc — e mais uma vez quebrei a cara. Parecia não haver uma só vaga de emprego naquela maldita

cidade. Apenas uma loja de móveis me pediu para voltar no dia seguinte para ver se o gerente podia contratar mais uma vendedora, algo que não era uma coisa certa, mas que foi a única fagulha de esperança que me restou.

No final da tarde eu estava completamente desanimada e cansada, com uma vontade enorme de desistir de tudo e voltar para o Rio e o pior era que nem mesmo como voltar eu tinha. Por isso muitas mulheres optam pela prostituição, as coisas são muito difíceis para quem nasce pobre, não tem família e precisa começa do nada. Difícil é apelido, as coisas são quase impossíveis.

A noite começava a cair quando entrei em um restaurante simples para fazer a minha terceira e última refeição daquele dia, quando só então me dei conta de que a quantia em dinheiro que Miguel me dera não era tão alta assim, ou eu tinha gastado mais que o necessário com as roupas, o cabelo, o táxi e a maquiagem. O fato era que o que tinha me restado, só dava para a diária daquela noite na pensão e mais uma refeição. O que eu ia fazer depois? Não podia continuar aceitando os favores de Miguel,

aliás, eu nem sabia se ele algum dia ainda voltaria a falar comigo depois do mico que paguei convidando-o para ir ao meu quarto. Não sei se foi involuntariamente, mas passei algumas vezes perto da pracinha onde o vi no dia anterior e não havia sinal dele em parte alguma. Talvez passasse pouco por ali, ou talvez estivesse me evitando. O que seria realmente uma pena, não porque eu precisava dele, mas porque apreciava sua companhia, além do que era a única pessoa que eu conhecia naquele lugar, embora jamais o procurasse deliberadamente para pedir ajuda, ele já tinha feito muito por mim. Preferia voltar a fazer programas que viver pedindo.

Tentei passar despercebida da dona Dolores quando voltei à pensão à noite, mas a mulher era sagaz e no instante que entrei no quintal, a luz da sua varanda se acendeu. Dei a ela minha última nota de cem reais, ficando com apenas o suficiente para o almoço do dia seguinte. Se não encontrasse nada, estaria realmente ferrada.

A rotina da manhã se repetiu na sexta-feira. A dona

Dolores me acordou às sete horas, tomei o café junto com os outros hóspedes — comendo mais que todo mundo a fim de acumular energias — e saí. Desta vez fui a pés para o centro da cidade, ou não teria o que comer depois. Comecei pela loja de móveis na qual fiquei de voltar e não deu em nada, o gerente alegou que por enquanto não dispunha de poder aquisitivo para bancar mais uma funcionária. Repeti o itinerário do dia anterior, visitando as poucas empresas onde ainda não tinha ido, mas já sem esperanças e como esperava, não consegui nada, nem mesmo promessas. Ou o país estava atravessando uma crise brava de desemprego, ou a população daquela cidade realmente não foi com a minha cara, embora o fato de eu não ter documentos, nem um currículo e tampouco um endereço fixo, tenha contribuído bastante para o fracasso do meu plano.

Ao meio dia eu havia desistido. Entrei em um restaurante para gastar minha última nota de vinte reais e pensar sobre o que faria. Recusava-me a procurar por Miguel, já o tinha explorado demais. Ainda assim, após o

almoço, sentei-me no mesmo banco da pracinha onde o vi há dois dias, esperando que eventualmente passasse, mas não aconteceu. Eu estava definitivamente só e sem nada. Não restava alternativa, a única saída seria arranjar alguns programas por ali, pelo menos para conseguir o dinheiro da passagem para voltar para o Rio.

Retornaria ainda pior do que quanto parti, sem o meu carro, com uma mão na frente e outra atrás, retomaria a única vida na qual eu parecia me encaixar, afinal, quando se nasce com um destino traçado, muito dificilmente se consegue fugir dele. Eu era apenas mais uma garota de programas a fazer uma tentativa frustrada de sair daquela vida, como vi muitas e muitas outras tentando e não conseguindo. A medida de emergência à qual a maioria se agarrava, era ir morar com um cara velho, feio e cheio de problemas, que nenhuma mulher que não precisasse queria e viver o resto da vida levando porrada dele. No meu caso, eu preferia a morte, pois não suportava homem feio e tampouco suportava apanhar. Às vezes acontecia durante algum programa ou outro, ou mesmo na rua, mas era uma

coisa rara — no caso das porradas — e que acabava depressa — no caso de fazer sexo com um energúmeno —, passar a vida inteira como se estivesse dentro de um programa, certamente era pior que a morte.

Fiquei sentada ali no banco da praça até o final da tarde, até que desisti de tudo. Quando voltei à pensão estava decidida a esperar a noite cair, procurar uma rua relativamente deserta, com um bom movimento de carros e fazer aquilo que me restava para arranjar o dinheiro para voltar ao Rio. Eu já até sabia qual rua seria, tinha passado por ela hoje. Era como uma mini Avenida Getúlio Vargas, com muitos carros e poucos pedestres. Ainda passei na delegacia para saber se encontraram minhas coisas, mas, como era previsto, a polícia não tinha nenhuma pista.

Ainda era dia quando entrei na pensão e nem assim consegui driblar a dona Dolores. No instante em que avancei pelo quintal ela surgiu de dentro da casa, com um regador na mão, molhando as samambaias que havia penduradas no teto da varanda.

Tentei ignorá-la, mas ela era implacável.

— Conseguiu emprego minha filha? — indagou, antes que eu tivesse a chance de entrar no quarto.

— Mais ou menos. — falei secamente. — Pago a diária pela manhã.

Ela ficou muito séria, mas nem liguei se estivesse pensando horrores de mim, no dia seguinte eu não estaria mais na cidade mesmo. Montana seria apenas uma vaga lembrança na minha memória.

No quarto, deitei-me a fim de descansar para a noite, mas não consegui relaxar, meu peito angustiado demais pelo meu insucesso. Talvez eu devesse tentar mais um pouco, continuar procurando emprego no dia seguinte, pedir comida à dona Dolores. Ela não ia negar um prato de comida a uma faminta. Entretanto, sabia que seria em vão. Estava acostumada a ter dinheiro todo dia à minha disposição, a ser independente, não conseguiria viver a custa dos outros, principalmente de estranhos, em algum momento ia fraquejar e desistir, então que desistisse logo, pelo menos evitava mais fadiga.

CAPÍTULO IV

Passava das dez horas da noite quando deixei a pensão decidida a conseguir o dinheiro da passagem de volta para o Rio, e quem sabe um pouco mais. Fiz a árdua caminhada até a rua que escolhi para fazer ponto, no centro, usando a saia longa e a blusa comportado que comprei mais cedo. Chegando ao lugar determinado, antes de mais nada escondi-me em um beco escuro para enrolar a saia na altura da cintura até que se tornasse uma minissaia e amarrar a blusa acima do abdômen, deixando o umbigo de fora. Fui para a calçada bem iluminada, desprovida de pedestres, com um bom movimento de carros passando, dos modelos mais caros e luxuosos. Recostei-me a um poste, posando de forma sensual e comecei a jogar piscadelas e beijinhos para todos que os motoristas, da forma como estava acostumada a fazer, embora nunca antes tenha sido tão constrangedor, devido ao fato de que era apenas eu ali. Em Copacabana havia dezenas de garotas fazendo a mesma coisa, então se tornava algo habitual. As pessoas nem estranhavam mais,

apesar de que muitas ainda discriminavam.

Em Montana, aquela gente certamente nunca tinha visto uma garota fazendo ponto nas ruas, afinal todos pareciam muito bem de vida, ninguém precisava disso, o que fazia de mim uma aberração aos olhos delas.

“Fica calma, Manuela. É só por uma noite” Disse a mim mesma.

Todos os motoristas reduziam a velocidade para me olhar, não apenas atraídos ou espantados, pelo pouco que conseguia ver, pareciam mortificados. Um deles quase bateu de frente em um poste de tanto que girou o pescoço para olhar para trás.

As horas foram se passando e ninguém parava, apenas olhavam. Alguns davam a volta no quarteirão para olhar de novo, mas parar que é bom nada. Eu já estava começando a acenar com a mão, como uma desesperada.

“Mas que merda! Será que só tem veado nessa maldita cidade!” Me impacientava.

Por fim, alguém parou no acostamento, logo adiante, numa BMW luxuosíssima que tinha dado a volta no

quarteirão. Fui até lá quase correndo, respirando fundo para acalmar os nervos e esboçar o meu melhor sorriso. Minha surpresa foi colossal quando o vidro escuro da porta se abriu e vi a mulher loira, muito bonita e sofisticada, ao volante. Definitivamente cair de boca numa perereca não era meu esporte preferido, mas eu não tinha muitas opções, portanto não podia dispensar.

Principalmente porque era uma mulher que parecia ter muito dinheiro, eu podia cobrar quanto quisesse que ela pagaria. Além do mais as lésbicas preferiam saborear o corpo de uma mulher, eu já tinha saído com algumas antes. Podia me deitar, relaxar e pensar na minha volta para o Rio enquanto ela me lambia toda.

— Olá. — falei, mostrando meu sorriso largo.

— O que você faz aqui? — ela perguntou.

— Faço programa. Ta afim? — o queixo dela caiu à medida que os olhos azuis se arregalavam.

— Não. Eu só quero conversar. Entra.

— Eu cobro pra conversar também.

— Tudo bem, eu pago.

— Não quer saber o preço antes?

— Sim. Quanto?

— Quinhentos reais a hora.

Seus olhos arregalaram de novo.

— O quê?!

— É pegar ou largar.

Suspirou consternada.

— Tudo bem. Entra.

Minha nossa! Eu nunca tinha entrado em um BMW antes, achei que seria uma experiência excitante, porém, apesar de confortável, o interior do carro fedia tanto a cigarro que se tornava quase impossível respirar.

— Onde você costuma ir com os homens? — a mulher perguntou após nos inserir de volta no trânsito.

— Não faço ideia. Você é minha primeira cliente.

— Vamos ao Saron, é um hotel que fica aqui perto.

— É você quem manda. — dei uma piscadela e ela revirou os olhos com desdém.

Nem me impressionei mais com a suntuosidade do prédio no qual entramos tudo o que cercava aquela mulher parecia luxo e suntuosidade. Na recepção, o rapaz que atendia a cumprimentou com submissão, respeito e familiaridade, observando-me com tanta curiosidade que chagava a ser engraçado enquanto dava a ela a chave de uma suíte. Ao entramos no aposento enorme, decorado com sofisticação, me dirigi direto para o frigobar, apossando-me dos pacotinhos de castanhas e de um todinho, comendo com muito apetite sob o olhar atento da mulher, que se acomodou, muito ereta, com as pernas cruzadas, a mesa na antessala, enquanto eu me sentava do outro lado.

— O que você estava fazendo com o Miguel? — ela perguntou, muito séria, antes de acender um cigarro e dar uma grande tragada.

— O Miguel da moto? — indaguei com a boca cheia

de castanhas.

— Sim. Ele pilota uma moto.

— Como sabe que eu estava com ele?

— É uma cidade pequena e sou muito observadora.

— Ele me deu uma carona quando eu fui assaltada.

Trouxe-me até a cidade, me emprestou dinheiro para a comida uma pensão. Mas o dinheiro acabou.

— Só isso?

— Só. Por quê? Ele é amigo seu?

— Ele sabe que você faz programa? — ignorou minha pergunta.

— Não. Só você sabe.

— E você faz isso há muito tempo?

— Uns quatro ou cinco anos.

— Por que veio para Montana?

— Para tentar uma chance de sair dessa vida, mas estou meio sem sorte. — com a fome controlada pela guloseima, parei para refletir sobre a atual situação. — E então, por que você me trouxe aqui? O que quer de mim? Ela ficou me encarando em silêncio por um longo

momento, soltando grandes baforadas de fumaça,
parecendo um dragão que solta fogo pela boca.

— Tenho uma proposta a te fazer. — declarou por fim.

— Faça.

Ela esmagou o toco do cigarro no cinzeiro e acendeu
outro. “*Eita!*”

— Estou disposta a te dar quinhentos mil reais para te
ajudar a sair dessa vida.

Arregalei meus olhos pouco acreditando que ela falava
sério. Com aquela quantia eu compraria minha casa e
abriria meu negócio bem rapidinho.

— Nossa! Quem eu tenho que matar? — brinquei. —
Devo te avisar que não cometo crimes.

— Não se trata de crime. Você só tem que seduzir um
homem e levá-lo para a cama. Nada mais, nada menos.

Foi a minha vez de ficar encarando-a em silêncio,
tentando entender que raio de proposta era aquela.

Cheguei a cogitar que estivesse brincando comigo só para
passar o seu tempo.

— Que homem? — perguntei.

— O Miguel.

Algo estranho se revirou em meu estômago sem que eu compreendesse o motivo, talvez a forma íntima e ao mesmo tempo cheia de sentimentos como ela pronunciou o nome daquele homem, o que compreendi menos ainda.

— O Miguel é gay. Não tem como convencer um gay a ir pra cama com uma mulher.

Seu rosto branco demais assumiu um tom avermelhado, à medida que seu olhar se tornava frio sobre o meu.

— Então você já tentou. — aquilo soou mais como uma afirmação que uma pergunta.

Senti-me embaraçada.

— Bem... Na verdade... Eu o convidei para ir ao meu quarto. Mas ele recusou.

— E por isso você deduziu que ele é gay?

— E não é?

— Não. Ele é padre.

Cheguei a duvidar de que tinha ouvido direito, mas era quilo mesmo, eu não estava surda. Meu queixo caiu no chão, a incredulidade me tomou. O que ela dizia fazia

todo sentido, o cara era bom de coração, querido por todo mundo por quem passava, atraía a atenção das mulheres, mas não dava bola para nenhuma. Só podia ser um padre mesmo.

— Um padre que anda de moto e não usa batina? — eu ainda estava aturdida por não ter percebido.

— Ele nem sempre foi padre. — a mulher se levantou, esticando o corpo esguio e alto dentro do vestido longo e elegante, sem abandonar o cigarro de entre seus dedos.

Caminhou de um lado para o outro e então parou, de costas para mim. — Ele era meu noivo. — caraca! Meu queixo passou do chão desta vez. — Crescemos juntos aqui em Montana, namorávamos desde a adolescência. Depois que ele me pediu em casamento, fizemos uma longa viagem pelos países da Europa, mas ele se recusou a voltar. — a amargura era crescente no tom da sua voz.

— Preferiu ficar em um seminário católico na Itália, recluso, longe da civilização e de mim. A princípio continuei na cidadezinha lá perto, mas ele não saía da sede do seminário, acho que estava me evitando, então

desisti e fui estudar na Inglaterra. Quando soube que ele tinha voltado para Montana, larguei tudo e voltei a morar nesse fim de mundo atrasado, para ficar perto dele. Mas não adiantou. Ele se recusa a abandonar a religião. — A voz dela estava trêmula e senti pena. — Isso já faz quase três anos. — Pigarreou, limpando a garganta, esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro e acendeu outro. Por isso Miguel a trocou pela batina, quem ia aguentar tanta fumaça?

— Eu sinto muito. — falei, compadecida.

— Não sinta. Ajude-me. — virou-se para me encarar com os olhos marejados de lágrimas. — Se você o persuadir a quebrar o voto de castidade, ele abandonará a batina e voltará para mim.

Pensei no absurdo que ela me propunha. Ela devia estar mesmo muito desesperada, para jogar outra mulher assim de bandeja nos braços do homem que amava. O amor é mesmo capaz de tornar as pessoas cegas e tolas. Outro absurdo, seria eu fazer aquilo com uma pessoa boa como Miguel, sacanear o único ser humano que me

estendeu a mão quando mais precisei. Aquilo seria inumano, cruel e imoral, eu ia precisar de todo o mau caratismo que existe dentro de mim, afinal, em troca da chance real de nunca mais precisar me prostituir, eu faria qualquer coisa. Além do mais, talvez estivesse fazendo um bem aos dois, pois certamente seria melhor para Miguel ter uma família que viver isolado e solitário de tudo dentro de uma igreja.

— Deixa eu ver se entendi. Você quer que eu o seduza, para que ele quebre o voto de castidade e deixe de ser padre, para retomar o noivado.

— Exatamente.

— E quem te garante que ele vai largar a batina depois que quebrar o voto de castidade? Ele pode simplesmente esconder isso. Fazer e fingir que não fez. Os homens são assim.

— Não Miguel. Ele tem caráter. Jamais faria uma coisa dessas. Se cair em tentação, volta para sua vida no dia seguinte.

— E se não voltar pra você?

O olhar que ela me lançou foi tão frio e ao mesmo tempo furioso, que me encolhi.

— Ele volta. Ele me ama também. Só precisa esquecer essa bobagem de ser padre.

Ela o conhecia muito melhor que eu, se acreditava no que estava dizendo, era porque tinha fundamento. Sua proposta era descabida, imoral, mas era a oportunidade que eu tanto precisava, não ia deixar escapar de forma alguma. Restava saber se eu conseguiria seduzir Miguel.

Ele não era nada fácil. Eu podia apostar como aquela mulher linda e sofisticada diante de mim tinha tentado ludibriá-lo muitas vezes a ir para cama, assim como garotas iguais à recepcionista do restaurante onde fomos, que quase o devorou com o olhar. Eu mesma tinha tentado uma vez e fracassei. Por outro lado, eu tinha muita experiência com homens, e mesmo estando atrás de uma batina, Miguel ainda era um homem.

— E se eu fracassar? Você me paga do mesmo jeito?

Ela soltou uma grande baforada de fumaça.

— Sim. Eu pago. Te mantenho na cidade com o que

precisar, até você conseguir. Não vai ser fácil, mas uma profissional como você deve saber o que fazer. E não se esqueça, — ela voltou a sentar para me encarar de perto, com aqueles grandes olhos azuis, meio gélidos, meio furiosos. — será apenas uma vez entre vocês dois e nada mais. No instante que conseguir o que queremos você se afasta dele, vai embora daqui e nunca mais volta. Nem por um instante, pense em ter mais que uma transa com ele. — Fica tranquila. Estou acostumada a ter relações com um homem sem nutrir nem mesmo simpatia por ele. Com Miguel não vai ser diferente.

— Ótimo. Vejo que vamos nos entender.

Imaginei-me deixando a cidade com quinhentos mil reais na conta bancária, era mais que suficiente para organizar a minha vida. Por outro lado, eu já tive uma quantia quase igual àquela e perdi tudo de uma hora para a outra, muito facilmente. O que podia me garantir que não aconteceria de novo? Era mais seguro e uma coisa mais certa, encontrar um homem rico e me casar com ele, um homem lindo e gostoso, claro. E aquela mulher podia me

ajudar a conseguir isso, dando-me uma vida boa em Montana, inserindo-me na sociedade local como uma dama, apresentando-me aos melhores partidos. Isso sim era uma coisa certa. Eu precisava me aproveitar do desespero dela para conseguir alcançar os meus objetivos.

— Eu não quero dinheiro. Quero me casar com um homem rico. — falei.

— Como é? — mostrou-se surpresa.

— Eu já tive muito dinheiro e hoje não tenho nada.

Dinheiro acaba, casamento também, mas do casamento eu posso levar alguma coisa.

— Eu não entendo aonde você quer chegar.

— Quero que você me ajude a encontrar um marido rico em troca do que vou fazer por você. Torne-me uma mulher aceitável nessa sociedade de vocês, me apresente aos rapazes solteiros da cidade. Não gosto de velho e nem de homem feio, mas posso me casar sem amor com um gatinho.

— Com quinhentos mil reais você pode ter uma vida

muito melhor que ficar presa a um casamento.

Cruzei os braços diante do meu corpo, determinada.

— Ou o marido, ou nada.

A mulher revirou os olhos com desdém.

— Tudo bem, eu penso em alguém que se casaria com você. Agora vamos ao que interessa. Fiquei sabendo que Miguel está pedindo ao prefeito para contratar uma nova funcionária para auxiliá-lo e posso apostar que está cavando essa vaga pra você. É a oportunidade perfeita de se aproximar.

Fiquei confusa com tudo o que ela dizia.

— Auxiliá-lo em como? Sendo a coroinha da igreja?

— soltei, com ironia.

— Claro que não. Ele dirige um orfanato.

— Orfanato?

— Sim. Ele toma conta de um orfanato que fica a alguns quilômetros de distância da cidade. Não é muito longe, uns quinze minutos de carro. Ele mora lá, assim como todos os funcionários.

— Espera aí, eu não posso ir morar fora da cidade,

preciso conviver com as pessoas aqui, encontrar meu futuro marido.

A mulher suspirou irritada e revirou os olhos de novo.

— Eu te arranjo um carro ok? Você pode ir e vir a qualquer hora como todo mundo faz. É um orfanato da igreja, mantido com o dinheiro de doações e da prefeitura. Se você estiver trabalhando lá será vista pela sociedade como uma mulher respeitável, pois Miguel não contrataria qualquer uma. Isso aumentaria suas chances de arranjar um bom partido. Os homens de Montana são bastantes conservadores.

— E como vou explicar a Miguel que comprei um carro se nem tenho um emprego?

A mulher diante de mim ao era apenas bonita, mas também inteligente. Com dois minutos de reflexão, encontrou a solução para aquele problema.

— Eu arranjo um carro igual ao seu que foi roubado, diga a ele que foi encontrado pela polícia, junto com suas outras coisas. Vou falar com o delegado para mentir caso seja necessário. — minha nossa, ela queria mesmo aquele

homem.

— E como você sabe que o prefeito vai acatar o pedido de Miguel para contratar mais uma funcionária?

— A ele vai. Ela é meu pai. — ela tirou uma caneta prateada da bolsa que pegou um guardanapo da mesa. — Qual o modelo e a placa do seu carro? Preciso arranjar um que seja da mesma marca.

Disse a ela os detalhes sobre o carro, para que anotasse.

— Acredito que amanhã Miguel já irá te procurar para dar a notícia de que te conseguiu o emprego no orfanato. Esteja na pensão quando ele chegar. Vou te dar o dinheiro das diárias, da comida e quando o conseguir o carro te dou mais para roupas e outras coisas, para que ele pense que você reaveu tudo.

— E quando você vai me apresentar aos rapazes da cidade?

— Isso precisa ser feito com calma. Primeiro você se integra, depois te apresento a uma amiga que vai te levar a festas e outros lugares bem frequentados, já que nós duas

não podemos ser vistas juntas, para que Miguel não desconfie de nada. Agora vamos, está ficando tarde. — levantou-se e foi para a porta. Antes de sair, virou-se novamente. — Não se esqueça de que para seduzir Miguel você precisa agir com muita sutileza. Não dê em cima dele logo de cara, como disse que fez antes, isso só o afastará. Deixe ele saber que você está interessada, jogue charme, provoque, se insinue, mas espere que ele tome a iniciativa.

— Não precisa me dizer como seduzir um homem, eu sei perfeitamente como se faz.

— Assim espero.

— Aliás, qual o seu nome? — perguntei.

— Valentina e o seu?

— Manuela.

Passava da meia noite quando Valentina me deixou na frente da pensão, com dinheiro suficiente para a diária e alimentação, a quantia que eu ainda devia ter do que Miguel me dera. Quase não consegui dormir aquela noite, repassando mentalmente aquele plano diabólico de

destruir a escolha de um homem. Certamente ia ser uma delícia ir para a cama com Miguel, porém, nunca antes me senti tão canalha pelo que pretendia fazer a ele, enganando, mentindo, destruindo algo que podia ser seu sonho de vida. Eu não sabia quais os motivos que o levaram a escolher o sacerdócio. Para ter deixado para trás uma mulher linda, inteligente e rica como Valentina, em troca de se tornar o que se tornou, na certa teve um motivo muito grande, talvez fosse seu sonho de vida e ainda assim, eu destruiria tudo.

“Ai meu Deus! Eu não presto mesmo!”

O que me restava era me apegar à esperança de que estivesse fazendo-lhe bem ao devolvê-lo para a vida de antes, dando-lhe a chance de constituir uma família com uma mulher que o amava demais, para que minha consciência pesasse menos.

Contudo, eu não sabia se as coisas eram assim. Minha única certeza naquilo tudo, era que se Miguel soubesse a verdade sobre aquela armação, odiaria tanto a mim quanto à sua ex-noiva, mas apenas nós duas sabíamos e eu

duvidava que ela deixasse a verdade escapar, acarretando o risco de perdê-lo de vez. Quanto a mim, depois de fazer a merda toda, logo me casaria com outro homem e nada mais poderia me afetar. Diria a Miguel que foi apenas uma aventura passageira, da forma como muitos homens faziam com muitas mulheres e me afastaria. A esta altura eu já teria o meu pretendente a marido e viveria a custa de Valentina até o nosso casamento.

Colocando as coisas assim, parecia tudo muito simples, e até seria se a minha consciência já não estivesse pesando com antecedência. Eu podia recusar aquela proposta, por Miguel ser o cara bacana que era, entretanto, não conseguia ser tão boazinha assim. Essa era a minha natureza.

CAPÍTULO V

Acordei às dez horas na manhã seguinte. Paguei a diária a uma desconfiada dona Dolores, que desta vez não me viu chegando devido ao horário. Enquanto esperava por Miguel, sem saber ao certo se ele viria com a proposta de emprego no seu orfanato, como Valentina

supôs, fui a um restaurante pequeno que ficava ali pertinho, onde almocei sem pressa alguma.

Tinha acabado de retornar à pensão, estava sentada na cadeira de macarrão confortável na varanda do quarto, onde havia outra hóspede amamentando um bebê, alheia a tudo à sua volta, quando ouvi o ronco do motor da moto estacionando na frente da casa e meu coração festejou em antecipação, porque o plano estava começando a dar certo. Não saí do lugar, esperei que entrasse e logo Miguel surgiu do corredor, caminhando devagar, exalando charme em cada movimento do seu corpo grande e másculo, tão irresistivelmente que a outra hóspede quase deixou o bebê cair no chão para olhar na sua direção, tão fascinada quanto eu.

Olhar para aquele homem era como encontrar um bálsamo para todas as dores da vida, seu rosto lindo exprimia um magnetismo tão cativante que roubava a atenção de tudo mais a sua volta; a expressão dos seus olhos era serena e tranquilizadora, desprovida de qualquer malícia ou maldade e agora eu podia entender o

porquê: Ele era um homem de Deus, um benfeitor que gostava de ajudar as pessoas, cuja inocência em breve eu roubaria, agindo como a cobra que deu a maçã a Eva. Pelo menos ele não era mais virgem, eu supunha, já que viajara com Valentina pelos países da Europa antes de se tornar padre.

— Boa tarde. — ele falou ao se aproximar, exibindo aquele sorriso que deixaria qualquer mulher sem fôlego, a voz grossa causando-me um arrepio.

— Boa tarde. — dei uma boa olhada no seu corpo musculoso por baixo da calça jeans e da camiseta de malha preta. Tinha os ombros largos, o peito estufado, os quadris estreitos e as coxas grossas, bem definidas, o cabelo castanho claro, escorrido, estava desalinhado pelo uso do capacete que trazia pendurado no braço.

Definitivamente o Vaticano devia sancionar uma lei que proibisse homens tão bonitos de se tornarem padres, pois era impossível olhar para ele e não desejar ver aquilo tudo diretamente, sem o empecilho das roupas. — O que o traz aqui? — indaguei, lembrando nosso último encontro

com constrangimento.

— Vim falar com você.

— Senta aí. — gesticulei para a cadeira ao meu lado e lambi os lábios, sensualmente, antes de cruzar uma perna sobre a outra, deixando minha coxa grossa totalmente à mostra pela fenda na saia longa. Ele nem olhou.

— Você já arranhou emprego? — indagou, sentando-se.

Fiz a minha melhor cara de vítima, pois o fato de ele ser um bom samaritano que gosta de ajudar as pessoas, era o meu passaporte para chegar até sua cama.

— Ainda não. Procurei o dia todo ontem e antes de ontem. Hoje já nem fui mais, porque acho que estive em todas as empresas da cidade.

— Aqui é difícil mesmo. As pessoas costumam empregar parentes e amigos. Normalmente ficam com receio de pessoas de fora. — eu tinha percebido aquilo.

— Mas trago boas notícias: tenho um trabalho para você. Se eu ouvisse aquilo de um homem há uma semana, significaria que eu ia fazer sexo. Era estranho tanta

mudança em tão pouco tempo.

— Jura? Que trabalho? — me fiz de rogada e demonstrei euforia.

— Não é grande coisa e é afastado da cidade, mas oferece casa e comida. Você pode ficar lá até arranjar uma coisa melhor.

Eu não entendia porque ele fazia tanto por mim, sem receber nada em troca. Já tinha ouvido falar sobre pessoas altruístas, mas não acreditei que existissem.

— Qualquer coisa serve agora.

— Você gosta de crianças?

— Não conheço muitas, mas costumava tomar conta da minha irmã quando era adolescente e ela tinha seis anos.

— Então acho que você vai se sair bem.

— Você me arranjou em emprego de babá? — eu merecia mesmo um prêmio por maior cara de pau do ano.

— Não exatamente. Eu trabalho em um orfanato, na verdade sou o diretor e estamos precisando de uma nova funcionária.

— Que tudo! Vou adorar trabalhar em um orfanato e

vou mais ainda gostar de ter um patrão como você. —
lembrei-me do que Valentina falou sobre não ir direto ao
ataque e me ocorreu que estava sendo direta demais. —
Quer dizer, deve ser bom trabalhar para um homem
bondoso como você.

— Não se anime tanto. O trabalho é árduo, são muitas
crianças, crianças que vêm de uma origem difícil.
Precisam de muito carinho, acima de tudo.

— Deixa comigo. Posso ser muito carinhosa quando
quero. — pronunciei a última frase com sensualidade e
passei a língua nos lábios novamente, umedecendo-os,
mas ele não desviou o olhar do meu para acompanhar o
gesto. Droga! — Muito obrigada. Nem sei como
agradecer.

— Não precisa agradecer. Estou aqui para ajudar. —
Miguel deu de ombros, algo indecifrável atravessando a
expressão do seu olhar quando pronunciou a frase. Uma
espécie de tristeza que me fez desconfiar de que havia
muito mais por trás da sua decisão de se tornar padre do
que podia supor a minha vã filosofia. — A polícia já

encontrou suas coisas? — quis saber.

— Até ontem à tarde quando passei lá, não.

— Estou indo para o Santa Maria agora. Posso te levar se quiser.

— Pra onde?

Ele sorriu tão lindamente, que deixei escapar um suspiro de admiração.

— É o nome do orfanato que dirijo. Chama-se Santa Maria.

— Ah, sim. Entendi. — sorri também.

— Manuela, querida, Vicente quer falar com você. — dona Dolores aproximou-se com seu celular na mão, entregando-me antes de cumprimentar Miguel com um largo sorriso.

— Quem? — quis saber.

— O delegado. Parece que ele encontrou seu carro. — a mulher explicou e levantei-me depressa, Miguel fazendo o mesmo.

— Alô, delegado? Aqui é Manuela.

— *Encontramos seu carro e suas coisas.* — soou a

voz grossa, meio ríspida, do outro lado da linha. — *Venha buscar o quanto antes.*

— Vou agora mesmo. Obrigada! — desliguei o telefone entusiasmada, e me virei para dar a notícia aos dois que me observava. — Encontraram minhas coisas, vou até a delegacia buscar.

— Que notícia ótima. — Miguel declarou, com aquele sorriso magnífico brincando em seus lábios e, agindo unicamente por impulso, sem nada premeditar, atirei-me nos braços dele, abraçando-o apertado.

— Bastou você chegar para que as coisas se resolvessem. — declarei, com sinceridade, e o que seria um gesto espontâneo de gratidão da minha parte, se tornou algo muito maior, quando fui atingida em cheio pelo calor gostoso que emanava dele, pelo cheiro almiscarado do seu perfume masculino e meu corpo reagiu de forma intensa e surpreendente, cada célula do meu organismo se tornando consciente da sua proximidade, correntes de calor passeando pelo meu sangue, um formigamento acontecendo na altura do meu ventre.

Cacete! O que era aquilo?! Eu já tinha experimentando o desejo antes, mas nunca foi tão fácil e tão ardente.

Miguel não correspondeu ao abraço, permaneceu estático, imóvel como uma estátua e pude sentir seus músculos se contraindo de tensão sob o contato das minhas mãos, o que, unido ao olhar escandalizado com que dona Dolores nos observava, me fez soltá-lo rapidinho.

— Eu te levo até a delegacia. — Miguel ofereceu sério desta vez.

Abri a boca para concordar, quando me lembrei de que Valentina podia estar por trás daquilo. Na certa arranjou um carro parecido com o meu, como prometera, encheu de coisas que eu precisaria e disse ao delegado para mentir que tinha recuperado tudo. Se Miguel fosse lá comigo, desconfiaria na hora.

— Não precisa. — apressei-me em dizer. — Você já fez muito por mim, não quero mais tomar o seu tempo e vou demorar lá até assinar todos os papéis. Me dá o endereço do orfanato, que vou de carro mais tarde.

— Estou com a tarde livre. Posso te esperar e depois te conduzir até o Santa Maria.

Putá merda! E agora?

O socorro que eu precisava partiu de onde eu menos esperava, de dona Dolores.

— Dá o endereço a ela, meu filho. É muito fácil chegar a Santa Maria, não tem erro. Eu queria que você aproveitasse seu tempo livre para benzer o José. Ele anda tão ruim do reumatismo esses dias. — a mulher quase suplicou.

Miguel ficou me encarando em silêncio por um tempão, sem que eu entendesse o porquê. Estaria desconfiado de alguma coisa? Como?

— Benzer o José? — falei, forçando o sorriso e o tom de descontração para dissipar a tensão que parecia pairada no ar, me fazendo de rogada mais uma vez.

— José é o meu marido. Ele teve derrame há algum tempo e precisa de muitos cuidados. — dona Dolores explicou. — É uma benção quando Miguel reza por ele.

— Eu sou padre. — Miguel confessou, sem desviar seu

olhar do meu rosto.

— Ela não sabia? — dona Dolores parecia escandalizada.

— Não. — menti. — Mas isso explica muita coisa.

Vi o rosto de Miguel corando violentamente, o que me deixou fascinada e ao mesmo tempo admirada. Nunca imaginei que um homem fosse capaz de corar.

— Explica o quê? — dona Dolores quis saber.

— Nada não dona Dolores. — Miguel se apressou em falar. — A senhora pode me arranjar uma caneta e um papel pra eu anotar o endereço do Santa Maria?

A mulher alternou seu olhar desconfiado entre nós dois, antes de afastar-se.

— Me desculpe pela forma como agi naquela noite. Eu não sabia que você é padre. — Falei, quase sussurrando.

— Na verdade, isso nem me passou pela cabeça. — e na ocasião, realmente não tinha passado.

— Eu que me desculpo por não ter te contado. Não tinha como você saber.

Por um breve instante, tentei me iludir com a suposição

de que ele me escondeu a verdade, deliberadamente, para conquistar o meu interesse, todavia, um homem como ele não precisava disso, podia ter a mulher que desejasse na sua cama ou fora dela, no instante que decidisse, inclusive a mim ou a Valentina, que era linda demais. Estava tão obstinado na sua decisão que rejeitava a todas. Não seria tarefa fácil convencê-lo a mudar de ideia, pior que isso, não seria fácil manter-me indiferente o suficiente para sustentar toda aquela mentira enquanto armava minha teia de sedução na qual ele tinha que cair, mas o fato era que eu precisava, já que não podia me envolver de forma alguma e o risco disso acontecer era grande demais, aquele homem era simplesmente irresistível, charmoso, lindo, gentil, educado, puro e bom, tudo o que uma mulher podia querer de um homem, menos eu, que precisava de um cara que também fosse rico, embora precisasse ainda mais ser forte o suficiente para resistir aos encantos de Miguel, por tantas razões que sequer conseguia enumerar, para começar, o amor dele pertencia a outra mulher. Quando a dona Dolores retornou com o papel e a

caneta, Miguel anotou o endereço do tal orfanato e ali mesmo me despedi da velha mulher, pois pretendia ir direto da delegacia para meu novo lar.

Surpreendentemente, dona Dolores demonstrou pesar pela minha partida.

Esperiei que Miguel entrasse com ela na casa, juntei todas as minhas coisas, que não eram muitas e peguei um táxi para a delegacia. Como eu esperava, o carro que o delegado me apresentou não era o meu. O modelo, a marca e até a placa eram os mesmos — Valentina devia ser mesmo muito astuta e obstinada para ter conseguido uma placa de carro falsa e convencido o delegado a mentir descabidamente —, só que eu conhecia o meu carro velho, o tinha há mais de dois anos e não era aquele.

— Foi encontrado em um bairro na periferia de Goiânia. — o delegado continuou mentindo, depois de me fazer assinar um monte de documentos que eu podia apostar que só serviam para que ele mostrasse serviço sem ter feito. — Ao que parece os ladrões não levaram nada. Está tudo aí: roupas, celular, dinheiro e outros objetos pessoais. — me perguntei quanto Valentina estaria pagando a ele para mentir tão descaradamente.

— Parabéns pelo trabalho bem feito e obrigada. —
aderi à mentira, pois tinha muito a ganhar com ela. Espantei-me quando entrei no carro e encontrei uma bolsa — muito diferente da minha — abarrotada de dinheiro, uma mochila cheia de roupas caras e um celular moderno. Valentina tinha mesmo pensando em tudo. Deixei a delegacia quase duas horas depois de ter chegado. Com tanto dinheiro à minha disposição, não podia deixar de realizar uma das minhas atividades preferidas e parei na loja de roupas mais sofisticada que havia na rua principal. Presenteei-me com vestidos lindos, caros e sensuais, com os quais pretendia desfilas nas

noitadas da cidade e arranjar um ótimo pretendente. Não abri mão de comprar também muitos acessórios de marcas caras e lingerie sexys, que me serviriam de armas na batalha que seria levar Miguel para a cama.

Quando voltei ao carro, carregando um monte de sacolas, ouvi um toque estranho e demorei um instante para descobrir que se tratava do celular novo que deixei sobre o assento do carona.

— Alô. — atendi sem acreditar que era para mim, já que o celular não era meu.

— *Onde você estava? Estou te ligando há horas!* — imediatamente reconheci a voz irritada de Valentina do outro lado da linha. Quase abri a boca para perguntar onde ela conseguiu aquele número, mas então lembrei-me de que foi quem comprou o celular, certamente com o objetivo de controlar os meus passos, como tentava fazer agora.

— Estava fazendo compras. Preciso de munição para conquistar aquele padre. Ele não é fácil “*quirida*” — ela bufou com o meu tom de ironia.

— *Como foram as coisas com ele hoje? Te chamou mesmo pra trabalhar no orfanato?*

— Sim, queria até me levar de moto, mas tive receio que desconfiasse de que o delegado me dava outro carro que não era o meu. Estou indo pro Santa Maria agora.

— *Ótimo. Isso significa que as coisas estão saindo como planejamos. Agora mantenha o foco, seduza-o aos poucos e não seja direta demais, ou vai afastá-lo.*

— Eu sei fazer o meu trabalho, relaxa. Aliás, você também sabe fazer seu. Onde arranjou uma placa de carro falsa e como convenceu um delegado a mentir daquele jeito?

— *Isso não importa. Eu costumo conseguir o que quero. Agora vá e faça sua parte.*

— Por falar em fazer a minha parte, quando vou conhecer uns caras legais?

— *Já dei o número desse celular à minha amiga que vai te inserir na sociedade, o nome dela é Fabíola, assim que tiver uma festa grande ela vai te ligar. Mas toma cuidado pra não se comportar como uma vadia na frente*

do Miguel. Agora vá. Ligo depois. — sem esperar resposta, desligou.

Mas que mulher chata do cacete, não foi à toa que Miguel preferiu a batina em vez dela.

Miguel tinha feito um pequeno mapa com o trajeto até o orfanato, no pedaço de papel que dona Dolores lhe dera, o qual eu seguia à risca. Espantei-me quando a cidade acabou e tudo o que me havia à minha frente era uma estrada com o asfalto arruinado, rodeada pelo mato de ambos os lados, uma zona rural plana, com poucas árvores, muito diferente dos morros arborizados que se via no Rio. Segui por ali por uns quinze minutos e passei de espantada para perplexa quando o orfanato se revelou à diante dos meus olhos, no local exato indicado no mapa.

Tratava-se uma mansão de três andares enorme, toda pintada de branco, com uma fonte na frente, muito parecida com os casarões que se via nas novelas de época. Ao atravessar os portões imensos, tive que me certificar se realmente constava “ORFANATO SANTA MARIA” no letreiro no alto, pois era difícil acreditar que

uma instituição governamental pudesse funcionar em uma sede tão imponente e cara. Aquela casa devia valer milhões de reais. Quem em sã consciência abriria um orfanato nela? E não era apenas a casa que impressionava, mas também a extensão do terreno enorme que a rodeava havia diversas áreas recreativas, como a piscina infantil com churrasqueira, onde algumas crianças pequenas se divertiam nadando; uma quadra de vôlei deserta; um parquinho muito bem equipado, onde vi mais crianças; uma pequena capela com uma arquitetura tão fofinha que parecia casinha de bonecas e por fim um campo de futebol, onde tive a visão tão apetitosa que fiquei com água na boca. Miguel jogava futebol, com um bando de pirralhos, usando apenas uma bermuda jeans, sem camisa, o tórax coberto de músculos bem definidos à mostra e foi ali perto que estacionei, deixando o carro de qualquer jeito, hipnotizada com a exposição daquele corpo lindo, másculo, cheio de músculos, sem seque um fio de pelo no peito rochoso, apenas um trilha estreita e escura, que partia do umbigo e desaparecia no cóis da bermuda, uma

visão gloriosa para quem gosta de homem. Tinha o cabelo desalinhado como sempre e o rosto descontraído, como se estivesse se divertindo demais com a atividade, embora fosse possível notar que dava vantagem aos outros jogadores, garotos de sete ou oito anos.

CAPÍTULO VI

Sem conseguir desviar os olhos daquele homem, sentei-me em um banquinho de madeira branca perto do campo, sob o sol fraco daquele fim de tarde, assistindo ao seu espetáculo, como se estivesse mergulhada em uma espécie de transe. Miguel parecia um dos meninos, tão descontraído, jovial e alegre quanto todos, a diferença estava na aparência, masculina demais, a bermuda apertada revelando uma deliciosa protuberância na frente, de onde meu olhar se recusava a sair.

Por fim, ele notou minha presença e pareceu travar, mudando rapidamente de postura, mostrando-se mais sério e formal, como se estivesse envergonhado da forma como agia. Acredito que não tinha noção do quanto estava sendo irresistivelmente charmoso jogando futebol como um

garoto despreocupado. Sob os protestos dos meninos, que insistiam que continuasse participando do jogo, correu até uma das traves e vestiu a camiseta branca que estava pendurada ali, para em seguida vir ao meu encontro.

— Faz horas que você está aí? — indagou, ofegante, suado, sentando-se ao meu lado, o cheiro de suor limpo me atingindo em cheio, causando-me um calor gostoso abaixo do umbigo. Olhei seu rosto de perto e senti vontade de morder seu queixo másculo, coberto por uma barba rala; de tocar os músculos dos seus braços só para me certificar de que eram duros como pareciam. Suspirei, sufocando minha libido que parecia ter se tornado desenfreada do dia para a noite. Acho que o fato de aquele homem ser proibido me fazia desejá-lo mais que o normal, era a única explicação para tanto desejo aflorando dentro de mim.

— Acabei de chegar. Não queria atrapalhar a diversão. Desculpe.

— Não precisa se desculpar, eu devia estar te esperando, mas essa turminha quando decide que quer o

técnico participando do jogo, ninguém consegue convencê-los do contrário.

Olhei para o bando de meninos que continuava o jogo, ora ou outra me lançando olhares desconfiados. Eram lindos, não se pareciam nada com os garotos de rua desnutridos e maltrapilhos que se via nas avenidas do Rio. Esses eram bem cuidados, limpinhos, com cara de crianças saudáveis, nem se pareciam com órfãos.

— De onde vem esse tanto de criança? — indaguei realmente curiosa. — Só tem gente rica na cidade, como podem abandonar os filhos?

Miguel sorriu amplamente, seus olhos azuis brilhando para mim, deixando-me encantada.

— Não são de Montana. Eles são trazidos por assistentes sociais de todos os lugares. Na maioria das vezes das grandes capitais e do sertão nordestino, onde são assolados pela fome e pela seca.

Senti um aperto estranho no coração. Eu já tinha ouvido falar, nos noticiários da televisão e até na internet, sobre a fome no Nordeste, mas era uma realidade tão

distante que parecia uma lenda, até aquele momento.

— Acho que esse tipo de coisa está em todo lugar.

Existem muitos nas ruas do Rio passando fome também.

— Nós cuidamos dos que podemos, embora não consigamos dar assistência a nem metade deles. — sua expressão ficou triste, como se realmente se preocupasse com os famintos do país.

— Mas vocês fazem muito. O governo do Goiás é muito bom. Olha isso aqui. — gesticulei para tudo à minha volta. — Nunca vi um orfanato tão grande e tão bem equipado.

— Não é mérito do governo. Esse não faz nada a não ser manter o controle burocrático, como as visitas de assistentes sociais e quantidade de funcionários que contratamos, apenas para manter as aparências, por isso foi tão difícil te contratar. A sede era uma fazenda que pertencia aos meus pais e a maioria dos recursos vêm de doações de outros fazendeiros locais.

Fiquei impressionada com sua revelação.

— Nossa! Seus pais abriram mão de uma fazenda

inteira para beneficiar crianças carentes?

Miguel sorriu sem graça.

— Não. Essa era apenas a parte que me cabia dos bens da família. Eles podiam dar muito mais de quisessem. — Então ele não era um pobretão como imaginei, pena que já pertencia a outra mulher, havia uma batina — que eu ainda não tinha visto — entre nós e preferia sair por aí pilotando uma moto velha a usufruir do dinheiro que aquelas terras podiam lhe garantir se transformadas em uma fazenda. Era mesmo um bom samaritano. — Você gostaria de conhecer o lugar?

— Sim, com certeza. Quantas crianças têm aqui no total?

— No momento, apenas setenta e sete, mas temos condições de abrigar muito mais. Estamos divulgando cada vez mais a existência do Santa Maria pela internet. Em breve estaremos ajudando mais de cem crianças. A burocracia atrapalha um pouco.

Fiquei aturdida. Havia setenta e sete crianças naquele lugar e ele ainda dizia que era pouco? Santo Deus!

— Quem cuida de todas elas?

— Várias pessoas, inclusive você a partir de hoje. —
virou-se para os garotos e gritou. — Crianças venham
conhecer nossa nova amiga.

Os meninos abandonaram a bola no meio do campo e
vieram correndo em nossa direção, cerca de dezessete
deles, todos mais ou menos da mesma altura.

— Essa é Manuela. Ela vai morar conosco e preciso
que vocês mostrem que são cavalheiros e que obedeçam a
ela. Tudo bem?

— Tudo bem. — um menino loirinho respondeu,
sorrindo timidamente.

— Como se diz quando conhecemos uma pessoa?

— Oi Manuela. — falaram em coro.

— Oi pessoal. — respondi tentando ser jovial.

— Ela é bonita. — um garoto mulato falou sorrindo
sem parar.

— Sim, ela é. — *“Ai meu Deus! Miguel me acha
bonita!”* — Mas você vai ter que esperar alguns anos
antes de olhar assim pra ela.

Todos os meninos gargalharam em uníssono.

Meu novo chefe me convidou para conhecer o lugar, explicando-me, com a maior paciência, sobre o funcionamento da instituição. Além das quadras de esportes, do parquinho e da piscina, havia também um pomar colorido nos arredores do casarão, onde crianças brincavam — meninas e meninos — todas acompanhadas por uma mulher adulta, professoras que trabalhavam nos turnos da tarde e da manhã, segundo Miguel. Do lado de dentro, a casa parecia ainda mais enorme. No primeiro andar ficava o refeitório gigantesco lotado de mesas com cadeiras, todo bem cuidado e limpinho; quatro salas de aula, cada uma para uma turma; sala de televisão e a cozinha ampla. De acordo com Miguel, o orfanato tinha apenas dois anos de existência, portanto todas as crianças ainda estavam nas séries iniciais do Ensino Fundamental, quando atingissem a idade de cursar séries mais avançadas, seriam matriculados nas escolas públicas da cidade. Estudavam no período da manhã e à tarde praticavam atividades recreativas na companhia das

professoras. No segundo andar, havia os dormitórios, seis suítes enormes, unificadas, transformadas em três grandes cômodos repletos de beliches, dois para meninos, que eram a maioria, e um para as meninas. O terceiro andar era reservado para a estadia dos funcionários. Nem todos moravam lá, como Valentina dissera, apenas uma das duas cozinheiras, o cara que cuidava da limpeza, uma das cuidadoras, Miguel e agora eu, que também exerceria a função de cuidadora, embora não soubesse o que isso significava exatamente.

— E esse é o seu quarto. — Miguel declarou, abrindo a porta do último quarto no longo corredor do terceiro andar. — A roupa de cama foi trocada ontem. Está tudo limpinho.

Segurei-me para não perguntar qual era o quarto dele.

Pretendia descobrir ainda naquela noite. Entrei no aposento amplo, decorado com uma grande cama de casal, guarda roupas e escrivaninha, esperando que ele me seguisse, mas não passou da porta, de modo que precisei dar um jeitinho de fazê-lo entrar, não que pretendesse

agarra-lo ainda, queria apenas deixá-lo familiarizado com o ambiente que em breve poderia ser nosso. Fui até a janela trancada e fingi que estava emperrada.

— Não abre? — perguntei, fingindo forçar a abertura.

Miguel avançou pelo quarto em meu socorro e sorri vitoriosa. O problema das pessoas que não têm malícia é acreditar que os outros também não têm.

Abriu a janela com facilidade e respirei o ar puro que partia do pomar do lado de fora, achando aquilo mais agradável do que esperava. Nunca me passou pela cabeça que uma pessoa acostumada com a agitação das noites cariocas, como eu, se agradaria de um lugar tão paradão como aquele.

— Não estava emperrada. — Miguel constatou, desconfiado.

— Estava quando tentei abrir. — virei-me para ele, me colocando tão perto que o cheiro gostoso seu suor me causou arrepios, enquanto ele permanecia imóvel, inabalável, sequer pestanejava, mantendo os olhos presos aos meus e me perguntei se algum dia aquele homem

cederia, se algum dia me desejaria, pois parecia frio demais em relação à minha proximidade, agia como se não gostasse de mulher. Se Valentina não tivesse me contado que foram noivos, eu continuaria acreditando que era gay. E o pior, era que sua indiferença estava começando a me afetar, prejudicando minha autoestima. Entretanto, eu precisava manter o foco, ter em mente que aquilo era apenas um trabalho e nada mais, para que sua indiferença não me atingisse, ter em mente que estava ali unicamente em troca do que Valentina faria por mim. — Você não devia morar em uma casa paroquial atrás de uma igreja? — indaguei sem pensar.

— Estaria morando em uma se não tivesse o orfanato para cuidar. — pensei em mais umas duzentas perguntas que precisava fazer a ele, mas antes que tivesse a chance de abrir a boca, Miguel girou nos calcanhares e deixou o quarto com uma pressa descomunal, como se minha proximidade lhe desagradasse. — Vou buscar as suas malas. — avisou antes de sair.

Cogitei seriamente tirar as minhas roupas e esperar por

ele completamente nua na cama. Se era hétero não resistiria, porém, eu precisava concordar com Valentina: se fosse direta demais, ele se afastaria, portanto precisava ter mais cautela, para não correr o risco de falhar e já sabia exatamente o que faria, ainda naquela noite.

Miguel trouxe as malas abarrotadas de roupas que comprei naquela tarde, com a ajuda de um cara muito alto, magro e dentuço, a quem me apresentou como Denilson, o responsável pela limpeza do lugar. Como todo homem fazia, Denilson quase me devorou com o olhar, o que não passou despercebido a Miguel, que lhe dirigiu uma carranca antes de deixarem o aposento.

Desfiz as malas sem pressa alguma, tomei um banho demorado e vesti um vestidinho curto, colado, com as laterais de renda preta e o centro branco, que me deixou muito sexy e não combinava nem um pouco com a ocasião, porém eu pouco estava me importado com a ocasião, só queria atrair a atenção de Miguel.

Já havia anoitecido quando descii as escadarias largas, seguindo o som frenético de vozes infantis até o refeitório,

onde o jantar era servido pelas duas cozinheiras, com a ajuda da cuidadora que também morava lá, uma mulher de meia idade muito séria. Todas as crianças estavam reunidas naquele espaço, eram tantas e faziam tanto barulho que dava medo. Enxerguei Miguel do outro lado do salão, distribuindo frutas nas mesas para os pequeninos. Fui na sua direção, portando um largo sorriso, sem deixar de rebolar dentro do vestido apertado e o silêncio reinou entre as crianças que pararam tudo para me observar. Esperei que Miguel descesse seu olhar pelo meu corpo — porque é impossível que um homem não olhe para o corpo de uma mulher dentro de um vestido daquele tamanho —, mas não aconteceu, seus olhos lindos buscaram apenas meu rosto quando me aproximei e desta vez nem sorriu como costumava fazer ao me ver.

— Não repare a bagunça. Isso aqui fica meio agitado na hora das refeições. — falou, sem deixar de servir as frutas às crianças. — Está com fome? Pegue um prato e se sirva. Sinta-se à vontade.

— Acho que eu devia ajudar. — deixei meu sorriso

morrer. — Estou aqui para isto.

— Boa ideia. Verifique quem já terminou de comer e encaminhe para o dormitório. Faça-os escovar os dentes.

— Ok.

Não posso negar que fiquei apavorada com o quanto aquilo parecia trabalhoso e de grande responsabilidade, entretanto, as crianças eram inteligentes e praticamente me ensinaram o serviço, mostrando-me onde ficava o banheiro, quais eram suas camas e que roupas deviam vestir para a noite de sono. No final das contas eu estava até me divertindo com elas, dando uma de chefe de expedição cada vez que conduzia um grupo ao dormitório, até que não havia mais nenhuma criança no refeitório, o silêncio substituindo as vozes infantis.

— Cansou? — Miguel indagou, com irreverência, sorrindo daquele jeito amplo que me fazia suspirar.

— Não. Até achei isso divertido. As crianças são muito bem-educadas.

Ele sorriu ainda mais amplamente.

— Nem sempre são. Às vezes dão um pouco de

trabalho, mas no final a gente sempre tem essa sensação de dever cumprido. Vamos jantar?

— Claro.

Nos

servimos

na

cozinha

para

depois

nos

acomodarmos em uma das mesas compridas e retangulares do refeitório, junto com os demais funcionários, quando só então conheci mais um deles, um homem parrudo, muito simpático, que trabalhava como vigia noturno.

A conversa fluía solta e descontraída durante o jantar.

Diferente do que eu esperava, aquelas pessoas não concentraram sua atenção em especular quem eu era, perguntar como fui parar em Montana, ou reparar no meu vestido curto demais, apenas mostravam-se simpáticas e demonstravam receptividade, se comportando como se

vivessem em plena harmonia umas com as outras.

Depois do jantar, esperei que Miguel fosse para algum lugar para que pudesse segui-lo e ficar sozinha com ele, entretanto, o lugar que ele escolheu para ir foi a pequena capela e embora eu não fosse uma pessoa nada religiosa, não quis desrespeitar o templo sagrado com o meu plano maldoso.

Então, joguei algumas entediadas partidas de baralho com os outros funcionários antes de ir para o meu quarto, esperando que todos se recolhessem para pôr em prática o que tinha em mente. Eu só esperava que o quarto de Miguel fosse o mais próximo ao meu, precisava disto para que minha ideia desse certo.

Para o que pretendia, escolhi vestir uma lingerie à qual nenhum homem hétero ficaria indiferente: uma maiô preto de renda aberto na frente, com o bojo em meia taça e a calcinha minúsculo fio dental. Se desta vez não conseguisse despertar o macho que havia em Miguel, era porque este não existia. Escovei bem o cabelo, deixando as ondas generosas caindo pelos ombros e passei um

pouco de gloss para dar brilho aos lábios. Enquanto esperava a hora certa de agir, quando todos estivessem dormindo, coloquei-me diante da janela que dava para o pomar, inebriada com o perfume acalentador da natureza, o zumbido dos grilos me proporcionando uma sensação gostosa de paz e tranquilidade.

Uma lagartixa solitária passou pela parede bem cima da minha cabeça, quando me ocorreu que ela seria útil pra o sucesso do plano e apressei-me em capturá-la, deixando a coitadinha presa em um copo de vidro até que precisasse dela. Diferente da minha irmã mais nova, eu nunca tive medo de bichinhos rastejantes, nem mesmo aranha me assustava.

Passava da meia noite quando decidi que era hora de agir, afinal todos já deviam estar dormindo. Assim, colocando em prática o que havia elaborado, joguei a lagartixa sobre o colchão, fiquei em pé na cabeceira da cama, com as costas grudadas na parede e comecei a gritar como uma louca, assustando a lagartixa que fugiu em disparada, deixando-me correr o risco de passar por

mentirosa. Mas estava feito, agora restava esperar que fosse Miguel a vir em meu socorro e não o faxineiro.

Continuei gritando, até que a porta se abriu e para minha satisfação, Miguel entrou, usando apenas a calça de um pijama, com o tórax à mostra, tão atraente que senti vontade de pular em cima dele. Para minha irritação, o faxineiro dentuço estava atrás dele. Droga!

— O que houve Manuela? Você está bem? — perguntou o meu padre preferido, alarmado, varrendo o quarto com o olhar, observando tudo, menos o meu corpo dentro da lingerie, enquanto o feioso me devorava com os olhos.

— Tinha uma lagartixa em cima da cama. Ela foi por ali. — falei, fingindo um pânico que não existia, gesticulando para a direção onde a lagartixa fugiu com medo dos meus gritos.

— Foi só isso? — Miguel encarou-me visivelmente irritado.

— Desculpe, não queria acordar ninguém, mas tenho pavor de lagartixa. Por favor, tira ela daqui.

— Olha ela ali. — o outro rapaz gesticulou para a

parede e antes que eu pudesse pensar em como impedi-lo, correu até lá e usou seu chinelo para dar fim à vida da pobrezinha. Puta merda! Fiz a minha primeira vítima. — Pronto essa não te incomoda mais. — segurou a bichana pendurada pelo rabo e jogou o corpo pela janela, sem deixar de exhibir os dentes pontudos.

— Elas são inofensivas. Não fazem mal a ninguém. — Miguel me encarava com acusação, certamente culpando-me pela morte da lagartixa, com toda razão. — Se aparecer outra, fique tranquila, ela não vai te machucar. Evite gritar de novo, pois assim pode assustar as crianças. Ambos fizeram menção de deixar o quarto, mas eu não podia permitir que Miguel saísse daquele jeito, tive que sacrificar a vida de uma lagartixa para por aquele plano em prática, não podia deixar que acabasse assim.

Pensando rápido, saltei da cama com um pulo, correndo para ele, fechando minhas mãos no seu braço firme, o calor da sua pele afetando-me.

— Por favor, não vá. Não me deixe aqui sozinha. Eu não estou acostumada a dormir com tanto silêncio, fica

comigo só hoje.

O olhar com que ele me encarou foi duro, permeado de reprovação, mais uma vez acusando-me, desta vez de atentar contra a sua preciosa castidade.

Os olhos do outro cara também se arregalaram surpresos e ao mesmo tempo horrorizados. Talvez por não saber como agir, deixou o quarto sem uma palavra. Ótimo, agora era só Miguel e eu.

— Isso não tem cabimento. Eu não posso ficar aqui. — não desviava seus olhos duros dos meus.

— Por que não? Eu não estou te convidado para fazer sexo, apenas não quero ficar sozinha. — aproximei-me muito dele, me colocando há poucos centímetros de distância do seu corpo, perto o suficiente para que seu calor de macho me alcançasse e minha pele arrepiasse, meus mamilos endurecendo, suplicando por serem tocados.

Miguel continuou me encarando em silêncio, até que de súbito sua boca se abriu para puxar o ar, ao mesmo tempo em que seu olhar descia pelo meu corpo, me devorando

devagar, examinando cada detalhe meu.

Minha nossa! Eu não podia acreditar! Finalmente aconteceu, eu havia conseguido atingi-lo, aquele pequeno gesto deixava claro que não era tão indiferente a mim quanto tentava demonstrar. Quase saltei de euforia.

Entretanto, Miguel pareceu travar uma batalha contra si mesmo. Passou os dedos pelo cabelo bagunçado, emaranhando-os ainda mais e afastou-se, pelo menos se afastou para o lado certo, para dentro do quarto.

— Eu não estou questionando suas intenções. —
inspirou profundamente, sem se virar para mim.

— Então fica, por favor. Não vou conseguir dormir aqui sozinha. Fica comigo pelo menos até eu me acostumar com o ambiente novo. — fiz a minha melhor voz de garotinha indefesa, pois essa era a forma mais eficaz de afetá-lo.

— Certo. — concordou, virando-se de frente e sorri vitoriosa. — Vou ao meu quarto buscar alguns lençóis. Já volto.

— Estou esperando. — falei com tom de súplica,

comemorando por dentro.

CAPÍTULO VII

Assim que Miguel deixou o quarto, abandonando a porta escancarada, deitei-me em um lado da cama, portando-me de forma sensual, de lado, com o bumbum quase totalmente para cima. Homem nenhum resiste a um bumbum dentro de um fio dental. Quando retornou, ele usava uma camiseta velha folgada por sobre a calça do pijama e carregava lençóis e um travesseiro. Sem lançar sequer um olhar na minha direção, fechou a porta e me deixou decepcionada ao forrar os lençóis no chão.

— Aqui tem espaço suficiente para nós dois. — tentei, mas já ciente de que desta vez não o faria mudar de ideia.

— Não seria moral nem respeitoso se eu me deitasse na sua cama. — ainda sem olhar-me, deitou-se de lado no chão, de costas para mim.

— Eu não ia te agarrar, se é o que está pensando. — me fingi de ofendida, sem ter um argumento melhor para rebater o que ele disse, mas já elaborando o próximo passo.

— Não se trata disso. Ambos sabemos que tenho limites e por isso preciso fazer o que é certo. Agora vamos dormir. Amanhã cedo tem missa.

— Desculpe tentar te fazer ultrapassar os seus limites.

— mentira, eu não lamentava nem um pouco, estava satisfeita por tê-lo ali.

— Boa noite.

— Boa noite.

Eu pretendia esperar que ele dormisse, para ir deitar-me ao seu lado. Ele não ia resistir se acordasse com o corpo seminu de uma mulher grudado ao seu, mas acabei pegando no sono.

Acordei com a sua voz grossa chamando o meu nome.

Já era dia, os raios de sol me diziam isso ao penetrarem o quarto através da janela aberta.

— Manuela, acorda. Daqui a pouco temos a missa.

— Eu não gosto de missa. — falei, sonolenta e busquei o seu rosto com o olhar, me deparando com a sua expressão ainda dura, a face carrancuda.

— Você pelo menos já foi em alguma, para poder

julgar se gosta ou não? — foi quase ríspido ao dizer.

— Por favor, Miguel, não tente me converter. Tenho outras prioridades. — movendo-me de forma sensual, levantei-me devagar, colocando-me muito perto dele. — Minha nossa, você deve estar todo dolorido por ter dormido no chão. Eu sei fazer uma massagem ótima que pode te ajudar. — sem pensar muito, levei minhas mãos ao seu tórax, fechando meus dedos nos músculos rígidos do seu peito, por sobre a malha da camiseta, deslizando-os até seus ombros, extasiada com a sua solidez e com o seu calor.

Num repente, Miguel deixou o travesseiro cair no chão e segurou meus dois pulsos, apertando com força, machucando-me, afastando minhas mãos do seu corpo. — Para com isso. — esbravejou, ríspidamente, fuzilando-me com olhos furiosos, sua fisionomia contraída como nunca vi antes, o maxilar rijo. — Eu sei o que está tentando fazer, mas não vai acontecer! Nem perca o seu tempo. — tremi de medo, certa de que ele descobrira sobre minha armação com Valentina. — Vocês mulheres

são todas iguais, sempre querendo aquilo que não podem ter. Por que são assim? — não esperou resposta. — Não vai acontecer nada entre nós. Tira isso da sua cabeça. Há muitos outros homens em Montana, você pode ter qualquer um, não a mim.

— Eu não quero outro homem, quero você. — aquilo não era de todo mentira, eu o queria, mesmo que só por uma noite e não apenas para me beneficiar com o que Valentina me daria, mas porque o meu corpo o desejava muito mais do que eu gostaria. — Eu te desejo demais, Miguel.

A pressão das suas mãos fechadas em meus pulsos aumentou, machucando-me tanto que deixei escapar um gemido de dor e só então ele me soltou.

— Não me deseje. Isso não vai te fazer bem. — praticamente rosnou, antes de pegar o travesseiro do chão e deixar o quarto, pisando firme e apressado.

Apesar do alívio que senti por constatar que ele não sabia de nada sobre o plano de Valentina, fiquei quase deprimida com a sua rejeição, não apenas porque era algo

novo para mim, mas principalmente porque eu não podia mandá-lo ir para a Puta que pariu e depois desfilar com outro homem na sua frente, só para lhe mostrar que podia ter quem eu quisesse, da forma como agiria se não estivesse sendo paga para conquistá-lo.

Desde o início eu sabia que aquilo não seria fácil, só não me passou pela cabeça que ser rejeitada de forma tão brusca me afetaria tanto. Sua atitude estava começando a me fazer sentir um pedaço de lixo desprezível. Eu sequer sabia mais como agir sem parecer patética, depois daquele episódio.

Aquela sensação ruim de inferioridade e rejeição que Miguel plantou em mim acompanhou-me durante todo o dia, me fazendo sentir humilhada e rebaixada.

Quando deixei o Rio para vir morar em Montana, estava decidida a sair daquela vida principalmente por causa das humilhações que passava, além de inúmeros outros motivos, entretanto, percebia que não estava evoluindo, não tinha chegado a um patamar muito diferente, continuava me oferecendo a um homem em troca

de benefícios materiais. A diferença era que esse homem apenas me rejeitava, uma rejeição que estava me afetando muito mais do que eu podia evitar, e muito mais do que deveria, afinal tudo não passava de uma jogada, um trabalho apenas. Mas o fato era que Miguel me afetava de todas as formas possíveis, me magoava demais ao me repelir e me fazia desejá-lo mesmo quando deixava claro que não era recíproco, o que me causava ainda mais humilhação. Minha vontade era de desistir de tudo e voltar para a estaca zero, pelo menos nas ruas eu não precisava rastejar atrás de ninguém, os homens era quem me procuravam e se me enchessem o saco, eu mandava ir para a casa do cacete.

Só não fiquei ainda mais deprimida porque, por mais inacreditável que pudesse parecer, as crianças me animaram. Eram muito inteligentes, amáveis, arteiras e demonstraram gostar de mim também. Com era domingo, as professoras não tinham ido trabalhar e precisei tomar conta de todas elas, com a ajuda apenas de Denilson e de Helena, a outra cuidadora que também morava no casarão.

Foi um dia cansativo, porém, divertido. Ficamos alternando entre uma atividade e outra, cada um com seu grupo. Como eu tinha liberdade de praticar qualquer atividade com elas, as levei para brincar de esconde-esconde no pomar, jogamos futebol, vôlei e brincamos de queima no campo de futebol.

Durante todo o dia, Miguel me ignorou. Parecendo bastante ocupado, mal olhava no meu rosto e quando olhava era com uma carranca, o que me motivou a ficar longe, sem saber mais o que fazer ou como agir para prosseguir com aquele plano. Eu precisava tentar mais um pouco antes de desistir, pois havia muito em jogo.

Após celebrar a missa a céu aberto, para todas as crianças — já que eram muitas e não cabiam todas na capela —, pela manhã, celebrou outra na capela para famílias abastadas que chegavam em seus carros de luxo. Helena me explicou que havia outro padre na cidade, mas como era estrangeiro, aquelas pessoas preferiam vir assistir à missa de Miguel. Perguntei-me porque elas não adotavam as crianças, para que estas tivessem um lar de

verdade, afinal tinham condições financeiras de sobra para isto, no entanto, sequer as olhavam no rosto.

Ao final desta segunda missa, da quadra de vôlei ao longe, avistei Miguel fazendo o curto percurso entre a capela e o casarão na companhia de uma mulher morena, alta, bonita e sofisticada como uma manequim, que não disfarçava o interesse no homem ao seu lado, aliás, estava quase se atirando nos braços dele. Mas que mulher não desejaria se atirar? Ele ainda usava a batina e foi a primeira vez que o vi com aquele traje. Parecia feliz e descontraído ao lado da mulher, como se fossem íntimos e me apanhei observando-os mais do que deveria.

Antes que alcançassem o casarão, outra garota surgiu da direção de um dos carros estacionados ali perto, dirigindo um sorriso amplo a Miguel enquanto lhe entregava uma travessa com o que parecia ser alguma comida, toda atirada para ele e as duas o fizeram parar perto da porta de entrada, ambas disputando a sua atenção, enquanto ele sorria para elas da mesma forma que sorria para mim antes do episódio daquela manhã em

meu quarto.

Pelo visto eu não era a única a desejar aquele homem, apenas meus motivos eram dúbios. Toda aquela concorrência deixava claro apenas que ele era ainda mais difícil do que eu imaginava, estava acostumado a ser assediado e mesmo assim nunca cedera, por que cederia comigo? Eu não tinha nada de diferente daquelas garotas, obviamente para ele era apenas mais uma a dar em cima, algo com o que pelo visto já estava acostumado.

Não nos falamos nem mesmo na hora do almoço, quando todos nos reunimos no refeitório. Desta vez foi por falta de tempo, pois as coisas estavam muito corridas sem as professoras, de modo que mal tive tempo de engolir a comida.

A agitação de crianças pulando, correndo e se divertindo, sob o cuidado dos adultos, avançou pela tarde. Quando tinha tempo, entre uma visita que recebia e outra, Miguel vinha ajudar, só que ajudava Helena, que tinha uma turma maior. De mim não chegava nem perto.

Depois do lanche da tarde, estava sentada na beira da

piscina, com os pés submersos na água, observando a algazarra das crianças, quando o celular vibrou no bolso do meu short jeans. Era Valentina.

— *Como estão as coisas por aí?* — ela indagou quando atendi.

Suspirei desalentada.

— Não muito boas. O padre só me rejeita. Ainda nem olhou para a minha cara hoje. Esse sujeito é difícil.

— *Você já sabia que ele não era fácil. Agora me conte os detalhes.*

Narrei-lhe cada acontecimento, com detalhes, desde o minuto que cheguei ao Santa Maria na tarde anterior.

— *Como é?! Ele dormiu no seu quarto e você está com todo esse desânimo?! Minha filha, foi o mais perto que uma mulher conseguiu chegar dele depois que assumiu a batina.*

— Você por acaso tentou seduzi-lo depois que romperam o noivado? — eu só queria saber se ela tinha noção do quanto aquele homem era difícil.

Houve um longo momento de silêncio do outro lado da

linha e quando começava a achar que Valentina tinha desligado, ela falou:

— *Tentei até demais. Ele se fechou para a vida. Mas você é novidade na cidade, é uma profissional experiente, tem potencial para convencê-lo a esquecer essa bobagem de sacerdócio.*

Notei que, pela primeira vez naquele dia, Miguel me olhava demoradamente, de longe, e soltei uma sonora e simulada gargalhada.

— *Qual foi a graça?* — Valentina quis saber.

— Ele está olhando pra mim.

— *E daí?*

— E daí que a felicidade atrai as pessoas, sem falar que homens sentem ciúmes de telefones.

Ela suspirou irritada.

— *Espero que você saiba o que está fazendo.*

Eu não fazia nem ideia, mas queria alcançar meus objetivos a qualquer preço.

— E quanto à minha parte do acordo, quando vou conhecer alguém?

— *Rita, a amiga de quem te falei, vai te ligar na quarta-feira para vocês irem a uma festa de aniversário.*

A maioria dos homens solteiros da cidade estará lá.

— Fico no aguardo.

Com isto, encerramos a ligação.

Fiquei tão contente por ter capturado a atenção de Miguel, mesmo que por apenas alguns minutos, durante o telefonema e com isto mais uma constatação de que ele não era tão indiferente a mim quanto tentava demonstrar, que acabei caindo na piscina junto com as crianças, a água muito rasa alcançando a altura dos meus joelhos e os pequeninos, a maioria meninas que se encantaram com meu cabelo ondulado e meus olhos azuis, achando que me parecia com uma boneca, fizeram a maior farra comigo e não posso negar que também me diverti bastante com elas. Perdi a noção do tempo enquanto estava ali, tanto que foi necessário Helena vir me avisar que devia preparar as crianças para o jantar. Apenas quando deixei a água, apressada, percebi que minha blusa de malha molhada se grudava em meu corpo, deixando-me praticamente nua da

cintura para cima, os seios quase totalmente à mostra, o que seria oportuno para provocar Miguel, se ele estivesse por perto, só que ele não estava e além de aquilo ser um péssimo exemplo para as meninas, seria um mico diante das pessoas, que começavam a chegar aos poucos para a missa da noite, em seus carros luxuosos, algumas delas já olhando para mim, mesmo de longe.

— Droga! — praguejei entre dentes, tentando escorrer a água da blusa o máximo possível antes que as crianças vissem meus seios.

Um cara alto, moreno, usando uma camisa xadrez de mangas compridas, que chegou com uma garota bonita e bem vestida em um Dodge preto, estacionando perto da entrada do casarão, observou-me por um instante, antes de vir em minha direção, sozinho, deixando a garota para trás, e me virei de costas, a fim de esconder o meu corpo do seu campo de visão, piorando a situação ao entrar no das crianças.

— Toma, veste isso. — o sujeito falou atrás de mim, estendendo-me a camisa que usava.

Nem hesitei, recebi a camisa da mão dele e vesti depressa. Quando me virei para agradecer, surpreendi-me com o quanto era bonito. Tinha cerca de trinta anos, o rosto másculo bem desenhado, os olhos escuros e um sorriso largo cativante. O tórax desnudo era sarado, cheio de músculos, embora não chegasse nem aos pés de Miguel. Impulsivamente, levei meu olhar à sua mão, constatando, satisfeita, que não havia nenhuma aliança em seu dedo.

— Obrigada. — retribuí ao sorriso, fingindo estar embaraçada. — E você, vai ficar sem camisa?

— Tenho uma jaqueta o carro.

A garota que o acompanhava nos deu uma boa olhada antes de entrar na capela.

— Sua namorada não vai ficar enciumada?

— Ah, não. Não é minha namorada, é minha irmã. Sou livre e desimpedido.

Sorri ainda mais amplamente, de pura satisfação. Um cara livre, desimpedido, bonito, sarado e que dirigia um Dodge novinho, era tudo o que eu queria naquele

momento, para fazer de mim sua esposa e me tirar de vez daquela vida arruinada. Quem precisava de Valentina para isto? Eu podia me arranjar por ali mesmo. Está certo que o sujeito parecia meio matuto e ingênuo, mas eu poderia usar isso ao meu favor até conseguir o que queria, depois o ensinaria as malícias da vida. E se ensinaria!

— Sou Felipe Duarte. — estendeu-me a mão, sem deixar seu sorriso se desfazer.

— Prazer, sou Manuela Souza. — retribuí ao cumprimento, apertando a mão dele.

— Você é nova aqui? — quis saber.

— Sim. Cheguei ontem. Sou do Rio. E você, vem sempre aqui?

— Acho que vou passar a vir mais vezes. — de súbito ele ficou sem graça, mostrando-se embaraçado com as próprias palavras. Achei aquilo uma gracinha. Um cara bonito, rico, cavalheiro e tímido. O que mais eu podia querer? — Na verdade venho aos domingos quando minha irmã consegue me convencer a trazê-la. Ela gosta das missas, ou pelo menos finge gostar. Na realidade vem

mais para ver o padre que outra coisa.

Coitada dela! Era só mais uma na fila do pão.

— Manuela, tire as crianças da água antes que virem ensopado. — a voz ríspida e grossa como o esturro de um tigre feroz, partiu de Miguel, que se encontrava próximo à capela, a alguns metros de distância, usando a batina preta que me parecia intimidadora quando eu me lembrava o que pretendia fazer com ele.

— Helena já me mandou fazer isso. Não precisa ficar repetindo! — respondi no mesmo tom.

Ele ficou um silêncio por um instante, encarando-me com uma carranca de dar medo e então veio em nossa direção, pisando firme.

“Putá merda! Vai já me demitir! Logo agora que conheci um cara que parece ser um bom partido. Vai ser sem sorte assim na China.”

— Olá Felipe. — cumprimentou o outro homem com a voz mais calma, embora mantivesse a fisionomia contraída. — Não leva a mau cara, mas você não pode ficar sem camisa aqui no orfanato.

Minha nossa! Ele sabia falar “cara”, como uma pessoa normal da sua idade.

— Foi mal, Miguel. Dei a minha para Manuela, mas já ponho outra que tenho no carro.

Putá merda! Jogou a culpa em mim. Bastardo!

Miguel olhou para mim como se quisesse me incendiar viva, na certa culpando-me por toda aquela vulgaridade na frente das crianças.

— Reconstitua-se, por favor, e leve as crianças para dentro. — rosnou.

— Eu já sei o que tenho que fazer. — rosnei de volta, com a mesma grosseria.

Ele abriu a boca, mas desistiu do que ia dizer. Lançou mais um olhar emburrado para Felipe e então se foi, voltando para a capela.

CAPÍTULO VIII

— Credo! Nunca vi Miguel tão estressado. Não depois que virou padre. — Felipe observou.

— Deve ser falta de sexo. — soltei e ambos gargalhamos juntos, enquanto eu torcia intimamente para

que Miguel estivesse ouvindo.

Apesar do sorriso, no fundo as palavras de Felipe despertaram-me uma curiosidade descomunal sobre a vida de Miguel antes do sacerdócio. Todavia, não ia ficar perguntando-lhe a esse respeito, precisava fingir que estava interessada nele e esconder meu verdadeiro interesse.

— Desculpe se te causei esse transtorno. — ele disse.

— Não foi culpa sua. Eu não devia ter entrado na piscina sem um biquíni. — gesticulei para sua camisa em meu corpo. — Você me salvou de um vexame ainda maior, obrigada. Agora tenho que levar essas crianças pra dentro antes que receba outra bronca.

— Eu posso te ligar? Quer dizer, você tem compromisso com alguém?

“*Você tem compromisso com alguém?!*” Era assim que os homens cantavam uma mulher no interior? Eu estava passada!

— Claro liga sim. Não estou saindo com ninguém. — lembrei-me de que não sabia o número do telefone que

Valentina me dera. Droga! — Depois da missa te dou o meu número. Agora tenho que ir mesmo.

Felipe não deixou de me observar enquanto eu ajudava as crianças a deixarem a piscina e as conduzia para dentro do casarão. Todas as outras já estavam no refeitório, prontas para o jantar quando entrei e fui alvo de olhares repreendedores de todos os lados, mas isso pouco me importava, eu tinha ganhado o dia ao conhecer meu possível futuro marido.

Apressei-me em preparar minha turma para a refeição e logo nos juntamos aos demais nas mesas retangulares. Com a ajuda de Denilson — ligando para o celular dele — descobri meu novo número, que pretendia dar a Felipe logo que a missa terminasse. Eu só esperava que ele não fosse embora antes que eu colocasse os pirralhos na cama e tivesse tempo de sair. Contudo, não foi necessário que me apressasse nem me preocupasse com nada. Muito tempo depois do final da cerimônia, quando eu estava achando que Felipe tinha ido embora sem meu número, Denilson veio ao dormitório das meninas avisar-me que

ele estava me esperando lá fora, tinha ido levar a irmã na cidade e voltado.

Já que ele se deu ao trabalho de ir levar a irmã, para depois fazer todo o percurso de volta, eu lhe daria o privilégio de recebê-lo com uma produção melhor que o short e regata que usava. Quando as crianças estavam todas acomodadas em suas camas, secas e com os dentes escovados, corri até meu quarto, troquei as roupas casuais por um vestidinho branco curto, colado e sem alças, que revelava cada curva do meu corpo, escovei bem o cabelo, passei perfume e um pouco de gloss, anotei o número do meu celular em um pedaço de papel, o enfiei no decote profundo, em meia taça do vestido e foi assim que desci a escadaria, torcendo para encontrar Miguel pelo caminho, para que ele visse o que estava perdendo, mas infelizmente não aconteceu.

Encontrei Felipe sentado na amurada da fonte em frente o casarão, usando outra camisa xadrez, com o Dodge estacionado ali perto, fazendo meu carro velho e a moto de Miguel, ao lado, parecerem um amontoado de ferro

velho.

— Por que você não entrou? — perguntei intrigada, enquanto ele devorava meu corpo com o olhar.

“Finalmente um pouco de cobiça para elevar minha autoestima.”

— Não sei se Miguel ia aprovar isso. — falou, esticando os lábios em um sorriso largo, revelando dentes perfeitos. — Depois da bronca que levei por ficar sem camisa, fiquei meio escabreado.

— Ficou o quê?! — eu nunca tinha ouvido aquela palavra antes.

— Cauteloso. — explicou. — Quer dar uma volta por aí?

— Claro. Ah, o telefone, antes que eu esqueça. — enfiei a mão no decote, de onde tirei o pedaço de papel com o número, sob o olhar guloso dele, que acompanhava cada gesto.

— Eu jamais esqueceria. — sussurrou, guardando o papel com cuidado no bolso da camisa.

Engatamos em uma conversa descontraída, sobre

nossas vidas, enquanto caminhávamos no amplo espaço aberto em torno do casarão, percorrendo as quadras esportivas e o pomar, envolvidos pela penumbra da noite, amenizada somente pela luz fraca da lua crescente, quando descobri que Felipe realmente era um fazendeiro rico, como supus. Atualmente estava em Montana cuidando do escritório central da fazenda, onde negociava a exportação do gado, embora também passasse grande parte do seu tempo ajudando a cuidar dos animais no pasto, em parceria com seu pai. Não tinha mais irmãos, além de Carmem, a garota que estava com ele mais cedo e sonhava tornar a fazenda da sua família uma das maiores do país, um sonho que eu acreditava ser compartilhado pela maioria das pessoas que tinham aquele negócio.

Quanto a mim, falei as mesmas mentiras que tinha contado a Miguel: que sou de Volta Redonda e fui expulsa de casa por promiscuidade, assim não precisaria me fingir de tão santinha.

Embora a companhia de Felipe me agradasse bastante, por ele se mostrar um homem gentil, atencioso e muito

educado, eu não conseguia me concentrar cem por cento no que dizia, apesar de continuar sorrindo e fingindo o maior interesse, como costumava agir quando estava em um programa com eventuais clientes que gostavam de conversar. Fingindo ouvir, mas sem prestar muita atenção. A todo o momento, era traída pelo meu olhar, que insistia em buscar a claridade de uma janela apenas com a luz acesa no terceiro andar da casa, com esperança de que fosse a janela do quarto de Miguel, mas não tive como saber.

Fiquei intrigada com o quanto, mesmo tendo a total atenção de um homem interessante como Felipe, eu ainda buscava pelas migalhas que vinham de Miguel, como a simples imagem dele na janela do seu quarto, que não tive o privilégio de ver. Parecia brincadeira, mas em meu íntimo, eu preferia estar discutindo ou mesmo rastejando atrás dele, do que estar ali com Felipe, tendo toda a sua atenção. Só podia ser um tipo de demência causada pela mudança brusca de ambiente. Não havia outra explicação. Era bem tarde quando Felipe se foi, deixando-me cheia

de esperanças de ter uma vida segura e tranquila ao seu lado, pela forma como me tratou, sem tentar nenhum contato físico, o que significava que queria mais que uma aventura. Encontrei a porta do casarão trancada, achando aquilo um absurdo, pois todos sabiam que eu estava do lado de fora. Precisei bater até quase sangrar os nós dos dedos, antes que o vigia noturno viesse abrir, um homem afro descendente, alto, com um bigode grosso no meio da cara.

— Se você pretende sair à noite, é bom que peça uma chave a Miguel. — falou, asperamente, com cara de sono.

— Vou fazer isso. Obrigada.

Subi a escada devagar, o orgulho ferido me fazendo desejar encontrar Miguel pelo caminho, apenas pelo prazer de vê-lo esperando por mim, mas não encontrei ninguém. No corredor amplo do terceiro andar, observei a fileira de portas dos dois lados, perguntando-me qual seria a porta do quarto dele, qual daqueles insignificantes pedaços de madeira retangulares abrigava o homem que todas as mulheres queriam, mas que nenhuma podia ter.

Não fui capaz de saber.

Em meu quarto, troquei o vestido por uma camisola pequena, escovei os dentes e deitei-me, imaginando como as coisas seriam dali em diante. Considerando que Felipe realmente quisesse algo sério comigo, como eu esperava, talvez não precisasse mais de Valentina, tampouco de ficar rastejando atrás de Miguel. Por outro lado, seria mais vantajoso tê-la ao meu lado que contra mim, primeiro porque ela conhecia o meu passado e podia me destruir se o revelasse ao meu suposto pretendente.

Segundo, porque se as coisas não dessem certo entre mim e Felipe eu ainda a teria para me dar o dinheiro que eu precisaria para resolver minha vida, ou me arranjar outro pretendente rico. No final das contas, dispensá-la seria um erro fatal.

Entretanto, eu já não tinha estrutura para dar em cima de Miguel, seria humilhante demais continuar me oferecendo depois de tudo o que ele me disse esta manhã, correr o risco de ser magoada e rebaixada de novo, como de fato seria. Mas eu não tinha outra escolha, ou o levava

para a cama, ou perderia tudo.

Naquele instante, arrependi-me amargamente por ter gasto todo o dinheiro que ele me deu quando eu ainda estava na pensão, pois se tivesse aguentado só mais um dia sem ir rodar a bolsinha na rua, Valentina não teria cruzado o meu caminho, Miguel teria me dado aquele emprego do mesmo jeito, sem que eu precisasse seduzi-lo, e teria conhecido Felipe da mesma forma.

— Droga! Droga! Droga! — praguejei alto, amaldiçoando minha falta de sorte.

No instante em que fechei a boca, houve uma batida na porta e quase dei um pulo na cama, sobressaltada. A primeira imagem que me veio à mente foi o rosto do vigia noturno, com aquele bigode horrível. É assim que alguns homens funcionam: se uma garota fica até tarde com um deles, é porque estava dando a boceta e se dá para um, é porque tem disponibilidade de dar para todos. Para eles é simples como somar dois mais dois e é por causa desse “cálculo tão simples” que mulheres sexualmente livres têm muito mais chances de serem vítimas de estupro.

— Quem é? — indaguei, encolhendo-me debaixo do lençol.

— Miguel. — sua voz calma e grossa me atingiu como o sopro de uma brisa fresca em um dia de calor, ouvi-lo foi tão reconfortante que meu coração se agitou dentro do peito, uma multidão de borboletas levantando voo em meu estomago, o que estava bem longe de ser por causa da minha necessidade material em tê-lo.

Levantei-me depressa, tentando me lembrar se a camisola em meu corpo era minimamente sexy e fiquei satisfeita ao constatar que era.

— Posso entrar? — Miguel perguntou, quando abri a porta.

Estava irresistivelmente charmoso dentro de uma calça de moletom folgada e de uma camiseta velha de algodão, com o cabelo emaranhado, a barba sem fazer e o rosto sereno como costumava ser antes daquela manhã.

Santo Deus! Como era bom olhar para ele sem que quisesse me queimar viva com o olhar!

Carregava lençóis e tinha um travesseiro debaixo do

braço.

— Por quê? — perguntei séria.

— Só pra garantir que você não vai gritar como uma louca e assustar as crianças caso apareça outra lagartixa.

— esboçou um sorriso suave, parecendo um garoto tímido.

Tentei manter-me séria e proibir sua entrada só para me vingar pela forma como me desprezou pela manhã, mas como resistir a tanto charme? Aquele homem me atraía de um modo que ficar longe era quase impossível.

— Ta bom. Pode entrar. — retribui ao sorriso, enfeitada, e afastei-me para dar-lhe passagem.

Miguel forrou os lençóis no chão, no mesmo lugar da noite anterior, antes de encarar-me de novo.

— Me desculpe por ter sido grosso esta manhã. — falou. — Espero que ainda possamos ser amigos.

Eu queria muito mais que sua amizade, não porque Valentina mandou, não porque eu precisava garantir meu futuro seduzindo-o, mas simplesmente porque todo o meu corpo clamava por ele, algo que ficava ainda mais

evidente agora. Eu olhava para Miguel e um filme pornô se projetava em minha mente. O queria mais que tudo nessa vida, por que razão eu nem podia imaginar, talvez realmente não existisse razão para as coisas do coração. Ter sua amizade não era suficiente, mas era o único meio de ficar perto e conseguir trilhar meu caminho até seu coração.

— Claro. Amigos. — abri um sorriso largo, estendendo-lhe a mão em cumprimento.

Ele sorriu de volta, apertando minha mão, o contato tão simples aquecendo meu sangue nas veias, o calor me percorrendo como uma corrente de eletricidade.

Deitamo-nos, ele no chão, eu na cama, sem enxergarmos um ao outro, o silêncio, quebrado apenas pelo canto dos grilos, se instalando no ambiente, enquanto meu corpo inteiro clamava por sua proximidade, recusando-se a ignorar sua presença tão perto. Minha pele estava quente, quase febril, meus mamilos doíam dentro da camisola, o meio das minhas pernas latejava, de modo que eu estava prestes a enfiar a mão dentro da calcinha em

busca de um alívio.

— O que há entre você e Felipe? — sua voz rompeu o silêncio depois de um longo momento, quando pensei que já estivesse dormindo.

— Por enquanto estamos apenas nos conhecendo.

— Vocês não se conheciam antes de hoje?

— Não. Por quê?

— Vocês pareciam tão íntimos lá fora.

Caraca! Ele esteve nos observando! A luz solitária acesa no terceiro andar era realmente a do seu quarto, o que provava que não era tão indiferente a mim.

Respirei fundo devagar, a fim de acalmar meu coração agitado no peito.

— Ele parece um homem com quem uma garota deve se envolver. É sério, rico, bonito e muito gentil.

— Ser rico ou pobre faz diferença?

Merda! Eu não devia ter dito aquilo, agora era tarde para voltar atrás.

— Faz sim. Uma mulher precisa de segurança financeira para educar seus filhos. — houve outro longo

momento de silêncio e me recusei a ir dormi sem falar um pouco mais com ele, simplesmente porque gostava do som da sua voz. — Vocês se conhecem há muito tempo?

— Sim. Desde crianças.

— E então? Ele é mesmo um bom partido? — merda!

Não pude acreditar que realmente perguntei aquilo.

— É um cara legal e se o dinheiro importa, sim, ele é, pois é muito rico. Agora vamos dormir, amanhã a rotina começa cedo.

Fechei os olhos e tentei ficar quieta, mas não consegui relaxar, estava excitada demais com aquele homem tão perto. Remexi-me de um lado para o outro, tentando amenizar o fogo dentro de mim, mas só havia um meio de apagá-lo. Assim, levei uma mão ao meu peito e a outro ao meu sexo, massageando o mamilo e o clitóris ao mesmo tempo, em círculos, sem deixar escapar qualquer ruído que desse indício do meu ato insano, imaginando que eram as mãos de Miguel no lugar das minhas.

— Miguel... — seu nome doce escapou-me dos lábios em um sussurro quase inaudível.

— Sim? — para minha total surpresa, sua respiração estava ofegante, denunciando sua excitação.

— Depois que se tornou padre, você nunca mais desejou uma mulher?

Ele ficou em silêncio e quando achei que não responderia, falou:

— Sim, apenas uma. Mas nunca a terei.

Ele estava falando de mim, não tive dúvidas e apesar de mencionar a palavra “nunca”, na qual eu não acreditava, sua confissão, unido ao timbre rouco de excitação da sua voz, foi como uma carícia erótica no meu corpo sequioso, elevando tanto a minha excitação, que deixei escapar um gemido alto, enquanto me masturbava, chegando muito perto da minha libertação.

— Manuela... Não faz isso... — sua voz estava ainda mais rouca, a respiração mais pesada, o que foi o estopim para a minha perdição.

Sem conseguir conter a sucessão de gemidos de súplica que partiam da minha boca, gozei na minha mão, convulsionando sozinha na cama, apertando as pernas uma

na outra, imaginando mil cenas pornográficas nas quais Miguel e eu éramos os protagonistas, até que calmaria me tomou e fiquei imóvel.

— Boa noite Miguel. — falei, me aconchegando sob os lençóis.

Ele não respondeu, pelo menos não antes que meu corpo, agora relaxado, mergulhasse em um sono profundo e tranquilo.

Quando acordei na manhã seguinte, estava sozinha no quarto, com o sol fraco da manhã invadindo o aposento através da janela aberta. Sentia-me renovada, como se tivesse ganhado um novo sopro de vida, tudo porque Miguel confessou que também me desejava, como se isso fosse mais importante que o fato de eu ter conhecido alguém como Felipe. Parecia que minha cabeça tinha aderido completamente a uma louca troca de valores. Mas isso não importava, as coisas estavam finalmente dando certo para mim e isso sim era significativo.

CAPÍTULO IX

Levantei-me bem-dispostas e fui para a janela respirar

o ar puro e fresco da manhã. Naquele horário o pomar bem cuidado ficava ainda mais colorido, com uma grande variedade de árvores frutíferas, sendo que as laranjeiras eram as mais carregadas. Estava tudo quieto e silencioso do lado de fora, as vozes infantis partindo apenas das salas de aula no primeiro andar. Com as professoras tomando conta das crianças, eu não sabia exatamente qual seria a minha função, restava perguntar a Miguel e assim ter um bom pretexto para falar com ele sem parecer oferecida.

Durante o banho, ao fitar-me no espelho do banheiro, notei o quanto estava diferente, com a pele mais saudável e luminosa, as olheiras que me acompanhavam desde que comecei a passar minhas noites em claro não existiam mais, até os olhos tinham ganhado um brilho novo, o que atribuí às noites de sono que há muito tempo não tinha. Animada com a mudança, decidi dar maior atenção ao visual e escolhi um vestidinho amarelo claro, com elástico no decote sem alças, apertado na cintura com a saia curta soltinha. Deixei o cabelo solto, passei um

pouco de gloss e calcei chinelos enfeitados com miçangas coloridas, para que ficasse bonita sem passar a impressão de que tinha me produzido demais.

No primeiro andar, fui recebida por um Denilson sorridente e caloroso, da forma como todos os demais funcionários se mostravam, o que me surpreendeu um pouco, visto que, no fundo, eu esperava pela hostilidade deles, afinal por duas noites seguidas atraí o patrão para o meu quarto, um homem Santo, embora nem minha consciência me acusasse por cobiçá-lo, me sentia culpada apenas pelo plano maligno, elaborado por Valentina, que havia por trás das minhas intenções e embora não fosse apenas esse o motivo que me incentivava a atraí-lo — mas também o desejo ardente de ser sua, mesmo que por uma noite apenas —, não podia nem pensar no tamanho do ódio que Miguel sentiria se descobrisse a verdade. Era melhor nem pensar nisso mesmo.

Perguntei a Gabriela, uma das cozinheiras, onde encontrá-lo e ela gentilmente mostrou-me onde ficava a entrada de um porão, algo que eu só tinha visto em filmes

antes, nem sabia que existia de verdade. Diferente dos porões fictícios, aquele era limpinho, cheiroso e bem iluminado, decorado com armários de aço novos, muitas caixas de papelão bem organizadas em uma pilha, brinquedos e a mesa retangular com computador atrás da qual Miguel se encontrava sentado, tão concentrado na tela do aparelho que demorou um segundo para notar a minha presença.

— Oi. Não quero incomodar. — sorri pela simples satisfação de olhar para seu rosto lindo.

Ele me encarou a princípio sério demais, fitando-me fixamente, depois abriu o mais irresistível dos sorrisos, seu olhar assumindo um brilho árduo.

“Miguel, querido, você já está na palma da minha mão. Só ainda não se deu conta disso.”

— Você não incomoda. Senta aí.

Gesticulou para a cadeira do lado de cá da mesa e apressei-me em sentar, movendo meu corpo de forma sensual diante do olhar desinteressado dele. — só que agora eu sabia que era um falso desinteresse.

— Por que seu escritório fica em um porão?

— Não havia mais espaço lá em cima e aqui é mais tranquilo e silencioso, pois isola as vozes das crianças.

Só depois que ele falou, notei o quanto realmente estava silencioso.

— E não fica sem ar?

— Não. Os canos se encarregam de fazer a ventilação.

— ele gesticulou para canos enormes no teto. — E então, o que veio fazer aqui?

— Saber qual será minha função, pois vi que as crianças estão todas sob os cuidados das professoras.

— Auxilie-as. Acompanhe algumas delas caso queiram ir ao banheiro, ajude na hora do almoço e principalmente na hora da recreação. Pelo que vi você é boa nisso.

— Eu sou?

— Sim. Te observei ontem.

— Observou? — sorri da forma mais maliciosa que podia e ele esfregou sua nuca, demonstrando embaraço.

— É de praxe observar o trabalho de novos funcionários. — jogou-me o balde de água fria que

parecia ter constantemente reservado para mim.

— E a sua noite, como foi? Dormiu bem? — indaguei.

Novamente, ele ficou desconcertado, só que desta vez não desviou o olhar do meu, sua face ficou vermelha, sua expressão se perdendo e eu podia apostar que era nas lembranças dos meus gemidos. Homem nenhum ficaria

indiferente a uma mulher se masturbando bem ao lado, eu tinha quase certeza que sua noite foi longa.

— Sim, dormi. — mentiu. — Não quero parecer mal-educado, mas tenho um monte de relatório para preencher para o governo.

Entendi, ele estava me dispensando. Mas já? Não foi suficiente, eu queria passar mais tempo ao seu lado, necessitava da sua proximidade e da sua atenção como um leproso necessitava de alívio. Pensei em subir na mesa e atacá-lo, depois cogitei levantar minha saia curta, tirar a calcinha e me tocar bem ali na frente dele, para que tivesse toda a sua atenção, todavia, não tive coragem de fazer nem uma coisa nem outra, pois se agisse assim estaria me rebaixando demais.

— Ta. Não quero incomodar.

Levantei-me, dei-lhe as costas e fui para a saída, rebolando dentro da saia curta, ciente de que ele olhava para o meu traseiro.

A manhã demorou a passar, devido ao fato de que eu não tinha quase nada para fazer, apenas acompanhava

alguma criança menorzinha ao banheiro e vigiava os travessos que eram enviados para a sala de castigo. Desta vez o almoço foi mais organizado que no domingo, visto que as professoras conseguiam controlar melhor as crianças e conseguimos até almoçar com calma, todos os funcionários reunidos em uma única mesa.

À tarde as coisas se tornaram mais animadas, com a criançada brincando do lado de fora, quando pude participar das atividades e ver Miguel com mais frequência, já que deixou o isolamento do seu escritório no porão para observar as coisas e entre uma visita que recebia e outra, participava das brincadeiras também, parecendo um menino inocente quando se misturava com os pequeninos durante a prática algum esporte ou brincadeira. Por várias vezes me peguei olhando para ele demoradamente,

como

se

estivesse

em

transe,

esquecendo-me de tudo mais a minha volta.

Depois que Felipe me telefonou mais ou menos umas cinco vezes, dizendo que só queria ouvir a minha voz e confirmar nosso encontro daquela noite, foi a vez de Valentina ligar. Afastei-me das meninas que brincavam no parquinho para falar com ela. Disse estar a caminho de Santa Maria, vindo visitar Miguel e com toda a sua aspereza, advertiu-me de que eu não devia falar com ela e assim fingir que não a conhecia, um aviso desnecessário, pois eu sabia muito bem que precisava manter nossa ligação em segredo.

Alguns minutos depois, a BMW cor de prata estacionou ao lado do meu carro velho e da moto caindo aos pedaços de Miguel e ela saltou, parecendo uma rainha dentro do vestido de seda creme, com a saia longa, colada, de onde a coxa bem torneada saltava através de uma fenda; as sandálias de saltos altos delicada, unida aos óculos escuros e ao cabelo loiro, cujo cacho esvoaçava com o vento, emprestavam-lhe um charme digno das

modelos das passarelas. À luz do dia ela era ainda mais bonita que à noite, parecia uma miragem, tinha a pele de porcelana, as feições do rosto muito bem desenhadas e caminhava com altivez e ao mesmo tempo leveza.

Antes que ela alcançasse a porta, Miguel saiu da casa para encontrá-la a meio caminho e a estreitou em seus braços, demonstrando um afeto gigantesco ao apertá-la contra seu corpo, demoradamente, o que me causou um aperto no coração, uma sensação ruim de angústia sem razão alguma, afinal eles pertenciam um ao outro, pela forma como se encaram, antes do abraço, era evidente que ainda se amavam, precisavam apenas se livrar da batina que os separava e era para isto que eu estava ali.

Minha garganta queimava enquanto os observava entrando na casa de braços dados, demonstrando intimidade e afeição. Perguntei-me que motivo levaria Miguel a desistir de se casar com aquela mulher para se tornar padre. Estava mais do que claro que os dois se davam bem, que ainda se amavam, portanto devia haver uma razão muito forte para que rompesse o noivado e

mudasse radicalmente seu destino. E eu queria saber que razão era esta. Estava mais curiosa que nunca. O indagaria a este respeito ainda naquela noite, se fosse ao meu quarto novamente.

Miguel e Valentina passaram o resto da tarde trancados no escritório dele, enquanto minha mente poluída passava cada longo minuto imaginando o que estavam fazendo lá dentro. Será que ela finalmente obteve sucesso em convencê-lo a abandonar o voto de castidade? A única certeza que eu tinha, era a de que obviamente estava tentando, o que podia ser arriscadíssimo para mim, pois se conseguisse não precisaria mais dos meus serviços e não me daria o que pedi em troca. No instante em que fiz tal constatação decidi mudar as coisas, pediria metade do meu pagamento em dinheiro — adiantado, claro — e a outra metade com favores sociais, afinal eu já tinha conhecido Felipe, não precisava mais dela para isto, embora fosse bom ter aquele acordo à minha disposição, para o caso de eventualmente Felipe não querer nada sério comigo.

Era quase noite quando os pombinhos saíram do escritório no porão, ainda de braços dados, Valentina se mostrando meio abatida, para a minha satisfação, claro. Estávamos todos reunidos no refeitório quando passaram sem olhar para os lados e novamente me senti angustiada ao vê-los tão íntimos. Mas o que eu esperava? Eles foram namorados por toda uma vida. Se havia uma intrusa naquela história, essa intrusa era eu e se alguém teria o direito de se sentir magoada, esse alguém era Valentina. Eu tinha mais era que ficar quieta no meu canto, embora fosse impossível permanecer indiferente.

Aquela noite Miguel nem jantou, pelo menos não que eu visse. Depois de ir levar Valentina em seu carro, recolheu-se para o terceiro andar e não o vi mais.

Decidi que falaria com Valentina sobre a mudança em nosso acordo apenas no dia seguinte, para não a importunar em um momento de tristeza.

Como combinado, às oito horas Felipe chegou em seu Dodge preto, usando camisa xadrez, botas e jeans, de novo. Só faltava o chapéu de palha para que parecesse um

verdadeiro peão. Desta vez eu o aguardava sentada na amurada da fonte. Forcei meus lábios a se curvarem em um sorriso largo quando me levantei para recebê-lo, esperando ele me agarrasse pela cintura e me desse um beijo na boca, mas tudo o que fez foi me dar um selinho rápido, mantendo seu corpo longe do meu.

Homens! Não sabiam mesmo distinguir o momento em que deviam avançar o sinal. Para Felipe aquele era o momento certo, pois eu estava carente, angustiada e meio necessitada de sexo. Só esperava que ele fosse melhor na cama que na conversa.

As

horas

se

arrastaram

lentamente

enquanto

“namorávamos” de mãos dadas explorando os espaços externos do casarão, falando bobagens sem relevância, como dois adolescentes. A janela no terceiro andar, que

agora eu sabia ser a do quarto de Miguel, foi a única a continuar acesa depois das nove horas e novamente meu olhar era atraído para aquela direção a cada dois segundos, com a esperança de vê-lo, mais que isso, com a esperança de que estivesse me vigiando, mas não havia nada lá que não uma cortina branca dançando ao sabor do vento.

Disse a Felipe que na noite seguinte pretendia ir a uma festa de aniversário com uma amiga — a garota que Valentina me apresentaria

— No aniversário do Antônio? — ele indagou surpreso.

— Não faço ideia. Conheci essa garota quando estava procurando emprego. Ela só me disse que seria uma festa de aniversário, não me deu o nome do aniversariante.

— Deve ser do Antônio, só ele mesmo pra fazer uma festa no meio da semana. Sou amigo dele e vou à festa também. Se você quiser, posso vir te buscar.

— Não precisa. Já combinei com ela. Se for com outra pessoa ela pode ficar chateada. Mas nos veremos lá.

Se eu fosse com ele, Valentina saberia que eu já não precisava tanto dela e perderia a confiança. Além do mais, era bom para o nosso relacionamento aquele tipo de coisa, para que sentíssemos falta um do outro — pelo menos que ele sentisse a minha, pois dificilmente eu me lembraria dele — e lhe daria um bom motivo para pensar em mim.

Assim, quando inclinou-se para me dar outro selinho de despedida, enlacei os braços em torno do seu pescoço e o puxei para mim, beijando-o de forma erótica, como todo homem gosta, enquanto colava meu corpo no seu, me esfregando nele, obtendo o resultado que queria quando senti a ereção empurrando meu ventre.

Uau! Até que ele dava para o gasto!

Depois do beijo, Felipe estava sem fôlego, seus olhos arregalados brilhando de luxúria, o que me fez sorrir, de pura satisfação.

— Nos vemos na festa então? — ele perguntou, com a respiração ofegante.

— Com certeza.

— Sentirei saudades.

Eu podia apostar que sim.

Com isto, deu-me as costas e foi para o seu carro caro, enquanto eu me perguntava se masturbaria ou procuraria uma profissional para aliviar o tesão que lhe despertei deliberadamente.

Para mim, a noite começava a partir daquele momento, com a expectativa de ter Miguel em meu quarto novamente. Ele dissera que éramos amigos e que precisava se assegurar de que eu não gritaria de novo e assustaria as crianças, o que era suficiente para garantir sua companhia por mais noites, até chegar o momento que não resistiria a mim. Ele é homem, homens não conseguem resistir ao sexo por muito tempo, tendo-o tão à disposição.

Subi a escada larga quase correndo. No quarto, apressei-me em trocar o vestidinho azul céu, curto e colado, por uma camisola minúscula marfim, simples, porém sensual. Escovei os dentes, penteei as ondas generosas do cabelo, espalhei hidratante por todo o corpo,

passei um pouco de gloss e para finalizar, borrifei um pouco de perfume no pescoço. Queria estar linda para o homem que eu desejava de verdade e constatei que havia alcançado esse objetivo quando fitei meu reflexo no espelho do banheiro.

Acomodei-me sob os lençóis e esperei pela batida na porta, mas ela não aconteceu. As horas se passaram e nada de Miguel aparecer.

Por Deus! O que houve? Ele disse que viria.

Rolei de um lado para o outro, intermináveis vezes, levantei-me e perambulei pelo quarto, impaciente, ansiosa por vê-lo perto de mim. Pensei em desistir e deitar-me, mas sabia que não conseguiria adormecer sem vê-lo antes, era quase uma obsessão o que aquele homem me fazia sentir.

Por fim, decidida a ir atrás do que queria e precisava, peguei meus lençóis da cama, um travesseiro e deixei o quarto, procurando qual das portas no corredor era o aposento dele. Baseei-me na luz acesa que via quando estava lá fora com Felipe e bati, receosa que outra pessoa

abrisse. Se fosse Helena, tudo bem, eu podia dizer que estava com medo de ficar sozinha porque não tinha costume com o campo, pior seria se fosse Denílson a abri-la, aí só Jesus na causa.

Não precisei bater mais que uma vez, logo a porta se abriu e para minha total satisfação era Miguel dentro do quarto. Alguma coisa se revolveu dentro de mim quando olhei de perto para o seu rosto lindo, a pele ligeiramente queimada de sol, as sobrancelhas grossas sombreando os olhos azuis claros, a barba sem fazer dando-lhe um aspecto ainda mais masculino e gostoso. Usava apenas uma calça de moletom, o peito musculoso à mostra atraindo-me como água no deserto. Estava sério demais, não irado como vi algumas vezes, parecia triste desta vez, angustiado.

— Desculpe incomodar, mas vi uma lagartixa passeando pelo teto e tive a impressão de que pularia na minha cama a qualquer momento. — menti, encolhendo os ombros e fui recompensada pelo seu sorriso lindo.

— Você não pode ficar aqui. — disse, ainda sorrindo.

— Imagina se vou colocar as crianças em risco de acordarem com um grito de susto meu. — fui entrando mesmo sem ser convidada. Seu quarto era do mesmo tamanho do meu, apenas a mobília era um pouco diferente, em vez de escrivaninha, havia uma estante repleta de objetos religiosos e livros. — Prometo que não vou incomodar. Fico aqui no chão bem quietinha, mas por favor, não me manda de volta pra lá.

Fui forrando os lençóis no chão, antes mesmo que ele fechasse a porta.

— Seu namorado pode não gostar de saber que você passou a noite no quarto de outro homem.

— Ah, mas você não é um homem, e sim um padre.

Certo?

Ele sorriu ainda mais amplamente e precisei de um esforço gigantesco para não ceder ao impulso de me atirar em seus braços e me refestelar com o sabor daquela boca linda.

Por fim, Miguel fechou a porta e vestiu uma camiseta de malha antiga.

— Pode deitar na cama, eu fico no chão. — disse.

— Aqui está bom. Não quero incomodar. — deitei-me no chão duro, apenas para jogar charme, já sabendo que não dispensaria sua oferta de me dar a cama.

A ideia foi boa, pois quando me espichei sobre o lençol, esticando pernas e braços, de maneira sensual, Miguel estacou, seu olhar se perdendo em cada curva do meu corpo, para depois encontrar o meu e ficamos nos encarando enquanto éramos envolvidos por uma energia estranha, carregada de luxúria, que me fez abrir a boca para puxar o ar, enquanto meu coração assumia um ritmo descompassado no peito.

Putá merda! Aquele homem tinha fogo no olhar, devia ser uma máquina na cama, por isso Valentina era tão apaixonada. Eu queria experimentá-lo e queria demais.

CAPÍTULO X

Eu estava excitada demais, quase entrando em combustão, quando Miguel desfez o contato visual, olhando para todas as direções, menos para mim. Estava lutando contra si mesmo, contra o desejo que sentia.

— Por favor, deita na cama. — insistiu, tentando disfarçar o tom rouco de excitação.

Sentindo-me meio desnorteada, com a intensidade daquela energia que ainda pairava no ambiente, não esperei que ele falasse uma terceira vez e mudei-me do chão para a cama, afundando no colchão macio, inebriada com seu cheiro gostoso impregnado nos lençóis, uma mistura de perfume almiscarado com suor limpo, o que contribuiu para o crescimento da minha excitação, minha intimidade palpitava ansiosa, minha respiração se recusava a normalizar.

— Deita comigo. — eu praticamente supliquei, com um fio de voz, como jamais imaginei que faria um dia.

— Não começa Manuela. Há poucas horas você estava beijando outro homem na boca, como pode me fazer uma proposta dessas logo depois? — não disfarçou a irritação no tom da voz e fiquei satisfeita por saber que estava olhando enquanto eu e Felipe nos beijávamos.

— Vocês são coisas diferentes pra mim. Felipe é o homem com quem pretendo me casar e constituir uma

família. E você é o homem que eu desejo, desejo tanto que chega a doer por dentro. Eu te quero demais Miguel, como jamais quis outro homem na vida e sei que você também me quer, não adianta negar.

Por fim, ele olhou para mim de novo, fixando seu olhar cheio de fogo e irritação em meu rosto.

— Sim, eu quero. — parecia meio desesperado quando falou e meu coração bateu ainda mais depressa, pela confirmação de que o desejo em mim era correspondido.

— Quero muito mais do que você possa imaginar. Eu te desejei no instante em que a vi pela primeira vez naquela estrada e não há um só minuto em que não pense em tê-la em meus braços, não há uma só vez que eu te olhe e não fique a ponto de perder o controle e te fazer minha. Mas eu não posso, tenho um dever a cumprir, um destino a seguir. Você entende isso?

Eu não parei para pensar. Com toda a força do meu coração, com o desejo à flor da pele, com minhas emoções abaladas por suas palavras, deixei-me levar pelo impulso e praticamente saltei da cama, pulando em cima

dele, pendurando-me em seu corpo, com as pernas em torno dos seus quadris, os braços em volta do seu pescoço.

— Eu sinto o mesmo, mas não consigo ser tão forte.

Busquei sua boca com a minha, insistentemente, enquanto Miguel relutava, virando o rosto, usando as duas mãos para tentar me afastar, até que sua tentativa de resistir foi por água abaixo e ele me beijou com uma fome descomedida, deixando-me quase sem fôlego ao enfiar sua língua na minha boca, movendo-a com lascívia contra a minha, ao mesmo tempo em que suas mãos grandes e fortes me seguravam pelas costas, passando para as minhas coxas desnudas, quando então ele alcançou a parede e me pressionou contra ela, esmagando-me com o seu corpo delicioso.

Minha nossa! Ser beijada por aquele homem se equiparava a experimentar o cálice dos deuses, o sabor da sua boca era indescritível, não podia haver coisa melhor. Ele era impetuoso e me deixou a ponto de incendiar de tanto tesão à medida que se entregava, sua boca quase

devorando a minha, suas mãos se enterrando sob minha camisola, apertando os músculos das minhas nádegas, sua ereção, firme e quente, se esfregando contra meu sexo por sob sua calça e minha calcinha delicada, completamente lambuzada.

Enterrei meus dedos em seu cabelo macio e tentei abrir mais as pernas para buscá-lo mais intimamente, mas eu estava paralisada pela força do seu corpo de um lado e pelo concreto duro da parede do outro, totalmente presa, experimentando sensações que sequer cogitava existirem, meu corpo inteiro suplicando por senti-lo por completo, por ser possuído, todavia, quando esperei que me fizesse sua, ele simplesmente parou, soltou-me com rapidez, afastou-se alguns passos e deu-me as costas, respirando fundo para tentar aplacar o desejo que o dominava.

Ardendo desde a ponta do dedão do pé até o último fio de cabelo, abandonada contra a parede, perdida, desnorreada, aproximei-me e tentei tocá-lo de novo, por trás, numa súplica silenciosa para que continuássemos, mas Miguel deu um passo à frente, repelindo-me como se

eu tivesse uma doença contagiosa.

— Por favor, sai daqui. — falou, sem se virar para me encarar.

— Eu não vou sair. Para de lutar contra o que sente. Deixa de ser covarde! — eu estava me cansando de implorar.

— Eu não posso. — virou-se de frente, o rosto vermelho por causa da excitação, os olhos ainda carregados de luxúria. — Por que é tão difícil pra você entender isso? — praticamente gritou.

— É difícil mesmo! — gritei de volta. — Como pode alguém se fechar pra vida por causa da religião? Não que eu tenha algo contra a religião, mas você pode adorar a Deus, ser católico ou até mesmo evangélico, sem deixar de viver. Você não está vivendo Miguel. Se me deseja tanto quanto eu a você, sei o quanto está doendo não poder saciar esse desejo. Vale à pena esse sacrifício por causa do sacerdócio?

Ele desviou o olhar para os próprios pés, apoiou as mãos na cintura, meneou a cabeça negativamente. Quando

voltou a me encarar havia dor na expressão dos seus olhos, uma dor tão profunda que tive vontade de me agarrar ao seu corpo de novo, desta vez para consolá-lo.

— Não se trata apenas do sacerdócio. Eu devo isso a alguém.

— Quem?

— Muita gente. A começar a mim mesmo.

Como eu desconfiei, havia um motivo para ele ter se tornado padre que ia muito além de uma inclinação religiosa e eu estava muito curiosa para saber do que se tratava.

— Me explica. Eu quero entender.

Ele refletiu por um instante, como se hesitasse em falar, ou não soubesse por onde começar.

— Você viu aquela mulher que veio aqui esta tarde?

— Sim, a loira. — e quem não veria?

— Éramos noivos. — sentou-se na beirada da cama e me acomodei ao seu lado mesmo sem ser convidada. — Aconteceu há muito tempo. Começamos a namorar ainda na adolescência. Nós e nossa turma, éramos o que se

chama de os porras loucas da cidade. Fazíamos arruaças, nos drogávamos, arranjávamos brigas com todo mundo e fazíamos apostas com racha de carros. — foi difícil imaginá-lo da forma como descrevia. — Costumávamos ir passar os finais de semana em Goiânia, fazendo farra. Em um desses finais de semana, participamos de uma competição de racha na periferia da cidade. Eu era o melhor corredor entre todos naquela época e Valentina costumava ir no carro comigo, fazendo papel daquilo que se chama de mascote, nesse meio. Tínhamos ganhado todas as corridas, faltava apenas uma, a grande final, o prêmio era a reputação e eu fazia questão de preservar a minha de melhor corredor. Na madrugada que antecedeu a corrida, fomos a uma danceteria ali perto, em uma favela da cidade. Éramos quatro, Valentina, o irmão dela Beбето, a namorada dele e eu. Estávamos muitos loucos, bebendo e nos drogando muito. Pra gente era só aquilo que importava: a farra. No meio da bagunça três caras me arrastaram para os fundos da danceteria, onde um quarto homem me esperava, dizia ser o chefe do tráfico da área.

Ele tinha acompanhado todos os rachas da competição, viu que eu ia ganhar a final e me ofereceu dinheiro pra perder, porque o sujeito com quem eu ia competir era um dos homens dele e queria preservar o conceito do cara, coisa de traficante, sei lá. Eu sorri da cara dele, não precisava de dinheiro, porque tinha de sobra. Meus pais sempre foram ricos. Então ele me ameaçou, disse que se eu ganhasse aquela corrida, um dos meus amigos ia morrer. — Miguel afundou o rosto entre suas mãos, desesperado e não consegui me segurar, o envolvi com meus braços, tentando consolá-lo em sua dor. Entretanto, ele se afastou, levantando-se depressa, como se tivesse contraído alergia a mim. — Eu não sei se não acreditei que aquele sujeito cumpriria a ameaça, ou se não liguei. Eu só queria vencer a corrida e venci. Quando acabou, antes mesmo de eu fazer a curva de volta do local de chegada, ele e seus homens colocaram Beбето ajoelhado na frente dos faróis do meu carro e deram um tiro na cabeça dele.

Sua voz tremeu ao pronunciar a última frase, ao mesmo

tempo em que todo o seu corpo estremecia. Quis ir até ele e abraçá-lo, ajudá-lo a se livrar de toda a dor, mas sabia que ele se esquivaria de novo. Eu pude compreender que se sentia culpado. Quem no seu lugar não se sentiria? Ainda assim, não era suficiente para que abrisse mão de ter uma família para se tornar um padre. Não era justificativa.

— Não foi culpa sua. Você estava bêbado, não tinha juízo. Além do mais, se tornar um padre, se privando de uma vida ao lado de uma mulher, de ter filhos, não vai trazer o Bebeto de volta, tampouco vai mudar o que aconteceu.

— Não me tornei um padre a fim de mudar as coisas, nada mudaria e nada vai apagar aquela cena da minha memória. Eu tentei esquecer, tentei recomeçar, viajei para a Europa com Valentina logo depois, mas nada amenizou a culpa pelo que fiz, nada foi capaz de me fazer esquecer. A única forma que encontrei de amenizar aquela dor foi abrindo mão de tudo o que eu gostava para viver em prol de ajudar as pessoas. Essa é a minha retratação, e ao

mesmo tempo uma forma de mudar a mim mesmo, para que nunca mais uma vida se perca por minha causa.

Quando ele falou que abriu mão de tudo o que gostava, a primeira imagem que me veio à mente foi o rosto de Valentina, depois o momento em que ambos se abraçaram afetuosamente perto da entrada do casarão. Se uma mulher como ela não foi capaz de fazê-lo esquecer o que aconteceu, nem de convencê-lo a desistir de sua retratação, imagina eu.

— Você disse que Valentina ia no carro com você nos rachas. Ela não estava junto nesse dia? Não sabia sobre a ameaça?

— Sim, estava e sabia tudo. Estava tão bêbada e drogada quanto eu. Também não levou aquilo a sério.

— Mas ela estava lá, viu o irmão morrer, podia ter feito alguma coisa pra impedir, mas não fez. Tem a mesma parcela de culpa que você e nem por isso está se punindo. Pensa bem Miguel. Não foi você que puxou o gatilho, foram as circunstâncias. Não abra mão de toda uma vida por isso.

— No fim das contas estou certo de que escolhi o caminho correto. Da forma que estou não posso mais fazer mal a ninguém, não envergonho mais meus pais e ajudo quantas pessoas puder. A humanidade só tem a ganhar com a minha decisão.

— E quanto à sua felicidade?

— Quem te disse que não sou feliz assim? Eu sou ainda mais que antes. — sua mentira não me convenceu.

— E quanto a Valentina? Vocês não se amam mais?

Tremi por dentro enquanto esperava pela sua resposta.

Que ela o amava demais eu já sabia.

— Claro que sim. De uma forma diferente agora. Como amigos. No começo foi difícil pra nós dois acabar o que tínhamos, mas aprendemos a aceitar.

“Isso é o que você pensa!”

Minha mente girava com aquela revelação, nunca me passou pela cabeça que o motivo pelo qual Miguel tornara-se um padre fosse algo tão catastrófico. Juro que cheguei a cogitar se tratar de uma forma que ele encontrou de fugir do noivado com Valentina. Ledo engano! Pelo

menos agora eu entendia a sua determinação e não tinha mais certeza de que seria capaz de interferir na sua decisão, de tirar sua escolha. Já não sabia se podia induzi-lo a quebrar os votos. Apesar de acreditar que ele seria mais feliz tendo uma família, os motivos que o levaram a se tornar um padre eram graves demais, pelo menos na cabeça dele. Minha única certeza naquele momento era de que precisava arrancar o que pudesse de Valentina e conquistar rapidamente o coração de Felipe, pois ficar com Miguel parecia algo cada vez mais distante, principalmente depois daquela revelação. Ele já tinha perdido muito, eu não me perdoaria se tirasse o que lhe restou. Espantava-me que Valentina não respeitasse isso.

Se por um lado eu acreditava que ele seria mais feliz se abandonasse o sacerdócio para se tornar um pai de família, ao lado de uma mulher linda, rica e que o amava desesperadamente, por outro lado havia o risco de ele voltar a beber e se drogar, o que não lhe daria nada além de mais sofrimento. A verdade era que eu não sabia mais

o que fazer, não podia convencê-lo a quebrar os votos e assim arrancar uma escolha que fez à duras penas, correr o risco de jogá-lo de volta no vício. Entretanto, o que eu ia fazer com aquele desejo absurdo que sentia por ele? O jeito era esquecer o mais depressa possível, inventar para Valentina que continuava tentando até conseguir alcançar meus objetivos. Isso era o certo a ser feito e precisava começar agora, afastando-me daquele homem.

Procurei forças dentro de mim para deixar o quarto, mas não encontrei. Então decidi que passaria apenas mais aquela noite ao seu lado, sentindo sua proximidade perturbadora e seu cheirinho gostoso enquanto podia. A última noite.

Acomodei-me sob os lençóis enquanto Miguel se deitava no chão. O momento que se seguiu foi tomado pelo mais completo silêncio, apenas o canto dos grilos lá fora era audível.

— Por que você acha que Felipe é o homem com quem deve se casar? Por causa do dinheiro? — ele indagou, subitamente.

— Também. Mas principalmente porque parece ser um homem sério.

— E você acha que é certo se casar sem amor?

— E quem te disse que não o amo?

— Eu sei que não. Você acabou de conhecê-lo.

Só faltou ele completar: *“e se amasse, não estaria rastejando atrás de mim”*.

— Posso passar a amá-lo com o tempo. E quanto a você? Não pensou nos sentimentos de Valentina quando desistiu de se casar com ela?

Ele demorou um tempão para responder.

— Ela é uma mulher forte. Superamos o rompimento sem muita dificuldade.

Por Deus! Como ele podia não enxergar o quanto aquela mulher era louca por ele?

— Vocês pareciam bem ligados quando se abraçaram esta tarde.

— Ainda nos gostamos muito, só que como amigos.

Agora vamos dormir. Temos que levantar cedo.

— Boa noite.

— Boa noite.

Deixei um Miguel frio e distante na vida real, para encontrar um Miguel quente e apaixonado em meu sonho.

Era noite e estávamos correndo no pomar envolto pela penumbra, eu usava a mesma camisola pequena com a qual fui dormir e ele apenas a calça de moletom.

Corríamos felizes, sorrindo alto, ele atrás de mim.

Quando

me

alcançou,

abraçou-me

pela

cintura,

encurralando-me contra o troco grosso de uma mangueira,

grudando seu corpo gostoso no meu, seu tórax musculoso

esmagando meus peitos pequenos, fazendo meu sangue

ferver de tesão.

— Eu te desejo tanto, Manuela. — sussurrou, fitando-me com aquele olhar cheio de fogo que eu já tinha visto antes.

— Eu sou toda sua. Vim para o orfanato para ser sua.

— confessei.

Miguel tomou-me os lábios impetuosamente, beijando-me com muita avidez, enterrando a língua na minha boca, exigindo retribuição aos movimentos e lhe dei, beijando-o de volta, atritando minha língua na sua, com lascívia, o desejo me deixando a ponto de incendiar.

Suas mãos se infiltraram sob minha camisola, me acariciando inteira, apertando minhas nádegas e depois meus mamilos, deixando-me ainda mais doida. Levei minhas mãos ao seu peito largo, percorrendo seus músculos sólidos com a ponta dos meus dedos, enquanto sua ereção empurrava meu sexo, quase furando o tecido das roupas.

Esperava que ele arrancasse minha calcinha, descesse sua calça e me possuísse em pé, mas Miguel tinha outros planos, não menos prazerosos e quase me deixou louca em antecipação quando desceu sua boca gostosa, úmida e quente, pelo meu corpo, até a altura do meu sexo, quando só então rasgou minha calcinha delicada, fitando minha

intimidade com olhos brilhantes de luxúria. Me fez abrir mais as pernas e trouxe sua boca para mim, afastando meus grande lábios com os polegares, passando sua língua quente na minha fenda, em toda a minha extensão, do clitóris até a vagina.

— Ahh... — gemi alto, lançando a cabeça para trás, me acabando de prazer.

Miguel continuou lambendo minha boceta, movendo sua língua freneticamente sobre o meu clitóris, sem interrupção, até que me perdi de vez naquele mar de sensações que me arrebatava e meu corpo se retesou inteiro, anunciando o gozo. Foi quando passei a repetir o seu nome, sem controle algum, até que mergulhei no orgasmo alucinante e tudo que saia da minha boca eram gemidos altos, descontrolados.

Acordei com o som dos meus próprios gemidos, lamentando por voltar à realidade. Meu coração estava acelerado no peito, minha testa coberta de suor e o interior das minhas coxas lambuzadas pelo orgasmo que tive enquanto dormia. Era a primeira vez que gozava

dormindo, nem sabia que isso era possível.

Perguntei-me se não tinha acordado Miguel com meu barulho e quando olhei para checar, pude vê-lo profundamente adormecido no chão. Menos mal, se estivesse acordado acharia que fiz de propósito para provocá-lo.

Levantei-me na ponta dos pés, fui ao banheiro me lavar e adormeci rapidamente quando voltei para a cama, esperando por outro sonho daqueles, mas não tive sorte.

CAPÍTULO XI

Era dia quando acordei novamente sozinha no quarto.

O sol fraco da manhã penetrava o ambiente através da janela aberta, oferecendo um calor gostoso, junto com o ar puro e fresco. Só faltava ter Miguel junto comigo na cama para que minhas manhãs fossem perfeitas naquele lugar, algo com o que eu já nem contava mais, tinha desistido, me recusava a interferir em algo que era tão importante para ele, embora não fosse o melhor. Eu era egoísta demais para arriscar carregar uma culpa pesada como aquela nos ombros pelo resto da vida. Quando Valentina

me fez a proposta só concordei porque estava na pior e porque acreditei que se tratava de um homem religioso demais para se casar, mas a decisão de Miguel nada tinha a ver com a religião. Relembrei suas revelações da noite anterior, as quais me pareceram ainda mais absurdas naquela manhã. Era difícil imaginar um homem como ele se drogando, bebendo e participando de rachas.

Levantei-me sem pressa alguma, fui até a janela apreciar o sol banhando minha pele e respirar o ar fresco antes ir ao banheiro satisfazer minhas necessidades e lavar o rosto. Quando retornei ao quarto, não consegui evitar o impulso de explorar o ambiente, o lugar onde Miguel passava todas as suas noites, o cantinho secreto do homem que parecia ter mais importância para mim que qualquer outra coisa já teve. Comecei olhando os livros na estante, a maioria era de filosofia ou de religião; havia também uma extensa coleção de CDs, que iam desde duplas sertanejas a bandas de rock internacionais. Dentro do aparelho de som, havia um de Caetano Veloso, que deixei tocar em volume baixo. Olhei suas roupas, tirando

as batinas pretas, eram todas esportivas como as que usava diariamente, não havia sequer um traje de noite. Por fim, sentei-me na frente do seu computador, surpreendendo-me ao constatar que estava hibernando, de modo que precisei apenas apertar um botão para que ligasse, abrindo direto na caixa de entrada do seu e-mail. Havia dezenas de mensagens de Valentina, algumas antigas, outras mais recentes. Ignorando a vergonha na cara, deixei a curiosidade falar mais alto e abri uma delas. Tratava-se de um texto enorme, no qual aquela mulher declarava seu amor a Miguel, deixava claro a sua saudade, revelava o quanto era infeliz sem ele. Ela escrevia com a habilidade de uma poetisa e suas declarações pareciam tão desesperadas que

me comoveram, as lágrimas marejando meus olhos. Abri mais algumas mensagens, constatando que o conteúdo era o mesmo, juras de saudade, declarações de amor. Não resisti e fui checar o que ele respondia. Eram textos menores, mais objetivos, nos quais confessava que também a amava, mas sempre deixava claro, entre linhas ou não, que jamais ficariam juntos.

Realmente a história daqueles dois era triste e ao mesmo tempo comovente, daria um Best Seller se alguém a escrevesse. Quando desliguei o computador, eu não sabia de qual dos três sentia mais pena: se de Valentina por amar tão desesperadamente; se de Miguel por se culpar tanto pela morte do amigo; ou se do tal de Beбето, por ter perdido a vida ainda tão jovem e de forma tão vil, por um motivo tão fútil.

Afinal, eu não era a única pessoa do mundo a ter um milhão de problemas.

Ao voltar para o meu quarto, tomei um banho demorado e como não pretendia mais provocar Miguel, ignorei os vestidos curtos e vesti jeans confortável e

regata. Desci a escada decidida a telefonar para Valentina e propor o novo acordo, pois precisava me garantir de que não voltaria para a rua da miséria depois que ela descobrisse que nosso plano não ia dar em nada.

Apresentei-me aos demais funcionários, apenas para que soubessem que eu estava a postos, quando tomei um rápido café da manhã, para em seguida ir me refugiar no silêncio do pomar, sem ver Miguel pelo caminho, que certamente estava trancado em seu escritório. Eu precisava falar com ele, pedir-lhe para dar uma saída para comprar um vestido para a festa desta noite e uma chave da casa para entrar sem precisar importunar o vigia noturno quando voltasse durante a madrugada. Mas faria isso depois.

No pomar, sentei-me em um banco de madeira sob a sombra de uma árvore e usei o celular para digitar o número de Valentina.

— *Oi.* — ela atendeu no segundo toque, a voz áspera como sempre.

— Precisamos conversar.

— *Pode falar. Estou sozinha.*

— Quero mudar o acordo. Você me ofereceu quinhentos mil e eu optei por conhecer um cara rico e me mostrar uma mulher socialmente aceitável, certo?

— *Certo, e daí?*

— Eu quero metade de cada coisa, duzentos e cinquenta mil e apenas me apresente um cara bom, ok? — nem morta eu ia revelar a ela que já tinha conhecido esse cara, precisava que acreditasse que ainda precisava de seus favores, para que continuasse confiando em mim. — E preciso de cem mil adiantados, para me produzir para a festa desta noite e para Miguel. Ele não é um homem fácil, preciso investir no visual.

Ela ficou em silêncio por um longo momento e quando acreditei que me negaria o dinheiro, por não confiar pagar adiantado por algo que não era de certeza, como eu jamais confiaria, ela apenas se deixou levar pelos seus sentimentos.

Essa coisa de amor é uma furada mesmo.

— *Tudo bem, eu te dou os cem mil. Como estão as*

coisas entre você e Miguel? Teve algum avanço?

— Passei a noite no quarto dele, não fizemos o necessário, mas nos beijamos. — senti pena por saber que minha revelação a magoaria, mas eu precisava dar algo a ela a fim de incentivá-la a me dar o dinheiro.

— *Como foi?* — narrei-lhe cada detalhe, escondendo apenas o fato de ele ter me revelado a macabra verdade por trás da sua decisão de se tornar padre. — *Foi um ótimo avanço. Nenhuma garota conseguiu isso dele depois que optou por essa vida. Continue como está. Logo ele quebrará os votos.* — ela era mesmo muito otimista e muito forte, em seu lugar eu estaria me descabelando por saber que o homem que eu amava tinha beijado outra garota. — *Me passe seus dados bancários para que eu deposite o dinheiro.*

— Minha conta foi encerrada. Posso pegar com você?

— *Não podemos ser vistas juntas. Essa cidade é pequena e está cheia de gente fofoqueira. Vou deixar em um envelope com o recepcionista do hotel onde fomos. Você lembra onde fica?*

— Sim. E quanto à sua amiga? Está tudo certo para a festa de hoje?

— *Sim. Ela vai te ligar mais tarde para vocês marcarem em algum lugar. Vou desligar. Qualquer novidade me avisa.*

Com isto, encerrou a ligação, enquanto eu me sentia uma vigarista por saber que pegaria o dinheiro dela e não cumpriria minha parte do acordo. Mas eu nunca fui santa mesmo, a única vez que tentei andar na linha foi quando assumi um relacionamento com Fábio e olha o que aconteceu. Além do mais, Valentina é rica, cem mil não iam lhe fazer falta, era como cem reais para os seres humanos comuns.

Agora era vez de falar com Miguel, como meu chefe eu precisava da permissão dele para ir até a cidade. Assim, desci a escada que levava ao porão, encontrando-o sentado atrás da sua mesa, com seu olhar fixo no vazio à sua frente, como se estivesse em meio a uma profunda reflexão. Quando me aproximei o suficiente para que notasse a minha presença, fixou o olhar diretamente no

meu e as lembranças da noite passada voltaram-me com toda força, nitidamente, a medida que a excitação me fazia abrir a boca para puxar o ar, meu peito subindo e descendo devagar. Primeiro ouvi sua voz rouca confessando o quanto também me desejava, depois senti o sabor da sua boca na minha, seu sexo empurrando o meu por sob as roupas e por fim recordei-me do sonho. Foi impulsivo, desviei meu olhar para a sua boca ampla, muito bem desenhada e perguntei-me se ele fazia sexo oral tão gostoso quanto naquele sonho, o que só serviu para o crescimento do fogo que se alastrava pelo meu sangue, aquele formigamento delicioso se fazendo abaixo do meu umbigo.

Era incrível a intensidade das sensações que tomavam meu corpo com a simples proximidade de Miguel, considerando a quantidade de homens com quem já fiquei sem sentir absolutamente nada.

Não sei se foi impressão minha ou se minha face enrubesceu enquanto nos encarávamos em silêncio, envolvidos por aquela atmosfera extremamente sexual.

— Dormiu bem? — foi ele quem interrompeu o silêncio e embora tentasse disfarçar o tom rouco da sua voz e a respiração irregular, seu olhar luxurioso denunciava que estava tão excitado quanto eu.

— Sim. Sua cama é uma delícia. — *“gostaria de experimentá-la mais vezes.”* — Sobre o barulho que não sei se você ouviu, não foi proposital, eu estava sonhando.

— queria que ele soubesse que pelo menos daquela vez não estive me rebaixando.

— Eu não ouvi nada. — descansou as costas no espaldar da cadeira, como se buscasse um conforto que não tinha no momento. — Mas fiquei curioso. Com o que você sonhou?

Sentei-me na cadeira do lado de cá da sua mesa, ficando ainda mais perto, apenas a superfície retangular de meio metro entre nós.

— Acredite você não ia gostar de saber. — falei, sem conseguir desviar meu olhar do seu.

Miguel sorriu de um jeito diferente, parecendo um garoto tímido e ao mesmo tempo nervoso, percebi que era

um sorriso indesejado apenas quando seu olhar deixou o meu, descendo pela minha face, para se fixar na minha boca. Não perdi a oportunidade e umedecei os lábios com a língua, provocantemente.

Ah, meu Deus! O que eu estava fazendo? Parecia um vício tentar seduzir aquele homem. E ele, o que estaria pensando enquanto fitava minha boca daquele jeito? Estaria imaginando seu pau todo enterrado nela? Ah! Eu ia adorar isso. Pelo que pude perceber ontem à noite, ele tinha um pau enorme e muito grosso. Eu daria cinco anos da minha vida para senti-lo dentro de mim, em todos os meus orifícios.

— Conta.

Espantei-me que ele quisesse saber, pois vivia fugindo daquele tipo de assunto comigo. Estaria mudando de ideia sobre se libertar da batina? Eu nem ia me iludir acreditando naquilo, para não quebrar a cara depois.

— Ok, foi você quem pediu. — comecei. — Nós dois estávamos no pomar, sozinhos, à noite e você estava correndo atrás de mim, o que é espantoso, considerando

que sou eu quem vive correndo atrás de você. — era para ser uma piada, mas ele não sorriu, continuou me encarando fixamente com seu olhar quente. — Quando me alcançou, me encurralou contra o tronco de uma mangueira, beijou minha boca, tocou meu corpo e depois desceu a boca até o meio das minhas pernas. Abriu minha boceta com os dedos e deu uma grande lambida na minha vagina. — Sua expressão se tornou ainda mais fogaosa, suas pupilas dilataram, denunciando o quanto estava excitado. Eu podia apostar que seu pau estava duro a ponto de quase rasgar sua calça e tudo o que eu queria era encontrar coragem de ir até lá e montar a cavaleiro em seu colo, esfregar meu sexo no seu até gozar. Do jeito que eu estava, bastaria me esfregar nele para alcançar o orgasmo e nem demoraria. — Você já lambeu a boceta de uma mulher assim, Miguel?

— Você gozou com o sonho? — respondeu minha pergunta com outra.

— Sim. Acordei toda lambuzada. Por isso os gemidos. Ele percorreu seus dedos pelo cabelo curto,

bagunçando-os ainda mais, respirou fundo, devagar, várias vezes, com se tentasse sufocar o que sentia e como eu já esperava, estragou tudo ao abrir a boca para dizer: — Acho que essa conversa está indo longe demais. É melhor você subir.

Esse era o Miguel que eu conhecia, fugindo dos seus sentimentos, como um covarde. Eu não insistiria mais. Tinha mil razões para fazê-lo, mas não faria.

— Na verdade vim aqui por outra razão. — obriguei meu corpo a sufocar todo o fogo que jazia dentro de mim e fui firme ao falar. — Preciso da sua permissão para ir até a cidade comprar um vestido para a festa desta noite e preciso de uma chave da porta da frente para quando voltar de madrugada.

Uma ruga se formou no meio da sua testa.

— Em plena quarta-feira? Que festa é essa?

“É sério que um patrão pergunta esse tipo de coisa?”

— De aniversário. Vou com uma garota que conheci quando estava procurando emprego.

Encarou-me em silêncio por um tempão, seus olhos

refletindo algo indecifrável, até que por fim consentiu.

— Pode ir. De manhã tem pouco trabalho aqui. Te dou a chave quando você voltar.

— Obrigada. — Abri um largo sorriso na sua direção, para em seguida levantar-me e sair, sem deixar de rebolar o traseiro dentro da calça, claro.

De volta a Montana, no meu falso — porém ainda velho — carro, depois de tantos dias isolada no orfanato, achei a cidade ainda mais bonita que antes. As ruas eram largas se comparadas às ruas dos bairros residenciais do Rio de Janeiro, eram limpas, a sinalização bem organizada e apenas carros caros circulavam por ali.

Entretanto, o que mais chamava a atenção eram as casas, todas muito grandes e suntuosas, com jardins bem cuidados na frente, algumas com fontes, como no casarão Santa Maria. Lembrava um pouco o bairro Alto da Boa Vista no Rio, com a diferença que nessas os muros não eram tão alto, algumas sequer eram muradas.

No hotel onde Valentina e eu firmamos nosso acordo, recebi o envelope, muito bem lacrado, com os cem mil, do

garoto da recepção, que se mostrou muito curioso e desconfiado, embora nada dissesse. De lá fui direto para o cartório tirar novos documentos para poder abrir outra conta bancária e guardar a quantia, para evitar o risco de perder tudo de novo. Como esse processo demorava, precisava guardar o dinheiro comigo por enquanto.

Depois, segui para a loja de roupas mais cara e sofisticada pela qual passei quando procurava emprego, onde não fiz questão de economizar, comprando vários vestidos elegantes de noite, sandálias e acessórios. O passo seguinte foi ir ao cabeleireiro hidratar e escovar os fios, quando aproveitei para fazer umas luzes, deixando-os mais claros, com as ondas soltas como gostava.

Como passava do meio dia quanto terminei tudo, almocei em um bom restaurante e voltei para Santa Maria no início da tarde.

A rotina transcorreu normalmente pelo resto do dia.

Acompanhei crianças durante atividades recreativas, auxiliando as professoras e observei Miguel fazendo o mesmo, mergulhando naquele transe maravilhoso para o

qual era transportada toda vez que olhava para ele. Nos falamos apenas uma vez, muito rapidamente, na hora do lanche das crianças, quando ele veio me dar a chave da porta da frente. Por volta das cinco horas, Rita, a amiga de Valentina que me apresentaria à sociedade, ligou-me e marcamos de nos encontrarmos no mesmo restaurante onde almocei, já que era o único do qual me recordava o nome.

Para aquela noite, escolhi usar um vestido de seda longo rosa bebê, de uma alça apenas, com pregas na cintura e uma fenda na saia que partia do ápice da minha coxa, deixando toda a minha perna à mostra. Fiz uma maquiagem escura nos olhos e passei um batom clarinho. A sandália de salto bege ajudou a dar um aspecto ainda mais sofisticado ao visual. Fiquei satisfeita ao observar meu reflexo no espelho, constatando que estava sofisticada e ao mesmo tempo sensual.

Quando descii a escada do casarão, levava na mente a fantasia de que encontraria Miguel pelo caminho, ele se encantaria com a minha aparência, não resistiria, se

entregaria ao desejo que sentia, me tomaria e me faria sua. Eu abriria mão daquela festa por uma noite com ele. Mas eu não era uma pessoa muito sortuda e minha fantasia não se realizou.

Encontrei Rita no local combinado, espantando-me com sua aparência. Tinha o cabelo curto, escuro, cortado de forma irregular; usava um batom preto e se vestia como uma guitarrista porra louca de uma banda de rock. Quando ela disse, ao telefone, que seria a garota de preto sentada no bar do restaurante, visualizei uma garota tão sofisticada quanto Valentina, usando um tubinho de seda preto, com longo cabelo caindo pelos ombros e não uma Runaways contemporânea. Pelo menos ela era simpática e extrovertida.

— Caramba! Você é bonita. — falou depois que nos apresentamos. — Senta aí. Vamos beber alguma coisa. A festa fica boa mais tarde. — gesticulou para o banco ao seu lado.

Sente-me e pedi um Martini.

— Você e Valentina são amigas há muito tempo? —

perguntei, estranhando que Valentina tivesse uma amiga que não era sofisticada como ela.

— Desde crianças. Crescemos juntas. Quase todo mundo em Montana cresceu junto. É quase como se fôssemos uma grande família. E você, o que veio fazer nesse fim de mundo?

— Valentina não te contou?

— Não. Ela só disse pra eu te apresentar uns caras.

— Pois é isso. Vim conhecer um cara. Que seja rico, bonito e queira se casar.

Ela se mostrou totalmente incrédula, como se eu tivesse acabado de lhe revelar que a internet no Brasil seria limitada.

— Casar?! O que você tem na cabeça pra querer se casar?

— É o meu sonho.

— Enquanto eu só queria ser livre e viver no Rio, como você.

— Acredite você não ia querer a minha vida.

A princípio não entendi o que ela quis dizer com

querer ser livre, só descobri a medida que nos entrosávamos, conversando descontraidamente, quando confessou que seus pais a forçaram a ficar noiva do cara que herdou a fazenda ao lado da deles, para que as terras se unificassem se tornando a maior exportadora de carne bovina da região.

Minha nossa! Eu nem imaginava que esse tipo de união ainda existia. Tampouco imaginei que aquela garota tão rústica fosse mais uma herdeira rica e que se permitia ser forçada a casar com quem não queria. Eram muitos absurdos para uma vida só.

CAPÍTULO XII

Depois de alguns drinks e um pouco de conversa, fomos para o local da festa, Rita dirigindo um Audi conversível de luxo e eu no meu Fiat velho atrás dela. Não fiquei surpresa com a suntuosidade da mansão cujos portões adentramos. Tinha três andares, um jardim gigantesco muito bem podado na frente, em volta do qual estavam estacionados dezenas de carros de luxo. Cheguei a soltar uma gargalhada quando contemplei minha lata

velha parada no meio de tanto carro caro. Um vexame que estava perto de acabar, em breve eu estaria chegando às festas em Montana dirigindo um carro importado também.

Para isto, precisava apenas ser esperta, manter o foco e não permitir que algo interferisse nos meus objetivos.

Entramos. Já no primeiro salão da casa — um cômodo tão amplo que cabia toda a casa dos meus pais dentro —, havia vários grupos de pessoas conversando, saboreando o champanhe e a música sertaneja que partia dos fundos.

Meu alívio foi colossal quando constatei que a maioria das garotas se vestia de forma sóbria e elegante como eu e não de maneira despojada como Rita, de modo que ela ficou sendo a deslocada e não eu como temi, embora isto não a deixasse nem um pouco embaraçada, como eu me sentiria, pelo contrário, parecia totalmente à vontade

cumprimentando

as

pessoas

com

familiaridade,

apresentando-me a algumas, como se eu fosse a mais nova herdeira rica recém-chegada na cidade, exatamente como eu queria que aquela gente acreditasse, para que me aceitassem como parte de sua sociedade e assim eu tivesse a chance de construir o meu futuro ao lado de um homem rico, como Felipe.

Naquela noite percebi o quanto foi bom não ter dispensado os favores de Valentina, pois a forma como todos me tratavam, estando eu ao lado de Rita, vestida com elegância, era muito mais amistosa e simpática que quando vagava pelas ruas em busca de um trabalho.

Ambos os tratamentos nem se comparavam.

Atravessamos a casa repleta de pessoas circulando em todos os cômodos, até irmos parar no quintal, onde havia uma piscina enorme, em formato oval, em torno da qual se concentrava a maior parte dos convidados, alguns casais arriscando passos de dança na pista improvisada em um mimoso bangalô de palhas. Rita me apresentou a algumas pessoas, inclusive ao aniversariante, um garoto cheio de sardas que completava vinte e um anos e se mostrou muito

simpático e acolhedor.

— Pronto. — Rita falou quando não havia ninguém perto o suficiente para nos ouvir. — Você queria conhecer um cara e aí estão quase todos da cidade. Basta escolher um. — deu de ombros, parecendo uma vendedora de loja de sapatos apresentando à cliente a variedade de mercadorias.

Percorri os olhos em volta, examinando as possibilidades. Havia alguns caras bonitinhos, mas nenhum que se comparasse a Felipe. Ele era o mais charmoso, bonito e certamente o melhor partido se comparado a todos os outros. Mas onde estava? Será que não vinha à festa como prometera? Esperaria mais um pouco, se não aparecesse eu arranjaria outro, simples assim, pois uma mentira logo no início do relacionamento é imperdoável e mais imperdoável ainda é quando o homem evita ser visto em público ao lado da namorada. Isso sim, é o fim.

— Vamos beber. — dei de ombros e peguei duas doses de uísque de uma bandeja na mão de um garçom que

passava, dando uma a Rita, ingerindo todo o líquido da outra de um só gole.

Eu não era muito forte para o álcool, me pegava depressa, percebia que estava ficando bêbada quando começava a rir de tudo e já tinha começado, porque estava misturando o uísque com o Martine que tomei antes no restaurante.

Rita e eu estávamos perto da pista de dança improvisada quando percebi, satisfeita, que muitos olhares se voltavam para mim, tanto masculinos, quanto femininos. Os das mulheres serviam de aprovação, pois só se olha para outra garota quando o visual dela nos desperta interesse e o meu parecia estar despertando.

A música sertaneja cessou para que em seu lugar começasse a toca uma musica eletrônica internacional, totalmente dançante, quando então um rapaz loiro, que devia ter a minha idade, vestido de forma sóbria, com paletó por sobre a camisa sem gravata, veio me convidar para dançar, timidamente e aceitei. Misturamo-nos aos outros dançarinos e comecei a mover meu corpo ao sabor

da melodia, divertindo-me como costumava me divertir nas danceterias de Volta Redonda quando ainda morava na casa dos meus pais.

Depois da primeira música, Rita juntou-se a nós, formando uma rodinha, junto com um cara moreno que a acompanhava, o qual me apresentou como Roberto, seu noivo, embora ela não me parecesse nem um pouco contrariada ao lado dele como deveria estar se aquilo fosse um relacionamento forçado, como dissera.

A todo o momento Ivan, o rapaz que dançava comigo, ia em busca de mais uísque, mostrando o quanto era gentil e atencioso. Se fosse rico, daria um ótimo partido, caso Felipe não aparecesse.

As músicas agitadas se tornaram uma sucessão e continuamos dançando e bebendo cada vez mais animados, sem que Ivan desviasse seus olhos de mim nem por um instante, deixando claro que estava muito interessado, só que eu ainda precisava perguntar a Rita se ele era rico antes de retribuir. Não voltaria a cair na besteira de me envolver com outro falido, que só quisesse

me comer e me extorquir, como Fábio.

As batidas do meu coração mudaram de ritmo no instante em que enxerguei um par de olhos azuis claros encarando-me fixamente de em meio aos convidados que não dançavam. Era Miguel. Observava-me de longe, de um jeito reprovador e ao mesmo tempo cálido, o que me deixou desconcertada e ao mesmo tempo surpresa em vê-lo. Eu nem sabia que padres frequentavam festas. O que ele fazia ali?

Tentei ignorá-lo, mas foi impossível, tudo à minha volta perdeu a importância, conquistar um bom partido e uma boa posição social já não parecia fazer sentido algum, tudo em mim queria o homem dono daqueles olhos. Talvez pelo efeito do álcool, a necessidade em senti-lo mais intimamente se tonou gritante nas minhas entranhas, cada célula do meu corpo suplicava pela sua proximidade, tanto que eu teria abandonado tudo e corrido para os seus braços se não tivesse certeza de que seria rejeitada.

As pessoas que dançavam perto de mim perceberam a

mudança em meu comportamento e seguiram a direção do meu olhar, só então avistando Miguel, parado, conversando com um grupinho de pessoas que o cercava.

— Ah, minha nossa! Miguel está aqui! — Rita praticamente gritou, demonstrando uma espantosa empolgação. — Vou avisar Valentina. Ela vai surtar, depois vai vir correndo pra festa.

Tirou o celular do bolso da calça e digitou os números. Caralho! Quase me entreguei ao impulso de pular em cima dela e lhe tomar o celular. Era só o que me faltava! Agora além de tolerar a rejeição daquele homem, ia ter que passar toda a festa assistindo-o junto com Valentina, envoltos por todo o amor que sentiam um pelo outro.

“Ninguém merece!”

Por outro lado, bastava que eu mudasse de ambiente quando ela chegasse, a casa era espaçosa suficiente para isto.

— Eu não sabia que padres iam a festas. — falei e a gargalhada que soltei em seguida foi a prova de que já estava embriagada.

As pessoas à minha volta gargalharam também, achando que eu tinha feito uma piada.

— E não vão. Pelo menos Miguel não ia. — foi Rita quem falou, demonstrando tristeza. — desde que virou padre ele vive isolado de nós naquele maldito orfanato, depressivo. É a primeira vez que o vejo entre as pessoas de novo. — ela o cumprimentou à distância, com um aceno de cabeça ao qual Miguel retribuiu.

— Ele é depressivo? — indaguei confusa, jamais notei qualquer vestígio de depressão em Miguel.

— Ultimamente ele tem sido. — Rita respondeu.

— Mas também, depois do que ele fez, tinha mais era que ficar deprimido mesmo. — Roberto falou e tive que me segurar para não dar um murro no bastardo filho da mãe. Como podia julgar Miguel por algo que não foi culpa dele?

— Não fala assim, cara. Não foi culpa dele. — Ivan falou, mostrando-se mais humano que o outro.

— E foi culpa de quem? Os bandidos não teriam assassinado Beбето se não fosse pela vagabundagem dele.

— Roberto engrossou e mais uma vez eu quis voar no pescoço dele.

— Vamos parar com essa conversa, gente, se não acabaremos assustando Manuela. — Rita interveio.

— É verdade. — Ivan concordou com um sorriso.

A única forma que encontrei de voltar a me divertir sem pensar em mais nada, foi dando as costas para a direção onde Miguel estava e fingir que ele não existia, mas ignorar como, se eu só conseguia pensar no fogo em seu olhar?

O que eu sentia por aquele homem já estava indo longe demais. Lembrei-me das palavras de Margô ao me alertar sobre não me envolver com o homem errado de novo. Ela estava completamente certa, esse tipo de coisa era um atraso de vida. Gostar de Miguel significaria arruinar um futuro pelo qual eu lutava, pois despertaria a fúria de Valentina que certamente me destruiria num estalar de dedos se quisesse, contando a todas aquelas pessoas, inclusive ao meu suposto futuro marido, o que eu realmente era, o que fazia para ganhar a vida no Rio. Não

queria nem pensar nessa possibilidade.

Não olhei mais para Miguel, embora a vontade fosse grande. Voltei a me balançar com todo gás na pista de dança, motivada principalmente pelo efeito do uísque. Estava ao som de Lá Bamba, já bastante tonta, quando mãos fortes se fecharam na minha cintura, por trás e dei um pulo de susto. Durante a minúscula fração de segundos que gastei para me virar, só consegui pensar que fosse Miguel, mas como sempre me decepcionei, era Felipe. Estava vestido de forma sóbria, com o paletó por sobre a camisa branca, sem gravata e calça social. Tinha o cabelo desgrenhado, como se tivesse acabado de sair de uma transa selvagem no segundo andar e a pele estava coberta de suor. Afastei-me depressa do contato com suas mãos, esperando que tivesse uma excelente justificativa para seu atraso.

— Nossa! Você quase perdeu o fim da festa. — falei e gargalhei alto sob o efeito da bebida, diante do seu olhar surpreso.

— Desculpa o atraso. Eu tive que ir até a fazenda

ajudar uma vaca que ficou encalhada.

Eu devia acreditar? Busquei por evidências de que estivesse mentindo, tipo cheiro de álcool em seu hálito, perfume de mulher, ou manchas de batom, mas não havia nada. Ele só podia estar falando a verdade. Além do mais, se o dispensasse ia fazer o quê? ficar com Ivan? Entre os dois, eu preferia Felipe.

— Pelo menos conseguiu desencalhar a pobre da vaca?

— eu não conseguia parar de sorrir, e Felipe acabou indo na onda, rindo junto.

— Sim. Está tudo bem agora.

Olhei através dele e novamente enxerguei Miguel à distância, desta vez totalmente concentrado em Valentina, que já se encontrava ao seu lado, parecendo uma rainha em seu vestido de tafetá com rendas creme. A cena me deixou tão carente e fragilizada, que atirei-me nos braços de Felipe, sendo recebida por seu abraço apertado.

— Senti sua falta. — menti, tentando estabelecer um afeto para preencher o vazio causado por aquele que eu não tinha: o de Miguel.

— Eu também senti a sua. Mas agora estamos juntos.

— afastou-se o suficiente para fitar-me no rosto, seus olhos brilhavam de calidez, os dentes perfeitos contrastando com o tom moreno da pele, tornando-o um homem bonito. — Está se divertindo?

— Sim. Até demais. — dei outra olhada no casal mais bonito da festa, que conversava de muito perto sentados em uma mesa afastada e outra gargalhada me escapou.

— Espera, de onde vocês se conhecem? — Rita perguntou.

— Do orfanato. Fui à missa no domingo passado. — Felipe explicou, dando de ombros, depois cumprimentou a todos com apertos de mãos, sem jamais deixar de sorrir.

— Por que você não me disse nada, Manuela? — Rita continuou, só faltou completar a indagação com um: *“Por que não me disse que já tinha conhecido um cara e veio atrás de outro?”*

— Eu não sabia que vocês se conheciam. — gargalhei alto, dando na cara que estava bêbada. — Que coisa mais estranha, todo mundo aqui se conhece.

— É uma coisa comum em cidades pequenas. —

Felipe disse.

— E aí, Rita. Ele é um cara legal? — Eu esperava que ela tivesse entendido o que eu realmente queria saber sobre Felipe.

— Sim. Você conheceu a pessoa certa.

Satisfeita com sua resposta dúbia, não pensei duas vezes, pendurei-me no pescoço de Felipe e dei-lhe um beijo demorado e faminto na boca, meu organismo desprovido das sensações que eu tive quando beijei Miguel, o que não era nenhuma novidade para mim. Quando encerrei o beijo, fiquei satisfeita por perceber que Miguel estava olhando, assim saberia que não era a última bolacha do pacote.

Ivan saiu da nossa roda de fininho e continuamos dançando no mesmo ritmo animado, Felipe se mostrando um excelente dançarino, exalando muito charme ao realizar os movimentos de acordo com o ritmo da música. Após perguntar o que estávamos bebendo, de quando em quando ia em busca de mais uísque, enquanto eu ficava

cada vez mais bêbada.

Quando as músicas agitadas cessaram, substituídas por uma melodia romântica, nos juntamos na pista, como muitos outros casais, dançando abraçadinhos e nos beijando demoradamente, quando pude sentir sua ereção me empurrando por sob nossas roupas, sem que meu corpo reagisse minimamente. Em meu íntimo eu sabia que encerraríamos aquela noite na cama, tendo nossa primeira transa. Só esperava que fosse bom e não um sacrifício, como foi tantas vezes quando eu fazia por dinheiro, embora se fosse levar ao pé da letra, continuava sendo por dinheiro. Mas se não fosse pelo dinheiro, seria pelo quê? Amor? Era algo que não existia, pelo menos não para pessoas como eu.

Eu estava completamente embriagada, vendo tudo girar a minha volta, quando Felipe saiu me puxando pela mão na direção da casa, sem explicação alguma e temi que estivesse me levando para um dos quartos no segundo andar, pois ainda não estava preparada para pertencer ao homem com quem pretendia passar o resto da minha vida,

estava bêbada demais para ver as coisas, queria que fosse a outro momento, que fosse melhor.

— Pra onde estamos indo? — perguntei, com a língua muito enrolada devido ao álcool.

— Vou te levar pra se deitar um pouco. Você está muito tonta.

— Eu to bem. Não quero que você pense que sou uma bêbada.

— Não estou pensando isso. Só acho que você não é tão forte para o álcool quanto pensa.

Antes que alcançássemos a porta da casa, como se surgisse do nada, Miguel apareceu em nosso caminho, com Valentina logo atrás dele. Mesmo vendo tudo em dobro, fui capaz de constatar que aquele homem era a visão mais gloriosa naquele lugar.

— Está tarde, Manuela e temos que trabalhar amanhã. Estou indo para o orfanato agora e pelo visto você vai precisar de carona. — Miguel falou.

Abri a boca para recusar, mas Felipe me interrompeu antes que eu tivesse chance de falar.

— Ela não precisa de carona. Eu a levo.

— Não precisa se dar ao trabalho, eu estou indo pra lá mesmo.

Não sei se foi impressão minha, ou se os dois estavam se engalfinhando, disfarçadamente.

— Eu não estou bêbada, se é isso que vocês estão pensando. — retruquei.

— Minha nossa! Você está de parabéns por conseguir dançar a noite toda com esses saltos. — A voz de Valentina alcançou-me os ouvidos. De perto, ela parecia a boneca Barbie, com o cabelo dourado emoldurando o rosto perfeito, com pele de porcelana e o batom vermelho destacando os lábios carnudos. — Prazer, sou Valentina.

— estendeu-me a mão me parecendo tão simulada que só consegui sorrir, gargalhando sem parar como uma bêbada desvairada.

Neste momento, ouvi uma algazarra de pessoas ao lado, os convidados estavam mergulhando na piscina, vestidos, fazendo a maior farra e não consegui me conter. Seguindo a um impulso, fui até lá e pulei na água, que

estava uma delícia, aquecida e funda. Valentina, Miguel e Felipe vieram para a borda para me observar, e quando esperei que Felipe pulasse atrás de mim, como um bom namorado faria, ele ficou parado com uma estátua me olhando.

— Vem Felipe a água ta boa. — chamei. — Todo mundo está pulando. — pelo menos todo mundo que estava bêbado como eu.

— Estou bem assim, Manuela. — foi o que ele disse. Fiquei arrasada por ter que nadar sozinha enquanto os casais de namorados se agarravam submersos na água e grupos de amigos faziam algazarra, o que não impediu que meu corpo relaxasse magnificamente na água quentinha, o cansaço de toda uma noite de festa me tomando tão depressa que minhas pálpebras se tornaram subitamente pesadas a ponto de não conseguir manter os olhos abertos. Acho que estava começando a adormecer quando braços fortes me seguraram pelas costas, puxando-me para cima. Pensei que Felipe tivesse mudado de ideia, mas minha surpresa foi colossal quando abri os olhos e vi que era

Miguel. Mal pude acreditar que foi ele a pular na água para me resgatar e não o homem com quem eu pretendia me casar.

CAPÍTULO XIII

Fora da piscina, Miguel continuou segurando-me em seus braços fortes, carregando-me para a saída, enquanto Felipe e Valentina nos acompanhavam, falando algo que eu não conseguia assimilar claramente devido ao torpor causado pelo sono e pela tontura. Sem que nada mais à minha volta parecesse ter a menor importância, descansei minha cabeça no peito largo de Miguel e fechei os olhos, sentindo-me inebriada com o cheiro gostoso que partia dele, refestelando-me com o calor do seu corpo, o melhor contato que já experimentei, o qual não apenas me deixava excitada, como todas as vezes que ele me tocava, mas me proporcionava também uma sensação boa de segurança e tranquilidade, como se em seus braços eu tivesse encontrado meu lugar no mundo.

Todavia, quando se nasce com um destino traçado, dificilmente se consegue mudá-lo. Eu não tinha nascido

para o amor, já tinha recebido provas suficientes disso, primeiro quando fui expulsa de casa pelos meus pais, depois quando Fábio fez o que fez comigo e agora desejando um homem que jamais pertenceria a mulher alguma. Se Valentina que era linda, loucamente apaixonada e igualmente amada por Miguel não conseguiu convencê-lo a abandonar o sacerdócio, depois de tantos anos tentando, não seria eu a conseguir. Desejar ter aquele homem era como desejar tocar as estrelas sendo um reles mortal: impossível. Quanto a isto, eu só podia lamentar por mim mesma, pois o queria demais, como jamais cogitei querer algo em minha vida. Eu o desejava com tanta intensidade que chegava a doer dentro de mim saber que jamais o teria.

Miguel carregou-me até meu carro estacionado no jardim. Tirou as chaves da minha bolsa encharcada e acomodou-me no banco do carona. Apesar de estar quase dormindo, não deixei de registrar quando Felipe se inclinou para dar-me um beijo no rosto, proferindo algumas palavras que não compreendi direito. Pelo que

me pareceu, estava dizendo que iria me ver no dia seguinte. Depois vi a porta ser fechada e observei Miguel conversando com os dois do lado de fora, por algum tempo, para em seguida tomar o volante ao meu lado e nos conduzir para a rua. Sua face estava transformada em uma carranca, o maxilar rijo me dizendo o quanto estava enfurecido. Mas quem podia culpá-lo? Sua funcionária estava completamente bêbada em uma festa em pleno dia de semana e ainda por cima dando vexame. Considerando que ele foi a única pessoa na cidade que quis me contratar e que dirigia uma instituição religiosa, eu podia compreender se me demitisse ainda naquela madrugada. Tentei dizer algo em minha defesa, só que não havia o que dizer, eu estava totalmente errada.

Assim que o carro ganhou velocidade nas ruas da cidade, meu estomago embrulhou violentamente e expulsou grande parte da bebida que ingeri. O vômito fétido lambuzando o interior do veículo.

— Desculpa. — balbuciei, sentindo-me constrangida, pior que isso, eu me sentia a escória da humanidade.

Miguel apenas deu de ombros.

— Pode vomitar à vontade. O carro é seu.

Vomitei durante praticamente todo o percurso de Montana até Santa Maria, estava vazia quando chegamos, sonolenta a ponto de mal conseguir manter os olhos abertos, de modo que Miguel novamente se prontificou a me carregar, desta vez para dentro do orfanato, sem que eu protestasse.

Destrancou a porta com dificuldade para realizar a tarefa simples enquanto me segurava e subiu as escadarias carregando-me. Levou-nos direto para o meu quarto, deitando-me confortavelmente na cama, meu corpo reclamando o distanciamento do dele.

— Você precisa trocar as roupas molhadas por outras secas, ou vai adoecer. — sua voz grossa encheu o ambiente.

Miguel estava certo, se eu não tirasse o vestido molhado corria o risco de contrair uma pneumonia, no entanto, eu estava com sono e tonta demais para fazer qualquer coisa, então apenas deitei-me de lado, dando-lhe

as costas e no instante seguinte estava dormindo.

Quando acordei, minha cabeça latejava de dor, o gosto amargo da ressaca incomodava-me tanto que jurei mentalmente nunca mais tocar em bebida alcoólica. Não fazia ideia de que horas eram, o sol forte que penetrava o quarto através da janela anunciava apenas que não era cedo.

Pisquei

repetidamente,

tentando

organizar

os

pensamentos, lembrar os acontecimentos da noite anterior e as cenas voltaram como flashes de um filme que assisti, o momento em que Miguel me carregou em seus braços sendo a melhor lembrança de todas, embora o vexame que dei quase me afogando na piscina e depois vomitando na frente dele não me permitisse concluir que foi uma noite boa. Pior que isto: eu podia ter colocado tudo a perder entre mim e Felipe com aquele porre.

Droga! Droga! Droga!

Ao sentar-me na cama, surpreendi-me ao constatar que já não usava o vestido molhado, em vez dele vestia um conjuntinho de short e camiseta de malha confortável, sem calcinha por baixo. Na certa Miguel me trocara enquanto eu dormia, mais um vexame para a minha coleção.

E minhas supressas não pararam por aí. Quase tive um mine infarto quando vi Miguel sentado em uma poltrona ao lado da cama, quase deitado, profundamente adormecido em uma posição claramente desconfortável.

Será que tinha passado a noite ali? Por quê? Obviamente estava preocupado comigo, como o bom samaritano que era, doando-se em troca do bem estar dos outros como retratação pelo mal que acreditava ter feito ao amigo que perdera, quando na verdade nem era tão culpado assim.

Sentei-me na beirada do leito sem conseguir desviar meus olhos dele, como se estivesse sob uma espécie de hipnose, constando, mais uma vez, que era a criatura mais bonita e atraente sobre a qual já plantei os meus olhos.

Suas sobrancelhas naturalmente arqueadas e grossas

sombreavam os olhos fechados; os cílios eram longos; a pele ligeiramente bronzeada; o nariz bem feito; a boca era carnuda e tão bem desenhada que parecia esculpida à mão, o cabelo ligeiramente crescido na frente caíam sobre a testa, emprestando-lhe um charme meio selvagem e a barba sem fazer lhe dava um aspecto ainda mais masculino.

Embora não me quisesse e deixasse isso claro, aquele foi o homem que pulou atrás de mim na piscina durante a festa, sem se preocupar em pagar mico. Foi quem me resgatou enquanto o cara que dizia me querer ficava parado sem fazer nada. Foi Miguel a ir atrás de mim, algo que parecia tão insignificante, mas que naquele momento parecia um gesto tão grandioso.

Eu sei que prometi a mim mesma nunca mais dar em cima dele, até por uma questão de dignidade, no entanto, simplesmente não consegui resistir. Como se uma força sobrenatural me puxasse para aquele homem, aproximei-me e montei em seu colo, com uma perna de cada lado, devagar para não acordá-lo. Agindo unicamente por

instinto, como um animal irracional, apoiei minhas duas mãos no espaldar da poltrona para ganhar equilíbrio e encostei meu sexo no dele, por sob o tecido do seu jeans e do meu short. Movi os quadris devagar, em círculos, esfregando-me nele e quando senti sua ereção se fazendo firme e quente de encontro à minha intimidade, foi como se uma explosão acontecesse dentro de mim, meu corpo ficou em chamas, o sangue fluindo depressa em minhas veias, cada célula do meu organismo vibrando, minha intimidade palpitando, se tornando quente e tão molhada que o liquido chegou a atravessar o tecido delicado do short.

Por Deus! O que era tudo aquilo? Por que fazer amor com aquele homem parecia tão necessário quanto respirar?

Continuei esfregando-me nele até que aquilo se tornou insuficiente para aplacar o tesão dentro de mim e inclinei-me para levar minha boca até a sua. Contornei seus lábios com a ponta da minha língua, antes de empurrá-la entre eles, exigindo passagem, foi então que Miguel acordou

seus olhos azuis arregalando de surpresa. Como era esperado, no primeiro instante tentou me afastar, sem muita convicção, porém, estava tão excitado quanto a mim, eu podia ver isso em cada detalhe seu e em dois segundos abandonou sua resistência para abrir a boca e receber minha língua, sugando-a com uma fome descomunal, enquanto suas mãos iam para as minhas costas, uma delas circundando minha cintura para apertar-me com força contra seu corpo forte, ao mesmo tempo em que me empurrava para baixo, intensificando a pressão entre nossos sexos, a outra mão segurando meu cabelo atrás da cabeça, puxando-os com uma selvageria gostosa, que demonstrava seu descontrole, o qual se equiparava ao meu.

Um gemido partiu do fundo do meu âmago e morreu na sua boca faminta, enquanto eu me movia cada vez mais freneticamente sobre ele, me aproximando demais de ter um orgasmo, o que seria altamente insuficiente, pois o queria por inteiro, o queria dentro de mim, me tomando, se entregando ao que sentia, me fazendo sua, queria tanto

que a simples possibilidade de que ele pudesse parar chegava a doer dentro de mim. Se ele parasse, eu seria capaz de morrer.

Ansiosa, enfiei minhas mãos sob sua camiseta, percorrendo os contornos bem feitos dos seus músculos com as pontas dos meus dedos, extasiada, excitada demais. Em resposta, Miguel moveu sua língua dentro da minha boca, freneticamente, de maneira erótica, me fazendo chupá-la como se fosse o último alimento da terra e enfiou sua mão sob minha camiseta, espalmando-a sobre meu peito farto antes de segurar o mamilo entre os dedos, fazendo uma pressão gostosa, o que foi suficiente para que eu me perdesse de vez, meu corpo todo vibrando ao explodir num orgasmo arrebatador, movendo-se em espasmos como se tivesse vida própria, enquanto eu lutava para conseguir respirar entre meus gemidos e os lábios de Miguel.

Ele interrompeu o beijo e afastou o rosto alguns centímetros, o suficiente para fitar-me diretamente. Seus olhos azuis carregavam uma expressão de selvageria, uma

mistura de fogo e paixão realmente gloriosa de se ver.

Intensificou a pressão da sua mão em meu cabelo, puxando com mais força e novamente me empurrou para baixo, de encontro ao seu corpo, quando então um único gemido, rouco e grosso, partiu da sua garganta, para que em seguida seus espasmos se fizessem sob mim, o líquido quente molhando sua calça, misturando-se ao meu enquanto ele gozava.

Meu corpo ainda convulsionava quando me afastei um pouco, sentando-me sobre suas coxas e levei minhas mãos aos botões da sua calça, em meio a um desejo quase desesperado por tê-lo dentro de mim, foi então que Miguel se esquivou, tirando-me de cima dele com certa brutalidade, levantando-se depressa. Colocou-se de costas para mim, visivelmente tenso e percorreu os dedos entre o cabelo, demonstrando nervosismo.

— Quantas vezes vou ter que te dizer pra não fazer isso?! — Ele praticamente gritou, furioso e foi como se me desse um soco na boca do estômago.

Meu primeiro impulso foi de abrir a porta daquele

quarto e sair correndo para bem longe, onde ele nunca mais pudesse me humilhar daquela maneira, embora tenha sido eu mesma a causadora de tudo, pois já devia saber que terminaria assim. Entretanto, nunca fui mulher de fugir de qualquer situação.

— Por que insiste em fugir, se eu sei que você também me quer? — não consegui ser firme como gostaria e praticamente implorei, sentindo-me patética mais uma vez.

Miguel virou-se para me encarar, com uma perturbadora expressão de acusação em seu olhar, como se intimamente já tivesse me julgado e condenado por tentar afastá-lo do seu caminho de virtude.

— Eu quero, e quero muito. Mas eu não posso! Jamais vou deixar meu objetivo de lado por causa de um desejo carnal.

Para mim também era apenas um desejo carnal, ainda assim ouvi-lo usar o termo para definir o que sentia por mim me magoou com uma intensidade absurda, até mais que o necessário.

— Não há nada de digno no seu objetivo. Para se

tornar padre a pessoa precisa de vocação, não usar isso como uma punição como você está fazendo. Isso não é digno, Miguel, é ridículo. — eu só queria magoá-lo de volta, embora soubesse que estava agindo como uma garota imatura.

— E quem é você para me falar de dignidade? Agora a pouco estava completamente bêbada, sendo arrastada para um quarto com um homem que acabou de conhecer! Puta merda! Então aquilo realmente aconteceu, Felipe realmente ia se aproveitar do meu porre para me comer e o pior nisso era o fato de Miguel ter percebido tudo.

— Não tem nada de mais nisso. — retruquei, recusando-me a ficar ainda mais por baixo. — Eu e Felipe nos desejamos, íamos apenas fazer o que todo ser humano normal faz quando deseja alguém.

Miguel deu um passo na minha direção, fitando-me com tanta fúria que recuei um pouco, instintivamente.

— Como você pode desejar dois homens ao mesmo tempo? Isso não é normal.

— É você que eu desejo de verdade. — fui sincera

desta vez.

— Não faz isso com você, Manuela. Eu tenho um caminho a seguir, nunca vou desistir dele. Você só precisa respeitar isso. Não é tão difícil.

— É difícil sim. Eu juro que tentei, mas é impossível.

Eu te quero demais Miguel. Te quero tanto que chega a doer por dentro saber que não posso tê-lo, te quero como nunca quis outro homem. É muito mais forte do que eu possa controlar. — caramba! Eu estava me humilhando de novo. Quando ia aprender?

— Eu te disse uma vez e vou repetir: não me deseje, porque isso não vai te levar a lugar nenhum.

Ele me encarava com piedade, o que me fez sentir ainda mais rebaixada, indignada, com raiva de mim mesma e ao mesmo tempo magoada, tão dolorosamente que uma enxurrada de lágrimas se formou em meus olhos, embora eu jamais as deixaria cair.

— Você quer que eu vá embora? — minha voz saiu trêmula, denunciando meu estado.

— Claro que não. Você é bem vinda aqui. Pode ficar

quanto tempo quiser. Só não volte a fazer o que fez há pouco. — gesticulou para a poltrona antes de percorrer os dedos pelo cabelo novamente.

E eu ficaria pelo menos até ter conquistado de vez o coração de um homem que se casasse comigo e me desse uma vida confortável, já não sabia se esse homem era Felipe, pois pela forma como agiu na festa, tinha deixado claro que só queria me levar para a cama, no entanto, eu ainda tinha Valentina para me ajudar a conhecer outra pessoa, jamais desistiria e para isto, precisava ficar no orfanato a fim de que Valentina continuasse acreditando que ainda estava empenhada em concluir nosso acordo e me ajudasse, depois que partisse, diria a ela apenas que não tinha conseguido nada com Miguel, ela não teria o direito de se voltar contra mim por fracassar, sabia o quanto seu ex noivo era difícil.

Dali em diante, me empenharia mais em conquistar alguém como eu queria, pois era o meu futuro em jogo. Esquecer-me-ia de tudo o que sentia por Miguel, nunca mais voltaria a procurá-lo, desta vez manteria minha

promessa. Não me rebaixaria de novo, estava cansada de ser humilhada.

— Fica tranquilo, não vou voltar a te importunar.

Nunca mais. — desta vez consegui ser firme.

Miguel ficou me encarando em silêncio por um tempão, como se tentasse decifrar se eu estava sendo sincera ou não. Depois, jogou a barra da sua camiseta por sobre a mancha enorme na sua calça e fez menção de deixar o quarto.

— Vou pedir a alguém pra te trazer um remédio pra dor de cabeça. Pode descansar até meio dia, se quiser. À tarde você ajuda as professoras.

— Tá bom. Obrigada.

Com isto, ele se foi, deixando o quarto absurdamente grande, com um terrível aspecto de vazio, equiparado ao que havia dentro de mim, como se sua presença fosse fundamental, mesmo que estivesse me humilhando.

Minha promessa de não deixar que as lágrimas caíssem por causa de um homem foi quebrada dois minutos depois que fiquei sozinha. Atirei-me na cama e chorei tanto que o

lençol ficou molhado, sem saber exatamente o porquê de tanta angústia em meu peito, era só um homem que eu queria e não podia ter, havia muitos outros no mundo, eu podia conhecer um deles. Não havia necessidade de chorar por Miguel, mas o fato era que meu coração se recusava a entender isso.

Sufoquei o choro enquanto recebia o analgésico de uma das cozinheiras, que me encarou com piedade, como se soubesse o que se passava comigo — não, se soubesse ela teria chorado também —, e voltei a deitar-me, em prantos. Chorei como uma criança, até que parecia não haver mais nada dentro de mim. Foi então que decidi telefonar para Felipe e esclarecer as coisas, me certificar de que sua intenção na noite anterior realmente foi me levar para um dos quartos. Naquele momento, me ocorreu que eu nunca tinha telefonado para ele, o que deixava evidente que não estava tão focada em meu objetivo quanto precisava e tinha que mudar isso.

CAPÍTULO XIV

Ainda bem que não levei o celular na bolsa para a

festa, ou teria sido danificado pela água da piscina quando pulei como uma louca desvairada. Ao pegar o pequeno aparelho na gaveta da escrivaninha, encontrei cerca de cinco ligações não atendidas de Felipe e muitas mensagens de texto pedindo que eu ligasse de volta assim que possível o que me levou a acreditar que nem tudo estava perdido, um homem que só queria comer uma mulher, não se empenharia tanto em conquistá-la, talvez ele só tivesse tentado me tirar da festa porque eu estava muito bêbada, dando vexame. A raça humana não podia ser unicamente podre também no interior.

Havia também algumas ligações perdidas de Valentina e mensagens para retorná-las. Optei por falar primeiro com Felipe e tirar logo aquela história a limpo.

— *Manuela tentei te ligar o dia inteiro. Você está bem?* — foi o que ele disse ao atender.

— E por que não estaria?

Seguiu-se um momento de silêncio do outro lado da linha.

— *Você não me parecia bem ontem à noite e Miguel*

não estava muito satisfeito. Ele te mandou embora?

— Não. Ainda estou empregada.

— *Fiquei preocupado. Miguel se tornou um homem muito rigoroso com tudo depois que assumiu a batina.*

Parece até outra pessoa. — mas que merda! Por que ele não parava de falar em Miguel? — Quero te ver,

conversar sobre o que aconteceu. Posso ir aí esta noite?

— Antes de responder, preciso que você me esclareça uma coisa.

— *O que?*

— Ontem na festa, antes de eu mergulhar na piscina, para onde você estava me levando?

— *Eu só queria te tirar de lá, você estava quase dormindo em pé. — fez uma pausa, como se só então se atentasse para o sentido da minha pergunta. — Ah, não! Manuela você está pensando que eu... Não é nada disso,*

eu

jamais

me

aproveitaria

de

uma

garota,

principalmente de alguém especial como você.

Eu estava tão carente, que aquele foi o momento certo de ouvir que sou especial para alguém.

— Quero que entenda uma coisa, Felipe: eu não quero uma aventura, não nasci para isto. Se você quiser ficar comigo vai ter que ser pra valer, um relacionamento sério.

Você está disposto a isto?

— *Mas claro que estou. Você é muito importante pra mim, Manuela e nunca foi uma aventura. Eu gosto de você demais para arriscar te perder, gosto como nunca gostei de alguém.*

Fogos de artifícios explodiram dentro de mim, meu coração festejou. Era aquilo que eu precisava ouvir, a confirmação de que estava no caminho certo. Tinha acabado de dar um passo importante na direção dos meus objetivos, certificando-me de que Felipe era o cara que eu precisava, aquele que faria de mim sua esposa e me daria

uma vida confortável, sem risco algum de um dia voltar para as ruas. Naquele instante constatei que tinha valido a pena me mudar para Montana, minha vida estava cada vez mais perto de mudar e mudar definitivamente.

— Sendo assim, você pode vir me ver.

— *Que bom, estarei aí as oito e, por favor, me desculpe se te dei uma impressão errada ontem.*

— Eu que me desculpo por pensar mal de você. Até a noite.

— *Até.*

E encerramos a ligação.

Suspirei de alívio e atirei-me na cama batendo as pernas como uma criança que acaba de ganhar um brinquedo novo, um dos caros, claro. Parecia que as coisas começavam a dar certo, finalmente eu estava agindo corretamente, envolvendo-me com um sujeito de bom caráter, que gostava de mim de verdade, queria algo sério e tinha condições de me dar uma vida estável, livrando-me definitivamente do risco de voltar a me prostituir. Foi o que planejei desde o início, quando

decidi vir para o Goiás, as coisas começavam a acontecer, portanto só tinha a comemorar.

Pensei em telefonar para Valentina, mas não gastaria meus créditos com aquela perua, ela que era milionária que ligasse de novo.

Era quase meio dia quando deixei o quarto, sem ânimo algum para olhar para Miguel, desejá-lo loucamente e saber que era rejeitada, não sabia até quando suportaria aquela situação, esperava que não mais por muito tempo.

Sabia que sentiria falta dele quando fosse embora de Santa Maria, muito mais do que gostaria, mas também ficaria aliviada por não mais correr o risco de me sentir humilhada pela sua decisão em não assumir o que sentia.

Do lado de fora o dia estava gostoso, quente, mas sem aquela temperatura terrivelmente elevada do Rio, com uma brisa suave soprando o tempo todo. Após o almoço rápido, fui para o exterior do casarão auxiliar as professoras nas atividades recreativas das crianças, encontrando dificuldade em me concentrar em qualquer coisa. Eu só conseguia pensar em Miguel, no que

aconteceu entre nós no quarto, nas suas mãos fortes me segurando, na sua boca gostosa devorando a minha, no seu olhar selvagem unido ao seu gemido rouco quando gozou para mim. Puta merda! Ele gozou para mim e com muita facilidade, mais uma prova de que me desejava tanto quanto eu a ele, apenas se recusava a assumir. Maldita sorte essa minha, com tanto homem no mundo tinha que me sentir irremediavelmente atraída justo por um padre. Ainda bem que não o desviaria do seu caminho, ou seria ainda mais amaldiçoada.

Não o vi até o meio da tarde, quando deixou o casarão na companhia de uma garota que não tinha mais que dezoito anos de idade, cabelo negro escorrido, pele clara e um corpo esguio que me pareceu totalmente invejável naquele momento, só porque tinha toda a atenção daquele homem. Obviamente estavam trancados no escritório dele durante todas aquelas horas, já que não os vi pela casa quando descí.

Um gosto amargo indesejado se fez em minha boca quando tentei imaginar o que tanto faziam lá sozinhos.

Caminharam até um carro de luxo estacionado sob a sombra de uma árvore, enquanto conversavam de perto, sem que a garota deixasse de sorrir nem por um segundo, seus olhos fixos no rosto dele, o mesmo rosto que me enfeitiçou esta manhã.

— Quem é aquela? — perguntei à Tamiris, a professora ruivinha com aparelho nos dentes que se encontrava ao meu lado no campo de futebol coordenando uma partida de queima entre as crianças.

— É Isabela. Filha de um dos fazendeiros ricos das redondezas. Está na cidade para fazer faculdade. É só mais uma que está doida pra agarrar o Miguel.

— Esse homem parece que tem açúcar.

— Está vendo a travessa na mão dela? — gesticulei afirmativamente. — São os pratos que ela traz pra agradá-lo e como Miguel é bom demais, leva tudo na base da amizade, como faz com as outras.

— Mas com essa aí ele sempre passa mais tempo. — Suely, outra professora que ouvia nossa conversa, veio se juntar a nós.

Ai meu Deus! Então era isso? Miguel gostava de garotas novinhas? Teria uma paixão secreta por aquela menina e por isso rejeitava todas as outras? Afastei o pensamento imediatamente, constatando o quanto estava errada. Aquele homem estava obstinado demais no seu objetivo para se envolver com uma mulher, se houvesse a mínima possibilidade de ele quebrar os seus votos já teria me feito sua, pois também me desejava, eu tinha experiência suficiente para saber o quanto lutava para não cair em tentação.

Continuamos observando-os, até quando ele a deixou dentro do seu carro caro e retornou para o casarão, lançando um olhar muito rápido em nossa direção antes de entrar.

Ainda naquela tarde, recebi um telefonema de Valentina que se mostrou empolgada demais com o fato de Miguel ter se atirado na piscina por minha causa e mesmo por ter ido à festa. Acreditava ser um grande avanço rumo à sua perdição, que estávamos muito perto de levá-lo à quebra da castidade e, conseqüentemente, ao abandono do

sacerdício. Pouco imaginava ela que havia um abismo imenso aberto entre mim e aquele homem, que eu havia desistido completamente dele, porque seduzi-lo era uma missão impossível, uma tarefa humilhante e inalcançável.

À noite eu estava mais animada. Depois do jantar coletivo no refeitório, coloquei um vestidinho branco de algodão casual, porém sexy, me maquiei um pouco e fui para o jardim esperar por Felipe. Na hora combinada, os faróis surgiram da estrada escura, para que em seguida o Dodge preto estacionasse perto dos outros carros e Felipe saltasse, vindo em minha direção. Usava camisa social de mangas compridas, jeans e carregava um buquê de rosas vermelhas. Quase devorou meu corpo com um olhar faminto quando se aproximou o suficiente.

— Oi. — Disse, encarando-me fixamente.

— Oi.

— São para você. — estendeu-me as rosas e as recebi.

Ficamos nos encarando em silêncio por um tempão. Até que ele falou. — Manuela, me desculpe por ontem, por não ter entrado na água quando você me chamou. Eu nunca

fui um cara aventureiro, tive uma educação rigorosa demais, que me deixa sempre ligado pra não fazer coisas desse tipo. Mas posso ser muitas outras coisas pra você. Posso ser um cavalheiro, um companheiro gentil, um amigo e ao mesmo tempo um amante. Você só terá o melhor de mim. — enquanto ele falava, parecendo um garoto tímido e emocionado, eu só conseguia lamentar por não ser Miguel a me dizer tudo aquilo. Definitivamente havia algo de muito errado comigo.

— Apenas seja você mesmo. — dei de ombros, comovida com suas palavras, não porque me despertassem algo, eu nada sentia por aquele homem, mas porque estava carente, precisando me sentir querida e ele conseguiu me proporcionar isso.

— Eu serei o que você quiser. Só não quero te perder.

— E não vai.

Abandonei o buquê de rosas sobre a amurada da fonte para enlaçar meus braços em torno do seu pescoço e levar meus lábios até os seus, sendo recepcionada pelo beijo que veio faminto, carregado de erotismo. Seus braços

fortes me apertaram contra seu corpo, sem que meu organismo reagisse minimamente. Eu não conseguia sentir nada, embora também não fosse um contato repugnante, como já foi com outros homens. Era algo suportável, com o que eu podia conviver por toda a minha vida, precisava apenas me acostumar, quem sabe até um dia passar a amá-lo e desejá-lo.

Sua ereção pulsava quente contra meu ventre quando ele parou de me beijar e convidou-me a sentar na amurada da fonte para continuarmos trocando carícias não tão íntimas, sua atitude provando que não queria apenas me levar para a cama, se quisesse, aquele teria sido o momento propício de tentar, visto que estava muito excitado.

Estávamos abraçadinhos, conversando sobre nossas vidas, fazendo planos para o futuro, quando meus olhos me traíram, buscando a janela do único quarto com a luz ainda acesa no terceiro andar, aquele que agora eu sabia ser o quarto de Miguel, onde eu realmente queria estar. A cada instante eu tinha mais certeza de que seria capaz de

trocar tudo — inclusive o meu futuro — por uma noite nos braços daquele homem, um risco que precisava evitar. Não consegui mais parar de dar atenção para aquela janela, imaginando que Miguel estivesse nos vendo lá de cima — mais que isso, eu suplicava intimamente que ele estivesse, pois qualquer migalha de sua atenção era melhor que sua indiferença — e não me senti mais à vontade ali, por isso pedi a Felipe que me levasse para conhecer a cidade.

Foi a melhor decisão que tomei. Felipe me levou para um barzinho super agradável com música ao vivo, onde me apresentou como sua namorada a tanta gente que não consegui guardar o nome nem da metade. Só sei que eram pessoas muito ricas, integrantes da alta sociedade Montanense. Segundo Felipe, estava organizando uma festa na casa dos seus pais para compensar o fato de ter falhado comigo ao chegar atrasado e quase me deixar me afogar na piscina durante a festa de aniversário. Seria realizada dali a dez dias, no final de semana consecutivo ao próximo, ocasião em que todos os membros da sua

família estariam reunidos na cidade, pois pretendia me apresentar a todos. Falou tanto daquela noite, no quanto seria especial, que tive duas grandes certezas: primeiro, ele realmente pretendia ter um relacionamento sério comigo, visando o casamento que eu queria e precisava. Segundo: Felipe era careta demais para fazer sexo casual com a garota com quem pretendia namorar, nossa primeira vez precisaria ser em uma ocasião especial e seria na noite daquela festa, pude captar isso nas entrelinhas das suas palavras.

Particularmente,

eu

preferia

que

acontecesse antes, para ficar sabendo logo como ele era na cama, mas não insistiria para não parecer atirada demais.

Depois daquela noite, não ficamos mais namorando no jardim do casarão. Sempre que vinha me ver, Felipe

levava-me para a cidade, quando frequentávamos lugares agradáveis e desfrutávamos da companhia de pessoas interessantes da alta roda social, seus amigos, com quem aprendi a conviver depressa, sendo aceita como uma deles pelo simples fato de estar acompanhada pelo filho de um fazendeiro rico. Entre estas pessoas estava Rita, que se comportava como todos e me fazia me perguntar se Valentina tinha lhe contado a verdade sobre mim. Se ela sabia de alguma coisa, nada deixava transparecer.

Tudo estava dando certo, acontecendo exatamente como foi planejado, parecia que finalmente eu tinha encontrado meu caminho, vivendo entre pessoas abastadas, prestes a me tornar uma delas, casando-me com Felipe. Era a verdadeira realização de um sonho, do objetivo que tracei quando abandonei o Rio de Janeiro para viver em Montana. Depois de enfrentar tantas dificuldades naquele lugar, por fim concretizava meus planos, em breve seria uma mulher rica e uma esposa respeitável, com a certeza de que nunca mais precisaria me prostituir.

Contudo, eu não estava feliz, nem chegava perto disso.

Nada conseguia se sobressair à mágoa dentro de mim causada pela forma como Miguel passou a me tratar. Ele mudou radicalmente, não se comportava mais como o homem gentil, atencioso e altruísta de antes, estava sempre mau humorado e sempre se mostrava grosseiro comigo. Por mais que eu evitasse deparar-me com ele nas dependências do orfanato, era impossível não vê-lo e sempre que precisava lhe dirigir a palavra, sobre algo relacionado ao trabalho, era retrucada com rispidez, quando não, com desprezo. Não entedia o porquê da sua mudança, a hipótese mais plausível era a de que me afastava deliberadamente para que eu não me atirasse de novo sobre ele e assim evitasse o risco de Felipe desconfiar dos meus verdadeiros sentimentos. Não havia outra explicação para o seu comportamento, pois eu não tinha lhe feito mal algum e Miguel era bom demais para tratar mal uma pessoa sem que tivesse uma boa razão para isto.

Para que ele tivesse o que esperava com sua atitude e

para evitar que o desejo dentro de mim evoluísse, me distanciei o quanto pude, evitando encontrá-lo pelos corredores, lhe dirigindo a palavra apenas quando estritamente necessário, o que me tornava cada dia mais infeliz. Tudo o que consegui conquistar — um relacionamento sério, posição social, a certeza de um bom casamento —, não parecia compensar a distância que se estabeleceu entre mim e Miguel. Eu seria capaz de desistir de tudo por ele, porque entre todas aquelas pessoas que passaram a fazer parte do meu cotidiano, ele era o melhor, em todos os aspectos, era o menos egoísta, o mais bondoso, a quem eu desejava com todas as minhas forças e de quem eu queria realmente estar perto. Por mais que evitasse olhar na cara dele ou lhe dirigir a palavra, continuava sendo, entre todos, a pessoa mais importante para mim e aquilo só ia mudar quando eu me casasse e deixasse Santa Maria.

O pior dia foi o domingo, quando grande parte da população foi assistir á missa na capela do orfanato, inclusive Valentina, quando precisei assistir de longe a

forma carinhosa e atenciosa como ele a tratava, sem falar nas outras garotas que o assediavam sempre que encontravam uma brechinha — quando Valentina não estava por perto —, inclusive Isabela, por quem Miguel parecia ter um afeto especial. Enfim, todas recebiam um pouco da atenção dele, excerto eu.

Assim, mais uma semana se passou. Faltava dois dias para a grande festa a ser realizada na mansão dos pais de Felipe em Montana, ocasião em que eu conheceria a família dele e nosso relacionamento seria formalizado — como se estivéssemos na Idade Média — A alta sociedade estava toda convidada e eram muitas pessoas, não se falava em outra coisa na cidade.

Como meu namorado me deu permissão para convidar quem eu quisesse, chamei os funcionários do orfanato e não se falava em outra coisa por ali também. Seria realmente uma grande festa.

Talvez por acreditar que eu precisasse de dinheiro para me produzir para a ocasião, na sexta-feira Miguel mandou que Edmilson me chamasse para ir até seu escritório

receber a primeira parte do meu pagamento, sem que eu tivesse pedido. — mal sabia ele que Valentina me dera uma pequena fortuna como adiantamento em troca da sua castidade.

O encontrei sentado atrás da sua mesa, muito compenetrado em seus pensamentos. Estava lindo como sempre, usando uma camiseta de malha beterraba, com o cabelo desalinhado caindo sobre a testa e a barba um pouco mais crescida que o habitual. Bastou-me olhar de perto para o seu rosto, observar o profundo azul dos seus olhos, para que meu coração agonizasse no peito, pela certeza de que não podia tê-lo, o homem que desejava mais que tudo nessa vida.

— Sente-se. — Miguel gesticulou para a cadeira do lado de cá da sua mesa, o tom da voz não tão ríspido quanto ultimamente. Sentei-me e permaneci em silêncio enquanto ele tirava um pequeno envelope marrom de uma gaveta, estendendo-o para mim. — Achei que precisaria de dinheiro e estou adiantando parte do seu pagamento. Quando recebi o envelope da sua mão, minha pele

roçou suavemente a sua, o que foi suficiente para que um temporal de emoções acontecesse dentro de mim, meu coração assumindo um ritmo acelerado, o sangue aquecendo mais que o necessário em minhas veias. A vida era mesmo injusta, por que eu não sentia aquilo tudo por Felipe?

— Obrigada por lembrar. — foi tudo o que eu disse.

Olhei dentro dos seus olhos e cada fibra do meu corpo me implorou para que eu contornasse aquela mesa e o tocasse, como se uma necessidade latente por ele existisse dentro de mim, mas eu não podia fazer aquilo, Miguel tinha esgotado todo o meu estoque de capacidade de ser humilhada, não restava mais nada. Então, apenas me levantei e me dirigi para a saída, silenciosamente. Estava quase alcançando a escada que levava para cima, quando sua voz grossa e máscula encheu o pequeno cômodo.

— Você o ama? — indagou.

CAPÍTULO XV

Surpresa e ao mesmo tempo confusa, virei-me para encará-lo.

— O quê?

— Está apaixonada por Felipe?

Não soube o que responder, pois a verdade não seria o melhor a ser dito.

— Sim. Claro que estou. — menti, cruzando os braços na frente do corpo.

— Mentirosa.

Estava me julgando por me casar sem amor? Quem ele pensava que era?

— Não pense que me conhece, Miguel. — falei, com os dentes cerrados, a raiva queimando-me por dentro como se eu tivesse engolido fogo. — Você não sabe nada sobre mim, tampouco o que sinto de fato.

— Tem razão, não sei muito, mas tenho certeza que você não sente nada por Felipe. — sua voz estava ainda mais ríspida que nos últimos dias. — Tem ideia do quanto é importante pra ele te apresentar aos pais? Assumir esse relacionamento diante de toda a sociedade?

Então era isto: ele estava me discriminando, não me considerava digna de fazer parte da alta sociedade

Montanense, tampouco de me casar com um dos seus membros. Como diz o ditado: pode-se tirar o sujeito da cultura, mas não se pode tirar a cultura do sujeito. Com Miguel não era diferente, deixou de frequentar o meio no qual vivia para virar padre, mas no fundo ainda era seletivo como aquela gente.

— O fato de eu ser pobre e largada no mundo, não torna as coisas menos importantes para mim! — gritei, furiosa. — Não devo satisfação disso a você nem a ninguém, mas pretendo construir uma vida ao lado de Felipe, isso é o bastante.

— Uma vida sem amor? — praticamente rosnou o maxilar muito contraído.

Caramba! O que eu tinha feito a ele para que me tratasse com tanta raiva?

— Eu já disse que o amo!

— A quem está tentando enganar? — contornou sua mesa e avançou na minha direção como um touro violento indo rumo ao tecido vermelho, o que me fez recuar alguns passos, até que minhas costas encontraram a parede. —

Não é segredo pra ninguém que você está cavando um relacionamento por dinheiro.

Miguel estava indo longe demais, embora dissesse a verdade, não tinha o direito de me julgar, tampouco de interferir.

— E daí? Isso não é da sua conta.

— É da minha conta quando alguém age como uma prostituta com um cara que é meu amigo.

Se ele tivesse cravado um punhal em meu peito, teria doído menos. Foi a gota d'água, seguindo a um impulso motivado pela raiva, desferi-lhe um bofetada estalada no rosto, deixando a marca vermelha da minha mão na sua pele.

— Vá pro inferno, Miguel!

Vi uma veia latejando mais forte em seu pescoço, seus olhos brilhando de fúria, o maxilar enrijecido. Achei que revidaria. Tentei escapar, mas estava encurralada entre ele e a parede. Tentei com mais afinco, esperando passar pelo pequeno espaço na minha lateral, quando então Miguel segurou-me pelos ombros, com brutalidade, imobilizando-

me. Tive certeza que ia me bater, pois parecia furioso demais, sem que eu sequer entendesse o motivo, mas em vez disso, ele me beijou, inesperadamente, colocando toda a sua fúria naquele ato, forçando a passagem da sua língua por entre meus lábios. Tentei resistir, esquivando-me, mas ele era muito mais forte, segurou os pulsos com as duas mãos, aprisionando-os ao longo do meu corpo e pressionou seu corpo grande no meu, esmagando-me contra o concreto.

Foi o suficiente para que minhas resistências caíssem por terra, logo o desejo selvagem que eu nutria por aquele homem tomou vida dentro de mim, fazendo meu sangue ferver nas veias, não me deixando outra opção que não me entregar e o fiz, retribuindo ao beijo com uma fome descomedida, chupando sua língua com erotismo enquanto sua ereção se fazia quente e firme contra meu ventre, levando-me a me perder de vez em sensações lascívias, tudo dentro mim implorando por mais.

Por Deus! Como era bom senti-lo! Como aquilo me fez falta!

Miguel interrompeu o beijo e libertou os meus pulsos, embora não se afastasse nem um centímetro. Apoiou sua testa na minha e fechou os olhos, respirando muito pesadamente.

— Me desculpa pelo que eu disse. Não estou raciocinando direito. — falou, a voz mais branda, meio rouca por causa da excitação. — A verdade é que estou morrendo de ciúmes de você. Não suporto ver aquele cara te tocando dia após dia. Isso ta acabando comigo.

Processei suas palavras e meu coração disparou no peito. Será que tinha ouvido direito?

— Do que você está falando? Você não me quer.

Seus olhos lindos se abriram, seu rosto afastando-se o suficiente para que pudesse me fitar. Havia um brilho cálido na expressão do seu olhar.

— Mas é claro que quero. Como pode acreditar que não? Tenho vivido em um verdadeiro tormento sabendo que você pertence a outro homem. Eu te desejo demais Manuela, nunca te escondi isso.

As lágrimas se aproximaram muito dos meus olhos,

lágrimas de pura emoção.

Levei minha mão ao seu rosto, acariciando-o devagar, meu peito tão cheio de paixão que podia explodir a qualquer momento.

— Então me faça sua, Miguel. Não há nada nessa vida que eu possa desejar mais. Acaba de vez com isso que nos separa.

Ele se afastou com uma velocidade impressionante. De costas para mim, foi até a outra parede do pequeno cômodo e deu um murro violento do seu punho cerrado no concreto duro, proferindo um punhado de palavrões.

Não precisou dizer mais nada para que eu soubesse que estava me rejeitando mais uma vez. Puta merda! Como fui permitir que isso acontecesse de novo? Tinha jurado a mim mesma que nunca mais deixaria que Miguel me humilhasse e cá estava eu, me oferecendo a ele novamente e novamente sendo rejeitada. Eu não aprendia mesmo.

Sem uma palavra, dei os últimos dois passos até a escada. Tinha subido o primeiro degrau quando Miguel me alcançou. Agarrou-me por trás, virou-me e enlaçou um

braço em torno da minha cintura, me apertando com força contra seu corpo, a outra mão puxando meu cabelo atrás da cabeça para me forçar fitá-lo no rosto.

— Só se for pra sempre. — disse.

— O quê?

— Só se você se tornar totalmente minha, para o resto da sua vida, esquecer aquele cara e ficar somente comigo.

Não quero ser apenas uma aventura, quero ser o único.

Desta vez meu coração quase saiu pela boca, tive a impressão que estava em meio a um pequeno ataque cardíaco. Ele estava dizendo sim? Estava disposto a abandonar a batina por mim? Mais que isso: estava me propondo um relacionamento, com direito a fidelidade e tudo. Mas e Valentina? Ela esperava que ele voltasse depois de abandonar o sacerdócio, jamais permitiria que ficássemos juntos e tinha o poder de acabar comigo se quisesse, pois sabia sobre o meu passado e podia revelar a Miguel o verdadeiro motivo pelo qual me aproximei dele inicialmente, o que o faria me odiar até a próxima encarnação. Então o que eu devia fazer? Dizer que não

podia ser sua e perder aquela chance de tê-lo? Eu não podia fazer isso, jamais me perdoaria, eu o queria demais, queria tanto que nada mais faria sentido se não o tivesse. Minha cabeça girava. Por um longo momento não soube o que responder, mas não havia outra resposta que não a óbvia.

— Sim, serei só sua e de mais ninguém. — menti feio, uma mentira que valia à pena pelo o que eu teria em troca. Sem me soltar, Miguel subiu o que restava da escada e trancou a porta do porão. E o que aconteceu em seguida, foi como um sonho. Ele me beijou novamente na boca, desta vez mais devagar, sem a ansiedade de antes, embora não com menos erotismo. Ergueu-me em seus braços e carregou-me até sua mesa, deitando-me sobre a superfície retangular, pela lateral, inclinando-se sobre mim para não apartar sua boca da minha.

Minha nossa! Aquilo realmente estava acontecendo, Miguel seria meu, estava abandonando tudo por mim. Eu não queria nem pensar em como as coisas seriam depois, queria apenas viver o momento.

Assim, abracei seus quadris com as minhas pernas e esfreguei meu sexo na sua firme ereção, por sob minha calcinha frágil — já que a saia folgada do meu vestido curto tinha ido parar na minha cintura — e sua calça jeans.

Meu coração batia depressa, minha respiração estava irregular e todo o meu corpo fervia de tesão, quando Miguel levantou-se para se livrar da sua camiseta, deixando-me extasiada com a visão dos músculos perfeitos do seu corpo. Sem pressa alguma, escorregou as alças do meu vestido pelos meus ombros, desnudando meus peitos desprovidos de sutiã e ficou observando minha seminudez com olhos brilhantes. Não satisfeito, continuou escorregando o vestido para baixo, até tirá-lo pelos meus pés, seus olhos lindos examinando cada centímetro do meu corpo. Depois, fez o mesmo com a calcinha de renda frágil, deixando-me completamente nua sobre o tampo da mesa, devorando-me com o olhar.

— Você é tão linda. — sussurrou, sua respiração muito ofegante. — Quase fiquei louco quando troquei suas roupas na noite da festa, sem poder te acariciar como

queria.

— Agora você pode.

Segurei sua mão e suguei a ponta dos seus dedos,
devagar.

Miguel voltou a deitar-se sobre mim, tomando-me os
lábios com uma fome crescente. Seu peito largo, sólido
como uma rocha, encontrou a fragilidade dos meus seios,
pressionando-os com uma perfeição capaz de intensificar
tudo dentro de mim, meu corpo em chamas implorando
pelo dele.

Sua boca deixou a minha, escorregando pelo meu
corpo, para baixo, lambendo e mordendo minha pele.

Quando alcançou um peito, sua língua se moveu
freneticamente sobre meu mamilo, em círculos, para que
depois seus lábios se fechassem sobre ele e o sugasse,
correntes violentas de tesão percorrendo meu corpo como
descargas de eletricidade, tão gostosamente que lancei a
cabeça para trás, arqueando as costas e gemi alto,
sibilando, inebriada, tão excitada que seria capaz de ter
um orgasmo assim.

Miguel partiu para o outro peito, repetindo a carícia da sua boca, ao passo que sua mão ia para o meio das minhas pernas, seus dedos massageando meu clitóris em círculos, para depois se enterrarem na minha vagina muito molhada, movendo-se em vai e vem e desta vez eu gritei, perdida, descontrolada de tesão. Continuou mamando meus peitos enquanto me masturbava, ora movendo os dedos dentro do meu canal, ora massageando meu clitóris. E foi quando manteve dois dedos dentro de mim e o polegar do lado de fora, se movendo sobre meu ponto mais sensível, que explodi gozando na mão dele, enquanto meus gemidos ecoavam alto pelo escritório.

Eu ainda estava sem fôlego, convulsionando sobre a mesa, quando sua boca voltou para a minha e quase me devorou, o desejo dentro de mim renascendo antes mesmo de ser saciado.

— Você está bem? — Miguel indagou, seu hálito quente acariciando minha face.

— Nunca estive melhor. Por quê?

— Você está tremendo.

Só então percebi que realmente meu corpo estava todo trêmulo.

— É muita vontade de você. — sussurrei e levei minhas mãos até o zíper da sua calça, tentando abrir, desesperadamente, como se tê-lo dentro de mim fosse o último resquício de oxigênio da terra, mas não havia espaço entre o meu corpo e o dele.

Então, Miguel levantou-se, afastando-se um pouco e sentei-me na beirada da mesa para assisti-lo se despir.

Primeiro livrou-se dos tênis, depois tirou a calça e finalmente a cueca, revelando sua completa nudez. Seu pênis era ainda maior do que eu tinha notado por sob suas roupas, era grosso, totalmente reto, cheio de veias protuberantes, com a glândula rosada, toda babada.

Putá merda! Que delícia.

Fascinada ao observar aquela maravilha da natureza, minha boca encheu de água, tamanho foi o desejo de experimentar seu sabor, pena que Miguel não me deu a oportunidade, logo estava junto a mim novamente, seu corpo grande se colando ao meu de cima à baixo, sua

boca devorando a minha. Abracei seus quadris com minhas duas pernas e me coleí ainda mais a ele, extasiada com aquela sensação gostosa proporcionada pelo seu peito largo pressionando meus mamilos, enquanto seu pau latejava de encontro à entrada da minha vagina.

— Manuela, eu não tenho um preservativo.

— Não tem problema. Eu tomo anticoncepcional e confio em você.

Miguel voltou a beijar-me na boca, com volúpia, empurrando-me para baixo até que minhas costas encontraram novamente o tampo da mesa. Ergueu o corpo grande, apoiando-se na mão espalmada na superfície.

Com a outra mão, segurou seu pau pelo meio e esfregou a glândula macia no meu clitóris, massageando-o em círculos, espalhando o líquido da minha excitação, sem nem por um segundo desviar seus olhos dos meus, como se apreciasse deixar-me em chamas, louca de tesão.

Poucos homens sabiam exatamente o que fazer com uma mulher e Miguel era um desses homens.

Perdida de luxúria, movi meus quadris para cima e

para baixo, buscando-o, um gesto involuntário do meu corpo sequioso por tê-lo e fui atendida, quando Miguel encaixou o seu membro na minha entrada e me penetrou devagar, sua face perfeita se contorcendo de prazer a medida que cada centímetro seu escorregava para dentro do meu corpo, até que estivesse todo dentro de mim, pulsando, duro e quente de encontro à minhas paredes molhadas.

Perdi fôlego, tomada por sensações que sequer imaginei existirem. Meu corpo não era mais meu, totalmente guiado pela lascívia que me cegava para tudo mais.

— Miguel... — minha boca gemeu o seu nome, numa súplica desesperada, minhas mãos indo para o seu peito largo, minhas unhas se enterrando na sua pele.

Miguel movia-se devagar dentro de mim, em vai e vem, sua pélvis massageando meu clitóris quando alcançava o fundo e ia fundo demais, explorando minha mais secreta intimidade, proporcionando-me o melhor prazer que já tive.

— Manuela... Desculpa... Isso vai ser muito rápido...

Já faz muito tempo...

Deitou-se novamente em cima de mim, sua boca devorando a minha, seu peito esmagando meus mamilos, os movimentos dos seus quadris acelerando, levando-me a uma insanidade gostosa, da qual eu não queria mais sair. Chupei sua língua com volúpia e movi meus quadris no mesmo ritmo dos dele, aproximando-me muito de ter outro orgasmo, o que não passou despercebido a Miguel, pois quando meu corpo todo se retesou, ele acelerou ainda mais os movimentos, entrando e saindo de mim, socando forte e fundo, até que juntos mergulhamos num êxtase arrebatador, inigualável, tão intenso que as lágrimas fugiram dos meus olhos, sua boca abafando meus gemidos. Nossos espasmos se faziam juntos, minhas paredes pulsando contra sua carne rija, seu pau latejando de volta, se esvaindo em gozo, até que a última gota foi derramada dentro do meu canal.

Minha nossa! O que era tudo aquilo que aquele homem me fazia sentir? Eu nunca antes consegui ter um orgasmo

logo depois do outro e mesmo depois disso, meu corpo ainda não estava saciado, eu continuava querendo-o, queria demais, queria tanto que o abracei pela cintura, apertando-o contra mim, com toda força, recusando-me a deixá-lo se afastar.

Quando ergueu o rosto para encarar-me, Miguel sorriu lindamente, parecendo um anjo com a face totalmente relaxada, os olhos azuis brilhantes como duas pedras preciosas.

— Isso foi perfeito. — falou, com a respiração muito ofegante, sem deixar o meu interior.

— Foi maravilhoso para mim também. — sussurrei, com a voz trêmula, embargada de emoção.

Acho que eu não estava em meu estado normal, porque sentia vontade de chorar e de sorrir ao mesmo tempo, meu coração se recusava a acalmar dentro do peito, batendo tão depressa que eu era capaz de ouvi-lo.

Miguel beijou-me novamente, com fome, exigindo retribuição, ao mesmo tempo em que voltava a se mover dentro de mim, tão duro, potente e grande que o tesão

renasceu com toda força e logo eu estava perdida de novo, sem que nada mais me importasse que não tê-lo.

CAPÍTULO XVI

Arrebatada por um mar de sensações libidinosas, abracei seus quadris com minhas pernas e movi-me da cintura para baixo, esfregando-me nele, abrindo-me para recebê-lo cada vez mais fundo, desta vez sem o receio de que pudéssemos gozar a qualquer momento e findar o ato. Arremeti meu corpo contra o dele, empurrando-o e Miguel me atendeu, invertendo as posições. Sem sair de mim, deitou-se de costas na mesa, deixando-me ficar por cima e ergui o meu corpo para cavalgá-lo, rebolando freneticamente sobre si, fazendo seu pau delicioso estocar forte dentro de mim, enquanto mantinha minhas mãos apoiadas em seu peito largo, meus olhos fixos nos seus. Minha nossa! Como aquilo era bom. Nada se comparava ao que eu sentia naquele momento. Nada se igualava a pertencer a um homem como Miguel, jamais antes qualquer outro me fez sentir tão perdida, completamente entregue às emoções.

Mais uma vez meu corpo todo se contraiu, anunciando a chegada do gozo e rebolei ainda mais depressa, enlouquecida. Foi então que Miguel sentou-se, nivelando nossos rostos, pressionando seu corpo no meu. Encheu sua mão com o meu cabelo, atrás da cabeça, puxando com força para deixar meu pescoço à sua disposição, onde plantou uma trilha de beijos e lambidas enquanto contornava minha cintura com o outro braço, apertando-me contra seu corpo, imobilizando-me para estocar com tudo, demonstrando uma selvageria natural dos homens em momentos como esses, uma selvageria que nunca antes me pareceu tão masculina e excitante.

Novamente, explodimos juntos, sua voz grossa gemendo meu nome, seu olhar preso ao meu, meus gemidos ecoando altos, nossos corpos ondulando ao mesmo tempo, até que ficamos imóveis e lânguidos, embora ainda não conseguíssemos nos soltar.

Miguel beijou-me demoradamente na boca, com uma paixão descomedida. Nos deitou novamente na mesa e saiu de mim. Embora permanecesse estendido ao meu

lado, de lado na superfície de madeira, fui tomada por uma terrível sensação de vazio, como se ele estivesse me deixando naquele momento, como em breve deixaria, pior que isto: logo saberia o que eu e Valentina tramamos e me odiaria. E definitivamente, eu não estava preparada para isto.

Foi nesse instante que meu peito se encheu de angústia, um bolo horrível se formando na boca do meu estômago. Eu podia visualizar claramente o momento em que ele declararia a todos que não seria mais padre, acreditando que ficaríamos juntos. Logo que ficasse sabendo, Valentina viria atrás dele, em busca de uma reconciliação. Miguel a rejeitaria, dizendo-lhe que pretendia ficar comigo e então ela lhe contaria que eu era uma prostituta contratada para convencê-lo a fazer exatamente o que estávamos fazendo. Miguel jamais acreditaria que não foi aquele trato que me levou a entregar-me a ele, mas sim o fato de desejá-lo mais que tudo nessa vida e me odiaria. Nunca mais voltaria a olhar na minha cara.

Se eu o deixasse naquele instante e fosse procurar

Valentina para lhe contar que consegui cumprir minha parte no acordo, ainda receberia cento e cinquenta mil, além do seu silêncio sobre o que eu fazia no Rio e seu apoio para permanecer em meio à alta sociedade Montanense, o que me garantiria o casamento com Felipe. No entanto, eu era incapaz de deixar Miguel naquele instante, precisava de mais tempo com ele e deixaria tudo mais por esse tempo, inclusive o meu futuro. Além do mais, revelar a verdade à sua noiva naquele ponto, não o faria me odiar menos.

Desesperada, agarrei-me a ele, apertando-o forte, completamente despreparada para o que viria em seguida. — Como vai ser agora? — indaguei, com a voz trêmula.

— Vou abandonar o sacerdócio, me desligar da igreja e continuar cuidando do orfanato, ao lado da garota mais incrível que já conheci.

Ai, meu Deus! Em breve ele estaria se arrependendo de ter me achado uma garota incrível. Eu não estava preparada para ser odiada por ele, queria tê-lo por mais

tempo, não foi suficiente. Não ia conseguir levar minha vida adiante se tudo acabasse ali.

— Não estou preparada. — falei sem pensar.

— Para o quê?

Tive que pensar rápido, elaborando uma forma de tê-lo mais um pouco, o quanto fosse possível.

— Pra enfrentar a hostilidade das pessoas. Todo mundo vai me odiar quando souber que desviei você do seu caminho. Serei apedrejada pela população.

Miguel sorriu lindamente e acariciou o meu rosto.

— Não será. As pessoas vão entender que foi uma escolha minha. E vão ter que passar por cima de mim primeiro antes de te tratarem mal.

— Mas sempre haverá alguém disposto a me condenar.

Uma ruga se formou no centro da sua testa.

— Está com receio de terminar com Felipe?

— Claro que não. Não se trata dele, e sim da população de Montana. Como você bem sabe são pessoas tradicionais, que rejeitam um pouco os forasteiros.

Quando souberem o que fiz, vão me hostilizar. Eu não

quero enfrentar isso agora, quero ficar com você mais um pouco em paz, sem ninguém para nos julgar. — *“Quero ficar com você enquanto posso, pois em breve você não me deixará mais chegar perto.”*

— Fica calma. Se você acha que isso pode acontecer, não revelamos a verdade por enquanto.

Não era suficiente. Havia muitos empregados olhudos naquele orfanato e Valentina era uma mulher endinheirada e esperta. Descobriria a verdade sem muito esforço.

— Vamos sair da cidade.

— Como é?

— Só por alguns dias. Para termos nossos momentos de paz antes de enfrentar toda essa agonia.

— Manu. Você está exagerando. Além do mais não posso deixar o orfanato assim sem mais nem menos. —
amei ouvi-lo me chamando de Manu.

O abracei ainda mais apertado, plantando uma trilha de beijos do seu queixo másculo, até seu pescoço.

— Será por pouco tempo. Os outros funcionários seguram as pontas. Por favor, faz isso por mim. — pedi.

Miguel respirou fundo, derrotado.

— Meus pais têm um sítio no interior. A casa está vazia. Você gostaria de ir pra lá?

Meus lábios se esticaram num sorriso largo.

— Adoraria.

— Mas não podemos passar mais que três dias, por causa do trabalho no orfanato.

— Três dias está perfeito. — ainda não era suficiente, mas era melhor que nada. Depois sairia da sua vida definitivamente e tentaria recomeçar no Rio.

Ainda bem que consegui arrancar os cem mil de Valentina. Era o bastante para abrir pelo menos uma barraca de cachorros quentes até me organizar. Quanto a Felipe, estava tudo perdido, pois a festa que organizara para me apresentar à sua família seria no dia seguinte e eu não compareceria, o que o decepcionaria embora não seria nada comparado à sua reação quando soubesse quem eu era de fato, o que viera fazer ali e o que fiz a Miguel. Na certa me desprezaria, mas eu já estaria longe da sua hostilidade quando tivesse tempo de me procurar. Isso se

procurasse.

Valia à pena perder a oportunidade de ter um belo futuro ao lado de Felipe, em troca daqueles dias com Miguel. Portanto, faria o que meu coração mandava, com a certeza de que nunca me arrependeria.

— Está vendo só como são as coisas? — Miguel falou, com tom de irreverência. — Ainda nem nos casamos e você já está no comando das nossas vidas.

Quis sorrir da sua colocação, mas fui impedida por uma vontade absurda de chorar, lamentando pelo que poderia construir com ele se Valentina nunca tivesse atravessado o meu caminho. Até em casamento já estava falando. Seríamos realmente um belo casal, se pudéssemos, mas aquela era a minha vida, nunca podia ter o que realmente queria, então aproveitaria o pouco que me restava.

Assim, o empurrei para trás com o meu corpo e o montei, esfregando meu sexo todo lambuzado na sua semiereção.

— Prometo que você não vai se arrepender. — falei,

com um sussurro carregado de promessas, para em seguida inclinar-me até ele, entregando-me ao beijo que veio faminto e gostoso. Depois, escorreguei minha boca pelo seu corpo grande e másculo, em busca de fazer o que desejei desde que o vi tirando as roupas.

Já era noite quando conseguimos finalmente nos desgrudar e deixarmos o escritório. Por sorte, os funcionários estavam acostumados a vê-lo passando horas trancado no porão com todo mundo que o procurava e não desconfiaram de nada. Após o jantar coletivo, repleto de trocas de olhares entre nós dois, esperamos que todos se recolhessem antes que eu fosse para o seu quarto.

Passar a noite com Miguel foi o melhor conto de fadas que já vivi. Ele era o homem mais carinhoso, atencioso e apaixonante que já conheci. Pensar que teria apenas alguns dias com ele me angustiava e afligia demais, então decidi não pensar nisso, fingir que nosso momento seria eterno como ele acreditava e aproveitar ao máximo enquanto podia.

Naquela noite fizemos amor até a completa exaustão,

como se não houvesse o dia seguinte, para depois dormirmos abraçadinhos, transformados em um só ser sobre a cama.

O dia tinha acabado de clarear quando deixamos Santa Maria. Devido a uma chuva fina que caía, decidimos ir no meu carro, deixando a moto velha dele para trás. Miguel dirigia. Deixou a estrada asfaltada que levava à cidade, seguindo por outro percurso, uma estrada piçarrada que cortava os pastos repletos de bois. Como pouco tinha dormido durante a noite, recostei minha cabeça no assento e cochilei um pouco. Acordei quando adentrávamos os portões de um casarão enorme, com um chafariz e um jardim muito bem cuidado na frente, situado em uma área enorme, cercada pelo pasto, onde havia algumas outras casas menores e um aeroporto.

— Que lugar é esse? — indaguei, sonolenta.

— A fazenda onde meus pais moram.

Ajeite-me no assento, fitando-o em pânico.

— O que estamos fazendo aqui?

— Precisamos de uma picape com tração nas quatro

rodas para chegar ao sítio, pois a estrada está meio abandonada. E aqui tem uma picape.

— Mas seus pais vão sacar que estamos juntos! — eu ficava cada vez mais apreensiva, temendo que os pais dele contassem a Valentina e ela fosse atrás de nós. Se foram noivos, na certa ela conhecia o tal sítio. E mesmo que não nos seguissem, quanto antes soubesse que Miguel já não era mais um padre por minha causa, sem que eu a informasse disso e sem cumprir minha parte do acordo sobre ficar com ele apenas uma vez, estritamente para fazê-lo quebrar os votos, menos tempo eu teria para fugir da sua fúria quando voltássemos. Talvez fosse melhor eu fugir para o Rio direto do sítio mesmo. Difícil seria me despedir daquele homem.

— Relaxa. Eles mal saem de casa. Não vão contar isso a ninguém.

Fiquei tensa, completamente retesada sobre o assento, enquanto observava a riqueza à minha volta.

— Você é mais rico do que pensei. Por que anda por aí pilotando uma moto velha?

— Eu não sou rico. Meus pais são. A parte da herança deles que me cabia, é onde funciona o orfanato.

Não bastava ser lindo, carinhoso e bom de cama, o sujeito ainda tem que ser altruísta. Valentina era mesmo uma mulher de muita sorte por em breve tê-lo em sua vida.

Eu daria cinco anos da minha para estar no lugar dela.

Estacionamos perto da entrada e saltamos. Miguel contornou o Fiat velho e veio segurar minha mão, conduzindo-me para dentro sem que eu conseguisse relaxar minimamente. Eu parecia um robô, caminhando mecanicamente ao lado dele, indo conhecer mais pessoas que em três dias estriam me odiando. Na primeira sala, — um cômodo tão grande que era possível se perder lá dentro — fomos recepcionados por um garoto com cerca de dez anos, que largou a metralhadora de brinquedo que trazia na mão para correr ao encontro de Miguel, atirando-se em um abraço. Não precisaram dizer nada para que eu soubesse que eram irmãos, visto que se pareciam demais.

— Oi cara. — Miguel falou, abraçando o garoto com ternura.

O menino esboçou alguns ruídos, mas nada falou, o que só compreendi quando se afastaram do abraço e Miguel começou a se comunicar com ele usando a linguagem dos sinais.

— Essa aqui é minha amiga Manuela. — Miguel falava e fazia os gestos com as mãos ao mesmo tempo. —

Manuela esse é meu irmão Samuel.

O garoto fitava-me timidamente, embora sorrisse, tinha os olhos azuis brilhantes, muito parecidos com os de Miguel.

— Oi Samuel. É um prazer te conhecer. — fiquei desconcertada por não saber falar libras, mas Miguel remediou as coisas ao traduzir o que eu disse, o garoto respondendo com gestos.

— Ele disse que é bom te conhecer também, Manu. E está perguntando se você é minha namorada. O que devo responder?

Dei-lhe uma cotovelada e antes que tivesse tempo de falar alguma coisa, uma mulher de meia idade, vestida com a elegância de uma rainha, surgiu dos fundos da casa,

sua voz alta ecoando pelo cômodo imenso.

— Por Deus! Miguel! É você mesmo? Como é bom te ver em casa, meu amor. — atirou-se nos braços dele, apertando-o com força, visivelmente emocionada.

Duas coisas ficaram claras na fala daquela mulher:

Miguel era seu filho e não ia na casa dos pais há muito tempo. O que era difícil de entender, pois se meus pais me aceitassem na casa deles, dificilmente eu sairia de lá.

— Que saudade, mãe. — afastaram-se do abraço. —

Onde está o papai?

— Está em Goiânia resolvendo alguns negócios. Você vive tão afastado de nós que não sabe quando seu pai viaja e volta. Quando morrermos, só ficará sabendo quando já estivermos enterrados. — Miguel revirou os olhos e a mulher se virou para me observar, examinando-me dos pés à cabeça com curiosidade, o que me deixou ainda mais tensa, pouquíssimo á vontade no shortinho jeans curto que usava. Se Miguel tivesse me avisado que me apresentaria á sua família, eu teria me vestido melhor, para falar a verdade, teria pedido para ficar esperando no

orfanato.

— Mãe essa é Manuela. Uma amiga.

A mulher de fisionomia dura me surpreendeu ao abrir um sorriso largo.

— É um prazer te conhecer, Manuela. De onde você é?

— Do Rio.

— Ah, eu adoro o Rio, principalmente no verão.

— Sim, é a melhor época do ano na cidade.

— A Maria está terminando de servir a mesa do café da manhã. Vamos comer?

— Não mãe. Só estamos de passagem. Vim pegar uma picape emprestada.

A mulher fechou a cara de novo, desta vez se fazendo de vítima.

— Mas você nunca vem aqui e quando vem é com esta pressa. O que custa tomar o café da manhã com sua mãe?

Antes mesmo que Miguel abrisse a boca para responder, eu soube que íamos ficar, pois ele era bom demais para dizer não a alguém, especialmente à sua mãe, embora estivesse claro como água que existia algum

problema entre ele e os pais.

— Você aceita, Manu? — indagou, dando de ombros.

— Claro. — e eu era louca de recusar?

— Então tá, mas não podemos demorar. Ainda temos que pegar a estrada. Vem cá moleque. — passou um braço em torno do pescoço de Samuel e avançou para o interior da casa com ele, se comportando com se tivesse a mesma idade.

A mulher gesticulou muito delicadamente para que os seguíssemos.

— Pra que vocês precisam da picape? — indagou, reduzindo o volume da voz com o claro intuito de não ser ouvida por Miguel.

— Vamos a um sítio.

— Que sítio? É uma festa?

Eu ia pegar Miguel por me deixar na saia justa de responder àquelas perguntas.

— É um sítio de vocês. Não é uma festa. Vamos só nós dois.

A mulher me observou em silêncio por um momento, na

certa fazendo suas deduções e quando esperei que me pegasse pelo cabelo e me arrastasse até a lareira para me incendiar viva por estar afastando seu filho do caminho religioso, ela simplesmente sorriu, de orelha à orelha, como se aprovasse o fato de Miguel deixar de ser um padre.

— É um lugar lindo. Você vai adorar. Costumávamos ir lá com muita frequência quando Miguel e Thalita, sua irmã mais nova, eram crianças. Samuel não gosta muito, mas os outros dois amavam. Anda meio abandonado ultimamente.

— Thalita? Onde ela está? — indaguei num impulso. Era estranho e ao mesmo tempo fascinante saber que Miguel tinha uma família grande, embora parecesse não se dar bem com eles. O que podia não passar de impressão minha. Quando ele mencionou que o resto da herança dos seus pais pertencia aos irmãos, imaginei dois rapazes fortes como ele, não uma garota e um menino que por ter necessidades especiais precisava mais da sua atenção.

CAPÍTULO XVII

— Ela está na Europa. Foi estudar artes na Itália há alguns meses. — os olhos da mulher reluziram dor ao falar, obviamente por sentir saudade da filha.

Devia ser uma péssima mãe para que a filha fosse embora para tão longe e Miguel quase não a visitasse mesmo morando na fazenda ao lado.

Nos reunimos em torno de uma mesa redonda em uma varanda ampla nos fundos da casa, de onde era possível enxergar a piscina oval, cercada de coqueiros e espreguiçadeiras, com plantas exóticas mais adiante.

Embora o café já estivesse servido, uma empregada trajando um uniforme veio trazer mais duas xícaras, quando então cumprimentou Miguel com um discreto aceno de cabeça, deixando claro a formalidade existente entre patrões e empregados.

Olhei para toda aquela riqueza à minha volta e concluí o quanto algumas pessoas não reconheciam e nem sabiam aproveitar a sorte que tinham. Se eu tivesse nascido ali, no seio daquela família, jamais dedicaria minha vida a cuidar de órfãos, como Miguel, ou estaria estudando,

como a irmã dele. No mínimo estaria morando em uma cobertura luxuosa na cidade, indo às compras dia sim e dia não, com vários empregados me servindo. Mas a vida é assim, cada um recebe o destino que merece.

O diálogo se seguiu muito tranquilamente durante a refeição. Miguel e sua mãe falaram sobre a exportação do gado, no quanto seu pai estava empenhado nessa novidade que chegava aos poucos no Goiás e sobre Thalita e sua ida para a Itália. Durante todo o tempo, agiam com uma formalidade estranha, como se não fossem íntimos da forma como deviam ser as pessoas que tinham o mesmo sangue correndo nas veias.

Nas poucas horas que ficamos lá, descobri que Samuel já nasceu sem a voz e sem a audição, embora se mostrasse o mais feliz entre todos em volta da mesa. Até me ensinou um pouco de libras.

— Qual o problema entre você e sua família? —

perguntei, quando estávamos na picape de luxo emprestada, deixando a fazenda rumo ao tal sítio.

— Por que você acha que temos problemas? Está tão

na cara assim? — Miguel indagou.

— Sim, está.

Ele suspirou antes de falar.

— Eles não têm ninguém pra assumir os negócios.

Thalita é uma destrambelhada, Samuel não pode por ser especial e como só sobrou o meu nome na lista, acham que eu tenho que assumir a responsabilidade, mas não quero.

— Por quê? Não gosta de vacas?

— Não tenho vocação pra ser fazendeiro.

— E qual a sua vocação? Padre eu já sei que você não nasceu pra ser.

Um vinco se formou acima das suas sobrancelhas e me arrependi pelo comentário. Ocorreu-me que eu podia estar destruindo seu sonho ao desencaminhá-lo do cargo religioso. Por outro lado, considerando os motivos que o levaram a escolher o sacerdócio, talvez eu estivesse lhe fazendo um favor.

— Antes de tudo acontecer, em Goiânia, eu só tinha vocação pra beber, me drogar e fazer farra, mas cuidando

das crianças no orfanato, descobri que é isso que amo fazer. Não quero outra vida. Poder ajudar pessoas que precisam é o que escolhi pra mim.

— Você podia implementar um programa de adoção, do tipo receber a visita de famílias previamente selecionadas por uma assistente social, para que as crianças tivessem um lar de verdade.

Miguel refletiu por um instante antes de falar.

— Você acha que isso podia dar certo? As crianças não se sentiriam rejeitadas uma segunda vez tendo que ir embora do orfanato?

— Claro que não. Além do mais, elas podem ter a escolha de ir ou não. Você vai ver como todas vão querer ir. Isso pode evitar também que o orfanato fique lotado.

— Você pode estar certa. E para elaborar este programa vou precisar de uma assistente com a uma mente tão criativa. Gostaria de se candidatar ao cargo?

Ele falou com tanta animação que fiquei com pena.

Nem passava pela sua cabeça que em três dias eu partiria para nunca mais voltar. Não queria nem imaginar como

ele se sentiria quando passasse a acreditar que foi enganado, usado e manipulado, pois essa seria a verdade na qual acreditaria. Me doía por dentro pensar no quanto ele se sentiria magoado, no quando sofreria.

Por Deus! Como eu queria ter o poder de voltar no tempo para não ter ido rodar a bolsinha na noite em que conheci Valentina. Se tivesse ficado quietinha na pensão, estaria com ele de verdade naquele momento, livre para viver aquele sentimento tão bonito que existia entre nós, sem nenhum empecilho. Ter saído naquela noite foi a pior decisão que já tomei, mas agora era tarde, não tinha como voltar atrás.

— Claro que quero. — respondi, forçando meus lábios a abrirem em um sorriso.

A chuva se foi e o sol forte deu o ar da sua graça, tornando aquele dia ainda mais perfeito. Depois de percorrermos vários quilômetros de estradas arruinadas por entre pastos verdejantes repletos de gado, finalmente chegamos ao nosso destino e mais uma vez fiquei estupefata com tanta riqueza. O que Miguel chamava se

sítio, tratava-se de mais uma casa enorme, desta vez em estilo colonial, cercada por um jardim repleto de plantas exóticas, às margens do rio Araguaia. As águas límpidas e correntes passavam bem perto da construção imponente.

— Uau! Isso é o que eu chamo de um belo sítio. —

falei, impressionada, observando tudo a minha volta.

— Costumávamos passar muito tempo aqui quando eu era criança. — falou, percorrendo os olhos por uma área onde um dia foi um campo de futebol, agora tomada pelo mato. — Tenho uma surpresa pra você.

Miguel contornou o carro, segurando-me a mão para me guiar na direção do rio. Ao nos aproximarmos, enxerguei o pequeno barco a motor atracado na margem, cheio de equipamento de pescaria. Como passava do meio dia e minha barriga roncava de fome, não me animei nem um pouco com a atividade. Além do quê, tinha planejado aquela viagem para ficar juntinha com ele, não pescando.

— É sério que você quer pescar? — indaguei, consternada.

Sua boca linda se esticou em um sorriso amplo.

— Hoje não. O barco é só para nos levar até lá. —

gesticulou para uma pequena ilha.

— O que tem lá?

— Você vai ver.

Continuou segurando-me a mão até entrarmos no barco e partimos. Em poucos minutos atravessamos o pequeno espaço de água que nos separava da ilha coberta por pedras rochosas, areia e alguns poucos arbustos. Mais uma vez fiquei admirada, desta vez com o bangalô de madeira, rodeado por cortinas de tecido delicado branco, enfeitado com plantas em vasos de barro, dentro do qual havia uma chaise retangular, de palha, forrada com almofadas brancas, imitando um sofá, suspensa por cordas, e uma pequena mesa com dois lugares, ornamentada com flores, que acabava de ser lindamente posta por uma mulher de meia idade bastante sorridente a quem Miguel cumprimentou com familiaridade, como se fossem velhos conhecidos.

— Manu, essa é Sebastiana. Esposa do nosso caseiro.

A mulher e eu nos cumprimentamos com um amistoso

aperto de mãos.

— Acho que está tudo aí. — Sebastiana falou, demonstrando simpatia. — Galinha caipira ao molho pardo, macarrão, salada e vinho. Tudo fresquinho. — alternou seu olhar especulativo entre mim e seu patrão, na certa tirando suas deduções. — Acho que vou indo. Precisando é só telefonar.

— Obrigada Sebastiana. — Miguel falou.

A mulher se despediu, entrou em um barco a remo pequeno e se foi, deixando-nos sozinhos em meio àquele paraíso.

— Eu pensei que você tinha dito que o sítio estava abandonado.

— E está. A casa principal está vazia há anos, mas os caseiros moram aqui. Em uma casa menor.

— Quando você organizou isso tudo? — perguntei, observando a comida servida com capricho.

— Telefonei para ela da estrada, enquanto você cochilava. — puxou uma das cadeiras e me acomodei, para que em seguida ele se sentasse do outro lado. —

Com fome?

— Praticamente morrendo. — Miguel sorriu.

Sem qualquer constrangimento perto dele, ataquei a comida, servindo-me com generosidade. Nunca tinha experimentado galinha caipira antes, era realmente uma delícia. A comida toda permeada por um sabor diferente, desconhecido.

— Nossa! Isso está uma delícia. — falei, para em seguida ingerir um gole do vinho que Miguel nos serviu.

— Está reparando nesse sabor de comida da roça?

— Sim, tem um tempero que eu não conhecia.

— Não é o tempero, é o gosto típico de comida preparada à lenha.

— Minha nossa! Isso ainda existe? Fogão à lenha?

— Sim. Não é tão comum quanto antigamente, mas muitas famílias ainda o preservam aqui no interior. Não apenas pela economia de gás, mas pelo sabor mesmo. A família de Sebastiana só cozinha assim.

— Agora entendi porque você gostava de vir aqui quando era criança.

Ele sorriu novamente e bebeu um gole do seu vinho.

Almoçamos envolvidos em uma conversa gostosa, descontraída, como se nos conhecêssemos há muito mais tempo. Eu nunca tinha ficado tão à vontade na presença de um homem como ficava na de Miguel. Com ele eu não sentia necessidade de usar uma maquiagem estratégica, jogar charme ou fazer caras e bocas, era apenas eu mesma, simples assim. E com Miguel parecia acontecer o mesmo, pois agia muito naturalmente, como se estivesse na companhia de uma pessoa íntima, embora cada minúsculo gesto seu possuísse um charme irresistível, que me deixava babando. Quem seria capaz de resistir? Com a fome por comida saciada, a fome por aquele homem cresceu dentro de mim. Eu olhava para ele e um filme pornográfico se passava em minha mente. Minha intimidade estava ficando molhada antes mesmo que ele me tocasse.

— Quer voltar para a casa? — Miguel perguntou, ainda saboreando seu vinho. Tinha os olhos cerrados, cheios de fogo, a voz carregada de excitação.

— Tem uma cama lá?

Por um breve instante, seu olhar focou o ponto atrás de mim: a chaise armada dentro do bangalô, o que foi suficiente para que eu imaginasse nós dois ali, completamente nus. Qualquer lugar ficaria perfeito desde que fosse ele o homem comigo.

— Tem. — fitou novamente meu rosto.

— A casa está longe demais. — sussurrei e sua boca linda se curvou num sorriso crucialmente sexy.

Em um milésimo de segundos Miguel contornou a mesa pequena, alcançando-me. Tomou-me em seus braços, apertando-me com força contra seu corpo e beijou-me até que eu estivesse sem fôlego, perdida de desejo, totalmente entregue à luxúria que me dominava. Enlacei seu pescoço com os meus braços, pressionando mais meu corpo no seu, empurrando meu ventre contra sua ereção firme e poderosa.

Suas mãos passearam pelo corpo, apalpando minhas costas e minha bunda, contornando minha silueta, até que por fim se infiltraram sob minha camiseta para

acariciarem meus peitos, esfregando meus mamilos entre os dedos, numa massagem gostosa que me fez gemer prazer. Uma das mãos escorregou para dentro do meu short, seus dedos se enterrando entre meus grandes lábios para tocar meu clitóris sensível, massageando-o em círculos, deixando meu corpo todo em chamas, ardendo de te.são.

— Manuela... Que delícia... Sempre molhadinha... — sussurrou, roucamente, enquanto sua boca passeava sobre a pele do meu pescoço, lambendo e mordiscando, deixando-me cada vez mais excitada.

— É você que me deixa assim, Miguel. Sou louca por você. — enfiei minhas mãos sob sua camiseta, ajudando-o a tirá-la, extasiada com o contato dos seus músculos duros. — Não importa o que aconteça conosco futuramente, não importa os rumos que nossas vidas tomarão, eu quero que você saiba que te desejo de verdade, te quero demais, como nunca quis outro homem. Meu corpo é a prova disto. Eu sou louca por você, Miguel, nunca duvide dessa verdade.

— Sou louco por você também. Você foi a minha perdição e sempre será.

Afastou-se um pouco e, vagarosamente, despiu-me das minhas roupas, tirando a blusa pela cabeça, escorregando o short pelos pés junto com a calcinha, sem que sua mão deixasse minha pele nem por um segundo. Fiquei completamente nua diante dos seus olhos brilhante, que pareciam querer me devorar, explorando cada detalhe do meu corpo.

— Tão linda. — murmurou e voltou a me beijar na boca, suas mãos me percorrendo inteira.

Uma lufada de vento me fez lembrar que estávamos ao ar livre, onde podíamos ser vistos a qualquer momento e fiquei sobressaltada.

— Miguel, alguém pode nos ver. — sussurrei, escorregando minha boca para o seu maxilar, porque afastar-me já não era possível.

— Não tem ninguém nas redondezas. A única moradia por perto é a do caseiro e eles não vão vir aqui. Relaxa.

— sua voz estava entrecortada pela respiração ofegante.

Assim, esqueci-me de tudo mais que não da sua proximidade e entreguei-me por completo, abraçando-o pelo pescoço, pendurando-me nele, pressionando meus seios no seu tórax duro com mais força, meu sexo lambuzado empurrando sua ereção por sobre sua calça, a fome por ele crescendo dentro de mim, arrebatando-me até que nada mais me importasse que não ser sua.

Sem apartar sua boca da minha, Miguel carregou-me até a chaise. Deitou-se de costas, colocando-me em cima do seu corpo grande, de modo que precisei apoiar os pés no chão, um de cada lado, para equilibrar-me. Continuou alisando meu corpo com mãos habilidosas, ora nos peitos, ora explorando a fenda entre minhas nádegas, gostosamente, até que, num repente, segurou-me pela cintura, dos dois lados, escorregou seu corpo um pouco mais para baixo e suspendeu-me, me fazendo montar em sua face, completamente arreganhada, apenas as pontas dos meus pés alcançando o chão, minhas mãos segurando as cordas que suspendiam a chaise para me dar equilíbrio, seus olhos brilhantes fitando minha vagina, de muito perto.

— Que bocetinha linda. — seu hálito quente me acariciou bem ali no meio das pernas e sibilei em expectativa. — Vou te chupar até te deixar mole de tanto gozar.

Usou seus polegares para abrir meus grandes lábios e deu uma lambida entre eles, bem em cima do meu clitóris.

— Ahhh porra! — gemi, enlouquecida, lançando a cabeça para trás.

Com experiência, Miguel continuou movendo sua língua sobre meu ponto mais sensível, freneticamente, em círculos, para frente e para trás, seu polegar escorregando para dentro do meu canal lambuzado, fodendo-me devagar, deliciosamente, quando abri mais minhas pernas, a fim de recebê-lo mais fundo.

Putá merda! Como ele fazia aquilo bem feito. Tinha muita experiência, conhecia o ponto exato onde tocar uma mulher, sabia dar prazer como ninguém, uma dádiva que não ficou para qualquer homem.

E aconteceu muito rápido, antes que eu pudesse me dar conta, estava gozando na boca dele, gemendo seu nome,

me contorcendo toda, as paredes da minha vagina latejando em volta do seu dedo, meu liquido escorrendo com abundância na sua mão e pouco a pouco me acalmei. Sentindo-me muito sensível naquela região do meu corpo, tentei afastar-me, mas suas mãos fortes me seguraram firme no lugar, pelos quadris.

— Ainda não. — disse, com autoridade. — Quero mais dessa xoxotinha gostosa na minha cara.

Afastou novamente meus grandes lábios e sua língua habilidosa voltou a dançar sobre meu clitóris inchado, o tesão renascendo com toda força em minhas entranhas, uma ânsia quase dolorosa pela libertação me tomando, seu nome parecendo incrivelmente doce na minha boca.

Putá merda! Como podia ser tão gostoso? Como conseguiu passar três nos sem sexo, se parecia gostar tanto e fazia tão bem?

CAPÍTULO XVIII

Segurei nas cordas da chaise com mais afinco para me equilibrar melhor e rebolei os quadris, esfregando minha boceta na sua boca deliciosa, quando então seu polegar

voltou a me penetrar, movendo-se em vai e vem, massageando o meu ponto G, como se conhecesse meu corpo mais que eu mesma. Um grito me escapou, quando ele prendeu meu clitóris entre seus lábios, sugando vagorosamente, intensificando minha vontade de gozar, tornando-a quase dolorosa.

Enterrou mais um dedo no meu canal, movendo-os mais depressa, ao mesmo tempo que voltava a lamber meu clitóris, freneticamente, levando-me muito perto da libertação. Molhou outro dedo com o líquido da minha excitação, espalhando-o sobre meu ânus e o introduziu no meu canal mais estreito, cuidadosamente, movendo-o a princípio bem devagar, para logo intensificar os movimentos e foi assim que explodi, gozando mais uma vez, duplamente preenchida por aquele homem.

Meu corpo se contorceu todo, seu nome saltou da minha garganta, repetidamente, até que perdi as forças, minhas pernas fraquejaram e caí sentada sobre seu corpo, na altura do abdômen, completamente mole, devastada.

— Minha nossa! Você está acabando comigo. —

Choraminguei, extasiada de prazer.

— Mas eu ainda estou só começando.

Segurou meu cabelo atrás da cabeça e me puxou para cima, levando meus lábios até os seus, fodendo minha boca com sua língua deliciosa, quente e úmida, enquanto a outra mão empurrava-me para baixo, na altura dos quadris, esfregando minha intimidade lambuzada na sua pele quente, para em seguida se enterrar entre minhas

nádegas, um dedo entrando em meu ânus, o que foi suficiente para que meu corpo fervesse de novo, tomado por um tesão insaciável, como se fosse entrar em combustão a qualquer momento.

— Quero comer esse cuzinho, Manuela. Vai dar ele pra mim?

— Vou... Te dou tudo o que você quiser.

Enlouquecida de desejo, mordi seu lábio inferior, sugando-o, tomada por uma necessidade urgente de tê-lo dentro de mim.

— Vem cá, gostosa. — Sua voz saiu rouca, meio selvagem.

Levantou-se da chaise, levando-me junto. Em pé, continuou beijando-me, com erotismo, deixando-me cada vez mais perdida. Afastou-se um pouco, o suficiente para se livrar dos tênis e do jeans, expondo completamente o corpo perfeito, os quadris estreitos, o abdômen sarado, sem qualquer vestígio de pelos até a altura da pélvis peluda. O pênis estava totalmente duro, esticado para cima, tão grande que a glândula chegava a alcançar o

umbigo, tão delicioso que me dava água na boca.

O abracei novamente, mordiscando seu queixo másculo, segurando seu pau entre meus dedos, sentindo-o latejar, o que me deu água na boca. Mas Miguel não esperou que eu o abocanhasse como queria, com um gesto rápido, conduziu-me até uma das vigas de madeira do Bangalô, encurralando-me. Espalmou suas mãos nas minhas nádegas, suspendendo-me para nivelar nossos sexos e, com um único gemido, me penetrou, entrando em mim devagar, enterrando-se até a raiz, sem desviar seu olhar luxurioso do meu.

— Que delícia... tão quente... molhada... e apertadinha... — Sussurrou, seu hálito morno acariciando minha face.

A princípio, a madeira dura da viga machucou-me as costas, o que logo se tornou irrelevante diante das sensações libidinosas que tomavam conta de mim, a dor sucumbindo ao prazer, à medida que Miguel movia seus quadris em vai e vem entrando e saindo do meu interior, devagar, se enterrando até o fundo, me fazendo implorar

intimamente por movimentos mais acelerados, como se a intenção fosse me torturar, deliberadamente. Eu não estava acostumada a transar sem camisinha e não havia palavras que pudessem descrever a sensação da sua carne rija e quente em contato direto com a minha, algo que parecia nos tornar ainda mais íntimos, cúmplices da mesma loucura, uma loucura deliciosa.

Desesperada, abracei seu corpo com minhas pernas, na altura dos quadris e me movi depressa, arremetendo-me contra ele, pedindo por mais, até que minha súplica foi atendida, quando Miguel acelerou as estocadas, metendo cada vez mais forte e depressa, me deixando cada vez mais doida de prazer, minhas unhas crescidas se enterrando na pele das suas costas, meus gemidos partindo altos da minha boca.

— Ah, delícia... me come... assim... mais forte... ahhh

— As palavras saltavam da minha garganta, sem que eu tivesse controle algum sobre elas.

Encontrava-me totalmente entregue àquele homem, parecendo muito frágil e pequena entre seus braços fortes,

dominada, arrebatada por um mar de sensações que me cegavam para tudo mais que não para ele, a melhor sensação que já tive na vida, a sensação de que lhe pertencia, de que nasci para estar exatamente onde estava, de que em seus braços era o meu lugar, embora soubesse que isso não era verdade.

Estava muito perto de explodir em outro orgasmo quando Miguel parou, saindo de mim, afastando-se alguns centímetros. Conduziu-me até a pequena mesa, afastando os pratos para um lado, para em seguida debruçar-me sobre o tampo de madeira, empinando minha bunda, usando as mãos para me fazer abrir mais as pernas, de modo que fiquei totalmente exposta diante dos seus olhos, uma exposição que me deixava ainda mais excitada, por saber que era admirada e desejada por um homem como ele, o melhor que já conheci, em tantos sentidos que sequer conseguia enumerar.

Miguel agachou-se atrás de mim e trouxe sua boca gostosa para o meu sexo novamente, lambendo meu ânus antes que a ponta da sua língua alcançasse meu clitóris,

movendo-se sobre ele.

— Ah meu Deus... — Gemi, perdidamente excitada.

Escorregou a língua de volta para o meu canal mais estreito, forçando a entrada, ao mesmo tempo que o lubrificava, depois usou os dedos para isto, espalhando os líquidos do meu tesão, escorregando um dedo para dentro, depois mais um, me fodendo assim, enquanto eu só conseguia gemer, pedindo por mais, com súplica.

E Miguel me atendeu, logo estava em pé de novo atrás de mim, segurando meus pulsos atrás das costas com uma mão, enquanto usava a outra para segurar seu pau pelo meio, esfregando a glândula em toda a minha extensão, me lubrificando um pouco mais ali atrás, para logo forçar a entrada em meu ânus, enterrando-se muito devagar, cada centímetro do seu tamanho perfeito escorregando para dentro com cuidado para não me machucar, até que estava todo dentro mim, movendo-se em vai e vem.

Miguel era tão grande que eu o sentia empurrando as paredes do meu orifício, forçando tanto que parecia que me partiria ao meio a qualquer momento, porém, diferente

de como foram muitas vezes antes, com homens desconhecidos, com ele eu não sentia dor alguma, pelo contrário, experimentava o melhor prazer que já tive, cada célula do meu corpo parecia em meio a um incêndio.

— Porra... assim vou ficar viciado... — Grunhiu, rouco e selvagem, movendo-se mais depressa. — Vou te comer todo dia, gostosa, te comer tanto que você só vai viver dolorida do meu pau... delícia...

— Ah... Miguel... quero dar pra você toda hora... que tesão...

Sua mão passou pela lateral do meu quadril, seus dedos alcançando o meu clitóris, massageando-o em círculos, me deixando ainda mais doida.

Ensandecida, encolhi uma perna, pendurando-a na mesa, me arreganhando ainda mais para aquele homem e ergui meu corpo para alcançar sua boca, sendo recompensada pelo beijo que veio faminto e selvagem, minha língua sendo chupada com muito tesão.

— Ah... vou encher esse cuzinho de leite... — Sua voz lembrava o grunhido de um animal. — Goza comigo,

Manuela...

Moveu-se ainda mais depressa dentro de mim, estocando duro, meu corpo atendendo ao comando da sua voz, se contraindo todo para depois explodir, junto com o dele, em um orgasmo tão arrebatador que meus gemidos se transformaram em gritos, as lágrimas brotando dos meus olhos, meu corpo todo ondulando, tudo se intensificando pelos seus espasmos que se faziam de encontro à minha carne, seu esperma quente jorrando dentro de mim, até que não parecia haver mais nenhuma gota.

Ainda sem sair de mim, Miguel virou o meu rosto para si novamente e me beijou com uma paixão visceral, demoradamente, para em seguida retirar-se do meu interior, com cuidado.

— Caramba, eu estou acabada. — Falei, virando-me de frente, abraçando-o pelo pescoço, toda mole. — Nunca tinha gozado desse jeito na minha vida. — E era verdade, nunca tinha passado de um orgasmo por transa, e isso nas raríssimas ocasiões em que conseguia gozar, mesmo

quando acreditava estar apaixonada por Fábio.

Minhas pernas amoleceram e só não caí porque Miguel me amparou com braços fortes, carregando-me para a chaise. Deitou-se de costas, colocando-me por cima dele, aninhando-me em seu corpo grande e ficamos imóveis, envolvidos por uma atmosfera gostosa de paz e tranquilidade em meio ao silêncio quebrado apenas pelos sons da nossa respiração ofegante e da natureza em volta.

— Acho que eu devia ter te levado pra casa. Lá é mais confortável. — Falou.

— Não estou reclamando, pelo contrário, isso foi perfeito. A melhor coisa que já tive na vida.

— Eu também não me lembro de ter sido tão bom antes.

— Você é muito gostoso. Onde aprendeu a transar tão bem?

Miguel sorriu sem graça, desconcertado.

— Aprendi com a vida. Tive muitas mulheres ao longo da minha jornada.

Lembrei-me de Valentina e sua beleza exuberante, era

possível compreender porque estava tão apaixonada por aquele homem, que mulher não ficaria?

— Achei que você e Valentina namorassem desde a adolescência.

— E namorávamos. Mas nunca foi só ela. Tínhamos um relacionamento aberto, por vezes ficávamos com outras pessoas, outras mulheres na verdade. Não há forma melhor de um homem aprender a dar prazer a uma mulher que vendo duas mulheres juntas, pois elas conhecem o corpo uma da outra, sabem exatamente o que fazer.

— Vocês ficavam todos juntos?!

— Sim, tudo junto e misturado. Valentina só nunca aceitou ser deixada de fora.

Minha nossa! Essa gente do interior estava mais moderna que as pessoas da cidade.

Relembrei as palavras daquela mulher, sobre o fato de Miguel ainda amá-la e senti um aperto no coração, embora soubesse que era um sofrimento desnecessário, já que o destino de ambos era ficarem juntos. Não haveria lugar para mim na vida de Miguel depois que ele soubesse toda

a verdade.

— Você ainda a ama?

— Não mais.

— Mas amou?

— Sim. Houve uma época da minha vida que achei que nunca deixaria de amá-la, mas depois daquela noite, tudo se acabou.

— Que noite?

— A noite em que Bebeto foi assassinado. Não estou reduzindo minha culpa, foi culpa minha, mas ela estava junto e não fez nada. Eles eram irmãos, ela sabia o que aconteceria e nem tentou me impedir. Teria me impedido se tentasse. Ambos fomos culpados, mas ela nunca assumiu isso. Sequer fez luto pelo irmão.

— Não foi culpa de vocês. Tira isso da cabeça, foi tudo culpa das circunstâncias.

Eu sabia que um homem não deixaria uma mulher como Valentina assim sem mais nem menos, sem um motivo forte e o de Miguel foi a parcela de culpa que atribuía a ela pela morte do amigo, algo que com o tempo seria

esquecido. Imaginei que em breve os dois estariam juntos de novo, de volta à vida de farras e orgias, enquanto eu estaria de volta ao Rio. Tratei de afastar tais pensamentos rapidinho, para que não estragassem aquele momento tão perfeito.

Cochilamos um pouco, abraçadinhos na chaise, depois tomamos banho nas águas mornas do rio, entregues um ao outro como se não houvesse o dia seguinte. Era quase noite quando finalmente fomos para a casa, enorme, luxuosa e mobiliada com muito bom gosto. Pedi que Miguel não incomodasse Sebastiana de novo, a fim de aproveitar cada minuto sozinha com ele e preparei um risoto de camarão para o nosso jantar, o qual saboreamos com vinho na sacada da suíte que ocupávamos no segundo andar, aproveitando o ar puro da noite e a companhia um do outro, aquela sensação de que nada mais me faltava nessa vida, de que eu finalmente encontrara meu lugar no mundo, me tomando todo o tempo, proporcionando-me uma felicidade genuína, momentos que eu levaria na minha memória, dos quais eu me recordaria enquanto vivesse.

Fizemos amor praticamente durante a noite inteira, para depois dormirmos abraçadinhos, envolvidos por um silêncio gostoso, quebrado apenas pelo canto dos grilos. Acordamos tarde na manhã seguinte. Dispensamos qualquer atividade recreativa que se podia praticar naquele lugar — como fazer trilha pela mata, pescar e tomar banho de cachoeira —, para ficarmos o tempo todo juntinhos, nos amando, ou apenas conversando, deitados em uma rede que havia na varanda, abraçadinhos.

Para aproveitar ainda mais aqueles momentos sozinha com ele, pedi que dispensasse Sebastiana e passei a preparar nossas refeições, sanduíches rápidos, na maioria das vezes, só para que nosso tempo juntos se prolongasse, afinal era tudo o que eu teria dele em breve: as lembranças de tais momentos.

Os dois dias que se seguiram foram os mais inesquecíveis da minha existência. Não podia haver felicidade maior que estar com Miguel. Era como se pela primeira vez minha vida fizesse algum sentido, como nunca fez antes. Finalmente eu sentia que havia algo pelo

que valia à pena viver e embora fossem apenas momentos passageiros, que logo teriam fim, eu seria capaz de viver minha vida toda novamente, de passar de novo por cada pesadelo nas ruas, de enfrentar o frio, o sono e a humilhação dos homens que me pagavam para me possuir, apenas para ter aqueles momentos de novo, porque em fim eu percebia que tudo valeu à pena se em troca tive a chance de conhecer Miguel, a melhor coisa que já me aconteceu.

Na terça-feira, acordei meio deprimida, pela proximidade da nossa despedida, já que retornaríamos à Santa Maria na manhã de quarta-feira. Queria poder estender aquele prazo, passar mais tempo no sítio, mas Miguel estava preocupado com o funcionamento do orfanato. Apesar de telefonar todos os dias, sua presença lá era indispensável. Se ele soubesse que eram nossos últimos momentos juntos, talvez sacrificaria mais alguns dias de trabalho para estendê-los, porém, acreditava que continuaríamos depois que partíssemos.

O dia estava ensolarado como os anteriores, tínhamos

acabado de almoçar sanduíches de frango grelhado e vinho. Estávamos deitados na rede da varanda, abraçadinhos, apreciando o calor do corpo um do outro, envoltos no silêncio gostoso, quebrado apenas pelo burburinho dos pássaros e dos insetos, mergulhados numa paz deliciosa, frequente em momentos como aquele, quando de súbito o ronco quase silencioso do motor de um carro se aproximou e quando levantei-me para ver a BMW de Valentina estacionando diante da moradia, meu coração falhou uma batida, meu sangue gelou nas veias, sendo todo drenado da minha face, um bolo horrível se formando na boca do meu estômago, pela certeza de que tudo tinha chegado ao fim. Em questão de minutos Miguel estaria com ódio de mim, nunca mais olharia na minha cara e eu não estava nem um pouco preparada para isto. Não foi o suficiente, eu queria mais tempo com ele. Fui tomada por um dor absurda, as lágrimas muito próximas dos meus olhos, sem que eu permitisse que caíssem.

Valentina saltou e se aproximou da varanda

caminhando com sua postura altiva de sempre, parecendo muito sofisticada dentro do vestido de seda branco, com o cigarro aceso entre os dedos. Ao subir a escadinha, fuzilou-me com olhos faiscando de ódio, dando-me a certeza de que faria exatamente o que eu temia: contaria tudo a Miguel para que se afastasse de mim e eu estivesse fora do seu caminho.

Por Deus! O que seria da minha vida sem aquele homem?

— Valentina. O que faz aqui? — Miguel indagou, visivelmente abalado, certamente pelo fato de ter se afastado da função religiosa sem dar satisfação a ninguém, dando a impressão de que fazia aquilo escondido.

— Precisamos conversar. — Valentina falou, secamente, dando uma grande tragada no seu cigarro enquanto examinava nossa aparência com olhos de fúria. Miguel estava só de bermuda e eu com um top tão curto quando o shortinho de malha. Ambos descalços.

— Como soube que eu estava aqui?

— Sua mãe me falou.

— Claro. Só podia ser.

— Ela não fez por fofoca. As pessoas foram à missa no domingo e não te encontraram. Os funcionários do orfanato não souberam explicar onde você estava, então fui perguntar a ela. Demorei a acreditar quando me disse que tinha vindo pra cá com essa mulher.

— Eu não estou traindo a igreja, se é o que está pesando. Amanhã vou contar a todos que estou abandonando o sacerdócio. Portanto não estou enganando ninguém.

— Não foi por isso que vim. Eu conheço o seu caráter, sei que não enganaria todo mundo desse jeito. — Olhou-me como se quisesse me incendiar viva. — Vim te dizer quem é essa mulherzinha.

“Ah, meu Deus. Não!”

— Seja o que você tenha a dizer, eu não quero saber.

— Miguel se impacientou. — Por favor, vá embora daqui. Nos deixe sozinhos. Eu estou feliz, Valentina, como há muito não me sentia. Não tente estragar isso. O que havia entre nós acabou, não vai mais acontecer.

A medida que ele falava, o olhar dela se tornava mais sombrio, carregado de uma fúria quase bestial.

— Eu a contratei. — Soltou.

Miguel ficou paralisado, fitando-a com olhos arregalados, o queixo caído.

— Como é?

— Isso que você ouviu. Essa garota é uma prostituta.

Veio pra Montana atrás de um babaca em quem dar o golpe do baú, como não obteve sucesso, voltou a rodar a bolsinha nas ruas, onde eu a encontrei. — Jogou o toco do cigarro sujo de batom fora e acendeu outro, seus movimentos bruscos revelando sua fúria. — Ofereci quinhentos mil a ela para seduzir você, te levar para a cama e te fazer desistir dessa bobagem de sacerdócio. Fiz isso por amor, porque te amo demais e essa foi a única forma de te fazer enxergar que a vida ao meu lado é bem melhor. Eu sei que fui radical contratando uma prostituta, mas só uma profissional podia te fazer desistir do celibato e ela conseguiu, só que não se satisfez com isto.

CAPÍTULO XIX

Devagar, Miguel trouxe seu olhar para o meu rosto, ainda estava atônito, porém a mágoa também já era visível na sua expressão.

— O que ela está dizendo, é verdade?

Com meu sangue gelado nas veias, o coração apertado no peito, não apenas porque o perderia, mas pelo quanto aquela verdade o magoaria, cogitei seriamente mentir, negar tudo, para que não me odiasse, mas seria em vão, Valentina era astuta o suficiente para ter guardado alguma prova do nosso plano.

Então, com o meu mundo prestes a ser destruído, confessei.

— Sim. — Minha voz saiu trêmula, anunciando a enxurrada de lágrimas que ameaçava cair. — No começo fiz pelo dinheiro, mas depois foi porque te desejava de verdade. Eu já tinha desistido do que ela ia me dar quando ficamos juntos. Fiquei com você porque eu quis. Porque te quero demais, não...

— Cala a boca! — Miguel gritou, sua voz ecoando pelo lugar deserto, o misto de ódio e dor se refletindo em

seu olhar. — Toda aquela conversa de que me desejava, toda aquela encenação para eu ir dormir no seu quarto, era tudo armação, fingimento, tudo por dinheiro?! Como pode ser tão inescrupulosa e baixa? — Acusava-me e condenava-me com o tom da sua voz e com o seu olhar, enquanto eu apenas me encolhia, desviando meus olhos para o chão, sem encontrar palavras com as quais pudesse me defender. Não havia defesa para mim. Ele estava certo em me condenar. O que eu fiz não tinha justificativa. — O que pretendia fazer agora? Por que quis vir pra cá se já tinha conseguido seu objetivo?

— Ela deve ter descoberto que você é rico e quis garantir um segundo golpe do baú caso não desse certo com Felipe. — Foi Valentina quem falou.

— Cala a boca, Valentina. Vai embora daqui! —

Miguel voltou a gritar. Valentina permaneceu onde estava.

— Você achou mesmo que teria alguma chance de voltarmos depois disto? — Gesticulou na minha direção como se eu fosse algum tipo de bactéria benigna. — Você me fez de bobo. Se havia sobrado qualquer vestígio de

amizade entre nós, ela acaba aqui. — Virou-se novamente para mim, fuzilando-me com olhos mortais. — Por que fez isso comigo, Manuela. O que eu fiz pra você? — Abri a boca, mas ele não esperou que respondesse. — Eu te ajudei quando você precisou, te acolhi, te dei um emprego quando todos negaram. Por que me usou desse jeito? Por que destruiu a minha vida por... dinheiro?

Não consegui segurar e deixei que as lágrimas rolassem soltas pelo meu rosto, a dor latejando em minhas entranhas, uma pena absurda de Miguel, que certamente se senta pior que eu. Daria a minha vida para poder voltar no tempo e não ter feito aquilo. Teria sido melhor contar-lhe a verdade, que me entregado ao desejo dentro de mim.

— Me perdoa, Miguel. Não agi com a intenção de te fazer mal, eu juro. Quando ela me procurou eu estava com fome, sem dinheiro pra nada, precisava pelo menos arranjar o suficiente para a passagem de volta para o Rio. Não sabia que você pretendia me dar um emprego. Se soubesse eu teria te esperado.

Quanto mais eu falava, mais ele se mostrava ferido e

furioso.

— Nada disso justifica! Você podia ter negado a concordar com isso. Não pensou que podia estar aceitando destruir a vida de alguém? — Mais uma vez, continuou, sem esperar resposta. — Pessoas como você não pensam em mais ninguém que não em si mesmas, não é? Uma mulher que tem coragem de se vender, de ficar com qualquer um por dinheiro, é capaz de tudo. Idiota fui eu, de me deixar cair nessa.

— Não é bem assim. Não fiz pelo dinheiro, eu juro. No começo foi, mas não depois.

— Cala essa boca! Você me dá nojo. — Desesperada, soltei um soluço em meio às lágrimas. — Nunca mais quero olhar na sua cara. Vai embora de Montana. Você é uma excelente profissional, sabe fingir como ninguém, vai ter muito sucesso na sua carreira de prostituta.

— Miguel... não fala assim. — Tentei. — Tudo o que aconteceu entre nós não foi mentira, eu não estava fingindo.

— Não fala mais meu nome, prostituta! — Gritou de

novo. — Mulheres como você são capazes de tudo por dinheiro. Espero que tenha valido à pena o que recebeu para acabar com a minha vida.

Com isto, entrou na casa e quando saiu usava uma camiseta por cima da bermuda. Passou rapidamente por nós, sem olhar para os lados, dirigindo-se direto para a picape. Entrou e deu partida, arrancando em uma velocidade mais elevada que a aceitável para o terreno arenoso.

— O que você pretendia vindo pra cá? — Valentina indagou, fitando-me com altivez e evidente desprezo. — Achou mesmo que podia ficar com ele?

— Eu me apaixonei. Sinto muito, não planejei isso. E nunca me enganei achando que ele ficaria comigo, só queria mais tempo na sua companhia.

Sorriu de lado, com escárnio.

— Esse é o efeito que Miguel tem sobre as mulheres, é capaz de fazer qualquer uma perder a cabeça, embora nunca será de nenhuma outra, só meu. Quanto a você, embora sendo uma péssima profissional, se envolvendo

com o trabalho, pode ficar com os cem mil que te dei, mas não espere que eu não conte essa história também a Felipe. Não posso permitir que um cara que conheço desde que nasci se envolva com uma puta profissional. Agora espero que tenha um pouco de bom senso e deixe a cidade o mais depressa possível. Adeus.

Assim, foi para o seu carro e partiu, pela mesma estrada por onde Miguel seguiu.

Com minha alma despedaçada, sentei-me no alpendre da varanda, que se tornara subitamente grande demais, afundei o rosto entre as mãos e deixei o pranto rolar solto, as lágrimas banhando-me a face abundantemente, embora não fossem capazes de arrancar de dentro de mim aquela angústia dolorosa que me assolava. Eu já sabia que aquilo aconteceria, sabia que Valentina contaria a verdade e que Miguel me odiaria quando ouvisse tudo, o que eu não imaginava era que aquela porra podia doer tanto. Eu estava devastada, com a sensação de que minha vida tinha acabado. Foi naquele instante que percebi que o que sentia por Miguel ia muito além de um simples desejo

carnal, eu amava aquele homem, mais do que já amei qualquer coisa ou alguém na minha vida, ele era tudo para mim, a única coisa boa que já tive, e tudo tinha acabado, nunca mais voltaria a vê-lo, não ouviria mais sua voz gostosa, nunca mais o tocaria. Aquela era a minha vida, uma sucessão de desastres, que só então eu percebia serem todos causados por mim mesma. Se eu não tivesse aceitado aquela maldita proposta de Valentina, teria alguma chance de viver esse amor e ser feliz, da mesma forma que se eu não tivesse começado a me prostituir aos dezessete anos, quando ainda não precisava, não teria sido expulsa de casa e teria alguma chance de ter um bom futuro, terminando os estudos, arranjando uma boa profissão. Eu não era uma pessoa sem sorte como me julguei tantas vezes, eu era insequente, desprovida de sabedoria suficiente para viver, fazia tudo errado e colhia os frutos amargos dos meus erros. O mais amargo de todos estava sendo perder Miguel, o melhor homem que já conheci, o único que amei verdadeiramente.

Esperava que aquilo pelo menos me servisse de lição,

para não continuar dando cabeçadas na porra dessa vida.

Ali sentada, em prantos, eu estava desorientada, sozinha e sem ter como voltar para o orfanato, onde estavam minhas coisas e o dinheiro que Valentina me dera, o único que tinha para recomeçar. Não sabia o que fazer, e não fazia ideia de pôr onde começar.

As horas se seguiram sem que eu as visse passando, quando me dei conta já tinha anoitecido e só então decidi que precisava sufocar toda a dor e seguir em frente, não podia ficar sozinha naquela casa cheia de lembranças.

Assim, troquei de roupas, vestindo algo descente, peguei uma lanterna e segui pela trilha que Miguel dissera levar à casa do caseiro. Uma construção de tijolos relativamente confortável para quem cozinhava a lenha. Sem muitas explicações, pedi ao marido de Sebastiana que me ajudasse a sair dali. O homem afro descendente, muito gentil, se prontificou a me levar para onde eu quisesse na sua caminhonete antiga e desejei poder ir direto para o Rio, sem precisar passar nem no orfanato nem em Montana, para não ter que ver Miguel me odiando

de novo, mas sem o dinheiro que estava lá, eu não chegaria muito longe.

Agradei aos céus quando, percebendo que eu não estava bem, Sebastiana se ofereceu a nos acompanhar, assim eu pediria que ela fosse até o casarão pegar minhas coisas, para que eu não precisasse entrar e me deparar com Miguel, pois seria doloroso demais presenciar sua fúria por mim novamente. Preferia guardar na minha memória apenas os momentos bons que vivemos, os quais jamais se apagariam.

Concordando em me ajudar, o casal me deixou nas proximidades de Sana Maria e foram juntos ao casarão, retornando pouco tempo depois com minhas roupas e o dinheiro, sem que eu encontrasse coragem de perguntar se tinham visto Miguel e como ele estava. Certamente estava tão devastado quanto eu, por causa da minha incosequência. Eu me perdoaria por ter feito aquilo comigo, mas jamais por ter feito com ele. Se havia uma pessoa nesse mundo que não merecia sofrer, essa pessoa era Miguel, só que infelizmente ele teve a má sorte de

cruzar o meu caminho.

Sem expressar qualquer reação diante do que acontecia, mas apenas me dando apoio, Sebastiana e seu marido atenderam meu pedido mais uma vez e foram me deixar na rodoviária. Chegando lá, fui direto para o guichê comprar a passagem para o Rio, quando descobri que o próximo ônibus só deixaria a cidade na manhã seguinte e indo para Goiânia, onde eu precisaria pegar outra condução.

Mas que fim de mundo do caralho!

Eu poderia passar a noite em um hotel confortável, tinha dinheiro para isto, ainda dos cem mil que consegui arrancar de Valentina. Entretanto, não havia um hotel ali perto e eu não queria ficar perambulando pela cidade, correndo o risco de encontrar Miguel, Felipe ou Valentina e ser ainda mais magoada. A rodoviária era bem isolada, ali ninguém me veria. Passaria noite em um dos bancos de cimento, havia muitos por ali e estavam todos desocupados.

Decidida, fui até uma lanchonete que estava fechando e

convenci o atendente a me vender um último lanche.

Depois, acomodei-me em um dos assentos e coloquei meus fones de ouvido, por onde ecoava a voz melodiosa de Paula Fernandes, enquanto observava o último ônibus chegando, a pequena multidão de passageiros deixando o lugar para que em seguida este ficasse totalmente deserto, o que seria assustador se não houvesse dois guardas circulando de vez em quando, observando-me com curiosidade quando passavam por mim.

Eu só não podia ser assaltada de novo, isso seria o fim, pois todo o dinheiro estava comigo, não tivera tempo de abrir uma conta no banco. Apesar de Montana ser uma cidade pequena e pacífica, precisava manter os olhos bem abertos, não podia nem cogitar adormecer ali.

Contudo, eu estava cansada, emocionalmente esgotada, de modo que minhas pálpebras insistiam em se tornarem cada vez mais pesadas. Troquei Paula Fernandes por um rock agitado, mas não adiantou, o sono continuava me ameaçando.

Estava quase adormecendo ali sentada, quando vi de

relance o homem chegando por trás, sentando-se ao meu lado. Por uma fração de segundos meu coração se agitou, iludido por um vago lampejo de esperança de que fosse Miguel. A decepção foi colossal quando me virei e vi o rosto de Felipe. Instintivamente, afastei-me um pouco, colocando minha mochila entre nós.

— Não é seguro ficar aqui sozinha. — Foi o que ele disse.

— Eu sei.

— Você está bem?

— Não.

Ficou em silêncio por um momento, como se escolhesse as palavras, depois continuou.

— E então, o que Valentina está dizendo a seu respeito é verdade?

— Eu não sei o que ela está dizendo.

— Que você é uma garota de programas. Que te contratou pra convencer Miguel a quebrar o voto de castidade.

— Sim, é verdade. — Não consegui sustentar seu

olhar. — Me desculpa por isso, eu não queria mentir pra você.

Ele percorreu os dedos entre seu cabelo, emaranhando-o. Ficou em silêncio por um longo momento e então falou:

— Deve ser uma vida difícil, principalmente em uma cidade violenta e perigosa como o Rio de Janeiro.

— É o que se faz quando não se tem outra opção. Com o tempo a pessoa acaba se acostumando. — Dei de ombros, sem conseguir disfarçar minha imensurável tristeza.

— Você vai voltar a fazer isso?

— Não. Valentina me deu cem mil. É suficiente para começar outra coisa.

Ele passou os dedos pelo cabelo de novo.

— Tem muita coisa nessa história que não se encaixa.

Valentina teria te dado mais dinheiro e teria escondido teu segredo se você não tivesse ido para o sítio com Miguel.

Por que você fez isso, está apaixonada por ele?

— Sim, estou. — Minha voz saiu trêmula. — Me desculpe.

— E por mim, você nunca sentiu nada?

— Claro que senti. Eu gosto de você de uma forma diferente. Você é especial, Felipe. É o homem com quem planejei me casar e construir uma família.

— Sei, se casar por causa do meu dinheiro.

— Não era só pelo dinheiro, embora eu não o teria escolhido se você não fosse rico. Se fosse unicamente pelo dinheiro eu teria aceitado os quinhentos mil que Valentina me ofereceu inicialmente. A verdade, é que eu queria alguém para cuidar de mim, alguém com quem envelhecer, entende?

— Eu também sonhei em envelhecer do seu lado.

— Desculpa te desapontar.

Refletiu em silêncio por um longo momento antes de prosseguir.

— Pode não ser tarde. — Fitei-o surpresa. — Ainda podemos construir um futuro juntos. Você acha que é capaz de esquecer Miguel?

Me senti lisonjeada por receber uma demonstração de afeto tão bonita de um homem legal como ele, mas nunca

ia dar certo.

— Não faça isso com você, Felipe. Eu estraguei a vida de Miguel, não me faça estragar a sua também.

— Estou disposto a correr esse risco, se você me quiser. E gostaria muito que você quisesse.

— Antes de você saber a verdade sobre mim, havia alguma chance de darmos certo juntos, mas agora é tarde.

Na primeira discussão que tivermos você vai jogar na minha cara que me tirou dessa vida, quando se sentir frustrado com alguma coisa, vai descontar em mim, porque serei a criatura mais indefesa por perto, talvez até vai me bater. Eu vi isso acontecer muitas vezes com outras mulheres que tentam reconstruir suas vidas assim.

— Nem todos os homens são iguais, nem todos batem.

Eu sou diferente. Jamais te trataria mal.

Observei-o confusa, perguntando-me porque um homem que podia ter qualquer mulher que desejasse, estaria tentando convencer uma garota de programas a ficar com ele, sem que houvesse qualquer interesse secundário por trás disto.

— Você diz isso agora, com o tempo você muda. É sempre assim.

— Vamos fazer assim: você fica no meu apartamento por um tempo, sem compromisso algum e depois você decide se fica ou não. O que acha?

Parecia uma boa proposta, uma chance de ficar um pouco mais na cidade até ter tempo de abrir uma conta no banco para depositar meu dinheiro e voltar para o Rio com mais segurança, sem o risco de ser assaltada e perder tudo de novo. Além do mais, eu não tinha nada a perder ficando em Montana por mais alguns dias e embora duvidasse de que isso fosse possível, quem sabe com o tempo Felipe não se mostrasse o homem íntegro que dizia ser e pudéssemos construir uma vida juntos. Não custava nada tentar, se não desse certo, eu só teria adiado meus planos e os retomaria.

— Tem certeza de que você quer isto? — Perguntei.

— Claro que tenho. É o que mais quero.

— Por quê?

— Porque eu gosto de você, como nunca gostei de

outra garota. Você é especial para mim, Manuela. Quero ter uma vida do seu lado, o seu passado pouco me importa.

Não consegui deixar de sorrir, apesar da minha tristeza, suas palavras, proferidas na hora certa, me comoveram como sempre.

— Nesse caso, podemos tentar então.

Foi sua vez de sorrir, seus lábios se esticando amplamente.

— Eu prometo dar tudo de mim para te fazer feliz.

— Obrigada.

Com isto, o abracei apertado, lamentando que não fosse Miguel a me estreitar em seus braços tão amados.

Mas a vida é assim, não se pode ter tudo.

CAPÍTULO XX

Fiquei impressionada com o apartamento para o qual Felipe me levou, onde dizia morar sozinho. Localizado na cobertura de um edifício imponente no centro da cidade, era composto por duas salas grandes, três quartos, a cozinha e um terraço imenso com piscina e vista para a

imensidão das fazendas que rodeavam Montana.

Mostrando-se compreensivo até demais, instalou-me em um dos quartos, afirmando que eu só ficaria no quarto dele quando esta fosse a minha vontade e estivesse totalmente preparada para aceitá-lo como meu único homem, para o resto da minha vida. E embora eu desconfiasse de que nunca o desejaria realmente, se tivéssemos uma boa convivência, logo eu estaria na sua cama, sem vontade mesmo, a fim de concretizar nossa união, afinal estava acostumada a fazer desta forma, não seria nenhum bicho de sete cabeças. Talvez até pudesse ser agradável, pois Felipe era um homem bonito e gentil.

Ele deixou-me sozinha, totalmente à vontade no quarto onde me instalou — um cômodo amplo, decorado com móveis modernos, de muito bom gosto, entre eles inclusive um computador de última geração. —, onde tomei um banho quente demorado, vesti uma camisola de algodão folgada e deitei-me na cama forrada com lençóis de algodão brancos, com cheirinho de limpeza. Apesar do cansaço, do conforto que me cercava e de passar das duas

horas da madrugada, não consegui adormecer, minha mente girando em torno de tantos acontecimentos, a expressão furiosa e ao mesmo tempo angustiada, de Miguel recusando-se a me deixar; suas palavras repassando como um CD arranhado. De todas as decisões erradas que já tomei na minha vida, nenhuma foi pior que ter concordado com a proposta de Valentina em seduzi-lo com fins de levá-lo a quebrar os votos, primeiro porque ele não merecia que sua vida fosse destruída daquele jeito, era o ser humano mais íntegro que já conheci, segundo porque se não tivesse aceitado, não teria tido a chance de me apaixonar, ou estaria vivendo esse amor e sendo feliz. Definitivamente, cruzar o meu caminho foi a pior coisa que aquela mulher já fez, embora nada me redimisse da minha culpa sobre o que aconteceu.

Eu só esperava ter tomado a decisão certa desta vez, concordando em ficar com Felipe. Esperava não o magoar também e nem ser magoada por ele, algo que não se podia prever, afinal o futuro só Deus conhece. Minha única certeza era a de que eu evitaria o máximo sair daquele

apartamento, para não correr o risco de me deparar com Miguel a qualquer momento, ser magoada pelo seu ódio, feri-lo ainda mais com a minha presença e, pior que tudo, ter que vê-lo feliz ao lado de Valentina, afinal, embora ele tivesse dito que tudo estava acabado entre os dois, aquela mulher estava apaixonada e seria capaz de tudo para ficar com ele. Se chegara ao ponto de me contratar para convencê-lo a abandonar a batina, era capaz de fazer qualquer coisa para não o perder.

Acho que adormeci das cinco às sete horas. O quarto estava gelado, por causa do ar condicionado ligado, quando me levantei. Tomada por uma devastadora sensação de vazio, de que a vida não fazia o menor sentido, tomei um banho rápido, vesti jeans e regata, sequei o cabelo e deixei o aposento. Encontrei Felipe na sala de estar, examinando alguns CDs, vestido de forma social, como quase sempre. Ao me ver, abandonou a pilha sobre a estante para vir me receber, com um largo sorriso nos lábios, ao qual não encontrei forças para retribuir.

— Bom dia. Estava te esperando para tomarmos o café

da manhã.

Eu não estava com a mínima fome, todavia, precisava me mostrar uma companheira agradável para que houvesse alguma chance de aquilo dar certo.

— Não precisava se incomodar comigo.

— Não foi incômodo. — Gesticulou para que o acompanhasse e o segui rumo ao terraço. — Dormiu bem?

— Não consegui dormir muito, talvez por estranhar o lugar, mas dormi um pouco.

— No começo é assim mesmo, com o tempo você se acostuma.

— Deve ser.

No terraço, havia uma mesa posta com um farto café da manhã sob a sombra de um mimoso guarda sol, perto da piscina grande, onde nos acomodamos, para que logo depois uma mulher morena alta e muito bonita, com o cabelo preso a um coque, cerca de vinte e poucos anos, trajando um uniforme de empregada, viesse nos servir.

— Manuela, essa é minha governanta, Larissa.

A mulher cravou seus olhos castanhos claros em meu

rosto, expressando uma fúria descomunal, como se quisesse me incendiar viva, o que me fez encolher um pouco, sem compreender o motivo da sua atitude. Parecia uma febre sentir ódio por mim.

— Como vai, Manuela? — Indagou, sem disfarçar a rispidez no tom da sua voz.

— Vou bem. É um prazer te conhecer.

— Como pode ver, aqui tem pão fresco, bolo, café, queijo, leite, presunto e vitamina de abacate. Vai querer mais alguma coisa?

— Não. O que tem está ótimo.

Ela ficou lá parada, me observando, sem fazer questão de esconder sua raiva, até que Felipe a dispensou.

— Era só isso, Larissa, pode ir. — E a mulher sumiu para o interior do apartamento.

— Acho que ela não foi com a minha cara. —

Comentei.

Meu estômago embrulhava por causa do cheiro do café, embora me recusasse a dispensar comida, pois sabia o quanto doía não tê-la.

— Você é patroa dela agora, pode demiti-la e arranjar outra, se quiser.

— O quê? E deixar uma pessoa desempregada? Nem pensar! Acho que já esgotei minha cota de maldades por uma vida.

Felipe sorriu amplamente, antes de morder um pedaço de pão.

— Eu daria tudo para ter sido o cara a te encontrar aquela noite, no lugar de Valentina.

Minha nossa! Ele sabia de tudo com detalhes. Devia estar pesando horrores de mim.

— Você não se importa em trazer uma garota como eu, para dentro da sua casa? Quer dizer, se Valentina te contou tudo, deve ter contado para outras pessoas também. É uma cidade pequena, devem estar comentando.

— E estão. Aliás não se fala em outra coisa em Montana. Mas isso pouco me importa. Eu gosto de você, a vida é minha e faço o que quiser.

Observei-o
atentamente,

um

carinho

genuíno

florescendo dentro de mim e constatei o quanto tinha sorte, por encontrar pessoas maravilhosas como ele, apesar de não merecer.

— Nem sei o que dizer. Obrigada é pouco.

— Não precisa agradecer. Estar com você é a minha recompensa.

Quis sorrir, em retribuição às suas palavras tão calorosas, mas meus lábios não se moveram.

— Você vai trabalhar hoje? — Lembrei-me da empolgação que demonstrava ao falar sobre a exportação do gado, quando conversávamos.

— Sim. Tenho que assinar alguns documentos. Mas volto depressa. A tempo de almoçar com você.

Não consegui comer mais que uma fatia de queijo e uma xícara de café puro, o que não passou despercebido a Felipe, que conhecia muito bem a ferocidade do meu apetite. Depois que ele saiu, continuei ali no terraço,

mergulhada no meu mar particular de tristeza, com minha alma partida ao meio, a saudade de Miguel acabando comigo, como se já fizesse um ano que não o visse e não menos de vinte e quatro horas, as lembranças dos nossos melhores momentos ajudando-me a me manter lúcida.

Dali de cima, era possível enxergar toda a cidade, que me parecia muito menor e os pastos das fazendas mais adiante, até perder de vistas. Durante horas, fiquei tentando fazer com que minhas vistas alcançassem a sede de Santa Maria, onde Miguel estava, o que foi impossível.

Passei toda a manhã tentando sair para ir ao banco abrir minha conta, sem encontrar coragem de deixar a segurança do apartamento, por medo de me deparar com Miguel na rua, ter que olhar para ele e ver o quanto me odiava.

Ao meio-dia Felipe veio almoçar comigo, mostrando-se sempre atencioso e gentil, tentando me animar a todo custo, embora não obtivesse sucesso, eu estava mesmo numa pior, meu lado emocional abalado como nunca estive antes, minha alma despedaçada. À tarde, ele saiu

novamente para o trabalho, deixando-me sozinha com Larissa, que fazia questão de deixar claro o quanto me detestava cada vez que cruzava comigo pelo apartamento.

À noite, Felipe e eu jantamos no terraço, à luz de velas, quando notei que ele tentava criar um clima romântico, sem que conseguisse me tirar da fossa na qual me encontrava. Eu estava disposta a ficar com ele, como namorada, depois como esposa, se tudo desse certo, entretanto, por enquanto não tinha ânimo para isto, estava depressiva demais, sem condições sequer de beijar sua boca sem me recordar da de Miguel, o que com o tempo obviamente passaria, eu só precisava desse tempo.

Ainda bem que Felipe era um cara inteligente, por perceber o meu estado e compreensivo, por não insistir que eu cedesse logo ao que sentia por mim. Por mais aquela noite, não contestou quando fui dormir no quarto onde estava instalada, longe da cama dele e assim se passaram quinze dias.

Eu nunca tinha passado tanto tempo isolada dentro de um imóvel, sem sair à rua, estava começando a ter a

sensação de que fui abduzida por alienígenas que me trancaram em sua nave e me deram a ilusão de que eu ainda estava na terra. Meu único contato com o mundo lá fora era por meio da televisão, quando por fim me juntei ao resto da população no consenso de que a Netflix foi a melhor invenção dos últimos tempos. Passava as vinte e quatro horas do dia pensando em Miguel, nos momentos bons que passei com ele, no seu cheiro gostoso, no som da sua voz. Tê-lo convencido a fazer aquela viagem comigo foi a melhor decisão que já tomei, pois tinha aqueles momentos tão bons ao seu lado para recordar. Era isso que parecia me manter viva, que me fazia levantar da cama todas as manhãs, apesar de em alguns dias sentir vontade de continuar deitada.

No décimo quinto dia, eu estava de saco cheio de levar patadas de Larissa, que não se cansava de me tratar mal sem que eu lhe desse motivo algum. Mesmo quando tentava estabelecer uma relação minimamente amigável entre nós, era hostilizada. Então decidi perguntar-lhe na cara o que tinha contra mim.

Felipe tinha ido trabalhar, estávamos sozinhas no apartamento. A encontrei passando o ferro nas roupas que eu tinha trocado ainda naquela manhã, uma bermudinha jeans e top de malha.

— Não precisa passar minhas roupas de usar em casa.

— Falei, a fim de puxar assunto.

Como eu esperava, ela revirou os olhos e suspirou fundo, expondo sua irritação.

— Eu cumpro o meu trabalho e isso faz parte dele. —

Retrucou rispidamente. — Não quero ninguém me enchendo o saco depois com reclamação.

— O que você tem contra mim, hein garota? —

Explodi. — Desde que cheguei aqui você não faz questão de esconder que não me suporta. Fala na minha cara o que foi que eu te fiz.

— Só não fui com a sua cara. Tenho direito de gostar de alguém ou não. — Disse, sem fitar-me no rosto.

— Não é só isso. Me diz logo o motivo. O que foi que eu te fiz?

Ela finalmente parou sua tarefa, fuzilando-me com

olhos furiosos.

— Quer saber a verdade? Você não vale nada! Acabou com a vida do Miguel! Não sei o que um cara legal como Felipe está fazendo com uma pessoa como você. —
Praticamente gritou.

— Eu sei que agi errado com Miguel e estou arrependida, mas ele não é nenhum bebê, ficou comigo porque quis. Não o obriguei a nada!

— Você não tem mesmo noção do mal que fez a ele, né?

— Talvez eu tenha lhe feito um favor.

— Você não sabe de nada. O Miguel está drogado e bebendo sem parar desde que deixou a igreja. Não come, não dorme, deixou o orfanato de lado, colocando quase cem crianças em risco de ir pra rua passar fome de novo, voltou a apostar racha, colocando a própria vida em perigo e você acha que fez um favor a ele?

Processei suas palavras e meu coração apertou no peito com uma intensidade absurda, como se fosse me sufocar, meu estômago revirou, meu sangue parecia ter

parado de correr nas veias. Minha nossa! Os danos que causei na vida daquele homem foram ainda mais graves do que pude imaginar, ele tinha voltado para a vida antiga, estava se destruindo aos poucos e tudo por minha causa. Eu jamais me perdoaria se algo grave acontecesse a ele.

— Eu não sabia disso. — Falei com tristeza.

— Claro que não, você não sai desse apartamento o dia todo.

— E Valentina, está dando apoio a ele?

— Ele não a quis de volta e fez bem, porque aquela ali é tão sem vergonha quanto você, armando toda essa sujeira para tirar um cara bom como Miguel do caminho que ele escolheu. Vocês duas deviam ser presas, são um perigo à sociedade.

Ela se afastou com passos pesados, esbarrando em mim, violenta e propositalmente quando passou.

Fiquei ainda pior que antes, sentindo-me amargamente culpada pelo que acontecia a Miguel e também com muita pena dele. Pensei seriamente em procurá-lo para uma conversa, mas tinha certeza absoluta de que não me

ouviria, minha presença o faria ainda mais mal, por despertar-lhe o ódio e o incentivaria ainda mais a beber e a se drogar. Ele deixara bem claro que eu devia ir embora da cidade, quando descobriu a verdade, se soubesse que eu ainda estava em Montana, me odiaria ainda mais, ou talvez já soubesse, afinal se Larissa sabia tudo sobre ele, não seria nem um pouco estranho se tivesse deixado toda a cidade informada de que eu ainda residia ali.

À noite, quando Felipe chegou, eu estava ainda mais carente, deprimida e arrasada. Como se fosse capaz de adivinhar minhas necessidades, naquela noite me trouxe flores e uma caixinha de chocolate, um gesto tão simples, mas que tinha um significado gigantesco. Como vida, atirei-me em seus braços e o beijei na boca pela primeira vez desde que estava morando sob o mesmo teto com ele. Estávamos abraçadinhos na sala, perto da porta, quando houve um estrondo ali perto e nos soltamos sobressaltados. Larissa tinha acabado de deixar cair um vaso de porcelana dos mais caros, estava paralisada ao lado dos cacos, nos observando sem nenhuma gota de

sangue na face. Fiquei quase chocada ao reconhecer o olhar dela na nossa direção, era o olhar de uma mulher perdidamente apaixonada que acabava de flagrar seu amor beijando outra mulher.

Putá merda! Por essa eu não esperava. Então essa era a verdadeira razão de ela me detestar, eu estava entre ela e seu amor. Era mais uma vida que eu arruinava, mais uma pessoa que fazia infeliz com minha proximidade. Eu realmente não devia ter nascido.

— Desculpa. — Larissa murmurou, antes de deixar a sala correndo.

Não consegui mais deixar que Felipe me tocasse, pelo menos não enquanto Larissa estivesse por perto e o pior era que ela morava lá. Caralho, talvez inclusive tivesse um caso com o patrão e eu no meio atrapalhando.

Descobriria a verdade ainda naquela noite.

Fomos todos dormir por volta das dez horas. Como nas noites anteriores, tive dificuldades em pegar no sono, embora desta vez não me esforçasse nem um pouco.

Esperei que a madrugada chegasse e deixei o quarto na

ponta dos pés, em busca de qualquer evidência de que Larissa e Felipe tinham um caso, afinal era durante a madrugada que um patrão deixava seu aposento para ir transar com a empregada. Chequei em todos os quartos do corredor, primeiro verificando se partia algum barulho lá de dentro, depois abrindo a porta para olhar. Verifiquei também no quarto dele, se o encontrasse lá, eu diria que estava a fim de uma conversa, para que não desconfiasse de que procurava algo, pois não teria coragem de me entregar sabendo que a mulher que o amava estava debaixo do mesmo teto, embora se não existisse nada entre eles, eu não sentiria mais pena de Larissa, já que nesse caso, ela estaria se iludindo sozinha. Mas o fato era que eu tinha quase certeza de que existia alguma coisa entre aqueles dois, uma mulher não olha para um homem da forma como ela o olhou quando o viu me beijando se nada tivesse acontecido entre eles.

Chequei o quarto dela, constatando que também estava vazio, nenhum dos dois estava em parte alguma, faltava olhar apenas no terraço, para onde parti. Abri a porta com

cuidado para não ser ouvida e, bingo! Lá estavam eles, transando em cima da mesma mesa onde eu e Felipe jantamos mais cedo. Larissa estava sentada no móvel, completamente nua, com as pernas em torno dos quadris dele e as mãos apoiadas para trás, enquanto Felipe se mantinha e pé diante dela, sem camisa, com a calça arriada até os tornozelos, fodendo-a com muita sofreguidão.

Até que ele não era tão inexperiente quanto eu imaginava, não tinha nada do rapaz tímido que parecia ser, pelo contrário, sabia fazer a coisa direitinho e para completar ainda tinha uma bundinha linda, na qual eu nunca tinha reparado antes.

Como minha curiosidade falava mais alto que meu senso de pudor, continuei ali parada atrás da porta semiaberta, observando-os.

Felipe metia em Larissa com uma experiência que nem me passou pela cabeça que possuía, movendo-se em um ritmo frenético, enquanto mantinha o olhar preso ao dela. Era perceptível o esforço que Larissa fazia para abafar os

próprios gemidos, na certa tentando não me acordar, nem imaginava que eu os estava olhando. Quando ela estava gozando, Felipe precisou silenciar sua boca com a palma da mão.

CAPÍTULO XXI

— Eu te amo tanto, Felipe. — Larissa balbuciou ofegante, quando a mão dele escorregou de sua boca. — Sou louca por você, meu amor.

Esperiei que ele respondesse, mas não aconteceu. Os homens eram mesmo todos iguais, amavam aquilo que não podiam ter e desprezavam o que estava à disposição.

Ele se retirou da vagina dela, com a camisinha ainda vazia no pênis totalmente ereto. E, uh lá, lá! Que pênis!

Era muito maior do que eu tinha notado por sob as roupas.

Felipe estava de parabéns, pois sabia fazer o serviço e tinha um equipamento adequado para o mesmo, requisitos que raramente se reúnem no mesmo homem. Era realmente uma pena que meu coração pertencia a outro e que agora existia mais um empecilho entre nós: uma mulher loucamente apaixonada. Eu não tinha certeza se era capaz

de continuar metida entre eles, permitindo que minha existência fosse responsável pela infelicidade de mais alguém. Por outro lado, se não ficasse comigo, Felipe ainda podia ficar com qualquer outra que não fosse Larissa, nesse caso meu sacrifício em abandonar a chance de me casar com um bom homem teria sido em vão. A verdade, era que eu não sabia mais o que fazer ou o que pensar, sabia apenas que aqueles dois pareciam feitos um para o outro. Ou seria uma ilusão causada pelo tesão entre ambos? Era difícil saber.

— Vira. — Felipe ordenou, com a autoridade típica de um homem excitado.

Larissa obedeceu, virando-se. Então, ele a fez debruçar na mesa, segurou-lhe o cabelo negro atrás da cabeça e se enterrou nela, com um golpe violento, por trás, arrancando-lhe um gemido alto.

Putá merda. Foi inevitável, uma violenta corrente de calor me percorreu inteira, como uma descarga de eletricidade, o que me fez lembrar Miguel, os momentos iguais àquele que passei em seus braços. Minha

intimidade palpitou, tornando-se quente e molhada e quando dei por mim, minha mão já estava entre minhas pernas, pressionando meu sexo, tentando aplacar meu tesão.

Felipe continuou comendo Larissa por trás, com a brutalidade de um animal no cio, estocando forte dentro dela. De vez em quando, usava a mão livre para dar-lhe tapinhas estalados na bunda, enquanto ela se contorcia toda embaixo dele, usando a própria mão para sufocar seus gritos. No lugar dela eu estaria gritando também, com um pau tão grande todo enterrado em mim, naquela posição, com Felipe se mexendo daquele jeito.

O espetáculo se tornou ainda mais interessante quando ele a virou novamente de frente, deitou-a na mesa, inclinou-se todo sobre ela e a penetrou ainda mais forte, ao mesmo tempo em que beijava sua boca. Deu mais umas três estocadas bruscas e ambos explodiram, gozando juntos, seus corpos nus ondulando no mesmo ritmo, até que ficaram imóveis.

Saciado, Felipe agiu da forma que um homem age

quando acabava de fazer um programa cujo objetivo é apenas se aliviar. Retirou-se de Larissa, sem mais olhar na carta dela, livrou-se depressa do preservativo e se vestiu, enquanto a ignorava.

Minha nossa, será que agia assim com todas? Será que ela realmente estava amando sozinha? Ele demonstrava frieza demais para um homem apaixonado, aquilo não era amor, pelo menos não da parte dele.

— Isso foi tão perfeito. — Larissa balbuciou, com tom de súplica.

Ainda nua, abandonada sobre a mesa, levantou-se e tentou abraçá-lo, mas foi rejeitada, quando Felipe a segurou pelos braços para afastá-la.

— A gente tem que parar com isso. Em breve estarei com Manuela.

— Desiste dessa mulher, meu amor. Ela não te ama, nem te merece. — Tentou abraçá-lo de novo e mais uma vez foi rejeitada.

“Para de se humilhar, mulher.”

— Nós já conversamos sobre isso. Eu nunca vou

desistir de Manuela. Eu a amo e vou me casar com ela.

Putá merda! No lugar dela eu estaria arrasada.

Larissa continuou implorando pelo amor não correspondido, mas não consegui mais acompanhar, pois Felipe fez menção de deixar o terraço e tive que me afastar da única saída, correndo de volta para o quarto.

Sozinha, com meu corpo em chamas pelo que acabara de presenciar, sem saber o que pensar sobre toda a situação, usei meu dedo do meio para dar uma aliviada em meu corpo e finalmente adormeci.

Pela primeira vez desde que cheguei ali consegui dormir bem e acordar tarde. Passava das nove horas quando me levantei e precisei tomar o café da manhã sozinha, já que Felipe tinha ido trabalhar. Naquele dia meu desânimo estava um pouco menor, o que me motivou a finalmente sair do apartamento para abrir minha conta no banco e fazer algumas comprinhas básicas.

Assim, troquei as roupas confortáveis por um vestidinho bege de saia rodada, escovei bem o cabelo, passei um pouco de gloss nos lábios e joguei todo o

dinheiro em uma bolsa pequena. Ao atravessar a sala, encontrei Larissa fazendo a faxina e só consegui sentir pena dela, por amar sem ser correspondida, por mendigar o amor de Felipe. Quando voltasse, eu teria uma conversinha com ela, apesar de não merecer minha amizade, lhe daria alguns conselhos sobre como conquistar aquele homem, pois estava fazendo tudo errado. Para começar não devia ser tão fácil. Homens gostam de desafios, de dificuldades, principalmente no que se refere a mulheres.

Na rua movimentada, tomada pelo sol escaldante, peguei um táxi até o cartório, onde recebi a segunda via dos meus documentos, que já havia pedido, de lá fui direto para o banco, abri minha conta e depusitei todo o dinheiro que tinha, afinal com aquela história de Larissa ser apaixonada por Felipe, eu estava mais perto que nunca de voltar para o Rio, já que me recusava a ficar entre os dois.

Passava das duas da tarde quando desocupeei.

Recusando-me a voltar para meu confinamento tão

depressa, procurei um restaurante na rua principal para o almoço. Como eu já esperava, todas as pessoas que passavam por mim encaravam-me com hostilidade, embora nenhuma dissesse nada. Na certa estavam todos me

culpando

pelo

que

acontecia

a

Miguel,

responsabilizando-me por tê-lo afastado da religião e quem podia condená-los por agir assim, se eu realmente era responsável?

A garçonete a vir me atender era a mesma garota que recebeu a mim e Miguel na ocasião em que almoçamos juntos na cidade e só então me dei conta de que o restaurante era o mesmo. Ela fitou-me com ódio mortal quando se aproximou da minha mesa.

— O que vai comer? — Indagou, rispidamente.

— Traz frango com molho de laranja e uma água.

— Você é mesmo muito cara de pau por continuar em Montana depois do que fez. — Continuou, após anotar o pedido.

— A cidade é pública. — Retruquei.

— Você destruiu a vida de Miguel por dinheiro! —

Gritou, atraindo a atenção de alguns outros clientes, que também me encaram com ódio. — Ele está tão amargo por ter sido enganado e levado a abandonar o sacerdócio que não para de beber e se drogar, passa o dia com a casa cheia de piranha e vagabundo, ouvindo música, não liga mais pra nada, a não ser a farra e as corridas de racha. Tem ideia do risco que ele corre saindo por aí apostando racha completamente bêbado?

Enquanto a ouvia, a dor lancinante da culpa e do remoço penetrava minhas entranhas, amargamente, revolvendo tudo dentro de mim, levando-me ao mais profundo abismo da angústia. Aquela mulher estava certa, eu destruí a vida de um homem maravilhoso, que não merecia ter cruzado o meu caminho, o homem que eu

amava.

— Ele já vivia na ferra antes de virar padre. — Falei, na débil tentativa de me defender, quando sabia que não existia defesa para o que fiz.

— Exatamente e foi a batina que o salvou. Mas você tinha que sair do inferno para tirar isso dele.

Outras pessoas começaram a concordar com ela, jogando-me piadinhas, até que não consegui ficar mais ali e levantei-me com os olhos marejados de lágrimas.

— Eu não o forcei a nada! — Finalizei, para em seguida deixar o lugar.

Arrasada, não pela culpa que me foi atribuída, pois esta eu não negava, mas pelo estado em que Miguel se encontrava por causa do que fiz, vaguei pelas ruas, sem um destino certo, por tanto tempo que meus pés doeram dentro das sandálias, minha pele ardendo muito pelo sol forte, que começava a se pôr no horizonte quando passou um táxi e o peguei. Sem saber ao certo o que estava fazendo, pedi ao motorista que me levasse à casa de Miguel. A cidade era pequena, ele devia saber onde

ficava, pois eu não fazia ideia, nem mesmo sabia que ele tinha uma casa em Montana, estava me baseando no que a garota do restaurante falou.

O homem de meia idade deu a volta no quarteirão e parou diante de uma mansão luxuosa, com a fachada moderna toda em vidro, sem cercas nem muros, diante da qual havia meia dúzia de carros de luxo estacionados. O som alto do rock agitado, junto com som de vozes partia lá de dentro.

Por Deus! O que eu estava fazendo? O que ia dizer a Miguel? Minha presença não pioraria seu estado? Seu ódio não me deixaria ainda mais na pior? Sim, deixaria, só que eu já não estava preocupada comigo mesma, conseguia pensar apenas no que aquela mulher dissera, sobre ele se acidentar por apostar racha, enquanto estivesse bêbado e apesar de ter certeza de que minha presença ali não mudaria nada, eu precisava tentar convencê-lo a me ouvir, quem sabe me perdoar. Talvez fizesse alguma diferença se ele soubesse o quanto eu o amava, se acreditasse que não fui para a cama com ele por

dinheiro. Não custava muito tentar, o que eu não podia era ficar de braços cruzados esperando que o pior acontecesse.

— Vai descer, ou não? — A voz do taxista despertou-me para a realidade.

Eu estava toda trêmula quando saltei daquele táxi, mal conseguia sentir minhas pernas enquanto andava pelo caminho aberto em meio ao gramado que levava até a entrada da casa. Não fazia ideia do que estava fazendo ali, não tinha planejado aquilo. Era movida pela saudade de Miguel, pelo desejo absurdo de olhar para ele de novo e pela vontade de tentar fazer alguma coisa para que ele sáisse do poço no qual se afogava e ficasse bem, embora duvidasse que ele me ouviria.

Encontrei a porta escancarada e entrei. Parecia loucura, mas pensar que Miguel atravessava aquela porta todos os dias trouxe um pouco de conforto ao meu coração aflito, porque me senti mais próxima dele. Na sala enorme, onde o som estava ligado em volume alto, havia um casal se pegando no sofá, quase transando ali mesmo. Ao lado deles, na mesinha de centro com tampo de vidro,

havia uma garrafa de vodka pela metade e várias fileiras de cocaína ao lado de um canudo de plástico. O lugar estava transformado em uma verdadeira bagunça, com copos, latinhas de cerveja vazias e pontas de cigarro espalhados por toda parte.

Pigarreei na tentando fazer com que minha presença fosse notada, mas o casal não desgrudou, estavam muito loucos mesmo.

— Com licença, eu gostaria de ver Miguel. — Falei.

O cara tirou a boca da menina por um segundo para observar-me com seus olhos vermelhos.

— Lá em cima. — Falou, gesticulando para uma larga escadaria que levava ao segundo andar, antes de retomar o que fazia.

Ainda sem sentir minhas pernas, subi a escada, hesitantemente. Havia várias portas abertas ao longo do imenso corredor, de onde o som da sala já não era tão alto, de uma delas, partia sons de vozes e risadas, para onde me dirigi. A porta estava escancarada, de modo que fui entrando sem bater. Miguel estava espichado em uma

poltrona, usando apenas uma cueca azul, com um copo de uísque em uma mão e um cigarro aceso na outra. Sorria bastante na direção de uma garota loira que usava uma lingerie minúscula e fazia um tipo de dança sensual para ele e outro cara, um moreno alto que se encontrava sentado na outra poltrona, só de bermuda, também fumando e bebendo. Na terceira e última poltrona, havia duas garotas só de calcinha se beijando na boca. Era possível notar que todos estavam muito bêbados e drogados, entregues à orgia, como vi pessoas fazendo muitas vezes antes.

Meu coração disparou no peito quando olhei o rosto lindo de Miguel. Tinha a fisionomia cansada, as pupilas dilatadas pelo efeito das drogas, grandes olheiras sombreando seus olhos e a barba mais crescida que o normal.

Por Deus! Como eu o amava. Era espantoso a intensidade do que eu sentia por aquele homem. Tinha a impressão que meu mundo se resumia a ele e vê-lo naquele estado foi de cortar o coração, pior ainda

sabendo que grande parte da culpa era minha.

Adentrei o quarto, permitindo que minha presença fosse finalmente notada. Miguel cravou seu olhar em meu rosto. Esperei pelo seu ódio, mas ele não veio. Seu olhar estava completamente inexpressivo, apático e sem vida, como se não existisse mais nada dentro dele, como se não sentisse mais nada por mim, mas apenas me desprezasse, o que era ainda pior que sua fúria.

— Minha nossa! Quem foi que ligou pro puteiro? —

Miguel disse com deboche e todos pararam para me observar.

— É a prostituta que Valentina contratou! — A garota que dançava falou, espantada.

— O que ela tá fazendo aqui? — Uma das garotas que se beijavam, uma mulata muito alta, disse, colocando-se em pé, desafiadoramente.

— Isso é jeito de receber uma visita, meninas? — O outro cara falou, vindo em minha direção, varrendo-me de cima a baixo com olhar malicioso. — Aqui é igual coração de mãe, sempre tem lugar para mais uma. —

Completo, passando o braço em torno dos meus ombros, só para que eu o retirasse de imediato. — Quer beber alguma coisa gatinha? Ou quem sabe fumar um baseado? — Não obrigada. Miguel, podemos conversar um pouco, a sós?

— Não estou podendo agora. — Miguel jogou a ponta do cigarro no chão, segurou na lateral da calcinha minúscula da garota loira que dançava quando entrei e a puxou, fazendo-a cair sentada em seu colo. — Como pode ver estou bastante ocupado.

Começou a plantar beijos e lambidas nas costas da garota, que ajeitou a bunda sobre o colo dele e começou a rebolar devagar, da forma que fazia quando dançava.

Putá merda! Se ele tivesse me dado uma facada no peito teria doído menos. Se seu objetivo era me magoar, estava dando certo, eu quase sufoquei ao vê-lo se agarrando outra mulher, bem ali diante de mim. Quis sair correndo daquele quarto, ir embora sem olhar para trás, depois voltar para o Rio de Janeiro, onde era o meu lugar, mas alguma coisa me prendia ali, algo muito mais forte do

que eu pudesse controlar. Era o amor que eu sentia por aquele homem, unido ao péssimo hábito de rastejar atrás dele, o qual parecia enraizado em mim, de modo que me afastar parecia muito mais doloroso que ser alvo de seu desprezo e ver outra mulher em seus braços.

— Por favor, Miguel, fala comigo. — Implorei.

Em resposta, ele enfiou a mão dentro da calcinha da garota, masturbando-a enquanto ela se contorcia e gemia. Passou a língua pelas costas dela e então fixou seu olhar esbugalhado e sem vida em meu rosto, sem dizer uma palavra.

— Deixa o cara ser feliz, gatinha. — O sujeito em pé ao meu lado disse. — Posso te fazer feliz também, se você quiser. Vamos pra outro quarto.

Minha nossa! Como era direto!

— É isso aí, Manuela. Deixa o Sérgio te levar pra outro quarto. Ele tem dinheiro suficiente pra te pagar. — Miguel disse, com escárnio e todos no quarto sorriram. Era só o que me faltava, ele estar me oferecendo ao amigo. Tentei ir embora, fugir daquela humilhação, mas

minhas pernas se recusaram a obedecer às ordens da minha mente, sem que eu soubesse exatamente o que me prendia ali, ou o que estava fazendo naquele lugar. Por mais que Miguel tivesse abandonado tudo por mim, estava claro que não passou de um desejo meramente carnal de sua parte, que nada sentia por mim, ou não conseguiria agir de forma tão cruel, por mais que eu merecesse. Como Larissa, eu estava amando sozinha. E sempre foi assim, pois apesar do que fiz ter sido imensuravelmente grave, se ele tivesse sentido algo, ainda estaria lá. Quinze dias era pouco para esquecer.

— Não estou de serviço hoje. — Rebatu, só para me arrepender depois.

— Ótimo. Então vai de graça. — Miguel continuava sorrindo enquanto tocava a garota em seu colo.

— Vem. Você vai gostar. — Sérgio insistiu.

— Desculpa. Não to a fim.

— Então vai embora, colega. Porque aqui ou dá, ou desce. — Foi a garota mulata quem falou.

Neste momento, um outro sujeito, usando camiseta de

time de futebol, bermuda e um boné, entrou no quarto quase corrente, ofegante.

— Gente, o Davisson de Anápolis está na cidade com a turma dele, desafiando a gente para um racha. —

Declarou.

Imediatamente, todos largaram o que faziam, muito empolgados, soltando gritinhos de desafio, vestindo suas roupas como se tivessem acabado de serem convocados para os jogos olímpicos. Miguel se levantou da poltrona tão depressa, que a garota excitada em seu colo caiu no chão, sem que ele parasse para ir ajudá-la a levantar.

— É nós cara. Vamos mostrar pra esses trouxas quem é que manda. — Miguel falou, com muita empolgação, parecendo muito diferente do cara gentil, altruísta e centrado que conheci.

— Essa tá no papo, mermão. Vamos botar eles pra correr. — O amigo completou.

As garotas também se vestiam depressa, trocando frases como aquelas entre si e com os rapazes. Ninguém parecia se atentar para o fato de que estavam todos

bêbados e drogados demais para qualquer coisa.

— Do que vocês estão falando? Quem é Davisson? —

Perguntei.

— É um dos maiores apostadores de racha da região.

— Foi Sérgio quem respondeu. — Vamos acabar com ele hoje. — Completou.

— Pera aí, deixa eu ver se entendi. Vocês vão apostar corrida de racha nesse estado? Vocês não podem fazer isso. Estão loucos? — Falei, aflita.

— Não liga pra isso não, gatinha. A gente tá acostumadaço a correr assim. — Sérgio continuou. — Se quiser pode vir junto, pra ter certeza de que nada de mal vai acontecer.

O mais sensato seria recusar àquele convite, lógico, entretanto, aceitar seria a única chance de estar próxima a Miguel. Olhei para ele em busca da sua opinião sobre aquilo, esperando que fizesse o amigo retirar o convite, só que ele estava ocupado demais em esvaziar o último gole de uísque da garrafa, sequer parecia ter ouvido o que o outro dissera. Pensei seriamente em ir embora, afinal a

essa hora Felipe já estava no apartamento me esperando, todavia, o desejo de ficar perto de Miguel mais um pouco, ou pelo menos ao seu redor, falou muito mais alto dentro de mim a acabei aceitando.

— Se você prometer que não vou quebrar o pescoço nessa corrida, estou dentro. — Declarei.

E pela primeira vez desde que coloquei os pés naquele quarto, Miguel olhou para mim com alguma expressão nos olhos azuis: um ódio quase mortal.

CAPÍTULO XXII

Estavam todos na maior gritaria quando deixamos o quarto, parecendo um grupo de índios se preparando para um ritual de guerra. Na sala, encontramos o casal que antes se agarrava no sofá, completamente vestidos e prontos para sair. Cada um cheirou uma carreira da cocaína que estava na mesinha de centro, inclusive Miguel, para em seguida deixarmos a casa.

Já tinha anoitecido por completo, quando saímos. Do lado de fora, Sérgio me conduziu para um carro esportivo colorido, muito parecido com os carros usados pelos

atores de “Velozes e Furiosos”, cuja marca não reconheci e me fez sentar no banco da frente ao seu lado, enquanto as duas garotas que se agarravam no quarto ocupavam os assentos traseiros. Miguel ocupou um Dodge preto, modelo esportivo típico de corrida, com a garota loira ao seu lado. O terceiro cara, tomou o volante de outro modelo de marca cara esportivo, com a garota ao seu lado e o sujeito que trouxe a notícia no banco de trás. Miguel partiu na frente, conosco logo atrás. Deixamos a mansão avançando pela rua pouco movimentada em altíssima velocidade, as duas garotas vibrando de emoção do banco traseiro, enquanto eu gelava de medo.

— Relaxa gatinha, não tem perigo algum. Solta a adrenalina. — Sérgio falou, como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

— Preciso avisar o Felipe onde estou. — Falei, quase para mim mesma.

— Ele não vai ficar muito feliz com isso não. — Sérgio sorriu.

Ignorando-o, tirei meu celular da bolsa e digitei o

número de Felipe, para que ele atendesse no primeiro toque.

— *Manuela, tentei te ligar várias vezes. Onde você está?* — Disse, do outro lado da linha.

— Oi Felipe. O telefone estava no silencioso.

Desculpe. Estou indo pra uma corrida de racha.

Neste momento, Sérgio começou a gesticular negativamente e compreendi que não devia revelar a nossa localização, já que racha é uma prática ilegal.

— *Como é?! Você está com Miguel?*

— Mais ou menos. Só liguei pra dizer que estou bem.

Conversamos depois. Boa noite.

Encerrei a ligação antes que tivesse a chance de magoá-lo ainda mais.

— Você tá louca, gata? — Sérgio falou, com os olhos arregalados. — Não se pode sair por aí dizendo que está indo pra um racha. O cara pode chamar a polícia.

— Felipe não vai fazer isso. Ele é amigo de Miguel.

— Eu sabia que a gente não devia ter trazido ela. —

Uma das garotas falou, a mais morena.

— Cala a boca, Cléo. — Sérgio retrucou. — Eu sei que eles são amigos, mas quando existe uma garota como você no meio, a amizade vai pro espaço.

— Relaxa, Felipe não vai chamar a polícia.

Ele me deu uma olhada super maliciosa e sorriu de lado, de um jeito safado, dizendo:

— Já tô relaxado até demais.

Ligou o som no último volume, ensurdecendo-me com o rock agitado que encheu o carro. Continuamos a cento e sessenta quilômetros por hora, ultrapassando os outros carros que trafegavam pelas ruas, seguindo o carro de Miguel de perto, até que deixamos o perímetro urbano, avançando por uma estrada com o asfalto arruinado que se estendia em meio ao pasto com o capim baixo, por mais alguns quilômetros e paramos no meio do nada, os faróis dos carros, estacionados de modo que formavam uma espécie de círculo, quebrando a negra escuridão da noite. Miguel e a loira foram os primeiros a saltarem, para que em seguida todos fizéssemos o mesmo.

— E aí cara, onde vai ser o parangoleu? — Sérgio

perguntou, enquanto Miguel tirava o celular do bolso do jeans.

— Vou saber agora. — Respondeu o homem que eu amava.

Estava lindo de dar água na boca em um jeans surrado e camiseta de malha preta com a gravura de uma tenebrosa caveira na frente, o cabelo desalinhado, crescido na frente e a barba sem fazer ajudava a completar o seu charme irresistível.

— Que tal a gente ir a um restaurante, comer e beber mais alguma coisa? — Propus, na fracassada tentativa de convencê-los a desistir daquilo e também porque, como não consegui almoçar quando tentei, minha barriga roncava de fome.

— Espera, essa aí não é a pilantra que armou contra Miguel a mando de Valentina? — Foi a garota que estivera antes com o cara na sala quem indagou.

— É a própria. — Cléo respondeu.

— O que ela faz aqui?

— Está comigo, por quê? — Foi Sérgio quem disse,

colocando-se ao meu lado, protetoramente.

— Porque ela é muito folgada de ter vindo. — Cléo era a valentona da turma, só que eu sabia muito bem como lidar com gente como ela, pois em todos os lugares que fui me deparei como uma igual.

— É o seguinte. — Falei firme e alto. — Não planejei vir aqui, aconteceu por acaso. Mas já que vim, não se metam comigo que não me meto com vocês, cada um fica na sua.

Ficaram me olhando sem dizer nada, como eu esperava. Esse é o segredo para se livrar de mulheres encenqueiras: jamais demonstrar medo, para que elas acreditem que se tem uma carta escondida na manga. Passei por situações como esta por muitas vezes nas ruas, onde as valentonas costumam cortar o rosto das oponentes com navalhas, das oponentes bobas, é claro.

— A porra do sinal tá fraco aqui. Devíamos ter parado lá atrás. — Miguel esbravejou, para em seguida subir no seu carro com seu celular na mão. — Consegui. — Declarou antes de trocar algumas palavras com alguém do

outro lado da linha. Quando desligou, voltou a anunciar:

— Vai ser aqui mesmo, cambada. Os caras estão vindo.

Vamos acabar com aquela renca de Anápolis.

Houve uma explosão de gritinhos de “*uhull*”, casais se abraçando em comemoração e um dos sujeitos abrindo uma garrafa de vodka, bebendo o líquido direto do gargalo para em seguida passar para a pessoa ao lado, que fez o mesmo e repassou.

Me senti como se estivesse em meio a um bando de adolescentes fanfarrões. Me admirava que Miguel, um sujeito inteligente, íntegro, que tinha trinta e dois anos de idade, se divertisse com aquilo. Era mesmo de espantar.

Ele desceu do carro, permanecendo encostado na lataria enquanto bebia a vodka direto do gargalo, como todos os demais. Logo, a loira que não largava do pé dele foi se escorar em seu corpo, esfregando-se toda nele, como uma cadela no cio. Mas que mulher não faria aquilo com Miguel se tivesse a chance?

Acabei entrando na onda e bebi um grande gole de vodka, da forma que todos faziam, ciente de que Miguel

acompanhava meu gesto com o olhar, achando que eu não percebia. Na certa lembrava a noite em que peguei um porre e ele teve que pular na piscina para me resgatar, o que me incentivou a beber um pouco mais, o líquido forte queimando

minha

garganta,

me

fazendo

tossir

violentamente.

— Se não tá acostumada com bebida é melhor ir devagar. Isso aí é forte pra caralho. Pode te pegar rapidinho. — Foi Sérgio quem falou, colocando-se ao meu lado, tão perto que pude sentir o cheiro de cigarro em seu hálito.

Só não o afastei porque ele era meu passaporte para estar ali, o mais perto de Miguel que podia chegar, embora estivesse dando uma de masoquista ao olhar para ele nos braços de outra mulher.

— Não se preocupa, eu sei o que estou fazendo. — A verdade era que eu não fazia ideia, queria apenas chamar a atenção de Miguel.

Continuamos ali bebendo e conversando enquanto aos poucos outros carros de corrida iam chegando, alguns luxuosos, outros mais simples. Todos ocupados por pessoas com mais ou menos a nossa idade, alguns dali mesmo da cidade — o que foi possível perceber pelas conversas —, outros de fora. Não demorou muito para que o lugar estivesse repleto de gente, cada corredor com a sua turminha, todos bebendo, fumando — alguns fumando maconha — e ouvindo música. No caso da nossa turma, seriam dois a correr: Sérgio e Miguel.

Os outros corredores vinham cumprimentar Miguel com o maior respeito, como se ele fosse uma celebridade. Sérgio me explicou que ele era conhecido por ter sido o melhor piloto naquele meio, antes de se tornar padre e que toda aquela gente tinha vindo de longe para saber como estava seu potencial para a corrida depois de todos aqueles anos sem participar. Era uma competição que

valia milhões em apostas, considerando que o outro principal competidor, o tal do Davisson, estava sendo o melhor dos últimos tempos e viera à Montana com o intuito de vencer Miguel, para elevar ainda mais seu status.

Quanto a Sérgio, confessou participar mais pela emoção, não tinha o propósito de vencer.

— É a sua primeira vez em um racha? — Sérgio indagou.

— Sim. Não sei nem por onde começa ou termina isso.

— Minha voz saiu meio enrolada, seguida da gargalhada que sinalizava que a bebida já começava a me deixar tonta. O que não era de estranhar, considerando que minha única refeição do dia foi de manhã, antes de sair do apartamento.

— É bem simples, primeiro correm vários carros juntos, os mais lerdos vão sendo eliminados e no final correm apenas os dois mais velozes.

— Parece emocionante. — Menti e gargalhei de novo.

— Podemos levar uma pessoa no carro, aquela que

chamamos de mascote. E hoje minha mascote será você.

— Nem pensar! Sem chance! Estou fora! — Fui veemente ao afirmar e desta vez nem consegui sorrir, temendo que ele percebesse minha embriaguez e me arrastasse a força para dentro do seu carro.

— Qual é gatinha, não precisa ter medo. Você disse que iria se eu promettesse não quebrar o seu pescoço e eu prometo que não vou. Além do mais, lá dentro é totalmente seguro. — Insistiu.

— Seguro nada. Eu leio o noticiário na internet, é a modalidade de corrida que mais tem acidente.

— Pow, eu gostei de você e quero que corra comigo, tá ligada?

— Corre com a Cléo. — Segurei no pulso da mulher, que se mostrava meio aérea depois de dividir um cigarro de maconha com a namorada e a puxei para perto dele. — Olha aí como vocês ficam bem juntos. A Cléo tem a maior cara de mascote. E tenho certeza que ela vai adorar ir, não é Cléo?

— Claro. Eu corro com você, gato. — Ela passou o

braço em torno da cintura dele, quase totalmente fora do ar.

Sergio ainda abriu a boca para continuar insistindo, porém um sujeito apareceu bem a tempo, anunciando o início da competição, quando então, todos correram para seus carros, gritando com euforia, inclusive Miguel, que teria a loira como mascote.

Eram cinco carros a participar. Todos se colocaram emparelhados na estrada deserta com o asfalto arruinado, seus faróis rompendo a escuridão da noite. Ficaram ali parados, acelerando em ponto morto por um tempão, parecendo um bando de cães ferozes ameaçando uns aos outros. Até que um sujeito magrinho — muito corajoso por se colocar diante daquelas feras —, foi para a frente deles, tirou a camiseta branca, ergueu um dos braços com a peça de roupa na mão e quando a jogou no chão, como se aquele fosse o sinal de partida, os carros arrancaram em altíssima velocidade, todos ao mesmo tempo, cantando pneus, enquanto meu coração apertava de aflição por imaginar o quanto Miguel estava bêbado dirigindo

naquela velocidade.

Os poucos carros que ficaram para trás, aqueles que não participavam da corrida, mantinham seus faróis acesos para que não ficássemos no mais completo escuro.

Havia um grande número de pessoas ali, que vieram apenas para assistir à competição. Bebiam e conversavam animadamente, como se aquele fosse um dos maiores eventos da região.

Trêmula de fome, vaguei em meio aos presentes em busca de pelo menos um pacote de biscoitos que pudesse me salvar, mas ninguém comia por ali, apenas bebiam e fumavam.

Não demorou muito para que os corredores retornassem do ponto de chegada, o qual, de acordo com o que diziam, ficava a menos de um quilômetro de distância.

Um dos carros foi eliminado e os outros quatro fizeram uma pausa de alguns minutos, sem que os motoristas deixassem seu interior, antes de saírem em uma nova rodada.

Ao final da segunda rodada, quando restavam apenas

três carros para competir, eu estava assistindo tudo a uns dois metros de distância da linha de partida, sozinha, já que decidi me afastar da cara feia com a qual os amigos de Miguel me olhavam, quando um dos competidores deixou o seu lugar e se aproximou de mim com o ronco do seu motor barulhento, parando bem na minha frente, para que em seguida o motorista, um sujeito que não tinha mais que vinte e cinco anos, saltasse.

— Ei gatinha, o que tá fazendo aí sozinha?

— Esperando alguém. — Menti.

— Eu também tô sozinho, precisando de uma mascote linda assim como você. Entra aí. — Abriu mais a porta do motorista, como se não tivesse outra entrada.

— Valeu colega, mas não estou a fim de correr. Estou bem aqui.

Ele olhou à nossa volta, tentando se certificar de que ninguém nos observava, como por exemplo alguém com quem eu pudesse estar acompanhada e então fitou-me novamente.

— Mas você tá muito sozinha. É uma maldade te deixar

aqui assim. Com tanto bêbado em volta isso pode ser perigoso para uma garota tão atraente. Vem comigo.

— Já disse que não. Que saco! — |Me impacientei.

— Mas que mal-educada! — Acusou, ríspidamente. — É por isso que tá sozinha, não sabe ter educação. Eu aqui querendo ajudar e você aí me dando patada. — Silenciou-se, como se esperasse por um pedido de desculpas, só que eu estava com fome demais para aquele tipo de coisa e apenas fechei a cara. — Acho que você tá precisando levar um sacode. Vem comigo, vamos vencer essa merda de corrida e depois te levo pra um lugar tranquilo. —

Segurou-me o pulso e simplesmente começou a me puxar na direção da porta aberta do seu carro, enquanto eu entrava em pânico, tentando puxar meu pulso da sua mão, sem obter êxito algum diante da sua força física. Percorri meus olhos ao redor, em busca de alguém que pudesse me socorrer, mas os amigos de Miguel estavam longe e mesmo que estivessem perto acredito que não teriam ido ao meu socorro. As pessoas ao redor pareciam tão loucas pelo efeito do álcool e das drogas que não percebiam o

que estava acontecendo.

Putá merda! Se aquele louco conseguisse me fazer entrar no seu carro, eu estaria perdida, dificilmente sairia dele antes de ser violentada. Que merda!

Estávamos muito perto de entrar no veículo quando meu socorro partiu de onde eu menos esperava, do Dodge preto esportivo que parou ao nosso lado, numa freada tão brusca que fez os pedaços de capim voarem alto. Miguel saiu do seu carro saltando fumaça pelas ventas.

— Qual é, Ricardo!?! — Rosnou na direção do meu quase raptor.

O cara me soltou muito depressa, seu rosto ficando subitamente pálido.

— Pow, eu não sabia que ela tava contigo, Miguel.

— Ela vai correr essa comigo. Sai de perto, moleque.

Agindo da mesma forma que o outro fez há pouco, Miguel segurou-me pelo pulso e puxou-me para a porta aberta do seu Dodge, só que desta vez eu fui sem protestar. Inclinou-se para falar com a loira que continuava sentada no banco do carona.

— Sai daí Kátia. — Ordenou, com aspereza.

— O quê?! — A garota fuzilou-o com olhos incrédulos.

— Você ouviu. Desce logo.

Kátia alternou seu olhar furioso entre meu rosto e do dele, antes de descer, batendo a porta com força atrás de si.

Com brutalidade, Miguel me empurrou para dentro, pela porta do motorista e entrou, tomando o volante. Sua atitude me fez ir nas nuvens e voltar, meu coração batia depressa no peito, meu sangue fluía mais quente nas veias, as borboletas levantaram voo em meu estômago, por estar tão perto dele e principalmente por saber que, pelo menos um pouco, ainda se importava comigo. No entanto, nem toda a felicidade do mundo foi capaz de conter o pânico que floresceu dentro de mim quando ele voltou com o carro para a pista, parando na linha de partida.

— Obrigada pelo que você fez por mim, mas já pode me deixar aqui. Não quero correr. Não curto velocidade.

Neste instante, para meu completo desespero, ele travou as portas do carro.

CAPÍTULO XXIII

Seguindo a um impulso, puxei o trinco da porta do meu lado, tentando abrir, mas foi em vão.

— Para com isso, Miguel. Me deixa sair!

Ele ficou em silêncio por um tempão, encarando a pista à sua frente.

— O que você tá fazendo aqui, Manuela? — Falou, por fim, virando seu rosto para me encarar, seus olhos refletindo uma fúria assustadora. Sem esperar resposta, continuou. — Por que veio infernizar minha vida?

— Não vim infernizar sua vida. Sérgio me convidou.

— Nós dois sabemos que você não está aqui por causa dele! — Praticamente gritou, abruptamente. — Não passa pela tua cabeça que eu não quero olhar pra tua cara? Que eu quero distância de você? Eu não te quero por perto, Manuela. Desaparece da minha vida!

Suas palavras me feriam como golpes físicos. As lágrimas encheram meus olhos, um gosto amargo se fazendo em minha boca, ainda assim, me recusava a chorar na frente dele.

— Não vim por você. Eu só queria assistir à corrida.

— Menti, com a voz trêmula.

— Nada disso! Você está aqui pra me atormentar, não vê o que estava fazendo agora?

— Eu não te chamei pra me ajudar, tá? Eu ia dar conta daquele cara sozinha.

— Ia nada. Ele tava quase te sequestrando. Se te enfiasse no carro dele ia fazer de você gato e sapato. Conheço o canalha.

O sujeito magrelo que sinalizava a partida surgiu na frente dos carros, tirando a camisa, anunciando a aproximação da largada e meu corpo gelou de medo.

Ah meu Deus! Eu precisava sair daquele carro.

— Eu te agradeço pelo que fez. Agora me deixa sair. Não quero correr.

— Não. Você vai comigo. Se sair por aí sozinha de novo o Ricardo te pega.

— Como se você se preocupasse comigo. Eu sei me cuidar mais que essas garotas que estão soltas por aí. Agora destrava essa maldita porta.

— Não. Você corre comigo até o final. Quero te mostrar um pouquinho do meu mundo para que assim fique longe dele.

— Para de graça, Miguel. Abre logo essa porta. —
Mais uma vez, tentei abrir a porta à força, outro esforço em vão.

— Tarde demais, baby. — Disse, com tom sombrio e começou a acelerar em ponto morto, repetidamente. O sujeito em pé a nossa frente depositou sua camisa no chão, anunciando a largada e Miguel arrancou em uma velocidade tão alta que achei que fôssemos levantar voo. Olhei no relógio indicador, estávamos a cento e noventa por hora e tive que tapar minha boca com a mão para não gritar de pânico.

Frases como : *“Para esse carro, pelo amor de Deus”* , formulavam-se em minha mente, sem que eu me sentisse encorajada a proferi-las, por temer tirar a concentração de Miguel da direção do carro e aumentar o risco de um acidente.

Ele continuou correndo velozmente, com seu semblante

contraído, completamente centrado na direção. Quando o sujeito logo atrás tentou nos ultrapassar, acelerou ainda mais a velocidade, nos colocando a duzentos e quarenta por hora, até que conseguiu recuperar a vantagem.

— Uhuull!! — Gritou, com o rosto eufórico. — É isso aí! Continuamos na frente. Está sentindo a emoção?

— Só sinto medo. Mais nada. — Confessei, em pânico.

— Relaxa, sente a adrenalina. Isso é muito bom. —

Falava enquanto pisava cada vez mais fundo no acelerador.

— Isso é coisa de adolescente e você é um cara adulto.

Devia se envergonhar.

Um estrondo violento partiu de trás de nós e quando me virei para checar, vi um dos carros saindo da estrada para capotar várias vezes em meio ao pasto, antes de parar com os pneus para cima.

— Ai, meu Deus! — Fiquei ainda mais apavorada.

— Comemore, era o sujeito que tentou te raptar.

— Isso lá é motivo de comemoração? O cara deve ter se machucado feio, talvez até morrido.

— E daí?

Fitei-o surpresa com seu descaso em relação a uma vida.

— Você está muito diferente do homem que um dia me disse que ajudar as pessoas era seu objetivo de vida.

Sua fisionomia se tornou sombria, subitamente, a fúria bestial se refletindo em seus olhos azuis.

— Você destruiu aquele homem. Agora contemple a sua obra. Devia estar orgulhosa. Sou um produto seu.

Não dissemos mais nada até que acalcássemos a linha de chegada, um ponto no meio do nada onde havia algumas poucas pessoas, poucos centímetros na frente do outro carro que competia, quando então Miguel fez o retornou e acelerou de volta para a linha de partida, a quase duzentos por hora.

— Você já ganhou a corrida, não precisa voltar correndo. — Falei.

— E que graça tem pilotar uma máquina dessas se não for pra acelerar?

— Vocês são todos muito infantis.

— Você diz isso porque não ama nada. Nós amamos a velocidade.

— Nossa! Que amor! Colocar a própria vida e a vida de outras pessoas em risco.

— Essa é a emoção.

— E eu achando que você era um cara bom. — Dei de ombros, decepcionada.

De volta à linha de partida, Miguel posicionou o Dodge novamente na pista, o outro carro se colocando ao lado, prontos para largar.

— Agora somos só nós dois e o Davisson. Quem vencer será conhecido como o melhor da região. — Falou, com empolgação.

— Não quero ir de novo. Por favor, abre essa porta e me deixa sair. Eu estou passando mal. — E estava mesmo, sentia-me tonta, meu estômago embrulhava. Obviamente consequências de ter bebido vodka de estômago vazio, unido a velocidade do carro.

— Você só vai sair quando acabar. Por que foi na minha casa atrás de mim? Isso é o que tenho a oferecer às

visitas. — Forçou uma gargalhada, sem que seu olhar acompanhasse o gesto.

— Eu só queria conversar. Me explicar. É uma pena que você esteja desse jeito. Não consigo te reconhecer.

— Sinal que você fez um bom trabalho.

— Não me culpe pela sua loucura, Miguel! Ninguém cai numa vida dessas se não tiver uma grande tendência ao mau caráter. — Esbravejei, irritada.

— E quem é você pra vir me falar de caráter?! —

Retrucou, asperamente. — Uma mulher que vende o próprio corpo não tem moral pra falar de caráter! — Puta merda! Ele não se cansava de me magoar. Se eu escapasse dali com vida, nunca mais voltaria a procurá-lo. Sairia da cidade, como já devia ter feito. — E como se não bastasse ser prostituta ainda é mentirosa, manipuladora e falsa. Sai dos braços de um homem, se dizendo arrependida, para logo em seguida ir morar na casa de outro! Aposto como está ganhando alguma coisa pra dar a boceta pro Felipe também!

— Eu não tenho nada com o Felipe, se é o que está

pensando.

Miguel sorriu novamente sem vontade, com um sarcasmo cruel.

— Impressionante a sua concepção ao meu respeito.

Deve achar que sou retardado. Ou então é obcecada por viver mentindo, enganando, manipulando.

Silenciou-se e acelerou em ponto morto quando o sujeito que anunciava a largada se colocou na frente dos veículos de novo, tirando a camiseta.

Minha nossa! Ele estava nervoso, o que tornava aquele processo ainda mais arriscado. Nossas vidas estavam por um fio, correndo grande perigo. Cogitei implorar um pouco mais para que me deixasse descer, contudo, não houve tempo, logo o cara magrelo deixou a camiseta cair no chão e arrancamos, com uma velocidade absurda, desta vez apenas o outro carro, um modelo colorido esportivo, nos acompanhando, se emparelhando com o Dodge no asfalto, ambos balançando violentamente por causa dos buracos.

Íamos ainda mais depressa que antes, a quase trezentos

por hora. O pânico que me tomava era tão grande que não consegui mais olhar, simplesmente me encolhi no assento e cobri os meus olhos com as duas mãos, rezando baixinho como nunca tinha feito antes, pedindo que aquilo terminasse logo. Meu alívio foi colossal quando Miguel soltou um grito, anunciando sua vitória na linha de chegada e com isto o fim daquele pesadelo.

— Eu sou o melhor! Que venha quantos Davissons existirem nesse país, nenhum deles é páreo para mim! — Me impressionou o quanto aquilo parecia importante para ele, sinal que possuía um instinto de competição aguçado demais, além do gosto pela adrenalina. O que faltava em mim.

Fizemos a volta e retornamos rumo ao ponto de partida, junto com o outro carro. Poucos metros adiante, no exato lugar onde o carro de Ricardo estava tombado, avistamos as luzes coloridas das viaturas policiais, paradas, muitas delas. Como estávamos em alta velocidade, a freada que Miguel deu foi tão brusca que me arremessou para a frente, minha testa chocando-se contra

o para-brisas, violentamente.

— Merda! — Miguel esbravejou, fazendo a volta, o carro cantando pneus no asfalto. — Você tá legal? — Quis saber.

— Mais ou menos. — Falei, levando a mão à minha testa dolorida. — Se entrega logo, cara é perigoso fugir.

— Falei, observando as viaturas alcançarem o carro do outro competidor, os policiais rendendo-o no asfalto.

— Nem pensar. Esses filhos da Puta querem tomar o meu carro.

— Você é rico. Compre outro.

— Acontece que não tem outro como esse.

Arrancamos novamente em uma velocidade absurda rumo à linha de chegada, pela qual passamos direto, com pelo menos três viaturas atrás de nós, os sons das sirenes aproximando-se insistentemente.

— Você vai nos matar por causa de um carro? —

Indaguei, em pânico.

— Não vou nos matar.

O asfalto acabou e continuamos correndo por uma

estrada de chão empoeirada, o semblante de Miguel muito centrado na direção, sua atenção de vez em quando se dividindo com o retrovisor. Pouco a pouco os sons das sirenes foram se distanciando, até que desapareceram de vez, quando então deixamos a estrada, seguindo por sobre o pasto de capim baixo. Atravessamos um rico milharal e paramos à beira de um barranco, em meio a uma floresta com árvores enormes.

— Acho que conseguimos despistá-los. — Miguel falou, desligando o motor, o silêncio tomando conta de tudo, sua voz abrandada. — Vamos dar um tempo aqui enquanto eles desistem de procurar.

— O que esse carro tem que não pode ser encontrado? Está com a documentação atrasada? — Meu estômago embrulhava ainda mais violentamente, minha cabeça girava.

Porra! Nunca mais chegaria perto de vodka.

— Antes fosse só isso. É um modelo raro, pois poucos foram fabricados. Se a polícia o pegar participando de um racha, vai se achar no direito de ficar com ele.

— Abre a porta, preciso respirar um pouco.

Miguel me observou em silêncio por um instante, antes de destravar as portas e saí. Quando fiquei em pé, minhas sandálias rasteiras deslizando sobre as folhas secas caídas no chão e minhas pernas quase fraquejaram, vi a escuridão à minha volta girar, meu estômago ameaçando expulsar a vodka que tomei.

Miguel também saltou, seguindo-me.

— Você está bem? — Indagou, com a voz máscula e gentil pela qual me apaixonei, diferente do jeito canalha que mostrava há pouco.

— Mais ou menos. Estou tonta e enjoada.

— Quer que te leve ao hospital?

— Não precisa. Isso é só uma fraqueza passageira.

Não consegui almoçar hoje. Você tem alguma coisa pra comer aí? — Recostei-me no tronco grosso de uma árvore, puxando o ar para meus pulmões, devagar, repetidamente.

— Vou ver se tem. — Miguel entrou no carro, acendeu os faróis para dissipar a negra escuridão que nos envolvia

e voltou logo depois, com dois pacotes de biscoitos recheados e uma latinha de refrigerante. — Foi tudo o que encontrei.

— Está ótimo. Obrigada. — Recebi a comida da mão dele e comecei a devorar tudo com muito apetite, enquanto era atentamente observada.

— Por que você não conseguiu almoçar hoje?

— Por que tive que sair para resolver algumas coisas. Então fui a um restaurante, aquele onde você me levou uma vez, o mesmo onde trabalha sua amiga Silvia. Ela começou a falar umas coisas, me acusando de ter destruído sua vida. Então desisti de comer e fui te procurar. — Continuei devorando os biscoitos e bebendo o refrigerante.

— Montana é uma cidade onde as pessoas são muito tradicionais e antiquadas. Não é lugar pra você morar.

— Está me dizendo que não sou digna de morar aqui por causa do que fazia no Rio?

— Não. Estou dizendo que as pessoas aqui sempre vão ter preconceito com você. Valentina espalhou pra cidade

toda o que você fazia lá. Nunca vão te aceitar.

— Eu não me importo. Tenho o Felipe que gosta de mim como sou.

Sob a claridade dos faróis do carro, vi a fisionomia de Miguel mudar, o cenho cerrando, os olhos brilhando de fúria.

— Está tão apaixonada por ele que prefere viver aqui sendo discriminada a ter que partir deixando-o para trás?

— Não. — Abandonei os biscoitos de lado e me coloquei em pé diante dele, fitando-o de perto, diretamente nos olhos. — Eu não estou apaixonada por ele, estou apaixonada por você. Eu te amo Miguel. Sou louca por você. Só percebi isso depois que te perdi e foi pra te dizer isso que fui à sua casa esta noite.

Ele me deu as costas, visivelmente tenso. Foi até o carro e deferiu um murro do seu punho cerrado na lataria do capô, causando um estrondo violento.

— Mentirosa! — Esbravejou entredentes. Virou-se novamente para mim, encarando-me com fúria, quando pude ver uma veia latejando em seu pescoço. — A única

coisa que te pedi foi que não me tratasse como uma aventura. — Sorriu sem vontade. — Eu larguei tudo por você, abandonei um objetivo pelo qual passei anos lutando e você estava fingindo o tempo todo, me enganado por dinheiro. Não teve sequer a decência de deixar aquele cara por mim. Na primeira oportunidade se enfiou no apartamento dele. E agora vem dizer que me ama?

— Eu não estava fingindo quando fui para a cama com você. No começo pode ter sido fingimento, mas depois não foi. Quanto a Felipe, eu não tenho nada com ele, eu juro. E não fui morar com ele na primeira oportunidade, você me disse pra ficar longe, lembra? Eu ia deixar a cidade, como você queria, mas ele me pediu pra ficar.

— E por que não tem nada com ele se seu objetivo é se casar com um homem rico?

— Porque eu não consigo parar de pensar em você. Eu nunca tinha amado de verdade antes, Miguel, como amo você.

— E você está morando com ele há quinze dias, sem que nada tenha acontecido. Conta outra.

— Eu estou dizendo a verdade. — Devagar, reduzi a distância entre nós com alguns passos, colocando-me perto o suficiente para que Miguel não deixasse de ver a sinceridade em meu olhar. — Desde que deixei o Rio, não pertenci a outro homem que não a você. Felipe nunca me tocou intimamente. Eu podia estar com ele, mas é você que eu amo. Eu te amo demais Miguel, acredita em mim. Ele permaneceu em silêncio, imóvel, sem desviar seu olhar do meu, quando então pude perceber que a grossa barreira que erguera entre nós estava desmoronando e aproveitei a chance para me aproximar mais. Cheguei perto o suficiente para encostar meu corpo no seu, arfando de desejo ao sentir seu calor gostoso através das nossas roupas. Segurei sua mão vagorosamente e a espalmei em minha face.

— E sei que você não é tão indiferente a mim. Tudo o que aconteceu entre nós foi bom demais para que eu estivesse sentindo sozinha. — Completei quase com súplica, enquanto meu coração assumia um ritmo acelerado, devido à sua proximidade.

— É claro que não sou indiferente. — Ele confessou e meu coração bateu ainda mais depressa. — Eu te desejei no instante em que a vi pela primeira vez na beira daquela estrada, já te disse isso. Quando a convidei para trabalhar no orfanato, não estava apenas te ajudando, estava também testando os meus limites e o inevitável aconteceu: eu me apaixonei. Mas depois de tudo o que houve...

— Por favor, me perdoa. — O interrompi, desesperada, antes que mencionasse o que fiz. — Eu estou arrependida, não devia ter te enganado. De todos os erros que já cometi na vida, o pior foi ter te magoado. Diz que me perdoa. — As lágrimas marejaram meus olhos e seguindo a um impulso o abracei, afundando meu rosto em seu peito largo, inebriando-me com seu cheiro de homem, com o seu calor gostoso.

— Manuela... — Sua voz soou rouca e sussurrada, para que em seguida sua boca encontrasse os meus cabelos, beijando-os suavemente, seus braços fortes contornando meu corpo pela cintura, seu calor me envolvendo, me fazendo arquejar.

Então, ergui a face para encará-lo e o beijo veio sôfrego e violento, carregado de uma luxúria descomunal, sua língua se infiltrando na minha boca para roçar na minha, com uma sensualidade gostosa, quando então todo o mal-estar que eu sentia deixou de existir, cada célula do meu corpo sucumbindo ao desejo violento que florescia dentro de mim.

CAPÍTULO XXIV

Pressionei mais meu corpo no dele, esfregando meu ventre na altura do seu colo, quando pude sentir a ereção se formando quente e pulsante, despertando-me o mais selvagem dos desejos, o calor se alastrando depressa em minhas entranhas.

Com certa brutalidade, da forma como nunca agiu antes, Miguel me empurrou com seu corpo até o carro, me fazendo deitar de costas sobre o capô, colocando-se sobre mim, aconchegando seus quadris entre minhas pernas, seu sexo empurrando o meu por sob a proteção das nossas roupas, uma de suas mãos explorando o meu corpo, percorrendo minhas curvas para depois se infiltrar sob

meu vestido curto. Percorreu minha coxa, apertou minha bunda e então se enfiou na minha calcinha, massageando meu clitóris com toda a sua experiência, me fazendo arfar de tesão, meu sangue fervendo nas veias, meu ventre se contorcendo.

— Você é a minha perdição, Manuela. — Miguel falou, com tom rouco, sua respiração pesada, sua língua descendo para passear na pele do meu pescoço, intensificando as labaredas dentro de mim. — Por sua causa eu me perdi de tudo.

Enfiei minhas mãos sob sua camiseta, percorrendo o contorno perfeito dos seus músculos com a ponta dos dedos, descendo para o cóis da calça, procurando espaço entre a peça de roupa e seu corpo, para cariciá-lo mais intimamente.

— Eu te quero demais, Miguel. Você é o homem que amo. Nunca duvide disso. — Sussurrei.

Ele ergueu seu corpo, levantando-se e abracei seus quadris com as minhas pernas, temendo que recuasse.

Todavia, ele não fez menção de se afastar, em vez disso,

levou as duas mãos ao decote quadrado do meu vestido e puxou, rasgando o tecido de cima a baixo, com facilidade, deixando o trapo sob minhas costas, meu corpo oculto apenas pela calcinha de renda delicada, a qual logo arrancou, com um safanão, para que seus olhos brilhassem, cheio de fogo e de luxúria, sobre minha completa nudez, examinando cada curva minha, demorando-se mais nos meus seios e na minha vulva depilada.

— Senti tanta saudade de você. — Sussurrou com tom rouco, para em seguida trazer sua boca até um dos meus peitos, fechando os lábios sobre o mamilo, sugando-o devagar, enviando ondas de calor intensas, que passeavam soltas pelas minhas entranhas, enquanto minha vagina latejava, lubrificando muito rapidamente. — Senti saudade do seu cheio, do seu gosto. — Escorregou a boca para o outro peito, chupando tão gostoso que minhas costas arquearam involuntariamente, afastando-se do capô, gemidos partindo da minha garganta. — Não houve um só dia em que eu tenha pensado em você, que não

tenha acordado e ido dormir de pau duro pensando em tudo o que fizemos e no quanto eu queria fazer de novo. Não houve um só anoitecer em que eu não tivesse que me segurar para não ir atrás de você.

— Eu também penso em você durante as vinte quatro horas do dia.

Miguel sibilou excitado, sua boca habilidosa descendo pelo meu corpo devagar, mordendo e lambendo minha pele, até alcançar minha vulva, quando então, espalmou as duas mãos sob minhas nádegas e ergueu meus quadris do capô, levando minha intimidade até sua boca, enquanto se mantinha em pé. Olhando-me de cima, fixamente, mergulhou sua língua entre meus grandes lábios, lambendo meu clitóris, diretamente, deliciosamente, o tesão crescente me fazendo gritar e me agitar de encontro à sua boca.

Não existia homem na face da terra mais gostoso que aquele. Miguel conhecia o ponto exato onde tocar uma mulher e como fazer isso na medida certa, sem nem muita suavidade, nem brutalidade. Era perfeito.

— Porra, Miguel! Que delícia... — Murmurei, enlouquecida.

Gritei de novo quando ele prendeu meu clitóris entre seus lábios e sugou, sua face contorcendo de prazer, como se o meu prazer o satisfizesse. Desceu meus quadris, descansando-os novamente na lataria do carro e se inclinou, usando as duas mãos para abrir mais minhas pernas. Deu uma boa olhada na minha vagina lambuzada, com aqueles olhos cheios de fogo que aqueciam até minha alma e então voltou a me chupar, desta vez introduzindo o dedo do meio e o indicador ao mesmo tempo no meu canal, movendo-os em vai e vem enquanto sua língua dançava freneticamente sobre meu ponto mais sensível, o que foi a minha perdição. Não demorou nada, logo tudo se concentrou na altura do meu ventre e o orgasmo me arrebatou, alucinadamente, me fazendo gemer e gritar, completamente entregue às sensações lascivas que só experimentei nos braços daquele homem, da forma como nenhum outro jamais foi capaz de me fazer sentir.

Miguel sugou a entrada da minha vagina, alimentando-

se dos resquícios do meu prazer, para em seguida trazer seus lábios até os meus, quentes e ávidos, carregados de luxúria, tão provocantes que abocanhei sua língua e a chupei com volúpia, provando do meu próprio gosto, o que foi suficiente para que o desejo florescesse dentro de mim mais uma vez, intenso como se eu não tivesse acabado de gozar.

Ansiosa, com a minha boca presa a sua, levei minhas mãos ao zíper do seu jeans, tentando abrir, doida para senti-lo dentro de mim.

— Impaciente como sempre. — Ele sussurrou contra a minha boca.

— É porque te quero demais.

Sem mais palavras, levantou-se e despiu-se das suas roupas, ficando completamente nu, revelando o pau enorme, deliciosamente duro.

Não resisti. Antes que ele voltasse a se deitar sobre mim novamente, sentei-me e me deixei escorregar para baixo, agachando-me diante dele, com os pés no chão e meu rosto na altura do seu sexo. Segurei o membro pelo

meio e passei a língua em volta da glândula, saboreando o líquido gostoso que escorria pela fenda. Depois, o coloquei na boca, empurrando-o até minha garganta — o que não era fácil, por causa do tamanho. Acariciei o saco limpo e depilado e continuei movendo minha cabeça para frente e para trás, cada vez mais depressa, até que Miguel me segurou pelo cabelo e me puxou para cima, me fazendo levantar.

— Já chega. Não quero encher essa boquinha de porra. Quero sua bocetinha e quero agora. — Grunhiu, rouco e meio selvagem.

— Sou toda sua.

Ainda com gestos bruscos, Miguel ergueu-me do chão, sentando-me de volta no capô, passou os braços por sob minhas pernas, na altura dos joelhos e me puxou com um safanão, de modo que caí deitada para trás, minhas pernas muito abertas, minha nudez exposta diante dos seus olhos. Observou minha intimidade, com olhar guloso e então se encaixou entre minhas pernas, penetrando-me com o golpe duro e certo, sua carne rija abrindo passagem em meu

corpo, escorregando nas paredes molhadas do meu canal, empurrando-as com tanta pressão que comecei a gemer alto, como uma desesperada, tomada pela fome cega que sentia por aquele homem.

Miguel não desviava seu olhar dos nossos sexos enquanto me comia de forma selvagem, com força, sua pélvis se chocando contra a minha, sem gentileza alguma. Nem parecia o mesmo homem de antes, que fodia com calma, embora assim fosse igualmente gostoso. Nada do que ele fizesse poderia ser ruim.

Ergui o torso, apoiando-me nos cotovelos, para observar seu membro entrando e saindo de mim, todo lambuzado, estocando fundo, empurrando meu útero com força, se tornando mais duro à medida que as sensações cresciam em minhas entranhas, a ponto de eu me sentir como se todo o meu corpo estivesse em chamas.

Miguel estava enterrado em mim até a base, quando de súbito parou e girou os quadris, seu membro circulando no meu interior, empurrando ainda mais minhas paredes enquanto sua pélvis peluda se esfregava no meu clitóris,

numa carícia deliciosa, deixando-me tão enlouquecida que lancei minha cabeça para trás e gritei, chamando pelo nome dele, descontroladamente.

Como se atendesse a uma súplica, Miguel deitou-se sobre mim, trazendo sua boca para a minha, beijando-me com fome, com sofreguidão, enquanto se movia ainda mais depressa, o som das nossas pélvis se chocando ecoando altos, se perdendo pelo pasto escuro.

Estávamos assim quando todo o meu corpo retesou, anunciando a chegada do orgasmo e Miguel apartou sua boca da minha, afastando-se o suficiente para fitar-me nos olhos, prendendo meu olhar ao seu enquanto eu explodia, gozando muito, gemendo alto, clamando pelo seu nome, meu corpo se contorcendo inteiro, até que tudo se acalmou e fiquei imóvel, com meus membros pesados.

— Ainda não presenciei um espetáculo mais fascinante que ver você gozando. — Disse ele, com tom rouco e sensual. — Vem aqui, porque isso está longe de acabar. Me puxou para cima, me fazendo sentar e, sem sair de mim, beijou-me até que eu quase perdesse o fôlego,

enquanto me estreitava em seus braços, apertando-me com força contra seu corpo másculo, seu tórax musculoso esmagando meus seios fartos, tão deliciosamente que logo eu estava fervendo de desejo outra vez, minha vagina latejando em volta do seu pau, implorando pelos movimentos.

— Adoro quando seu corpo reage assim, me pedindo por mais.

— Meu corpo adora você.

Sem aviso prévio, ele saiu de mim, colocou-me em pé no chão, virou-me de costas e me fez debruçar sobre o capô, meus seios e minha face encostando na lataria gelada. Usou um dos seus pés para afastar mais minhas pernas e as mãos para empinar minha bunda. Percorreu os dedos através da fenda entre minhas nádegas, demorando-se ao acariciar meu ânus.

— Ah... que delícia de cuzinho... — Gemeu. — Sabe quantas noites em claro passei imaginando aquele bastardo comendo esse cuzinho?

— Mas ele é só seu... — Minha voz saiu trêmula,

assim como estava o meu corpo, por causa da excitação.

— Só seu, meu amor.

Miguel agachou-se atrás de mim e me lambeu bem ali, no meu orifício mais estreito, sua língua gostosa tentando abrir passagem, enviando ondas de calor que percorriam meu corpo com a violência de correntes elétricas, tudo dentro mim pulsando, ansiando pelo que viria em seguida.

Levou dois dedos à entrada da minha vagina, escorregando-os para o ânus, trazendo junto o líquido cremoso da minha excitação, refazendo o percurso, deixando-me toda lambuzada ali atrás, preparada para recebê-lo.

Fui agraciada novamente com a ponta da sua língua se movendo sobre meu clitóris, enquanto seu dedo indicador deslizava para dentro do meu canal mais estreito, seguido do dedo do meio, ambos se movendo dentro de mim, abrindo passagem, me preparando.

— Ah... delícia... — Resmunguei, deliciada, pulsante.

Estava muito perto de um novo orgasmo quando Miguel se levantou, segurou meus quadris dos lados, encaixando-

se atrás de mim, e forçou a entrada do seu membro no meu ânus melado, devagar, cada centímetro escorregando para dentro com cuidado para não me causar dor, até que estava enterrado até a base e rebolei enlouquecida, inebriada com o conjunto inigualável de sensações que me tomavam inteira, me fazendo esquecer de tudo mais a minha volta, me levando ao completo descontrole.

— Puta merda! Você é ainda mais apertadinha aqui atrás... — Miguel balbuciou, quase num gemido. — Assim gostosa, rebola no meu pau... ah...

Inclinou-se sobre mim, enterrando um dedo na minha boca, o qual mamei com tesão, enquanto apoiava o peso do seu corpo na outra mão.

Passou a mover os quadris daquela forma brusca e nova, estocando duro no meu interior, seu tamanho abrindo passagem em meu corpo, que parecia se acomodar a ele com uma perfeição magnífica.

Sua boca fuçava minha nuca, ora mordendo, ora lambendo, e foi quando mordiscou o lóbulo da minha orelha que me descontrolei de vez, o gozo se formando em

minhas entranhas, meus músculos se contraindo para logo explodirem no orgasmo, gritos altos partindo da minha garganta, minha vagina latejando quente, jorrando o líquido transparente, tudo se tornando ainda mais prazeroso quando Miguel gozou também, seus espasmos se fazendo contra meu orifício, o esperma quente e viçoso jorrando dentro de mim, com abundância, nossos corpos ondulando juntos, numa gostosa perfeição.

Quando tudo se tornou calma e nossos corpos ficaram lânguidos, Miguel deixou o meu interior, sentou-se no capô e me puxou para seus braços, deitando-me como um bebê em seu colo, meu rosto se acomodando em seu peito largo, levemente suado.

— Você está se sentindo melhor? — Perguntou, com a voz grossa e calma, antes de afundar o rosto em meu cabelo, inalando profundamente.

— Sim, muito melhor.

— Tem um cobertor aí no carro, quer descansar um pouco?

Eu preferia que ele tivesse me convidado para passar o

resto da noite, ou quem sabe o resto da minha vida, em sua casa, sem a presença dos seus amigos, claro. Sua proposta só provava que não estava tudo bem entre nós, ele não tinha intenção nenhuma de ficar comigo e foi por isso que me agarrei mais a ele, novamente tomada pelo medo de perdê-lo que parecia me acompanhar sempre que estávamos juntos.

— Adoraria. — Concordei.

Então, ele colocou-me no chão, quando pude sentir a brisa fria da noite atacando meu corpo, causando-me arrepios, foi até o interior do carro, voltando com um grosso cobertor quadriculado, o qual forrou no chão, por sobre as folhas, bem perto da beira do barranco. Pegou-me novamente no colo e deitou-se junto comigo, aninhando minha cabeça em seu peito, acariciando meu cabelo com a ponta dos dedos, enquanto eu jogava uma perna e um braço sobre ele. Aquela sensação de que tinha encontrado meu lugar no mundo, tomava conta de mim.

— Você tem uma pessoa? — Indaguei, num impulso motivado pela ausência de um convite de ir passar a noite

em sua casa como eu gostaria.

— Nada sério. — Foi sua resposta e meu estômago revirou.

Lembrei-me da loira que o acompanhava naquela noite.

— É a loira que estava com você?

— Sim. Embora não seja só ela. Sou um cara que gosta de variar.

— Desde quando?

— Desde sempre. Estava em uma fase isolada da minha vida quando você me conheceu, por isso deve ter tido uma ideia errada de mim.

“Isso que dizer que nada significuei para você?” Não tive coragem de perguntar, temendo pela resposta.

Tampouco tive coragem de abrir a boca de novo, para evitar ser ainda mais magoada.

— E você, tem alguém te esperando no Rio?

— Não. Meu último namorado roubou todo o dinheiro que juntei me prostituindo.

Senti seu corpo grande estremeando de encontro ao meu. Como se seguisse a um impulso, Miguel abraçou-me

com mais força.

— Me conta como você foi parar naquela vida.

Contei tudo a ele, sem esconder nenhum detalhe, sobre tudo o que aconteceu em minha vida desde que fui descoberta por meus pais fazendo programas com os empresários ricos de Volta Redonda que conhecia no restaurante onde trabalhava como garçomete, quando fui expulsa de casa, até o dia em que Valentina me contratou para seduzi-lo. Ao final da minha narrativa, meus olhos estavam cheios de lágrimas, as quais só consegui conter porque Miguel me abraçava com força, mantendo seu corpo quente e amado todo colado ao meu, oferecendo-me um conforto acolhedor que me tranquilizava e me fazia sentir segura.

Cochilamos um pouco assim, aconchegados nos braços um do outro para depois voltamos a nos amar, loucamente, sobre o cobertor, em meio à natureza, com o pasto e as árvores por testemunhas, para em seguida dormimos de novo, tomados pela completa exaustão.

Desta vez era dia quando acordei, completamente nua e

sozinha sobre o cobertor, com os galhos da árvore protegendo-me do sol forte. Espantada, sentei-me, quando só então vi Miguel em pé perto do barranco, vestido, fumando um cigarro, observando a paisagem à nossa volta, que aliás era de tirar o fôlego, composta por pastos verdes que se estendiam até perder de vistas, inclusive no vale depois do barranco, no qual passava um riacho estreito.

— Desde quando você fuma? — Perguntei.

— Desde sempre. Eu só estava dando um tempo quando você me conheceu. — Respondeu, sem se virar para olhar para mim. — Se veste, temos que ir.

— Pra onde vamos?

Ele finalmente se virou, surpreendendo-me ao fitar-me com olhos de fúria.

— Eu vou pra minha casa, mas posso te deixar no apartamento de Felipe, se quiser.

Então nada havia mudado, a noite maravilhosa que tivemos nos braços um do outro, nada significou para ele.

Putá merda!

Magoada,

com

alma

dilacerada,

levantei-me

enrolando-me no cobertor como se de súbito me sentisse envergonhada em ficar nua na frente dele.

— Eu pensei que as coisas tinham mudado. Achei que você tinha me perdoado. — Falei, as lágrimas marejando meus olhos, ameaçando cair.

— Eu não disse que tinha.

— Mas disse que está apaixonado.

— E estou, mas isso não muda nada. Você me magoou demais. Não estou dizendo que nunca vou te perdoar, até porque o perdão é bíblico, mas não posso aceitar você na minha vida. Isso jamais.

Senti ainda mais vontade de chorar ao imaginar que por trás das suas palavras podia estar o preconceito, pelo fato de eu ter sido uma garota de programas, as palavras eram típicas de um homem que não podia aceitar uma

garota que já passou pelas mãos de tantos outros, a quem toda uma cidade julga e condena. O que eu podia dizer? Não podia julgá-lo por isto.

CAPÍTULO XXV

— Eu te amo demais Miguel. Me dá uma chance de te provar que posso mudar. — Tentei, espezinhada pela perspectiva de ficar sem ele.

— Sem chance, Manuela. Você errou demais comigo. Não posso relevar tudo. Se veste, por favor, vamos embora daqui.

Derrotada, com minha alma despedaçada, desviei o olhar para o chão.

— Você rasgou meu vestido, não tenho o que vestir.

— Droga! Mais essa agora. — Percorreu os dedos pelo cabelo, visivelmente irritado, para em seguida tirar sua camiseta e estendê-la para mim. — Veste isso até chegarmos na cidade. Lá compro uma roupa pra você chegar em casa sem despertar a desconfiança de Felipe.

— Eu não tenho nada com ele. — Dei de ombros, com a impressão de que aquela frase já não fazia nenhum

sentido.

Vesti a camiseta de malha de Miguel, cuja bainha se estendia até um pouco abaixo dos meus quadris, escondendo pelo menos meu tronco e meu sexo e entramos no carro, envolvidos pelo mais completo silêncio, o qual permaneceu entre nós enquanto percorríamos o trajeto de volta para Montana, sem trocarmos sequer uma palavra. Bastou que o carro se pusesse em movimento para que minhas náuseas voltassem, meu estômago revirando violentamente, tudo se tornando ainda pior devido à dor aguda que se fazia na minha cabeça.

Ao adentrarmos a cidade, todos os olhares se voltaram para o carro, que felizmente tinha película nos vidros, de modo que não podíamos ser vistos. Pela forma estupefata como olhavam e pelos cochichos que faziam, as pessoas deixavam claro que estavam reconhecendo o carro que foi usado no racha da noite anterior, cujas consequências ainda desconhecíamos.

Miguel estacionou na frente de uma pequena loja de roupas, ainda na entrada da cidade e saltou para ir

comprar algo pra eu vestir. Só não aproveitei sua ausência para sair de fininho e evitar outra despedida dolorosa, porque estava nua da cintura para baixo e numa cidade como aquela, isso seria motivo para um linchamento.

Na primeira vez que Miguel me deixou, na ocasião em que Valentina lhe disse toda a verdade, eu estava decidida a ir embora de Montana e voltar para o Rio, não tinha mais nenhuma esperança de que alguma coisa voltasse a acontecer entre nós. Todavia desta vez era diferente, eu não sabia o que fazer, não sabia se ia embora ou se ficava, sabia apenas que precisava deixar o apartamento de Felipe, portanto, se ficasse, precisaria alugar uma casa. O motivo era a noite anterior, o modo apaixonado como Miguel me tomou, sua afirmação de que também me amava. Se eu ficasse na cidade, indo vê-lo de vez em quando, me aproximando aos poucos, com paciência, sem insistência, talvez sua mágoa passasse e um dia pudéssemos viver esse amor. Não seria fácil conseguir o seu perdão, porém também não seria impossível e se conseguisse, eu finalmente teria conquistado a chance de

ser feliz, quem sabe a única chance, pois eu não acreditava que um dia voltaria a amar alguém como amava Miguel. Se não desse certo, eu voltaria para o Rio, com menos dinheiro na conta para recomeçar, mas com a certeza de que lutei pela minha felicidade, algo do que jamais me arrependeria. Além do que, ele precisava de mim, de alguém que o amasse a ponto de tirá-lo daquela vida de drogas, bebidas e corridas arriscadas, que o convencesse a voltar para o orfanato e cuidar das crianças que sem ele corriam o risco de ficarem sem um lar.

Definitivamente, eu precisava ficar em Montana, lutar pela minha felicidade e pela felicidade de Miguel. Ele precisava de mim tanto quanto eu precisava dele.

Quando Miguel voltou, parecendo um assaltante, sem a camisa, usando óculos escuros e fumando um cigarro, entregou-me o vestidinho de malha simples, da mesma cor do que rasgara em meu corpo, que comprara junto com uma calcinha de algodão enorme e feia.

— Pode se trocar aqui. Ninguém vai te ver por causa da película. — Falou.

Credo! Quanto esforço para evitar me levar na sua casa! Sua atitude só aumentava meu interesse em ficar, para que tivesse a chance de um dia fazê-lo se arrepender por me tratar assim.

Sem uma palavra e sem olhar diretamente para o homem sentado ao meu lado, despi-me da sua camiseta e vesti o vestido, movendo-me ainda mais devagar quando percebi, pelo canto do olho, que ele devorava meu corpo com o olhar.

— Não vai vestir a calcinha? — Miguel perguntou, quando terminei.

— Nem morta. Essa calcinha é horrorosa. E não se pode usar uma calcinha que passou pela mão de tanta gente sem lavar antes. — Peguei a peça tosca de algodão e joguei na cara dele. — Leva pra sua namorada loira. Miguel meneou a cabeça negativamente, sorrindo sem vontade, os olhos brilhando de raiva.

— Diz que não tem nada com Felipe e vai chegar na casa dele sem calcinha.

Segurou o toco de cigarro aceso entre os lábios e deu a

partida, nos conduzindo para a rua movimentada.

— De fato não tenho, nem nunca tive nada com Felipe, o que não significa que não venha a ter um dia, afinal eu gosto muito de foder e ele parece ser muito bom de cama.

— Eu só queria plantar lhe um terço da insegurança que ele enraizava em mim, todavia, arrependi-me pelas palavras no instante em que fechei a boca, pois sua fisionomia fechou, seus olhos se tornando sombrios e senti que o afastara um pouco mais de mim. Droga!

Mergulhados naquele silêncio tenso que jazia entre nós desde que o dia amanheceu, atravessamos a cidade, até que ele parou diante do prédio de Felipe.

— Está entregue. — Falou, sem olhar-me no rosto.

Meu coração apertou no peito pela aproximação de mais uma despedida.

Na noite anterior, fui à sua casa com o intuito de convencê-lo a se afastar das drogas, do álcool e das corridas e embora as coisas tenham saído melhores do que esperei, não cumpri meu objetivo, não o aconselhei como deveria. Cogitei que ainda não era tarde para dizer

alguma coisa a respeito disso.

— Você tem visto o Samuel? — Falar sobre o irmão era a melhor forma de sensibilizá-lo para o que vinha fazendo, pois sabia que o amava demais e se mantinha ainda mais afastado dele quando estava assim.

— Não, por quê? — Deu de ombros.

— Porque ele precisa de você, assim como as crianças do orfanato. Não consegue ver a quantidade de vidas que está prejudicando, a quantidade de pessoas que está magoando por causa desse vício pela farra?

— Isso não é da sua conta.

— Claro que é. Estou dizendo isso para o seu bem, porque sei que você também não é feliz assim. Se lembra de quando você me disse que não queria outra coisa na vida que não ajudar os órfãos que tanto precisam? Essa é a sua vida. Você é bom demais para sair por aí bebendo, se drogando e participando de orgias. Não faça isso com você mesmo Miguel. Não destrua o que você tem de melhor.

Finalmente, ele se virou para me encarar, quando pude

perceber, pela angustia em seu olhar, que eu havia conseguido tocá-lo, pelo menos um pouco. Fiz nascer uma possibilidade de ele mudar sua vida, uma vida que destruía por minha causa.

— É melhor você sair, antes que Felipe apareça e venha me encher o saco. — Disse com tanta frieza que estremecei.

Era perda de tempo continuar dizendo-lhe que nada tinha com Felipe, ele parecia determinado a não acreditar e eu não ia ficar insistindo. Abri a boca para lhe perguntar se nos veríamos de novo, no entanto, não me senti encorajada a proferir as palavras, temendo pela resposta.

— Está certo. Adeus. — Falei e deixei o carro sem que ele respondesse.

Eu tinha a impressão de que um pedaço de mim ficava para trás enquanto entrava naquele prédio, dirigindo-me para o elevador. Foi então que percebi que se existia alguma chance de ficar com Miguel, eu não a desperdiçaria, lutaria por aquele homem com toda garra, dedicaria meus dias e reconquistá-lo, afinal o primeiro e

mais importante passo já fora dado, ele já admitira que também me amava, o resto, seriam apenas obstáculos a serem ultrapassados, um de cada vez, dia após dia, com paciência. Me recusava a desistir dele assim tão fácil, pois era a primeira vez que eu amava de verdade, não jogaria isso fora. Como Valentina não estava mais em seu caminho, tudo seria mais fácil, como ele próprio dissera, não tinha nada sério com as outras garotas com quem ficava, meu caminho estava praticamente livre, faltava apenas convencê-lo a me perdoar e aceitar-me em sua vida de uma vez. Não seria fácil, mas também não seria impossível. Pela primeira vez na vida, eu sabia o que queria e queria de verdade aquele homem, com todas as forças do meu coração.

Encontrei a porta do apartamento destrancada e entrei.

Logo na primeira sala, estava Felipe, usando uma camisa social de mangas compridas branca, toda amarrotada, com

os

primeiros

botões

abertos.

Tinha

os

olhos

avermelhados, cercados por grandes olheiras, como se tivesse passado a noite em claro e segurava um copo com uísque quase vazio na mão. Fixou o olhar raivoso em meu rosto, assim que avancei para dentro do cômodo.

— Bom dia. — Falei, sem graça, desejando que um buraco se abrisse sob meus pés e me engolisse.

— Onde você estava? — Perguntou, entredentes, com a voz pastosa pelo efeito do álcool.

— Com Miguel.

— Passou a noite com ele?

Ainda pensei em mentir, não para que me aceitasse em seu apartamento, mas para não magoá-lo, no entanto, estávamos em uma cidade pequena, a essa altura todo mundo já sabia de tudo. Era questão de tempo até a verdade chegar aos ouvidos dele.

— Passei — Felipe atirou o copo de vidro ao longe,

num gesto de fúria, estilhaçando-o na parede, os cacos voando para todos os lados. — Me desculpa Felipe, mas nunca te escondi que amo Miguel. Além do mais não planejei isso. Fui até a casa dele para tentar tirá-lo da escuridão em que está vivendo e as coisas aconteceram.

— E conseguiu tirar?

— Isso não vem ao caso.

— Como você pode ser tão boba? Nem o amor explica isso. Miguel sempre foi assim, sempre bebeu, se drogou e apostou racha. Só virou padre por um tempo para aliviar a consciência pesada, aposto como no fundo te agradece por ter lhe dado um pretexto para voltar para a velha vida. — Aproximou-se de mim o suficiente para que eu sentisse o cheiro forte de álcool que partia do seu hálito. — Ele nunca vai mudar de verdade. Como você, existem várias mulheres por aí sonhando em transformar a vida dele, mas nem Valentina, que foi namorada dele desde a adolescência, é capaz de modificá-lo. Não perca seu tempo com quem não te merece, Manuela. Miguel vai ser sempre esse moleque drogado que você viu ontem,

irresponsável, inconsequente e promíscuo. Nunca vai levar mulher nenhuma a sério.

Suas palavras atacavam a esperança que existia dentro de mim. Será que estava certo? Será que Miguel nunca mudaria? O homem maravilhoso e altruísta que conheci, por quem me apaixonei, realmente não existia? Me recusava a acreditar, pois amava Miguel demais para desistir dele.

— Eu sei disso tudo Felipe, mas o amo demais, como nunca ameí antes e vou lutar por esse amor enquanto estiver viva.

Felipe suspirou fundo, encolhendo os ombros.

— Ele não merece você.

— Se ele não mudar então eu volto para o Rio e recomeço minha vida. Só não posso é ir embora sem tentar.

— Não se sinta obrigada de tirá-lo da vida em que ele está, porque não foi o que você fez que o levou para ela, Miguel já era assim muito antes de te conhecer.

— Não vou fazer por obrigação, é por amor. Me

desculpe se estou te magoando com isto, se eu pudesse escolher, escolheria amar você, mas essa não é uma vontade minha, é uma escolha do meu coração. E não se preocupe em continuar me abrigando aqui, vou embora agora mesmo.

Dei dois passos na direção do quarto, quando então ele tomou-me o caminho.

— Espera. E para aonde você vai? Onde pretende morar?

— Ainda não sei. Vou procurar uma casa barata no subúrbio pra alugar.

Ele me encarou em silêncio por um tempão, antes de falar.

— Eu não quero que você vá embora. Apesar de tudo, pode continuar aqui. O apartamento é grande só para mim.

— Não posso ficar aqui. Miguel acha que nós dois...

— Me interrompi, imaginando o quanto ele se sentiria magoado por saber que eu recusava sua gentileza apenas para não causar ciúmes em Miguel. Eu não poderia dizer isso sem parecer uma ingrata.

— Não quero abusar da sua hospitalidade. Além do mais, todo mundo precisa ter seu próprio cantinho.

— Fica pelo menos até encontrar outro lugar, então. Pensei sobre aquilo. Precisava concordar, afinal não parecia fácil encontrar uma casa simples disponível para aluguel em uma cidade onde quase todas as construções eram mansões. Podia ficar em um hotel até encontrar alguma coisa, porém isso sairia caro.

— Tem certeza que me quer aqui sem que aconteça nada entre nós? — Eu precisava ter certeza de que ele não estava se iludindo achando que ainda teríamos alguma coisa. Se eu não amasse Miguel e se Larissa não fosse louca por ele, certamente teríamos, afinal era um homem maravilhoso.

— Claro que tenho. Não te convidei pra ficar aqui com o intuito de receber algo em troca, embora não vou mentir dizendo que não desejei que tivesse acontecido e que ainda te desejo e muito. Mas sei reconhecer quando perco uma batalha. Fica aqui por quanto tempo precisar, como minha amiga.

Emocionada com sua cordialidade, o abracei pelo pescoço, em agradecimento.

— Obrigada Felipe, você é mesmo um cara incrível.

Ele abraçou-me pela cintura, apertando-me com força contra seu corpo, me fazendo ter consciência da minha própria nudez por sob o vestido.

— Sempre estarei aqui quando você precisar.

— Acho que preciso de um banho. — Desvencilhei-me do abraço.

— Você já tomou café?

— Não. Acho que preciso de um também.

— Toma seu banho que te espero para comermos juntos no terraço.

— Está certo. Obrigada.

A caminho do quarto, passei por uma enfezada Larissa, que me encarou como se quisesse me incendiar viva.

Depois teria uma conversinha com ela, para que soubesse que eu não era tão ruim quanto imaginava, agora estava cansada demais para qualquer coisa, queria apenas tomar um banho relaxante, comer alguma coisa e dormir um

pouco, afinal tive uma noite bastante movimentada, embora não tivesse do que reclamar.

Após o banho quente e demorado, durante o qual lavei bem o cabelo, vesti um vestidinho de um tecido leve confortável e fui para o terraço com o estômago roncando de fome. Encontrei Felipe também de banho tomado e roupas trocadas, com os cabelos molhados bem penteados, usando camisa de mangas compridas preta e calça social, sentado à mesa posta com o farto café da manhã, o cheiro da comida causando-me náuseas.

Durante toda a refeição, ele não desviou seus olhos de mim, sem que eu fizesse ideia do que se passava em sua cabeça. Não falamos mais sobre Miguel ou a noite passada. Conversamos sobre os negócios dele, que, aliás, iam muito bem e sobre mais algumas bobagens sem relevância. Após o café, ele foi para o trabalho deixando a promessa de que voltaria para almoçar comigo.

Apesar do enjoo, comi bastante, meu apetite sempre falou mais alto que qualquer outra coisa, era de admirar que não fosse uma mulher gorda. Satisfeita, voltei para o

quarto e deitei-me, a fim de descascar um pouco. Todavia, meu estômago estava disposto a me atormentar naquela manhã e voltou a embrulhar violentamente, ameaçando expulsar o café. Devia ser o início de uma gastrite, precisava ver um médico, o que deixaria para depois, por hora verificaria se tinha algum remédio na casa.

Assim, deixei o quarto, saindo pelo apartamento a procura de Larissa, pois se houvesse um remédio ali, ela saberia onde estava. A encontrei na cozinha lavando a louça suja.

— Larissa, tem algum remédio para enjoos aqui? —

Indaguei.

Ela fitou-me aturdida.

— Enjoo? Você tá grávida?

— Claro que não. Acho que é gastrite.

— Você não pode tomar remédio sem saber o que tem.

Enjoo é consequência de alguma coisa, inclusive pode ser de uma gravidez.

— Não é gravidez.

— Como sabe? Por acaso usou camisinha todas as

vezes que ficou com Miguel e com Felipe?

— Eu nunca fiquei com Felipe e com Miguel não usei porque tomo anticoncepcional e confio nele.

— Coitado! Ele deve ter ficado muito cismado de ter confiado em você depois que soube quem você é.

Putá merda! Aquela mulher não se cansava de me hostilizar.

— Larissa eu já sei porque você tem todo esse ódio de mim. Não é por causa de Miguel é por Felipe. — Ela abandonou a tarefa para fitar-me com olhos arregalados.

— Eu sei que você o ama. Vi vocês juntos na outra noite. O rosto dela ficou subitamente pálido.

— Você disse a ele que nos viu?

— Claro que não. Por que eu faria isso?

— Pra fazer ele me mandar embora e me tirar do seu caminho.

— Você não está no meu caminho, quantas vezes vou ter que te dizer que não tenho nada com Felipe?

— Ele te ama. — Sua voz saiu trêmula e senti pena.

Estávamos praticamente no mesmo barco, apaixonadas

por homens que tinham outras prioridades.

— Ele só acha que ama, mas sequer me conhece.

Nunca fui eu mesma enquanto tentava conquistá-lo, antes de tudo acontecer. Eu vi a forma como vocês estavam juntos, ele deve sentir alguma coisa. Você só precisa fazer a coisa certa para conquistá-lo de vez.

— Como assim?

— Pra começar precisa deixar de ser tão fácil, de estar sempre à disposição dele. Homens gostam de correr atrás da mulher, de sentir que conquistou algo difícil, entende?

— Mas como vou fazer isso?

— Comece parando de dormir aqui. Arranje outro lugar, depois saia com suas amigas, deixe ele inseguro.

— Não tenho outro lugar pra dormir. Meus pais moram na fazenda dos pais de Felipe. São empregados lá.

— Dorme na casa de uma amiga. Você não tem amigas?

— Sim. Mas moro aqui desde que Felipe se mudou pra cidade. Não sei se ia conseguir dormir em outro lugar.

— Consegue sim. Isso vai fazer com que ele sinta sua falta e aprenda a te dar valor.

— Você acha?

— Tenho certeza. Os homens são assim. E ainda estarei aqui por alguns dias, até arranjar uma casa pra alugar.

Posso te ajudar.

— Por que você faria isso por mim?

Dei de ombros antes de responder.

— Solidariedade feminina.

Larissa sorriu, pela primeira vez para mim, revelando as covinhas rasas nas duas bochechas. Era ainda mais bonita quando sorria, exprimindo um ar de garota ingênua e pura. Felipe era um cara de sorte por ter o seu amor, e pelo visto o tinha desde sempre, visto que, pelo que ela disse, ambos cresceram juntos na fazenda dos pais dele.

— Fico agradecida. — Deu um passo na minha direção. — Olha, sobre esse enjoo que você está sentindo, pode ser gravidez sim. O anticoncepcional não é cem por cento eficaz, você não assistiu aquele filme “*Nove Meses*”? A personagem engravidou assim, achando que estava segura por tomar anticoncepcional. — Processei suas palavras e foi a vez do meu sangue fugir da minha

face. Grávida!? Será? Minha menstruação nunca foi muito regular, a ponto de eu nunca decorar a data em que vinha, mas me lembrava de ter menstruado há pouco tempo. — Vou na farmácia comprar um teste de gravidez pra você. Se não for o caso, te arranjo remédio pra enjojo. Me espera no quarto. — Ok, obrigada.

CAPÍTULO XXVI

Andei de um lado para o outro do quarto durante intermináveis minutos, as palavras de Larissa me fervilhando à mente. E se eu estivesse mesmo grávida? Podia ser de Miguel como também podia se de Fábio, afinal havia pouco tempo que ele desaparecera com o meu dinheiro e me lembro de termos passado a noite juntos na véspera do acontecimento. Pelo menos não havia um terceiro candidato de quem suspeitar, visto que com todos os outros homens com quem tive relações, por dinheiro, usei preservativo e gel lubrificante para substituir a lubrificação natural e assim evitar o rompimento da camisinha. Nenhum acidente desse tipo aconteceu comigo.

Para identificar qual dos dois era o pai, eu precisava que um médico me dissesse exatamente o tempo da minha gestação, isso se eu realmente tivesse uma.

Putá merda! Nunca fiquei grávida antes, tampouco algum dia planejei ter um filho. Eu sequer tinha uma casa própria, como podia sustentar uma criança?

Olhei minha barriga de lado no espelho do banheiro, procurando algum volume, mas não havia nada. Tentei sentir algum vestígio de vida dentro de mim, mas me sentia vazia. Devia ser uma falsa suposição, eu sentiria alguma diferença em meu corpo se existisse um embrião dentro de mim.

Por fim Larissa retornou com o teste de gravidez.

Lemos as instruções, uma, duas, três vezes. Então, urinei na pontinha absorvente, voltei a cobri-la e esperei. Foram os minutos mais longos da minha existência. Na hora de ver o resultado, Larissa olhou primeiro, para depois me entregar o maldito tubinho cor de creme com um sorriso largo brincando em seus lábios. Olhei e lá estava a linha cor de rosa, muito tênue, na janelinha de resultados.

— Puta merda! — Praticamente gritei. — O que vou fazer agora?

— Contar pra Miguel que ele vai ser pai. — Ela fez uma expressão sonhadora. — Eu queria tanto que fosse comigo. Mas Felipe nunca abriu mão da camisinha.

— E se não for de Miguel? Eu tinha um namorado no Rio.

— Já faz mais de um mês que você está em Montana, quando a linha do resultado no teste está fraca como essa aí do seu, significa que a gravidez é muito recente.

Perguntei-me como uma menina do interior podia saber mais que eu sobre aquilo.

— Tem certeza?

— Absoluta, embora seja indispensável que você consulte um médico.

— Vou fazer isso amanhã.

Pensei em tudo aquilo e minha cabeça girou. Se aquele filho fosse realmente de Miguel, eu não podia simplesmente chegar nele e falar que estava grávida, pois isso podia despertar-lhe algum instinto de obrigação que o

coagiria a ficar comigo por causa do bebê e eu não queria que ele ficasse comigo assim e sim porque me amava.

Portanto, eu esperaria que estivéssemos juntos, para só depois contar-lhe sobre a gravidez.

Fiz Larissa me prometer que guardaria o meu segredo e passamos o resto do dia procurando um bom médico na lista telefônica da cidade e nos sites especializados na internet. Consegui marcar para a tarde do dia seguinte.

Ao meio-dia, quando veio almoçar, Felipe me surpreendeu ao me dar a chave de um carro, afirmando se tratar de um presente de amigo para amigo, acrescentando em sua fala que não havia nenhuma segunda intenção por trás daquele gesto, apenas achava que não seria adequado que eu saísse por aí a pé a procura de casa para alugar.

Desconfiei de que sua verdadeira intenção era evitar que eu ingressasse em outro racha com Miguel.

Era um carro popular, um Vectra cinza.

Quem não ficou nada satisfeita com isto foi Larissa, que passou o resto da tarde com cara de quem ia chorar a qualquer momento. Ainda naquela noite, ela veio com a

notícia de que dormiria fora, quando combinamos de que devia dizer isso a Felipe quando já estivesse pronta para sair. Então, a ajudei a se produzir, emprestei-lhe um vestido preto colado muito sensual, fiz chapinha nos seus cabelos ondulados, deixando os fios longos bem retos e caprichei na sua maquiagem.

O efeito foi o esperado, quando informou Felipe que estava saindo para passar a noite na casa de uma amiga, ele se mostrou furiosamente enciumado, fechando uma carranca, se desligando um pouco de mim para ocupar seus pensamentos com aquela novidade, na certa deduzindo que ela pretendia se encontrar com outro homem, já que saiu toda arrumada.

Homens! São mesmo todos iguais. Em breve estaria valorizando o amor que Larissa nutria por ele.

Sozinha em meu quarto, quase não consegui dormir, não parava de pensar em Miguel um só instante, relembando a noite anterior passada em seus braços, imaginando onde e com quem ele estaria agora. Por várias vezes peguei o celular para ligar para ele, só que não tive

coragem, pois sabia que esse era o caminho mais fácil de perdê-lo, afinal os homens não gostam de mulheres que rastejam atrás deles e eu já tinha rastejado demais atrás de Miguel. Para conseguir reconquistá-lo, precisava esperar que ele sentisse a minha falta, assim como eu sentia a sua e que admitisse isso.

Quando acordei na manhã seguinte, sentia tanto enjoo que não consegui sair para procurar uma casa, passei o tempo todo na cama, torcendo para que Felipe não desconfiasse de nada. Após almoçar com ele, esperei que saísse e fui ao consultório médico, onde descobri que estava grávida de duas semanas apenas, portanto era de Miguel, o que me deixou exultante, pois mesmo se não ficássemos juntos, eu teria uma parte dele comigo para sempre.

O médico me disse também que a ineficácia na pílula anticoncepcional que eu tomava pode não ter sido o que possibilitou minha gravidez, pois a pílula é noventa e oito por cento segura, portanto, era mais provável que essa possibilidade tivesse sido acarretada pelo fato de que eu

me esquecia de tomar o comprimido todos os dias, por vezes passava até três dias sem tomá-la. Nunca imaginei que um descuido tão bobo pudesse acabar em uma gravidez.

Aproveitei o resto da tarde para procurar uma agência imobiliária, entretanto, como já esperava, todos os imóveis disponíveis para aluguel eram mansões de luxo e apartamentos caros, todos fora do meu orçamento. Foi então que decidi procurar nas imediações da pensão da dona Dolores, onde havia muitas casas simples, mas não encontrei nada. Era como quando estava procurando emprego, parecia não haver lugar para mim em Montana. Com os enjoos mais controlados pelo remédio que o obstetra passou, voltei para o apartamento de Felipe dando graças aos céus por tê-lo para me acolher.

Por mais aquela noite, não dormi direito, sentindo uma saudade descabida de Miguel, cada fibra do meu corpo implorando pela proximidade dele, agora ainda mais que antes, talvez pelo fato de existir aquela parte dele tão pequenina dentro de mim.

O dia seguinte foi como o anterior, procurei pela segunda e última imobiliária da cidade, a qual só tinha casas caras para aluguel, depois fui procurar de porta em porta e novamente não encontrei nada. Aquela noite não consegui mais manter o autocontrole e acabei ligando para o celular de Miguel, que chamou até cair sem que ele atendesse. Na minha fracassada tentativa de não admitir que ele não atendeu porque não queria falar comigo, tentei de novo e de novo, sem que em nenhuma das vezes fosse atendida.

Putá merda! O ódio dele por mim nunca teria fim.

Na manhã do terceiro dia, a saudade falou mais alto que tudo mais dentro de mim e não consegui mais me conter, fui até a casa dele, dirigindo o Vectra que Felipe me dera. Era quase meio-dia. Ao saltar do carro perto do jardim bem cuidado da mansão sem muro, senti meu ventre formigar, minhas pernas tremiam como vara verde, meu coração apertava no peito pelo receio de como o encontraria, de como seria recebida por ele. Não sabia o que seria pior: se me tratasse com a mesma indiferença

que me tratou quando fui encontrá-lo na sua casa da outra vez, ou se me demonstrasse seu ódio.

Diferente da outra vez, encontrei a porta trancada, a casa toda silenciosa. Respirei fundo e toquei a campainha, esperei, nada aconteceu, toquei de novo. Por fim a porta se abriu e para o meu total desespero, foi Kátia quem abriu, usando apenas uma camisola transparente, com cara de quem acabara de acordar.

“Ai meu Deus! Deve ter passado a noite com ele, aliás todas essas noites.”

Sinceramente, pensei em dar meia volta e ir embora dali, mas já tinha chegado até a porta, agora iria até o fim.

— Eu gostaria de falar com Miguel. — Declarei, seca e firme.

A megera empinou o nariz, num gesto de desafio, fitando-me com altivez, como se fosse a dona do pedaço e do homem que eu amava.

— Ele não está. — Falou.

Senti a raiva tomando conta de mim. Quem ela pensava que era para tentar me afastar do meu amor com mentiras?

— Olha só, oh filhote de pirigüete, quando você estava fazendo curso de vadia, eu já estava voltando com a pós-graduação. Agora sai da minha frente porque quero falar com ele. — Usei o meu corpo para empurrá-la para o lado e passei.

— Eu já disse que ele não está aqui. — Sua voz se perdeu na distância atrás de mim.

Agoniada, atravessei a sala ampla, totalmente bagunçada, cheia de latinhas de cervejas espalhadas e pontas de cigarro para todos os lados, e subi a larga escadaria, indo direto para o quarto onde o encontrei da outra vez. Havia um homem dormindo na cama larga, mas esse homem não era Miguel. Aflita, olhei em todos os outros quartos, mas não o encontrei em parte alguma. Então, desci novamente para o primeiro andar, passando pela bruxa loira sentada no sofá e chequei em todos os cômodos. Miguel não estava naquela casa.

— Onde ele está? — Perguntei à loira, com o coração apertado no peito.

— Voltou para Santa Maria.

— Quando?

— Na manhã seguinte à noite que participamos do racha.

Fui lá no céu e voltei. Puta merda! Aquilo significava que ele tinha me ouvido, tinha mudado sua vida. Talvez estivesse me esperando durante todos esses dias e eu dando uma de orgulhosa. Mas ainda não era tarde, ia agora mesmo me atirar em seus braços amados.

Dei um passo na direção da porta de saída, quando então a garota levantou-se do sofá, colocando-se em meu caminho.

— Tem um detalhe que ainda não te contei. — Pelo seu risinho cínico de satisfação, previ que não diria coisa boa. — Ele vai se casar. No mesmo dia pediu a mão de Isabela em casamento. Ela já até se mudou para o orfanato. Você achou mesmo que um homem como ele ficaria com uma garota como você?

Processei suas palavras e senti o chão se abrir sob meus pés, minhas pernas tremeram de modo que precisei fazer uso de muito esforço para me manter de pé, meu

peito se encheu de angustia. Puxei pela memória e lembrei-me da garota de cabelo escorrido, muito jovem, que ia visitar Miguel no orfanato, por quem ele parecia nutrir um carinho todo especial. Se chamava Isabela.

Minha nossa! Será que estive apaixonado por ela durante todo esse tempo? Será que não signifiquei nada para ele? Ou estaria fazendo aquilo para me magoar e me afastar ainda mais, porque era incapaz de me perdoar pelo que fiz? Eu precisava saber e para isto tinha que falar com ele pessoalmente, ouvir a verdade da sua boca.

Desesperada, deixei a casa quase correndo. Entrei no Vectra e parti, dirigindo em alta velocidade para Santa Maria, a fim de tirar essa história a limpo. A angustia em meu peito aumentava mais a cada quilômetro rodado. Se Miguel realmente pretendia se casar com outra mulher, era porque jamais tive chance de ficar com ele depois de a verdade sobre meu acordo com Valentina vir à tona, fui

mesmo muito imbecil em acreditar que ele me perdoaria. Passava do meio-dia quando cheguei ao orfanato. Logo reconheci o carro de corrida de Miguel estacionado diante do casarão, ao lado de um outro veículo muito luxuoso, o mesmo que Isabela dirigia quando vinha vê-lo. O que não deixou brecha para dúvidas de que Kátia estava falando a verdade.

Encontrei as crianças já brincando nas áreas recreativas do lado de fora, sob os cuidados das professoras. Foi então que me dei conta do quanto sentia falta daquele lugar, do sossego e da alegria que transmitia.

Alguns dos pequeninos correram para me encontrar, recebendo-me com abraços apertados e beijos estalados.

Uma das professoras veio falar comigo com cara de poucos amigos.

— Miguel está? — Indaguei, apreensiva.

— Sim. Mas acho que é melhor você não ir falar com ele não.

— Olha, eu sei que vocês devem estar todos com ódio de mim e não posso tirar-lhes a razão, mas eu amo Miguel

de verdade e estou arrependida pelo que fiz a ele.

A mulher me encarou com expressão de piedade.

— Ele está no escritório. Acredito que você conheça o caminho.

— Obrigada.

Com minhas pernas trêmulas, entrei na casa, dirigindo-me para o escritório de Miguel no porão, rezando intimamente para que ele estivesse sozinho, ou pelo menos com outra pessoa que não fosse sua suposta noiva.

O encontrei sentado atrás da sua mesa, a mesma mesa onde tivemos nossa primeira vez. Estava sozinho, imóvel, com o olhar fixo no vazio à sua frente. Ao ouvir os meus passos, cravou seu olhar em meu rosto, quando pude ver a paixão refletida na sua expressão e meu coração saltou como um louco no peito, meu sangue fluindo mais depressa nas veias.

Por Deus! Como estava bonito. Usava jeans e camiseta branca; tinha a barba bem-feita, o cabelo cortado e bem penteado; as olheiras que vi da última vez já não existiam mais. Parecia ter voltado a ser o velho Miguel que

conheci, aquele que não se drogava, que ajudava os outros sem esperar nada em troca, por quem me apaixonei perdidamente. Olhar para ele só me fazia enxergar o quanto o amava. Amava demais.

— Oi. — Falei, num sussurro.

— Oi.

— Podemos conversar?

— Claro. Senta.

Sem conseguir desviar meus olhos dos dele, acomodei-me na cadeira do lado de cá da mesa.

— Fico feliz que você tenha voltado para o orfanato.

Essas crianças precisam de você.

— Aqui é o meu lugar.

— O que te fez mudar de ideia?

Ele ficou me encarando em silêncio por um tempão, como se escolhesse as palavras.

— Pensei em tudo o que você me disse. Você estava certa. Aquele cara drogado apostando racha não sou eu.

Minha vida é essa.

Foi a minha vez de ficar encarando-o em silêncio,

temendo pela resposta da próxima pergunta.

— É verdade que você vai se casar? — Minha voz saiu trêmula.

— Sim. É.

Putá merda! Se ele tivesse me dado um soco no estômago teria doído menos.

— Por que isso, Miguel? — As lágrimas chegaram muito perto dos meus olhos, mas me recusava a deixá-las cair.

— Isabela é a mulher certa pra mim. É uma pessoa de bom caráter, recatada e me ama de verdade. Com ela eu tenho certeza de que nunca mais serei enganado. Não corro o risco de ter que dividir minha mulher com outro homem. — Uma veia pulsou forte na altura do seu pescoço, ao passo que a fúria se refletia na expressão dos seus olhos.

Canalha! Não percebia o quanto estava me magoando?

Talvez estivesse fazendo deliberadamente.

— Então o que você disse aquela noite, sobre estar apaixonado por mim, foi tudo mentira? — Minha voz era

um fio fraco, devido às emoções que se conflitavam dentro de mim.

— Isso não vem mais ao caso. Por favor, vá embora.

Eu tenho uma pilha de relatórios pra ler.

Eu não podia acreditar que estava sendo humilhada por ele de novo, enquanto rastejava em busca de sua atenção.

Definitivamente o fato de eu estar ali só provava que eu não tinha vergonha na cara e que Miguel nunca se cansaria de me espezinhar. Boba era eu por permitir. Sequer devia ter ido lá.

— Me fala. Eu quero saber. — Insisti, quase chorando.

— Não foi mentira. Está satisfeita agora?

— Se você me ama, por que então vai se casar com outra?

— Porque eu não posso ficar com você. Não tem noção da gravidade do que fez?

— Eu estou arrependida. Me perdoa.

— Não é simples assim. Você não é uma pessoa de confiança, diz que me ama, mas vive com outro homem.

Mente dizendo que não tem nada com ele, mas é

presenteada com um carro novo. Que homem dá um carro a uma mulher sem que esteja dormindo com ela?

— Eu não tenho nada com Felipe. Não sei porque ele me deu esse carro. Por que não acredita em mim?

— Porque você é uma mentirosa, a tua vida lá no Rio, diz tudo sobre você.

Putá merda! Foi como se ele tivesse dado um soco bem no meio da minha cara. Não me odiava apenas pelo que fiz, na verdade, isso sequer tinha relevância. Miguel me julgava e me descriminava por eu ter sido uma garota de programas. Como pude não perceber isso antes? Metade da sua raiva era pura discriminação, tinha vergonha de admitir que amava uma mulher da vida. Eu estava tão cega que não me dei conta do quanto ele era preconceituoso.

Definitivamente, aquele homem não merecia o meu amor. Como sempre, eu estava apaixonada pelo cara errado, embora desta vez não fosse apenas uma paixão corriqueira. Meu coração era mesmo um bandido, com Felipe tão apaixonado, sem preconceito algum, disposto a me aceitar como eu era, eu tive que me ligar logo em

Miguel, que jamais olharia para mim sem me julgar pela minha vida.

Putá merda!

Contudo, eu mostraria a ele que era capaz de esquecê-lo. Nunca mais queria olhar na sua cara de novo, apagaria da minha memória cada momento que passamos juntos, em algum tempo sequer me lembraria mais de que ele existia.

Essa era a decisão que eu acabava de tomar.

— Eu não sabia que você me descriminava por causa da minha vida. — Sorri sem vontade e levantei-me da cadeira.

— Não é isso, Manuela.

— É isso sim. Não entendo como não fui capaz de perceber antes. — Engoli em seco, esforçando-me para sufocar as lágrimas. — Você me quer fora da sua vida? Pois bem, consegui. — Perdi o autocontrole e as lágrimas começaram a escorrer pela minha face. — Nunca mais quero te ver na minha frente, nunca mais voltarei a te procurar. Adeus Miguel. — O nome dele saiu junto com um soluço.

Miguel disse mais alguma coisa, mas eu estava tão atordoada, tão ferida e me sentindo humilhada, que não parei para ouvir, caminhei com passos apressados até a escadaria e subi correndo.

CAPÍTULO XXVII

Assim que atravessei a portinha do porão, deparei-me com Isabela, que ia entrando. Nos encaramos em silêncio por um instante, quando desejei com todas as minhas forças estar no lugar dela, por ser a garota que Miguel escolheu para passar o resto da sua vida ao lado, por ser uma garota desceite, que nunca se prostituiu, talvez até virgem, portanto verdadeiramente merecedora do amor de um homem como ele.

De perto ela era ainda mais bonita. Muito jovem, com cerca de dezenove anos, tinha traços bem femininos e ao mesmo tempo donos de uma inocência capaz de fazer qualquer homem se perder, como Miguel certamente estava perdido. Na certa tinha um excelente caráter, para que fosse escolhida pelo melhor homem que já conheci. Ela cruzou os braços diante do seu corpo e desviou seu

olhar para o chão, como se lhe fizesse mal olhar para mim, obviamente por saber quem era eu.

Sem uma palavra, corri para a porta e sai. Passei pelas crianças e pelas professoras sem dizer nada, entrei no carro e parti, dirigindo praticamente sem ver a estrada, meus olhos embaçados de lágrimas.

Dor, angustia, tristeza e humilhação, tudo se revolia dentro de mim, formando um turbilhão quase insuportável. Eu já não sabia o que ia fazer da minha vida dali em diante, pois tinha decidido ficar em Montana para lutar por Miguel e agora que percebia que jamais tive a mínima chance, que enganara a mim mesma com uma falsa esperança, tinha que voltar para o Rio e grávida. Meu recomeço não seria nada fácil. Teria que pensar em mais uma vida além da minha, ser responsável por alguém sem estar minimamente preparada para isto. Eu mal dava conta de cuidar de mim mesma, como ia tomar conta de uma criança? Já não sabia se queria aquela gravidez, talvez fosse melhor fazer um aborto, para evitar um sofrimento maior para essa criança, que viveria sozinha, com uma

mãe ausente que precisaria trabalhar constantemente para manter a casa, isso se chégássemos a ter uma casa, afinal a quantia que eu tinha em dinheiro não era tão alta assim que desse para abrir um negócio e ainda comprar uma casa. Eu sei que muitas mulheres conseguem criar seus filhos

sozinhas,

inclusive

conheci

muitas

delas

perambulando pelas calçadas de Copacabana, só que eu não era tão forte assim, não conseguiria me manter de pé nas situações mais difíceis, como por exemplo, na hora da doença e criança pequena só vive doente. Eu sequer tinha a casa dos meus pais para onde correr num momento de dificuldade. Essa criança viveria largada se eu a colocasse no mundo, tendo que ficar na casa de pessoas estranhas que cobravam para cuidar dos pequeninos em seu próprio lar, mas que na verdade, os maltratava. Vi

isso acontecer muitas vezes. O aborto era a melhor opção e o faria o quanto antes.

De volta ao apartamento, encontrei Larissa sozinha.

Depois de me ouvir atentamente, ela ofereceu seu ombro amigo e chorei nele até que minhas lágrimas pareciam ter secado completamente, quando então ela me chamou para a cozinha e me serviu da sopa de legumes que havia preparado.

— Você precisa comer no horário certo, isso pode fazer mal ao bebê. — Falou, sentando-se do outro lado da mesa da cozinha.

— Não vou ficar com o bebê, vou fazer um aborto.

Seus olhos castanhos claros arregalaram sobre os meus, atônitos.

— O quê?!

— Não tenho competência de cuidar de uma criança sozinha. Mal sei cuidar de mim mesma.

— Você devia ter contado a Miguel. Ele tem a obrigação de assumir.

— Pois foi isso que eu não quis, que ele se sentisse na

obrigação e ficasse comigo por causa da criança. Ainda é um embrião de duas semanas. Vou tirar assim que chegar no Rio.

— É uma pena. — Larissa me encarava como se estivesse realmente penalizada. — Gorete, a garota que dormi na casa dela ontem, já fez um aborto, com uma enfermeira aposentada que mora aqui em Montana, posso arranjar o número dela pra você.

— Você faria isso por mim?

— Claro. Mas essa mulher exige muito sigilo. Se você tiver uma hemorragia ou uma infecção depois, não pode em hipótese alguma mencionar o nome dela. E pode ficar aqui até se recuperar. Felipe nem vai desconfiar de nada. Eu cuido de você para que se recupere sem nenhum problema.

— Nem sei o que dizer, Larissa. Obrigada.

— Pego o número dela com a Gorete essa noite, quando for dormir lá de novo.

— Por falar nisso, como foi lá ontem? Felipe demonstrou algum ciúme?

Ela escancarou um sorriso largo.

— Sim. Estava uma fera quando cheguei hoje de manhã. Você tinha razão quando disse que os homens só dão valor quando perdem ou pensam que estão perdendo.

— Continue agindo assim e você vai ver como ele logo vai assumir você.

— Tomara.

Após a deliciosa refeição, recolhi-me no quarto. Como estava quente, liguei o ar condicionado na temperatura mais baixa e enfiei-me sob os cobertores, dormindo rapidamente. Era mais de dez horas da noite quando acordei, espantosamente faminta. Essa coisa de gravidez realmente dá fome, eu ia virar uma baleia se levasse isso adiante. Encontrei o apartamento totalmente escuro e deserto quando me levantei para ir assaltar a geladeira, não havia sinal de Felipe em parte alguma e Larissa certamente tinha ido dormir na casa da amiga de novo. Assim, preparei um sanduíche de queijo com presunto, recheando-o com quase tudo o que havia na geladeira e fiz a refeição solitária, antes de retornar ao quarto e dormir

novamente.

Acordei tarde na manhã seguinte, tanto que Felipe já tinha saído para o trabalho. Assim que me levantei e fui tomar o café na cozinha, Larissa me entregou o número do telefone da tal enfermeira que fazia curetagem. Liguei depois da refeição, quando a mulher, com voz de idosa, exigiu sigilo absoluto, me fazendo jurar que não a mencionaria em hipótese alguma, caso algo desse errado, antes de me passar seu endereço e estipular a quantia que me cobraria. Combinamos para o início daquela tarde.

Consegui ver Felipe apenas na hora do almoço, quando fizemos a refeição juntos. Inteligente como era, ele logo se mostrou desconfiado de que havia algo errado comigo, embora parecesse mais distraído em olhar para Larissa do que em descobrir o que eu tinha.

Fiquei feliz ao perceber que nosso plano estava dando certo, ele estava se roendo de ciúmes e em breve não teria outra opção que não assumir um relacionamento sério com a garota em troca de não perdê-la. Assim são todos os homens.

Depois que ele saiu, tomei um banho demorado, vesti jeans e regata e parti em busca da ex-enfermeira que faria a curetagem. Antes de mais nada, passei no banco e saquei a quantia em dinheiro que ela me pedira, depois segui o endereço anotado em um pedaço de papel, quando atravessei a cidade de ponta a ponta, indo parar em um bairro afastado, localizado já na saída de Montana.

Achei que tinha me enganado quando vi um bar, pouco movimentado, onde eram tocadas músicas sertanejas, no lugar que seria a clínica dela, quando então me ocorreu que seria um estabelecimento de fachada para esconder o verdadeiro negócio. Ao entrar no lugar impregnado com o cheiro fétido de cerveja e de cigarros, me identifiquei ao homem barrigudo atrás do balcão e logo fui conduzida para os fundos, por onde se estendia a casa ampla e mobiliada com móveis caros, muito mais sofisticada que o bar decadente.

Lá dentro, fui recebida por uma jovem vestida de branco, que me encaminhou até um banheiro amplo, onde troquei minhas roupas por uma camisola típica de

hospital, fiz a ela o pagamento pelo serviço e depois fui levada para uma sala com estofados brancos, ampla e mal iluminada, onde outra garota, vestida com uma camisola igual a minha, se encontrava acomodada.

Fiquei aliviada quando ela sorriu para mim, nervosa, por constatar que eu não era a única a cometer aquela monstruosidade.

— Olá. — A cumprimentei nervosamente, sentando-me na poltrona ao lado.

— Oi.

— O que você tá esperando?

— A doutora desocupar. Ela está fazendo a curetagem em outra garota.

— Nossa, movimentadas as coisas por aqui, não?

— É porque ela é a única da região que faz esse tipo de procedimento, então vem gente de longe. Eu sou de Lajeado e você?

— Daqui mesmo de Montana.

— É a sua primeira vez?

— Sim, por quê? Não é a sua?

— Não. Já vim aqui duas vezes.

Conversamos por algum tempo, até que uma mulher parruda, com rugas profundas em torno dos olhos, usando um avental branco e uma máscara cirúrgica grande, cujo objetivo era claramente ocultar-lhe o rosto, surgiu de uma porta que até então estivera fechada.

— Olá. Sou a enfermeira que fará o procedimento em vocês. — Gesticulou para a outra garota. — Você vem primeiro, porque chegou antes. — Virou-se para mim. — Mas não se preocupe, não demora muito. Logo venho te chamar. Espere aqui.

Guiada por um impulso, levantei-me e estendi-lhe a mão.

— Olá. Sou Manuela.

Ela apertou minha mão.

— Prazer Manuela. Me chame do que quiser.

— Eu gostaria de saber como é feito o procedimento.

— É feito com anestesia geral seguida da raspagem do útero. Fique tranquila, nem você e nem o embrião sentirão alguma coisa. É tudo muito simples e rápido.

— Certo. Obrigada.

As duas desapareceram pela porta, fechando-a por dentro e fiquei completamente sozinha na sala enorme, semiescura e silenciosa. Foi quando comecei a pensar na minha imensurável covardia. Senti-me o último dos seres humanos ao imaginar a quantidade de mulheres que batalhavam sozinhas para criar os seus filhos, algumas delas se prostituindo — como era o caso de muitas que eu conhecia, aliás a maioria delas —, outras trabalhando como faxineira, ou em algum restaurante como garçoneiro. Muitas destas mulheres tinham mais de um filho e conseguiam sustentar a todos, por que então eu não conseguiria? Acho que no fundo, o meu problema era não querer assumir uma responsabilidade tão grande, contudo, com a sorte que eu tinha no amor, mais cedo ou mais tarde teria que assumir. E por que não agora, que carregava dentro de mim o fruto do amor mais lindo que já vivi? Do meu único amor?

Instintivamente, pousei minhas duas mãos sobre meu ventre ainda achatado, por sob a camisola e pela primeira

vez senti que havia uma vida dentro de mim, o resultado da história mais linda que já vivi, um pedacinho do homem que eu amava. Eu não podia fazer aquele aborto, não podia tirar a vida do meu bebê. Tinha certeza de que, se o fizesse, jamais me perdoaria. Seria mais uma decisão errada entre as muitas que já tomei.

Quando a porta da sala por onde as duas mulheres entraram se abriu, cerca de uma hora depois, para que apenas a enfermeira saísse, eu ainda estava paralisada no sofá, porém, com uma nova decisão tomada. Assim, levantei-me, encarando a velha mulher e declarei:

— Não posso fazer isso. Quero ficar com meu bebê.

— Nós não devolvemos o dinheiro. — Ela disparou, alvoroçada.

Eu podia ameaçar chamar a polícia, afinal se ela fazia tanta questão de sigilo significava que praticava aquela atividade de forma ilegal e clandestina, todavia, não queria arranjar confusão com ninguém, não porque pretendesse continuar morando em Montana, longe disso, eu voltaria para o Rio logo no dia seguinte para agilizar

minha vida antes que minha barriga crescesse o suficiente para me impedir de correr atrás dos meus objetivos.

— Pode ficar com o dinheiro, não faço questão. Só me diga onde estão minhas roupas.

Ela chamou a garota vestida de branco que me recebeu inicialmente e esta me conduziu de volta para o banheiro onde me troquei antes e onde estavam minhas roupas.

Vesti-me e saí, sentindo-me mais forte que nunca, determinada a dar a melhor vida possível que uma mãe solteira podia dar a uma criança.

Eu sei que seria injusto não contar a esta criança que ela tinha um pai, aliás um pai maravilhoso e rico.

Entretanto, não deixaria de fazê-lo. No momento certo, quando estivesse crescida, quando já não houvesse a possibilidade de Miguel se sentir obrigado a assumir um relacionamento sério comigo por causa da paternidade e quando eu já o tivesse esquecido, eu contaria ao meu filho quem era o pai dele, para que ambos se conhecessem e meu pequenino tivesse a chance de receber sua parte da fortuna daquela família e assim ter um futuro próspero

garantido.

Era fim de tarde quando retornei ao apartamento, onde encontrei Larissa sozinha, a qual se mostrou exultante ao ouvir minha nova decisão e mais exultante ainda quando declarei que voltaria para o Rio logo na manhã seguinte, no primeiro ônibus.

Tinha acabado de arrumar minhas malas e ligado para a rodoviária para reservar a passagem, quando a campainha tocou e lá do quarto, ouvi vozes ríspidas masculinas partindo da sala, um calafrio percorrendo-me a espinha como se anunciasse um mau presságio.

Em questão de segundos, Larissa entrou no quarto com os olhos arregalados, encarando-me como se eu fosse um daqueles assassinos do filme “*O Albergue*”.

— A polícia está aí querendo falar com você.

— O quê? — A primeira coisa que me veio à mente foi a clandestinidade da enfermeira que fazia aborto. Algo devia ter saído errado e agora eu teria que servir de testemunha.

— O que eles querem?

— Não sei. Só me mandaram te chamar.

— Felipe está em casa?

— Ainda não chegou.

Ajeitei um pouco o cabelo emaranhado pela tarefa de arrumar as malas e fui para a sala, seguida por Larissa. Lá encontrei dois homens, um deles tinha cerca de cinquenta anos, cabelos grisalhos e usava um uniforme de policial. O outro, mais jovem, com cerca de quarenta anos, vestia jeans e camisa de mangas curtas. Ambos me encararam com visível hostilidade.

— Você é Manuela Souza? — O mais jovem indagou, dirigindo-me uma carranca.

— Sim, por quê?

— Sou o detetive Paulo Madureira, da polícia civil de Montana e esse é o policial militar Adilson Soares. Você está sendo presa por tentativa de homicídio contra Isabela Almeida Marques. Não tente resistir à prisão, isso será pior.

Me perguntei se aquilo realmente estava acontecendo, ou se não passava de um pesadelo. Ainda estava tentando

entender, processando as informações, quando o policial uniformizado tirou um par de algemas do cós da sua calça e simplesmente algemou os meus pulsos atrás das minhas costas, sem que reagisse ou sequer soubesse o que dizer.

— Do que vocês estão falando? Eu não tentei matar ninguém. Deve haver um grande equívoco aqui. — Meu coração apertava de medo, a aflição percorria minhas entranhas.

Naquele momento, só consegui pensar em Miguel, sem entender o porquê.

— Você tem o direito de chamar um advogado, mas tem que ser um advogado dos bons, pois encontramos a arma do crime em seu carro e todas as evidências apontam para você.

Quanto mais ele falava, mais atônita eu ficava.

— Que crime. Do que vocês estão falando?!

— Não se faça de boba, garota. — Virou-se para Larissa, que se encontrava chocada, encolhida em um canto da sala, observando a cena. — Tenho aqui um mandado para revistar o apartamento. Você pode me dar

licença?

— O dono não está aqui. Acho melhor o senhor voltar outra hora. — Foi o que ela disse.

— Tem que ser feito agora. Não tente obstruir o trabalho da polícia. — Com isto, o detetive avançou pelo apartamento, pisando firme e rude.

— O que foi que ela fez? — Larissa indagou ao outro policial, que me mantinha imóvel, segurando meus pulsos algemados.

— Atirou em Isabela, a noiva de Miguel, esta tarde, na estrada que leva ao orfanato.

Os olhos de Larissa se arregalaram ainda mais sobre mim, condenando-me, como se não tivesse dúvida de que aquilo fosse verdade.

— Isabela vai ficar bem? — Ela quis saber.

— Vai sobreviver. A garota tem uma péssima pontaria. Acertou no ombro de Isabela.

Eu os ouvia e tinha a sensação de que aquilo não estava acontecendo comigo, de que era um filme que eu assistia.

— Eu não atirei em ninguém. — Falei. — Eu jamais faria uma coisa dessas.

— É isso que todo homicida diz em defesa própria. Só que neste caso não tem como negar. O revólver usado estava no porta luvas do seu carro.

Esforcei-me para dissipar o horror e clarear minha mente, tentando raciocinar com precisão, quando aos poucos fui me dando conta de que estava sendo vítima de uma armação.

— Quando isso aconteceu?

— Você sabe quando. Vai dizer que estava onde, entre as três e cinco horas da tarde? — O policial não economizava na sua rispidez.

Putá merda! Como eu ia provar que estava em uma clínica clandestina de aborto se a proprietária exigiu sigilo acima de tudo, de modo que dificilmente admitiria que estive lá? Eu estava mesmo ferrada!

CAPÍTULO XXVIII

— Eu estava em uma clínica de aborto. Diz pra ele Larissa. Foi ela quem me deu o telefone.

— Corta essa garota. Não existem clínicas de aborto em Montana, isso é coisa de gente que vem de longe, como você. — Neste momento, o policial que entrara para revistar o apartamento, retornou, fuzilando-me com olhos ainda mais hostis. — Escuta essa Madureira, a moça disse que tava numa clínica de aborto na hora do crime. — Completou, sorrindo com escárnio.

— Parece que você pretendia deixar a cidade, não mocinha? — O detetive praticamente me incendiava com o olhar.

— Eu ia voltar pro Rio amanhã. Isso não faz de mim uma criminosa. A arma deve ter sido colocada em meu carro. Eu não atirei em ninguém, eu juro. Se tivesse atirado tinha deixado a cidade a esta altura. Pensem bem.

— Chega de conversa. Vamos embora.

Quando o policial uniformizado começou a me puxar para a porta, minha ficha caiu de vez. Me dei conta do tamanho da encrenca na qual estava metida. Alguém tinha armado para cima de mim, uma armação muito bem-feita, da qual eu dificilmente conseguiria sair, visto que devia

ser uma pessoa muito poderosa, que queria me ver fora do seu caminho, moradora da cidade e, portanto, amiga daqueles policiais. O primeiro rosto que me veio à mente foi o de Valentina. Com aquilo, ela tiraria a mim e Isabela do caminho de Miguel ao mesmo tempo.

— Larissa, eu não atirei em ninguém, eu juro. Vou provar isso. Diz pro Felipe que preciso de ajuda, de um advogado.

Continuei falando até que fui arrastada para fora do apartamento e depois para a viatura policial que nos aguardava diante do prédio, a qual foi conduzida por um terceiro policial para as ruas da cidade, já banhadas pela penumbra da noite.

Fui levada para a mesma delegacia onde dei queixa sobre o roubo do meu carro, sem que durante todo o percurso, ou depois que cheguei lá, tivesse chance de defesa. Os policiais simplesmente ignoravam tudo o que eu dizia, agindo como se estivessem convictos de uma verdade, sem que esta tivesse chance de ser pelo menos questionada.

Fui deixada em uma carceragem onde havia um colchão de solteiro sujo estendido no chão e nada mais. Pelo menos estava sozinha, e não em uma cela cheia de criminosas de verdade. Me disseram que o delegado responsável pelo caso pegaria meu depoimento só no dia seguinte e não soube se sobreviveria sem meus remédios para enjoos e sem uma refeição descente até lá. Nem mesmo o telefonema ao qual eu tinha direito, eles me permitiram dar.

Com a minha mente fervilhando por pensamentos, caminhei durante horas de um lado para o outro da cela com cerca de quatro metros quadrados, tentando pensar em uma forma de sair daquela encrenca. E a única forma que eu via, era provando que estive praticamente durante toda aquela tarde na maldita casa de aborto. Ao dar meu depoimento ao delegado, exigiria que ele buscasse tais provas. O problema era que eu não estava em condições de exigir nada, pelo contrário, estava nas mãos daquelas pessoas, que certamente deixariam de se dedicar às investigações para não ter que condenar um dos seus, ou

seja, a pessoa que armou tudo aquilo para me incriminar. Era uma pessoa perigosa e que me queria fora do seu caminho. Eu só conseguia pensar em Valentina, movida por uma mente sórdida e pela sua obsessão por Miguel. Consegui cochilar por cerca de duas horas no colchão fétido no chão. Quando do dia amanheceu estava acabada, faminta, com enjoos fortes e me sentindo muito fraca. Um dos guardas me trouxe um pedaço de pão velho e um copo pelo meio de café puro, frio e fraco, os quais me obriguei a comer apenas para manter a mim e ao bebê vivos. Em seguida, fui levada à sala do delegado, onde encontrei o homem barbudo, muito alto e com uma expressão naturalmente rude, sentado atrás da sua mesa.

— Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas sei que não atirei em ninguém. — Disparei, nervosa, assim que entrei na sala pequena.

— Sente-se moça. — O guarda me acompanhou até que eu estivesse sentada do lado de cá da mesa do delegado.

— Vamos aos fatos. O que temos aqui é o depoimento de duas professoras do orfanato afirmando que você esteve

lá há dois dias para falar com Miguel, que lhe disse estar noivo de Isabela. No dia seguinte, Isabela vai almoçar com a irmã na cidade e na volta para Santa Maria, na estrada deserta, é baleada. Na mesma noite, o revólver usado para o disparo é encontrado em seu carro. De acordo com o detetive responsável pelo caso, você alega ter ido a uma clínica de aborto na cidade, no entanto, não demonstra qualquer sintoma de que acabou de fazer um aborto. O que tem a dizer sobre isso?

— Que tem alguém armando pra mim. Eu não faço ideia de quem possa ser, mas é alguém que quer me ver fora do caminho. — Foi inevitável, como se projetasse a cena de um filme, lembrei-me de que Valentina convenceu aquele homem a mentir sobre ter encontrado o meu carro roubado e a me dar um carro que não era meu. Puta merda! Eu estava fodidamente ferrada. Mesmo que conseguisse provar minha inocência, dificilmente sairia dali. — Posso provar meu álibi, basta que o senhor investigue o endereço onde fica a clínica. É uma casa comum, nos fundos de um bar, onde uma mulher idosa

atende várias mulheres. Não estou com sintomas de quem fez um aborto porque não fiz. Mudei de ideia no último minuto.

O homem me encarava com uma expressão de incredulidade que eu não sabia se era encenada ou verdadeira. Talvez tivesse plena convicção de que eu era inocente e estava trabalhando a mando de Valentina, ou talvez realmente acreditasse realmente que fiz aquilo. Para redigir meu depoimento, ele me fez narrar cada acontecimento da minha vida dos últimos dias, inclusive tive que lhe revelar o fato de que fui atrás de Miguel também na casa dele na cidade, quando participei de um racha com ele e sua turma. Ao final da minha narrativa, recebi a promessa de que a tal clínica seria investigada e se sua existência fosse provada e a proprietária confirmasse que estive lá, eu seria liberada. Entretanto, eu não acreditava que isto aconteceria. Duvidava que a polícia se interessasse em invadir a casa de uma de suas cidadãs para checar se tinha equipamentos médicos lá e assim obter provas concretas da existência da clínica e

mesmo que obtivessem, eu duvidava também que aquela enfermeira admitisse que estive lá. Ao meu ver, eu já tinha sido julgada e condenada pela polícia, que agia de acordo com o que a pessoa por trás de tudo isso queria.

Minha única esperança era que Felipe me ajudasse contratando um advogado bom e não conivente com todo aquele complô contra mim, que fosse atrás da verdade e a expusesse de modo que a polícia não tivesse outra alternativa que não procurar o verdadeiro culpado.

Contudo, eu não sabia se ele acreditaria em mim, ou se pensaria como a polícia. Sequer me deixaram telefonar para ele, a única pessoa que eu tinha naquele momento.

As respostas para as minhas dúvidas vieram logo depois que fui deixada novamente na cela, quando um guarda uniformizado veio me avisar que eu tinha visita e me levou até uma sala semiescura, pequena e mal ventilada, onde quase tive um treco quando vi Felipe me esperando.

— Felipe! — Quase gritei ao ver seu rosto amigo e corri para abraçá-lo.

— Oi Manuela. — Abraçou-me de volta, apertado.

— Eu não fiz o que estão dizendo. Eu juro. Não atirei em ninguém. Você acredita em mim?

— É claro que acredito. Larissa me contou tudo sobre a gravidez e sobre sua decisão de fazer um aborto. Eu sei que você estava nessa clínica como diz. Só precisamos provar isso.

— Obrigada por acreditar. — Suspirei aliviada, afastando-me do abraço. — Como podemos provar isso? Aquela mulher nem me deixou ver o rosto dela, não tenho como identificá-la e duvido que confesse a verdade à polícia. Vai negar tudo pra livrar o próprio pescoço.

— Não pense negativo. Não vai ser fácil, eu concordo, mas vamos conseguir provar sua inocência. Meu advogado já acionou uma equipe de investigadores para estudar o caso. A verdade virá à tona antes do que imaginamos.

Fiquei emocionada com sua atitude.

— Nem sei como agradecer. — Falei.

Ele ficou me encarando em silêncio por um tempão.

— Vamos nos sentar. — Acomodou-se em uma das cadeiras da mesa pequena que havia ali, enquanto eu me sentava na outra. — Manuela, eu vou estar do seu lado nesse problema, vou dar tudo de mim para provar sua inocência, o que não vai ser fácil considerando que a pessoa por trás de toda essa armação pode ter o apoio do delgado, de modo que vamos ter que acusá-lo também. Mas em troca, eu quero que você vá embora comigo para os Estados Unidos. Vou vender minha parte nos negócios da minha família, isso me tornará um homem rico. Então recomeçamos do zero em outro país. Eu me caso com você, te dou uma vida boa e assumo seu filho, mesmo sabendo que não é meu e sim de Miguel.

Lentamente, eu digeriria as suas palavras, constatando o quanto a vida era irônica. Quando deixei o Rio para viver em Montana, meu objetivo era conquistar exatamente o que ele me oferecia: um marido rico e uma vida estável. No entanto agora, aquele era o preço pela minha liberdade, um preço que me parecia alto demais a pagar, considerando que eu precisaria sacrificar a felicidade de

Larissa em nome da minha.

— E quanto a Larissa? Ela te ama.

Felipe se mostrou surpreso.

— O que ela te disse?

— Não disse nada. Eu vi vocês dois transando uma vez.

Ele ficou pálido.

— Larissa é só uma transa fácil. Nada mais. Não significa nada para mim. Você é a mulher que eu quero.

Eu sei que fui ingrata ao odiá-lo por dizer aquilo, um sentimento provindo da constatação do quanto os homens proferiam tais palavras com facilidade sobre uma mulher, depois de moverem meio mundo para levá-la para a cama.

Muitos já devem ter falado o mesmo ao meu respeito.

Falam de quase todas com quem têm relações. E foi pensando nisso, que decidi enganá-lo sem que minha consciência pesasse minimamente. Diria-lhe que concordava com sua proposta de deixarmos o país juntos até que ele me tirasse da cadeia e na primeira oportunidade eu fugiria, iria embora de Montana, sozinha, claro. Afinal eu

só tinha ele, se não aceitasse sua ajuda, nunca sairia da prisão.

— Nesse caso, eu concordo. Me tira daqui e serei sua mulher para o resto da vida. — Menti e o vi abrir um sorriso largo.

“Vou te ensinar a nunca mais tratar uma mulher como objeto descartável, como está tratando Larissa.”

De volta à cela, eu lutava para não cair em depressão, pesando o quanto as pessoas podiam ser cruéis para alcançar seus objetivos, tal como a pessoa por trás daquela armação estava sendo e no quanto a vida era injusta permitindo que essas pessoas se dessem bem. Se Felipe realmente conseguisse me tirar dali, eu nunca mais colocaria meus pés em Montana, voltaria para o Rio e, se necessário fosse, iria morar em uma favela onde nem a polícia teria coragem de subir para me apanhar.

Era quase meio-dia, eu estava ficando tonta de fome, me acabando de enjoos quando o guarda veio me chamar para receber outra visita. Achei que fosse o advogado contratado por Felipe, contudo, minha surpresa foi

colossal quando o sujeito disse que era Miguel.

Certamente tinha vindo tirar satisfações pelo que acreditava que fiz com sua noiva. Ainda pensei em não ir vê-lo, entretanto, me recusei a desperdiçar aquela chance de olhar no rosto dele.

Entrei na pequena salinha semiescura com as pernas trêmulas, meu coração disparando no peito quando me deparei com o homem que, apesar de tudo, ainda amava demais. Como sempre, ele estava lindo, usando uma jaqueta de couro preta por sobre a camiseta de malha e calça jeans. Tinha o cabelo despenteado, a barba sem fazer e seu rosto lindo estava contorcido de angústia. Algo que duvidei que fosse por minha causa, cheguei inclusive e cogitar que sua noiva tivesse morrido no hospital e viera me acusar.

Depois que o guarda se foi, deixando-nos sozinhos, o silêncio reinou entre nós por um logo momento durante o qual não desviamos o olhar um do outro.

— Vou perguntar só uma vez, por favor seja sincera comigo. Você fez aquilo?

Seu tom de voz soou como uma acusação, o que me feriu profundamente. Eu já estava quase me acostumando a ser magoada por aquele homem.

— E de que me adianta dizer que não, se você nunca acredita em mim?

— Por favor, Manuela, não brinque com uma coisa dessas.

— Não. Eu não atirei na sua doce noivinha. Era só isso?

— E quem atirou? Por que a arma do crime foi parar no seu carro?

— Eu não faço ideia. Só sei que estão armando para cima de mim.

Ele encarou-me em silêncio por um longo momento, como se me sondasse.

— Acredito em você. — Declarou.

Fiquei surpresa, visto que de todas as pessoas que eu conhecia, ele era a uma das que mais me julgava.

— É sério? — Indaguei.

— E por que não seria?

— Porque você é a pessoa que mais me julga nessa vida.

— Isso não é verdade.

— É sim. Você me fez sentir discriminada na última vez que nos vimos.

— Fiz isso porque estava magoado. E ainda estou. Eu queria te ferir assim como fui ferido por você. — deu um passo na minha direção, enquanto eu recuava outro. — E foi por isso que pedi Isabela em casamento, não apenas para te atingir, mas para me proteger de você, de ter outra recaída quando te encontrasse de novo. Eu ia me casar pra tentar te esquecer, mas não estava dando certo.

Suas palavras traziam um certo conforto à minha alma, todavia, quando se tratava dos sentimentos de Miguel em relação a mim, palavras não eram suficientes, pois ele já dissera que amava antes, na noite em que dormimos juntos depois da corrida de racha e ainda assim me rejeitou ao amanhecer, para logo depois pedir Isabela em casamento. Portanto, eu me recusava a dar ouvidos à esperança de que ficaríamos juntos algum dia.

— Ia? Como assim? Ela morreu?

— Não. Está se recuperando bem. Foi atingida no ombro.

— Ela não viu quem atirou?

— Não. O atirador estava escondido no pasto. Colocou pregos na estrada para furar os pneus do carro dela e fazê-la parar.

Tentei pensar sobre suas palavras, mas eu só conseguia sentir, e sentia a paixão visceral queimando em minhas entranhas. Eu olhava para ele e o amava ainda mais, sem compreender o porquê, afinal deixou claro, em nosso último encontro, o quanto não me merecia.

— Se quer me esquecer, o que está fazendo aqui?

— Por que você não me falou que está grávida?

Putá merda! Então era isto. Ele não estava ali por minha causa, era pela criança. Talvez sua consciência tenha pesado e agia exatamente da forma como eu não queria, se aproximando de mim por obrigação. Eu não o queria assim.

— Porque não é da sua conta. Esse filho não é seu. É

do namorado que eu tinha no Rio. Sei disso porque já estou de oito semanas. Não tem como ser seu. — Menti, decida a não obrigá-lo a se prender a mim por causa da gravidez.

Miguel ficou pálido.

— Você já sabia que estava grávida quando ficamos juntos e por isso mentiu dizendo que tomava anticoncepcional?

Esse era o Miguel que eu conhecia: aquele que me julgava sempre que tinha oportunidade. Senti vontade de mentir, dizendo-lhe que suas suposições eram verdadeiras, apenas para magoá-lo de volta, contudo, me recusava a embarcar nesse joguinho infantil de bate e volta.

— Não, eu não sabia. E realmente tomo

anticoncepcional, desde que iniciei minha vida sexual.

Engravidei porque me esquecia de tomar a pílula todos os dias. Foi um descuido bobo. Se era só isso, já pode ir embora.

— Você vai procurar o pai da criança?

Putá merda! Me julgando de novo, desta vez insinuando que eu pretendia esconder a gravidez do pai da criança.

— Eu não sei. Mas isso também não é da sua conta. Se era só isso, pode ir embora.

— Não é só isso. Mesmo que esse filho não seja meu, não vou te abandonar nesse momento. Quero te ajudar a sair daqui. Pessoas poderosas podem estar armando contra você. Não terá chance de escapar se estiver sozinha.

— E quem te disse que estou sozinha? Felipe vai me ajudar. Já contratou um advogado e acionou uma equipe de investigação. Quando conseguir me tirar daqui, nós dois vamos embora para os Estados Unidos.

Vi seus punhos cerrarem, seu maxilar enrijecendo, uma veia pulsando mais forte em seu pescoço.

— E você ainda tem a cara de pau de me dizer que não tem nada com esse sujeito.

— Acontece que não tenho mesmo. O que não significa que não possamos ter.

Seus olhos azuis se estreitaram sobre os meus, enquanto ele tornava se aproximar um passo, para que eu recuasse de novo.

— E nem passou pela sua cabeça que pode ter sido ele a armar isso tudo para você e te convencer a ir embora com ele em troca da sua liberdade? Pensa bem, Manuela, por que Felipe te daria um carro se não tinha nada com você? Quem mais saberia que você estaria num lugar tão improvável exatamente naquela hora?

A princípio sua acusação me pareceu altamente descabida, porém, à medida que eu ponderava as possibilidades, o que ele dizia parecia fazer todo sentido. Quase pude projetar em minha mente o momento em que Larissa contou a Felipe sobre a gravidez e sobre o fato de eu estar indo à clínica de aborto naquela tarde. Se havia uma pessoa próxima de mim o suficiente para estar

informada sobre cada um dos meus passos, a ponto de prever cada um deles e então armar aquilo tudo tão minuciosamente, esse alguém era Felipe. Sua proposta de me ter ao seu lado, em troca da minha liberdade, provava que não era tão bonzinho assim, se realmente fosse, me tiraria da cadeia sem pedir nada em troca.

Por outro lado, eu me recusava a acreditar que alguém que me ajudara tanto, que sempre se mostrara tão bom, gentil e prestativo, como Felipe, podia ser tão perverso. Preferia acreditar que foi Valentina, afinal, ao me contratar para seduzir Miguel, ela deixara claro que era capaz de qualquer coisa por ele.

— E quanto à Valentina? — Indaguei. — Não passou pela sua cabeça que pode ter sido ela?

Miguel permaneceu em silêncio por um instante, para em seguida percorrer os dedos pelo cabelo, demonstrando nervosismo.

— Pensei nisso também. Se for qualquer um desses dois, você não vai ter a mínima chance de sair daqui. Eu os conheço desde que nasci, são igualmente ricos,

poderosos e não medem esforços para conseguirem o que querem e o delegado, assim como todas as autoridades de Montana, abaixam a cabeça para eles, por dinheiro e prestígio. Você é pobre, é de fora, infelizmente adquiriu uma péssima reputação na cidade. É um alvo fácil no meio desse complô. Se eles cismarem, te acusam de outro crime antes que você saia daqui para garantir sua permanência na cadeia.

Processei suas palavras e um calafrio desceu pela minha espinha. Mesmo antes de Miguel me dizer tudo aquilo, eu já tinha constatado que as coisas realmente eram assim, eu não tinha chance alguma de defesa naquela armação, sendo Felipe ou Valentina a encabeçá-la.

— E o que você espera que eu faça? — Cruzei meus braços diante do corpo, subitamente com frio, meu corpo todo trêmulo.

— Eu não sei. Mas vou dar um jeito de te tirar daqui.

— Como? Se você me arranjar um advogado, vai atizar ainda mais o ódio de quem está fazendo isso comigo, seja essa pessoa Valentina ou Felipe, o que só

pioraria a minha situação.

— Advogado não adianta nada nessa situação se o delegado estiver a mando de quem armou isso tudo. Vou dar outro jeito. Fica preparada.

CAPÍTULO XXIX

— Por que você quer me ajudar?

Ele deu outro passo na minha direção, sem que desta vez eu conseguisse recuar, já que minhas costas tinham encontrado a parede.

— Porque eu não tolero o que estão fazendo com você.

— Desde quando se importa?

— Desde sempre. Como pode achar que não? —

Reduziu um pouco mais a distância entre nós, se colocando tão perto que pude sentir o cheiro gostoso do seu perfume misturado a suor limpo e um formigamento gostoso se fez na altura do meu ventre. — Eu estou apaixonado Manuela. Já te disse isso. Quase enlouqueci quando fiquei sabendo que alguém está tentando te fazer mal. Você é a única mulher com quem realmente me importo, por quem sempre abandonarei tudo.

Meu coração saltou como um louco no peito.

— Eu também te amo. — minha voz saiu num sussurro.

— Mas você me magoou demais. Não posso relevar isso.

— tentei escapar do pequeno espaço entre ele e parede, mas foi em vão, Miguel era muito mais ágil e espalmou suas duas mãos no concreto atrás de mim, dos dois lados do meu corpo, aprisionado-me no lugar. — Não me toca, Miguel. — consegui ser firme.

Contrariando-me, Miguel usou uma mão para aprisionar meus dois pulsos acima da minha cabeça e segurou o meu queixo com a outra, enquanto pressionava seu corpo no meu, imobilizando-me por completo, para em seguida tomar-me os lábios, com ímpeto, beijando-me de forma selvagem, sua língua exigindo passagem entre meus lábios cerrados sem que eu tivesse opção que não permitir, quando então a explosão de desejo aconteceu dentro de mim, me fazendo esquecer de tudo mais.

Como se para me impedir de fugir do seu ataque, pressionou mais o seu corpo contra o meu, espremendo-me na parede e inclinou os joelhos, nivelando nossos

sexos para esfregar sua ereção bem em cima da minha intimidade, ciente de que com aquilo me faria me perder de vez, como de fato me perdi, entregando-me ao tesão que me incendiava de dentro para fora.

Putá merda! Que pegada aquele homem tinha! Por isso todas as mulheres que o rodeavam eram loucas por ele. Não existia outro igual.

Amoleci toda, cedendo ao seu ataque, abrindo um pouco as pernas para senti-lo mais intimamente, dominada pela luxúria, o desejo insano tomando conta de mim.

Enfiei minhas mãos sob sua camiseta, buscando a perfeição dos músculos das suas costas que já conhecia tão bem, extasiada com seu calor e sua solidez.

Quando Miguel interrompeu o beijo e se afastou, foi como se um pedaço de mim estivesse sendo arrancado.

— Tenho que ir agora, mas volto para te tirar daqui. —

Prometeu, com a voz rouca, os olhos faiscando de desejo.

Movida pela lascívia que me assolava, voltei para junto dele, contornando seu pescoço com um braço, enquanto fechava a outra mão na sua potente ereção, por

sobre o tecido do seu jeans, experimento, extasiada, sua pulsação.

— Espera, não vai ainda.

— Porra, Manuela...

Com sua pegada única, apoiou as mãos sob minhas nádegas, erguendo-me do chão, me fazendo pendurar nele e me carregou até a mesa, sentando-me na borda, mantendo-se entre minhas pernas e voltou a beijar-me com aquela fome deliciosa que me deixava sem chão, suas mãos percorrendo meu corpo inteiro antes de abrir o zíper do meu jeans e se infiltrar na minha calcinha, um dedo apenas se enterrando entre meus grandes lábios, mergulhando na lubrificação abundante, me fazendo arquejar.

— Puta merda! Como está molhadinha. — Ele sussurrou na minha boca.

Sabíamos que não tínhamos muito tempo, o guarda podia entrar na sala a qualquer momento, apesar disto, resistir era impossível, o desejo selvagem que existia dentro de nós estava além da racionalidade, de modo que

nada mais importava que não nos saciarmos.

Então, levei minhas mãos ligeiramente trêmulas ao zíper do seu jeans, abrindo-o, segurando o membro duro e pulsante entre meus dedos, o desejo de senti-lo dentro de mim se intensificando.

Com mãos fortes, Miguel puxou meu jeans para baixo e deitei-me na mesa para facilitar seu trabalho, quando então a fechadura da porta se moveu e só deu tempo de me sentar novamente antes que o policial uniformizado entrasse. Um homem parrudo, afro descendente, com a expressão dura, que não deixou de observar o zíper das nossas calças abertas.

— Acabou o tempo. Visita encerrada. — Falou, asperamente.

Após nos recompormos, Miguel segurou minha face entre suas mãos, fitando-me de muito perto.

— Não esqueça o que te falei. — Disse, para então trazer novamente sua boca gostosa para a minha e sugar apenas meu lábio inferior. — Eu te amo.

Ele se foi e a sensação que tive era de que levava

consigo uma parte de mim. A melhor parte. Apesar da tristeza em ter que vê-lo se afastando, meu coração estava muito mais tranquilo pela certeza de que eu também era amada e de que desta vez, ele parecia determinado a assumir seus sentimentos.

Fui novamente levada para a carceragem, onde, por volta do meio-dia, me trouxeram uma sopa de legumes insossa e aguada, a qual comi apenas para manter-me viva. À tarde, recebi novamente a visita de Felipe, que desta vez trouxe junto seu advogado e os comprimidos para enjoo. Como eu já esperava, o advogado confirmou que a polícia não encontrou nenhuma clínica de aborto no local que indiquei, acrescentou inclusive que o lugar se tratava da residência de uma filha de Montana muito querida e conhecida por toda a população, o que estava dificultando o trabalho dos investigadores em entrar na casa para colher evidências sobre a existência de equipamentos médicos e medicamentos de curetagem. Contudo, me garantiu que continuaria tentando, assim como continuaria investigando quem de fato atirou em

Isabela. Como eu, ele concluiu que a pessoa em questão tinha me seguido naquele dia e ao me ver parando diante da clínica clandestina, aproveitou para fazer os disparos e depois colocar o revólver no meu carro enquanto eu estivesse naquele lugar, ciente de que seria difícil provar minha ida até lá à polícia, como de fato estava sendo. Podia ser uma pessoa apenas, ou mais de uma. Ninguém tinha ideia.

Apesar de gostar muito de Felipe, não consegui mais ficar à vontade na presença dele depois do que Miguel dissera. E se sua teoria fosse verdadeira? E se Felipe armara tudo aquilo para me afastar de Miguel e de quebra me deixar sem opção que não ir embora do país com ele? Julgando pelo seu jeito de ser, era possível duvidar de que fosse capaz de atitudes tão sórdidas, porém, o coração humano é uma terra que ninguém pisa. Além do quê, entre ele e Valentina, era mais provável que ele soubesse que eu estaria naquela clínica, portanto não teria um alibi, já que a proprietária dificilmente falaria. Isso sem mencionar que me dera o carro de presente sem mais

nem menos, poucos dias antes de tudo acontecer, logo depois que passei a noite com Miguel. Se fosse realmente ele, pelo menos minhas chances de sair dali aumentavam. Bastava me livrar dele depois que estivesse solta.

Depois que eles se foram, passei o resto do dia lutando para não cair em depressão, sozinha, jogada naquela cela.

Minha esperança de ter minha inocência provada agora estava totalmente depositada em Miguel, visto que Felipe assumira o papel de meu suspeito número um. Mais que nunca eu precisava confiar no amor que Miguel sentia por mim.

Eu não sabia exatamente que horas eram, sabia apenas que havia anoitecido há bastante tempo, quando ouvi passos

apressados

no

corredor

e

levantei-me

sobressaltada do colchão no chão para ver o homem que

eu amava se aproximando, ao lado do carcereiro e meu coração acelerou no peito pela simples visão do seu rosto.

— Xiii... — Miguel pousou seu dedo indicador sobre seus lábios, me pedindo silêncio e não entendi nada. — Vim para te tirar daqui, mas precisamos tomar cuidado. — Sussurrou.

— Tirar como? — Indaguei num sussurro.

— Depois eu te explico. Vem comigo.

Fiquei perplexa quando vi o carcereiro, um rapaz jovem, gordinho, destrancando a fechadura da cela e dando-me passagem, para que em seguida Miguel o agradecesse, segurasse minha mão e me conduzisse para a saída através do curto corredor cercado por celas de ambos os lados, todas vazias, tomadas pela penumbra.

Caminhávamos

depressa

e

ao

mesmo

tempo

sorratamente. Passamos por um guarda que dormia sentado logo na entrada do corredor, atravessamos todas as salas do térreo da delegacia, encontrando todas as portas abertas e por fim alcançamos a rua silenciosa e deserta, onde seu carro de corrida nos aguardava.

Foi apenas quando entramos no veículo e Miguel o colocou em movimento, em altíssima velocidade, que consegui soltar o ar dos meus pulmões, voltando a respirar normalmente, embora meu coração ainda estivesse disparado por causa da adrenalina.

— Por Deus! O que foi isso? Estamos em meio a uma fuga? — Parecia impossível acreditar, devido ao fato de que foi fácil demais.

Miguel soltou uma gargalhada.

— Sim, estamos.

— Como? — Eu ainda estava atônita, temendo que a polícia pudesse vir atrás de nós a qualquer momento.

— Não foi difícil. Aquele carcereiro é filho do caseiro de uma das fazendas dos meus pais. Conheço ele desde

criança.

— Ele fez isso pela amizade?

— Sim e por trezentos mil reais.

Tentei analisar a situação e só consegui pensar no quanto Miguel estava se arriscando. Se fôssemos apanhados, ele seria preso por tentar me ajudar.

— Você está se metendo em uma encrenca das grandes.

— Falei.

Seu sorriso se ampliou, seu olhar dividido entre meu rosto e a direção do carro.

— Relaxa gatinha, encrenca é o meu segundo nome.

Sorri de volta, percebendo que aquilo o divertia.

Miguel nunca seria um homem sério e pacato cuja rotina se resumia a dirigir um orfanato situado em uma fazenda. O espírito de aventura estava impregnado em seu sangue. Não entendo como conseguiu ser padre durante três longos anos.

A velocidade com que conduzia o carro era tão alta, que adentramos as ruas claras de Goiânia ainda quando o dia começava a amanhecer, o sol nascente jogando seus

raios amarelos por sobre o pico dos edifícios da grande metrópole.

— Estamos seguros aqui por enquanto. Vamos para um hotel descansar um pouco antes de compramos sua passagem de avião.

Digere suas palavras e meu coração apertou no peito, tão dolorosamente que meu estômago revirou, a angústia se alastrando em minhas entranhas.

— Isso quer dizer que você não vem comigo? —

Sussurrei, com a voz trêmula.

Miguel estacionou diante de um edifício luxuoso, onde funcionava um hotel e respirou fundo, lançando a cabeça para trás, fechando os olhos, como se pensasse sobre o que falar. Refletiu por um instante e só então voltou a me encarar.

— Não. Eu não vou. Vou comprar uma passagem para você de volta para o Rio, lá ninguém vai te encontrar.

— Eu pensei que... — Não consegui terminar a frase, imaginando o quanto fui imbecil ao cogitar que ao declarar seu amor por mim ele estava afirmando que

ficaria comigo. A verdade sempre seria a mesma: Miguel me amava, só que nunca assumiria um relacionamento comigo, preferia viver uma vida sem amor, ao lado de uma mulher virtuosa e recatada, da forma que eu nunca seria e da forma como Isabela era.

— Não é nada do que você está pensando. — Ele disse, como se fosse capaz de ler meus pensamentos. — Eu só não posso me afastar do orfanato. Aquelas crianças precisam de mim.

— Tudo bem. Eu entendo. Você já está fazendo muito por mim. — Fingi indiferença, quando na verdade, a dor me dilacerava por dentro, minha alma estava despedaçada.

Neste momento, um manobrista veio nos atender, mostrando-se educado e ao mesmo tempo surpreso por não termos bagagem alguma, nem mesmo uma bolsinha de mão. Na recepção, aos fundos do salão imenso, cercado de luxo por todos os lados, Miguel teve a audácia de pedir um quarto só para nós dois, quando precisei corrigi-lo e exigir que pedisse dois quartos. Se não me queria

para algo sério, então não me teria de forma alguma.

Alugamos os dois quartos no mesmo andar. O meu era amplo, mobiliado com cama de casal, armário embutido, jogo com duas poltronas estofadas, criado mudo, escrivaninha e uma mesa com dois lugares. Tudo muito sofisticado.

Como não tinha roupas para trocar, decidi que não desceria para tomar o café da manhã que logo seria servido, pediria algo ali mesmo.

Assim, tomei um demorado banho quente, lavei bem o cabelo para me livrar do cheiro de sujeira da cadeia e vesti o roupão atalhado do hotel, que se estendia até a altura dos meus joelhos. Estava terminando de secar o cabelo quando a campainha tocou e uma tempestade de emoções aconteceu dentro de mim, meu coração assumindo um ritmo descompassado, porque eu sabia que era Miguel.

Abri a porta e o encontrei ali parado, com o cabelo molhado, ainda usando as mesmas roupas.

— Vou sair para comprar algumas roupas e sua

passagem. Vou comprar para esta noite para que você tenha tempo de descansar. Não fará bem para o bebê passar tanto tempo sem dormir. Você tem alguma preferência de roupa? — Ele falava sem desviar seus olhos dos meus, enquanto eu era tomada por uma decepção pungente, por ter tido expectativa de que sua vinda ao meu quarto tinha outro motivo, por ter me arriscado a acreditar que teríamos uma vida juntos.

“Sou uma anta mesmo.”

— Traga algo confortável, tipo jeans, camiseta e tênis.

— Certo. O cardápio daqui é bem variado. Peça algo pelo interfone e descanse. Estou no quarto ao lado caso precise de alguma coisa.

Seu olhar não negava sua paixão, porém o tom da sua voz estava carregado de indiferença.

— Ok, obrigada.

Com isto, ele se foi, me deixando sozinha.

Pedi um farto café da manhã e comi mais que o necessário, para em seguida cair na cama e dormir rapidamente.

Em meus sonhos encontrei um Miguel apaixonado, que se entregava ao que sentia e fazia amor comigo de tantas formas que por pouco não me tirava a sanidade. Acordei em meio a um orgasmo, me sentindo tão desiludida por ter sido tudo irreal, que as lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, desenfreadamente. Foi quando o som estridente da campainha soou, sobressaltando-me. Acho que já estava tocando há algum tempo, sem que o sono me permitisse ouvir.

Levantei-me depressa e vesti o roupão, tentando secar as lágrimas do meu rosto com o tecido atoalhado, porém sem conseguir, pois era um rio de lágrima.

Abri a porta e me deparei com Miguel, lindo como sempre usando roupas novas, com a barba bem-feita e os cabelos molhados, carregando algumas sacolas. Por um lado, agradei aos céus que partiria aquela noite e nunca mais o veria, pois olhar para ele e saber que pretendia se casar com outra mulher, estava se tornando uma verdadeira tortura. Porém, por outro lado, me enchia de angústia imaginar que nunca mais voltaria a vê-lo.

— Por que você está chorando? — Miguel indagou alarmado.

— Não é nada, coisa de mulher grávida. — Esfreguei a manga do roupão nos olhos para estancar as lágrimas.

— Você está bem?

— Sim. Por que não estaria?

— Já são quatro da tarde, você está dormindo há dez horas.

— Coisa de grávida também. Que horas é meu voo?

— Dez da noite.

— Estarei acordada. Vou dormir mais um pouco.

— Isso é pra você. — Estendeu-me as sacolas, mas não me entregou, em vez disso entrou no quarto, depositando-as sobre uma poltrona ao lado da cama. —

Estão meio pesadas pra você, vou deixar aqui. —

Encarou-me em silêncio por um instante. — Você tem certeza que tá legal? Não me parece muito bem.

— Estou ótima. Tirando o fato de que o cara que eu amo não me quer, está tudo às mil maravilhas. — Falei sem pensar.

Miguel percorreu seus dedos entre seu cabelo.

— Porra Manuela! Eu estou aqui, não estou? —

Aproximou-se e acariciou minha face com a ponta dos dedos, um toque tão simples, mas que foi capaz de acender as labaredas do desejo dentro de mim. — Nunca diga que eu não te quero.

— Me quer só pra sexo! — Afastei sua mão do meu rosto. — Assim não serve pra mim.

— Não é só pelo sexo.

— Então é pelo quê, se você vai se casar com outra?

— Eu não sei mais se vou me casar com ela.

— Mas também não vai ficar comigo, porque não tem coragem de assumir o que sente.

Esperei que ele dissesse algo mais, mas não aconteceu.

Ficou me olhando em silêncio por um tempão, depois simplesmente deu-me as costas e saiu, confirmando minhas palavras.

Novamente desabei, deitando-me na cama em prantos, soluçando tanto que meu corpo todo sacudia. Mas o que eu esperava afinal? Miguel acreditava que eu estava

grávida de outro, que homem assumiria uma mulher nesse estado? Talvez eu devesse contar a verdade a ele, assim garantiria que ficasse comigo, no entanto, ficaria pela criança e não por amor a mim, o que também não me serviria.

Estava deitada de bruços na cama, minhas lágrimas molhando a fronha do travesseiro, quando ouvi passos atrás de mim e levantei-me para ver Miguel entrando no quarto novamente, os olhos carregados de paixão fixando-se nos meus.

— Me promete que eu serei o único homem da sua vida, Manuela.

Virei-me para encará-lo de frente, secando as lágrimas com a manga do roupão, tentando entender o que ele dizia. Então, lembrei-me da primeira vez em que fizemos amor, quando ele me fez jurar que seria o único homem da minha vida e que ficaríamos juntos pelo resto dos nossos dias, como condição para ser meu. Miguel estava me dando uma segunda chance, a qual eu certamente não merecia, mas que queria e queria demais.

Desta vez, o encarei com o coração limpo, com a certeza de que podia e queria ser apenas dele, sem que houvesse a interferência de um plano sórdido como o de Valentina entre nós.

— Eu prometo. — Murmurei, trêmula, um turbilhão de emoções acontecendo dentro de mim, me fazendo desejar sorrir e chorar ao mesmo tempo. — Só você, meu amor, para o resto das nossas vidas. — Foi a minha vez de me aproximar e acariciar o seu rosto. — Não existe nada que eu possa querer mais nessa vida.

— Eu quero construir uma vida ao seu lado, Manuela.

— Disse, para em seguida enlaçar seu braço forte em torno da minha cintura e me puxar para si, chocando meu corpo contra o seu, com força, apertando-me, espremendo meus peitos contra seu tórax duro ao mesmo tempo que se inclinava para beijar-me, de forma selvagem e faminta, despertando a luxúria dentro de mim.

Dominada pela lascívia, esfreguei minha língua na dele, eroticamente, enlaçando seu pescoço com meus dois braços, colocando-me na ponta dos pés para nivelar

nossos sexos e esfreguei minha intimidade na sua ereção firme, por sob as roupas, um gemido me escapando quando o senti duro e quente ali entre minhas pernas.

CAPÍTULO XXX

Eu me sentia toda quente, como se meu corpo estivesse em chamas, meu coração batia tão depressa que eu podia ouvi-lo, minha vulva palpitava, minha lubrificação aumentava, me deixando encharcada no meio das pernas. A única felicidade maior que estar nos braços de Miguel, era saber que estaria pelo resto de nossas vidas.

Vagarosamente — como costumava agir em tais momentos quando o conheci —, Miguel desfez o laço do meu roupão, abrindo-o, escorregando o tecido pelos meus ombros e braços até que a peça caísse no chão, aos meus pés. Afastou-se alguns centímetros, o suficiente para contemplar meu corpo nu, quando então seus olhos brilharam como duas pedras preciosas.

— Linda... — Sussurrou. — E agora toda minha.

— Para o resto de nossas vidas. — Completei, emocionada e ao mesmo tempo excitada.

Com braços poderosos, Miguel ergueu-me do chão,

carregando-me

para

a

cama,

estendendo-me

cuidadosamente sobre o colchão macio. Colocou-se em pé

para livrar-se da calça e da camiseta, ficando apenas com

a cueca preta colada, revelando as coxas grossas e

peludas, o peito musculoso, o abdômen sarado e a enorme

protuberância na frente, cuja visão me fez latejar mais

entre as pernas.

Devagar, deitou-se sobre mim, apoiando o peso do seu

corpo nos cotovelos e beijou-me com sofreguidão,

chupando minha língua com força, enquanto sua mão

passava pela minha silhueta. Era indescritível a sensação

da sua pele em contato direto com a minha.

Sua boca faminta e gostosa, deixou a minha para ir

explorar a pele do meu pescoço, mordiscando e

lambendo, deixando-me em chamas, arfando de tesão, o

que se tornou ainda mais intenso quando alcançou um dos meus peitos e brincou com o mamilo sob a ponta da sua língua habilidosa, para em seguida sugá-lo, deliciosamente.

— Ah, porra! — Gemi, ensandecida, duvidando de que pudesse existir algo melhor que pertencer àquele homem com tanta intimidade.

Sentindo-me como se estivesse incendiando, enterrei meus dedos no seu cabelo curto, puxando-o, abracei seus quadris com as minhas pernas, esfregando minha intimidade lambuzada na sua potente ereção, por sobre a barreira do tecido da cueca e gemi ainda mais alto.

Miguel partiu para o meu outro peito e mamou meu mamilo com fome, até que estivesse duro e esticado em sua boca. Depois, usou as duas mãos para juntá-los e

alternou sua boca de um mamilo para o outro, ora chupando, ora lambendo, deixando-me doida de tanto tesão. Continuou explorando meu corpo com aquela boca gostosa, que parecia ter sido feita particularmente para dar prazer a uma mulher. Contornou meu umbigo, mordiscou meu ventre, quando por fim alcançou o meu sexo, abriu mais minhas pernas, usou os dois polegares para afastar meus lábios vaginais e deu uma lambida bem em cima do meu clitóris, arrancando-me um grito de puro prazer.

Continuou movendo sua língua deliciosa sobre meu ponto mais sensível, freneticamente, em círculos, para cima e para baixo, deixando-o completamente inchado, me levando muito perto do orgasmo, porém, quando meu corpo se contraiu todo, pronto para explodir, ele tirou sua boca dali para ir lambe o meu ânus, provocando-me uma tortura gostosa.

Devagar, introduziu o dedo do meio e o indicador na minha vagina muito lambuzada, movendo-os em vai e vem, colocando e tirando, enquanto voltava para o meu

clitóris, lambendo-o gostosamente antes de colocá-lo entre seu lábios e sugá-lo devagar, o que foi a minha perdição, meu corpo todo retesou e explodi num orgasmo intenso e demorado, tão alucinante que os gritos partiam altos da minha garganta, meu corpo todo sacudia, minha cabeça foi lançada para trás, meu líquido abundante escorregava pra a minha bunda.

Quando comecei me acalmar, Miguel enterrou sua língua na minha vagina, saboreando o gosto do meu prazer e então voltou a se deitar sobre mim, beijando-me de forma erótica, me fazendo chupar o meu gosto da sua boca, enquanto um “*eu te amo*” ecoava em minha mente.

Sem que palavras fossem necessárias para que ele soubesse o que eu queria, empurrei seu corpo com o meu, sem precisar fazer força, invertendo nossas posições, fazendo-o deitar-se de costas enquanto ficava por cima.

Sem apartar minha boca da sua, montei na sua ereção e esfreguei meu sexo ainda mais melado sobre ela, enlouquecida, ansiosa por tê-lo inteiro dentro de mim, mas não sem antes experimentar o seu sabor. Assim,

abandonei sua boca e desci meus lábios pelo seu corpo delicioso, sólido e cheiroso, desprovido de pelos, mordendo devagar, chupando sua pele, até alcançar a cueca molhada de mim. Escorreguei o tecido macio pelos seus quadris, tirando a peça pelos seus pés, desnudando o membro muito grande e duro, o maior e mais perfeito que já vi, completamente reto, com a glândula rosada, cheio de veias protuberantes, com o líquido pastoso escorrendo da ponta e um delicioso cheirinho de sabonete que me atraía ainda mais.

Excitada demais com aquela visão, levei minha língua à glândula, lambendo-a, saboreando o líquido que escorria, extasiada. Depois escorreguei minha língua para a base e a trouxe de volta, lambendo cada centímetro da sua potente masculinidade para só então colocá-lo na boca.

Primeiro chupei a cabecinha, puxando e bebendo sua umidade, para depois enterrá-lo fundo na minha garganta, seu tamanho quase me fazendo engasgar. Quando passei a mover minha cabeça apressadamente, em vai e vem, fazendo com que seu pau fodesse minha boca, fui

recompensada por um gemido alto e rouco de Miguel, o qual parecia ter partido do fundo da sua alma. Foi então que ele me puxou para cima do seu corpo, virando-me, me fazendo montar o seu rosto, arreganhando minha boceta diante dos seus olhos. Segurou minhas nádegas com as duas mãos e as afastou, dando uma lambida que foi do meu ânus até o meu clitóris e gemi no seu pau, sibilando, quase ficando sem ar, toda quente, fervendo de tesão. Miguel abriu meus grandes lábios e enterrou sua língua inteira na minha vagina, me fodendo testa forma, deixando-me louca de tanto prazer ao mesmo tempo que me fazia ansiar por ter seu membro todo enterrado em mim.

Putá merda! Como ele sabia fazer gostoso! Aquele homem tinha nascido para dar prazer a uma mulher. Cada vez que me possuía, era melhor que a anterior.

Seu pau se tornou ainda mais duro em minha boca, grosso, latejando, quando então Miguel me afastou, virando-me em cima dele, com agilidade, nivelando nossos rostos e me beijou com avidez, sua língua roçando

na minha dentro da boca.

— Não quero encher essa boquinha de leite, quero sentir essa bocetinha agora. — Sussurrou, com tom rouco.

— Monta no meu pau, cadelinha.

Incapaz de esperar mais sequer um minuto, fiz o que ele disse, montando seu colo, uma perna de cada lado, minhas mãos apoiadas em seu peito largo. Miguel segurou seu pau pelo meio e esfregou a glândula na minha entrada lambuzada, depois no clitóris, me excitando um pouco mais. Por fim se encaixou ali e entrou em mim, devagar, cada centímetro escorregando para dentro do meu canal com uma lentidão torturante, que por pouco não me fazia gritar, até que estava enterrado até a base, as paredes da minha vagina, deliciosamente esticadas com seu tamanho, minha carne molhada latejando contra a sua rigidez.

Putá merda! Como algo podia ser tão bom? Não existia sensação melhor.

Comecei a me mover sobre ele, para cima e para baixo, lentamente, puxando o meu corpo até que seu pau estivesse quase do lado de fora, enterrando-o novamente

até que nossas pélvis se encontrassem.

— Ahhh... que delícia... — Gemi, enlouquecida, extasiada ao observar seu rosto lindo contorcido de prazer.

Miguel usou as duas mãos para puxar minhas pernas para cima e para frente, apoiando meus pés no colchão, de modo que precisei inclinar um pouco meu corpo para trás e segurar em seus joelhos para manter o equilíbrio, minha vulva ficando totalmente arreganhada diante do olhar sequioso dele.

— Puta merda! Que bocetinha linda... engolindo meu pau ... gostosa... ahhh... — Miguel sibilava e falava ao mesmo tempo, sua voz lembrando o grunhido de um animal no cio.

Passei a mover-me freneticamente sobre ele, para cima e para baixo, rebolando os quadris. Seu olhar faminto, fixo em nossos sexos, deixava-me ainda mais excitada, enlouquecida. Quanto mais aquela fome por ele tomava conta de mim, mais depressa eu me movia, gemendo seu nome, chocando meu corpo no seu, sentindo-o ir fundo em

mim, empurrando-me duramente lá dentro, deliciosamente.

Eu estava muito perto de explodir num orgasmo, quando Miguel se sentou na cama, nivelando nossos rostos, segurando-me firme pela cintura para deter meus movimentos. Puxou meu cabelo com a outra mão e beijou-me na boca como um esfomeado, enquanto me apertava com força contra seu corpo sólido, esmagando meus peitos sensíveis com seu tórax musculoso, para em seguida colocar um deles na boca e mamar com veemência, intensificando a vontade de gozar que tomava conta de mim, embora não me deixasse me mover para alcançar a libertação.

Putá merda! Eu queria gozar! Estava a ponto de incendiar sobre ele.

Como se atendesse à minha súplica desesperada e silenciosa, Miguel inverteu nossas posições, cobrindo-me com seu corpo grande e gostoso, fodendo-me com força, estocando rápido e fundo, enquanto mantinha o rosto erguido, com seus olhos brilhantes fixos nos meus.

Arrebatada, sem desviar meu olhar do dele, comecei a

chamar o seu nome, com tom de súplica, delirando de tanto prazer, movendo meus quadris no mesmo ritmo acelerado dos dele, até que explodi, gozando gostoso no seu pau, alucinada, chorando e gritando, chamando seu nome, meu líquido jorrando com abundância, enquanto ele me observava.

Estava quase me aquietando, quando então ele deu mais três estocadas, muito duras e bruscas, para alcançar o êxtase e se esvaiu dentro de mim, seus espasmos deliciosos quase me fazendo gozar novamente.

Por fim, ficamos ambos imóveis sobre o colchão, nos recusando a nos desgrudarmos um do outro, quando o silêncio que encheu o quanto era quebrado apenas pelo som da nossa respiração ofegante.

— Eu te amo, Manuela. Sempre vou amar. — Miguel sussurrou, rouco e ofegante, para em seguida plantar uma trilha de beijos que foi da minha testa até minha boca.

— Eu também te amo, Miguel. Você é o homem da minha vida.

Beijou-me, com suavidade desta vez, embora não com

menos paixão, para depois escorregar para o lado, sem sair de mim, levando-me junto, colocando-nos de lado na cama e ficamos quietos, aproveitando o momento, durante o qual as palavras eram desnecessárias para que soubéssemos o que o outro sentia.

Depois do longo silêncio, Miguel acariciou minha face com as costas da sua mão, descendo-a para o meu corpo, tocando minha pele com suavidade, deixando uma trilha de fogo por onde passava. Ergueu minha perna, pendurando-a no seu quadril e começou a se mover dentro de mim, lentamente, seu pau escorregando no nosso gozo abundante, ficando completamente duro em questão de segundos, o que foi suficiente para que o tesão voltasse a arder nas minhas entranhas.

— Ah, Miguel... como é bom ser sua... — Gemi, passando a mão no seu peito largo, depois no seu braço musculoso, fascinada.

Dobrei mais minha perna, abrindo mais minha boceta para ele e Miguel me penetrou ainda mais fundo, sem pressa, saindo e entrando devagar. Sua boca gostosa veio

para a minha, enquanto sua mão descia pelas minhas costas, apalpando minha pele, descendo para a minha bunda para apertar minhas nádegas antes de se infiltrar na fenda entre elas, percorrendo toda a extensão, para que depois um dedo se lambuzasse na nossa lubrificação e se enterrasse em meu ânus, devagar, tão deliciosamente que deixei escapar um gemido alto e movi-me para e frente e para trás, buscando-o mais.

Miguel molhou outro dedo no líquido que escorria dos nossos sexos e o enfiou no meu canal mais estreito, movendo os dois em vai e vem, tão gostoso que desta vez eu gritei, ensandecida.

— Quer dar esse cuzinho para mim, cadelinha? —

Miguel indagou, excitado.

— Quero... — Minha voz saiu num gemido.

— Então pede.

— Come o meu cuzinho, Miguel... mete nele bem gostoso... ahhh...

Miguel sibilou e soltou um gemido que mais parecia um grunhido.

Saiu de mim devagar e, com agilidade, ajoelhou-se no colchão, me puxando para cima, colocando-me de quatro na sua frente, encaixando-se atrás de mim. Segurou seu pau lambuzado pelo meio e o esfregou em toda a minha extensão, indo da vagina até o ânus, espalhando minha umidade e a sua até que eu estivesse toda lambuzada ali atrás, preparada para recebê-lo. Foi assim que introduziu seu pau gostoso no meu canal mais estreito, abrindo passagem com a glândula, escorregando lentamente para dentro, sem me causar dor alguma, até que estivesse todo enterrado, quando pude sentir os pelos da sua pélvis acariciando minha bunda.

— Caralho! Que delícia... — sibilei, alucinada.

— Gosta, né safadinha?

— Sim... demais...

Ele puxou o pau até a ponta e o enterrou novamente, com uma única estocada.

— Me pede pra te foder, cadelinha... — Sussurrou, num grunhido.

— Me fode Miguel... come meu cuzinho... delícia... —

Gemi e comecei a rebolar no pau dele, deliciada de tanto prazer.

Miguel enrolou uma mão no meu cabelo crescido, enquanto apoiava a outra nos meus quadris e estocou forte, metendo e tirando seu pau, com movimentos bruscos e incessantes, me arrancando gritos de prazer. Com agilidade, inverteu nossas posições, deitando-se de costas na cama, colocando-me sobre seu colo, de costas para seu rosto, de modo que precisei apoiar as mãos em seus joelhos para me equilibrar.

— Rebola no meu pau, cadelinha. — Miguel sussurrou, abrindo minhas nádegas para observar seu pau penetrando meu ânus.

Passei a mover-me freneticamente sobre ele, subindo e descendo ao mesmo tempo que rebolava os quadris, fazendo seu pau girar no meu canal, empurrando suas paredes com tanta pressão que tive a impressão de que me partiria ao meio, no entanto, era uma pressão gostosa, causava-me uma sensação boa de ser totalmente tomada e dominada por um homem de verdade.

Novamente, Miguel mudou nossas posições sobre a cama, desta vez nos colocou deitados de lado, minhas costas contra seu peito forte. Ergueu minha perna e socou ainda mais forte no meu interior, indo muito fundo dentro de mim, impiedosamente, ao mesmo tempo que virava meu rosto para si e enterrava sua língua na minha boca, movendo-a no mesmo ritmo do seu pau, em vai vem, enlouquecendo-me um pouco mais.

— Vou gozar gostosa. — Anunciou. — Vem comigo, vem.

Como se sua voz fosse o comando do meu corpo, me retesei inteira, meu organismo implorando pelo alívio, preparando-se para o êxtase que veio arrebatador, intenso a ponto de quase me tirar os sentidos, me fazendo gritar pelo nome daquele homem como se fosse a palavra mais doce do vocabulário.

Miguel gozou junto comigo, os jatos quentes de esperma jorrando abundantemente no meu interior, os espasmos do seu pau de encontro ao meu orifício me dando ainda mais prazer, enquanto nossos corpos

ondulavam juntos sobre a cama, entre gritos e gemidos, até que ficamos imóveis, lânguidos.

Meus membros pesavam quando Miguel se retirou de mim, beijou-me demorada e apaixonadamente antes de me aninhar em seu peito, abraçando-me protetoramente durante o longo momento em que nada mais era necessário que não o silêncio gostoso, permeado de paz e tranquilidade, que nos envolvia.

— Você deve estar com fome, mulher grávida come muito e você já não faz uma refeição desde de manhã. — Miguel falou, sua voz grossa e máscula interrompendo o silêncio. — Quer descer até o restaurante ou prefere que eu peça alguma coisa aqui mesmo?

Realmente eu estava faminta, contudo, estava tão gostoso ali quietinha, abraçadinha com ele, sentindo seu cheiro de homem, envolvida pelos seus braços fortes, que eu não tinha certeza se queria sair.

— Huummm. — Resmunguei, preguiçosamente.

CAPÍTULO XXXI

Miguel sorriu.

— Deixa de ser preguiçosa. — Seu tom era de descontracção. — Se não alimentar nosso bebê ele não vai nascer saudável.

Meu coração falhou uma batida. Ele disse nosso bebê? Como assim? Será que tinha descoberto que na verdade, era pai do filho que eu esperava?

— Nosso bebê?

— Claro. Só porque não fui eu quem fiz, não significa que ele não seja meu. Vocês dois são a minha família agora.

Processei suas palavras e minha consciência pesou amargamente, pelo fato de estar enganando-o mais uma vez. Antes eu não podia falar que aquele filho era dele porque isto o faria se sentir obrigado a ficar comigo, entretanto, agora esse risco já não existia mais, pois estávamos definitivamente juntos. Miguel tinha me assumido mesmo acreditando que eu esperava o filho de outro homem, o mínimo que ele merecia era saber a verdade.

Assim, afastei-me o suficiente para encará-lo e

declarei:

— Ele é seu.

Senti seus músculos se retesarem de tensão de encontro à minha nudez, sua fisionomia contraindo, para logo em seguida relaxar.

— Como é?

— Isso que você ouviu. Eu menti. Estou grávida de duas semanas e não de oito como te disse. Inventei isso para que você não se sentisse obrigado a ficar comigo. Com uma ruga profunda se formando no meio da sua testa, Miguel me encarou em silêncio por um tempão, enquanto eu tremia em expectativa. Por fim seu olhar deixou o meu, descendo para meu ventre ainda achatado, sobre o qual espalmou sua mão.

— Minha nossa! Tem uma parte de mim aqui dentro. — Sussurrou e por fim abriu um sorriso tão lindo, que quase me deixou sem chão. — Você não devia ter mentido, mas não vou te julgar, pois entendo os motivos. Agora vamos comer alguma coisa antes que meu garoto morra de fome. — Beijou-me castamente na testa antes de afastar-se,

deixando um imenso vazio em seu lugar ao meu lado, indo para o interfone. — Vou pedir porque é mais rápido. O que você vai querer?

Pensei em tudo o que vi no cardápio quando cheguei e fiquei com água na boca.

— Acho que uma feijoada está bom e não esqueça da sobremesa, quero sorvete de chocolate com calda de caramelo. — Miguel sorriu novamente, encarando-me com aqueles olhos lindos carregados de paixão.

Fez o pedido, acrescentando um risoto de camarão para si próprio e voltou para o meu lado na cama, colando seu corpo gostoso no meu.

— Quem te disse que vai se um garoto? — Brinquei.

— Claro que vai. E vai ser um excelente corredor.

— Só na sua cabeça mesmo, que vou deixar meu filho sair por aí apostando racha.

— Não precisa ser racha. Ele pode correr em competições menos arriscadas.

— Isso vou deixar que ele decida.

Continuamos ali agarradinhos, como se fizéssemos

parte de um só ser, até que a comida chegou e nos levantamos. Enquanto Miguel atendia o garçom, vesti o roupão do hotel e sentei-me à mesa, onde logo ele serviu a farta refeição, que veio junto com os pratos e talheres. Pegou duas águas mineral no frigobar antes de juntar-se a mim, ocupando a outra cadeira.

Olhei para ele e cheguei à conclusão de que não podia haver criatura mais bela nesse mundo. Com o cabelo emaranhado, o rosto totalmente relaxado e usando apenas uma toalha em volta dos quadris, sem nada por baixo, se tornava ainda mais sedutor, irresistivelmente, atraindo-me como um ímã.

— O que foi? — Miguel indagou, parando de servir da comida ao perceber que eu estava imóvel, observando-o. Sorri desconcertada.

— Nada. Só estou constatando o quanto você é bonito. Espero que nosso filho herde seus traços.

Miguel corou como um garoto tímido e sorriu ainda mais amplamente.

— Será ainda mais bonito se puxar a você. Agora

come. A comida está esfriando.

Servi-me da feijoada, acompanhada de couve refogado, e comi com um imenso apetite. Tinha certeza de que dali a alguns meses estaria gorda como uma baleia. Enquanto comia, não conseguia desviar meu olhar de Miguel, embora mantivesse a boca cheia o suficiente para não ter tempo de dizer nada. Foi então que me ocorreu o quanto eu estaria estragando a vida dele se permitisse que fugisse comigo. Eu o estaria tirando daquilo que mais amava, que era as crianças e o orfanato, ao mesmo tempo que arrancava daqueles órfãos a única chance que tinham de não voltarem para as ruas, pois sem Miguel aquele lugar acabaria fechando, visto que tanto seus pais, quanto os demais fazendeiros das redondezas eram ambiciosos demais para permitirem que tantos hectares de terras ficassem inativos, sem a produção da carne bovina que exportavam. Miguel era a peça chave que mantinha o lar de todas aquelas crianças, sem ele elas seriam expulsas em pouquíssimo tempo e Santa Maria voltaria a ser uma produtiva fazenda cheia de gado.

Eu não podia permitir que isso acontecesse, tinha certeza que sem o orfanato e as crianças Miguel não seria plenamente feliz, não podia estragar a vida dele daquela forma, em nome da minha liberdade. Precisava dizer a ele que voltasse, mesmo que precisasse permanecer em Goiânia, onde ele pudesse vir me ver de vez em quando. Enfim, não podia pedir que ele abrisse mão de tanto por mim, de algo que era a sua vida.

Após a refeição ficamos sentados ali de bobeira, conversando sobre nosso futuro, fazendo mil planos, quando Miguel revelou que não pretendia voltar a Montana para pegar suas coisas, pois tinha dinheiro na sua conta bancária suficiente para construir uma vida nova comigo no Rio de Janeiro, o que deixou a minha consciência ainda mais pesada.

De acordo com ele, partiríamos na manhã do dia seguinte.

Cogitei seriamente dizer-lhe que precisava dormir, esperar que saísse ou que dormisse também, para assim pegar a passagem para o Rio que ele tinha comprado para

mim e ir embora escondida, para que ele pudesse voltar para o orfanato, sem remorso algum, todavia, não consegui me afastar, o amor que me prendia àquele homem era imenso demais, irremediável, como me negar a vivê-lo?

Fizemos amor durante grande parte da noite, loucamente, como era todas as vezes. Depois que Miguel dormiu, abraçadinho comigo, nossos corpos nus em meio aos lençóis emaranhados, continuei pensando no fato de que estragaria a sua vida e a das crianças do orfanato se permitisse que fugisse comigo. Aquilo me incomodava tanto que me impedia de adormecer. Por fim cheguei à conclusão de que não podia fazer isso, como também não sacrificaria a minha liberdade voltando para Montana, a única solução seria que eu permanecesse em Goiânia mesmo, estrategicamente escondida, enquanto ele voltava para o orfanato e arranjasse um meio de provar minha inocência. Um bom detetive particular resolveria o caso e Miguel era rico o suficiente para pagar um dos melhores. Restava esperar e torcer para que a polícia não me

encontrasse antes que minha inocência fosse provada.

Estávamos tomando o farto café na manhã seguinte, ainda ali na mesinha do quarto, eu usando o roupão e ele enrolado na toalha, quando lhe revelei minha decisão. Sua reação foi a esperada.

— De jeito nenhum você vai ficar sozinha aqui em Goiânia. No Rio a polícia não ia te encontrar porque é longe e a criminalidade de lá é tanta que eles não têm tempo de nada, mas aqui é muito perto de Montana, te encontrariam num piscar de olhos. — Foi o que ele disse.

— Eu prefiro me arriscar, a deixar aquelas crianças sem você e você sem elas. Pensa bem, Miguel, você jamais seria feliz longe de Santa Maria. — Retruquei.

— A questão aqui não é apenas você ser encontrada, Manuela. A pessoa que armou tudo isso contra você é capaz de tudo. Pode facilmente convencer aquele delegado a te deixar presa para o resto da vida, sem chance de defesa. Ele é desonesto. Conheço o canalha.

— E se você contratar um detetive particular dos bons, que não more em Montana e portanto não tenha nenhum

laço com a gente de lá, para investigar o caso, encontrar o culpado e provar minha inocência?

Miguel ficou me olhando pensativo antes de falar.

— Seria uma ótima ideia, mas quem seria esse cara?

Eu não conheço nenhum.

Hesitei antes de continuar.

— Conheço pessoas no Rio que podem indicar alguém.

— Como esperava, a fisionomia dele se contraiu, seus olhos faiscando de raiva. — Não seja preconceituoso, Miguel, nem todo mundo que faz programas é necessariamente uma pessoa ruim.

Ele respirou fundo, bebeu um grande do seu café com leite e adoçante, antes de falar.

— Não vou ser hipócrita dizendo que não tenho preconceito, porque tenho. Fui educado em uma comunidade que repudia esse tipo de gente. Por outro lado, por você estou disposto a mudar meu pensamento, só que isso leva tempo.

— Eu entendo. Não quero te pressionar. — E entendia mesmo, afinal a sociedade é culturalmente preconceituosa,

racista, machista e homofóbica. Nascemos e somos educados para acreditar em determinados preceitos, apenas seres providos de poder de reflexão aguçado conseguem questionar aquilo que lhes é inculcado desde muito cedo, sem que haja um incentivo para isto, como Miguel estava tendo.

— E então, quem seria essa pessoa?

Dei de ombros.

— O nome dela é Margô. É só mais uma alma perdida que vaga à noite pelas calçadas de Copacabana. Foi ela quem me deu a ideia de ir pra Montana. — Bebi um grande gole do meu suco de laranja. — Ela conhece muita gente, inclusive ex-policiais civis que se tornaram detetives particulares em busca de estabilidade. Podemos pedir uma indicação a ela.

— Se foi ela quem te deu a ideia de ir para Montana, já gosto dessa pessoa.

Não consegui conter o riso e meus lábios se esticaram amplamente.

— Posso ligar então?

— Claro.

Ao terminarmos a refeição, usei o telefone do hotel para telefonar para o celular de Margô, que atendeu com péssimo humor, visto que costumava estar dormindo naquele horário e eu a estava incomodando. Como era esperado, ela quis saber tudo sobre minha estadia na cidade mais rica do país, só que não havia tempo de contar tudo, então fiz um resumo rápido, prometendo que depois contaria os detalhes e pedi a indicação de um bom detetive. Margô se mostrou alarmada por eu estar precisando de um e me deu o número do telefone daquele que denominou como sendo o melhor e mais procurado da cidade, a quem conhecia por ser sua informante, em troca de dinheiro, quando ele precisava.

Seu nome era Otávio Machado.

Foi Miguel quem telefonou. A princípio recebeu uma recusa do sujeito, que alegou estar ocupado em outro caso, porém, lhe fez uma oferta tão alta em dinheiro que nem o James Bond teria recusado e ao final do telefonema Machado afirmou que estaria em Goiânia dentro de três

dias para iniciar as investigações. Pelo que entendi da conversa entre os dois homens, o detetive não considerou o meu caso complicado, mesmo quando Miguel o informou de que a polícia podia estar envolvida, ele não se intimidou, se mostrando confiante ao afirmar que solucionaria tudo em poucos dias.

Com tudo resolvido, Miguel disse que o esperaria em Goiânia para acertarem todos os detalhes antes de irem ambos para Montana, separadamente para não levantarem suspeitas, claro.

Depois de tudo, tomamos nosso banho matinal juntos e fiquei surpresa quando encontrei uma dúzia de vestidinhos de malha confortáveis entre as roupas que Miguel me comprara. Ele realmente prestava atenção em mim, a ponto de saber o que eu gostava de vestir, mais uma dádiva que não ficou para qualquer homem.

Ainda naquela manhã, meu amor telefonou para o orfanato, informando que precisara fazer uma viagem de última hora, sem ter tempo de avisar, mas que em breve estaria de volta. Pediu que tomassem conta de tudo e

mostrou-se mais tranquilo depois de receber a promessa de que tudo correria como se ele estivesse lá.

Tiramos aquele dia para explorarmos a cidade, passearmos pelos seus pontos turísticos, que não eram tão variados, embora fossem agradáveis, como o parque Flamboyant, onde caminhamos as margens dos lagos e nos sentamos sob as sombras das árvores gigantescas para apreciar a brisa agradável do dia. Era impressionante como apesar do constante sol forte, ali não fazia o calor terrível que existia no Rio, durante aquela época do ano. A brisa fresca soprava praticamente durante todo o dia. Fomos ainda conhecer o monumento à paz e o museu da arte contemporânea, onde havia cerca de quinhentas obras expostas.

Voltamos para o hotel no final do dia. Apesar do cansaço que me assolava, não consegui recusar o convite de Miguel de irmos jantar fora, em um restaurante sofisticado no centro da cidade, que nos foi recomendado pela simpática recepcionista do hotel. Foi ela também que me confidenciou que havia uma loja de roupas de noite ao

lado do hotel, para onde telefonei enquanto Miguel estava no banho e descrevi como gostaria de um vestido para aquela noite. A entrega foi feita minutos depois, quando fiquei impressionada com a sofisticação e sensualidade do tubinho de seda preto, curto, colado, com uma alça apenas e as laterais em renda transparente, que impossibilitava o uso de uma calcinha. O traje, unido à sandália de salto alto da mesma cor e a maquiagem escura nos olhos e clarinha nos lábios, que caprichei em fazer, deixaram Miguel doido. Acho que ele ficou de pau duro durante todo o jantar e quase me matou de tanto sexo quando deixamos o restaurante, começando ainda no táxi que nos levou de volta ao hotel.

No dia seguinte, estava sozinha na cama quando acordei. No criado mudo, ao lado, encontrei um bilhete de Miguel avisando que precisara dar uma saída, mas que logo estaria de volta. Eu nem imaginava para onde ele pudesse ter ido. Supus que aproveitara que estava na capital para ir encontrar com seu pai que também estava na cidade cuidando dos negócios da família.

Como ainda era cedo e ainda me sentia cansada pelos esforços alcançados durante a noite anterior — embora não tivesse do que reclamar, pois foi bom até demais —, apenas virei para o outro lado e adormeci de novo.

Despertei novamente com o cheirinho delicioso de comida impregnado no quarto, quando então vi Miguel sentado à mesinha, ao lado do farto café da manhã, a comida me dando água na boca, me parecendo quase tão atraente quanto aquele homem. Ele estava especialmente lindo, usando jeans e camiseta de malha, com os cabelos meio bagunçados na frente e a barba sem fazer.

— Bom dia dorminhoca. — falou, com a voz grossa.

Aquele sorriso capaz de deixar qualquer mulher babando, brincava em seus lábios.

Espreguicei-me bastante na cama, deixando que o lençol escorregasse devagar de sobre o meu corpo nu, satisfeita ao ver que seus olhos acompanhavam o percurso do tecido branco.

— Onde você foi? — indaguei, antes de me levantar e enrolar o lençol no meu corpo para só então ir me sentar

ao seu lado, servindo-me de café com leite e pão fresco com presunto.

— Providenciar para que você fique bem acomodada e segura aqui em Goiânia quando eu voltar para Montana.

— Suas palavras me entristeceram. Embora sua ida fosse necessária, me doía pensar que o teria longe de mim. —

Nos poucos dias em que não estarei aqui com você. —

completou, como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

— O que você providenciou? Não vai me dizer que arranjou um segurança pra andar na minha cola.

— Como se eu fosse deixar outro homem andar na cola da minha mulher. Termine de comer, depois eu te mostro.

Como vinha acontecendo nos últimos dias, comi além da conta. Após a refeição, tomei um banho demorado e gostoso junto com meu amor, e só depois, deixamos o hotel, quando então Miguel me surpreendeu ao avisar que levaríamos nossas coisas e encerrou a conta.

Do lado de fora, o sol estava tórrido, embora a temperatura fosse amenizada pelo vento fresco que soprava constantemente. Assim que saímos, o manobrista

trouxe o Dodge preto de corrida e partimos rumo ao centro da grande metrópole. Atravessamos toda a cidade e deixamos o perímetro urbano, seguindo pela rodovia ao logo da qual se estendia algumas fábricas, terrenos desabitados e nada mais.

Muitos quilômetros adiante, quando minha curiosidade já não cabia em mim, finalmente adentramos os largos portões de um condomínio de luxo, muito bem guardado por seguranças uniformizados. O lugar parecia uma fortaleza e ao mesmo tempo uma mine cidade próspera, com as ruas limpas e arborizadas, onde as casas eram imensas e luxuosas.

Apenas quando paramos diante de uma delas, uma construção enorme, de um andar apenas, sem muro, com um jardim muito bem cuidado na frente, diante do qual havia um Audi vermelho, com vidros escuros, estacionado, Miguel me explicou:

— É só alugada. Para que você fique segura durante os dias em que eu não estiver na cidade. Aqui ninguém entra sem a prévia autorização dos moradores.

— Você não acha que está exagerado?

— Não posso arriscar que alguém te faça mal, Manu.

Eu não me perdoaria. E não sabemos quanto tempo o tal detetive vai demorar para provar sua inocência.

Eu precisava admitir que ele estava certo, em uma situação como aquela segurança nunca era demais, apesar do que sua partida me parecia mais desoladora que qualquer provável ameaça.

— Você tem razão.

Quando saltamos, Miguel entregou-me as chaves de um carro e falou:

— O Audi é seu, para que você possa ir à cidade quando quiser.

Fitei-o incrédula, depois olhei para o carro. Meu primeiro impulso foi o de recusar o presente, afinal era um modelo caro demais, todavia, quem recusaria um carro novinho?

— Adorei. Obrigada. — recebi as chaves da sua mão, para em seguida atirar-me em seus braços amados e buscar sua boca deliciosa com a minha.

Do lado do dentro a casa era ainda mais bonita, mobiliada com móveis de muito bom gosto, era composta por uma sala grande, cozinha americana, um corredor ao longo do qual se estendiam três quartos e um quintal com piscina, terraço e churrasqueira.

Não saímos de lá mais naquele dia, nem no dia seguinte, optando por ficarmos no quarto fazendo amor, na piscina tomando sol, ou apenas abraçadinhos na cama, quietos, conversando, quando pudemos constatar que não existia nada melhor que aproveitarmos a companhia um do outro.

No terceiro dia, uma manhã de quinta-feira, o nosso detetive chegou. Fiquei impressionada com sua aparência sóbria. Tinha cerca de quarenta anos, usava camisa e calça social e se portava de forma elegante e educada, muito diferente dos policiais civis grosseirões e mal vestidos que conheci no Rio. O encontramos em uma das salas de reunião de hotel, onde conversamos durante horas, narrando-lhe cada acontecimento desde o dia em que coloquei meus pés em Montana. Foi inevitável, o

detetive logo colocou Valentina e Felipe no topo da sua lista de suspeitos, embora também tenha mencionado a equipe que participava dos rachas junto com Miguel, que poderiam ter armado tudo aquilo a fim de deixá-lo na pior a ponto de voltar a participar das corridas e continuar sendo a lenda que se tornara naquele meio. Ainda ali, Miguel deu ao detetive uma grande quantia em dinheiro como parte do pagamento pelo serviço, sendo que o restante seria entregue depois que minha inocência fosse provada e que o verdadeiro culpado fosse entregue à polícia com provas suficientes para que estes não tivessem outra opção que não prendê-lo para evitar complicações com o Ministério Público. Ao final da conversa, Machado partiu para Montana em um carro modesto alugado.

Miguel tinha planejado voltar naquele dia também, porém, não recusou o meu pedido quando quis que ficasse comigo mais aquela noite, quando nos amamos como se fosse a última vez. No dia seguinte, partimos em busca de um hotel estrategicamente escondido na cidade, onde eu

pudesse estar com mais segurança e acabei ficando em uma casa alugada em um condomínio de luxo, seguro como uma fortaleza, com um carro novo à minha disposição e dinheiro suficiente para me manter com a maior tranquilidade.

Contudo, nem todo o luxo do mundo era capaz de suprir a falta que Miguel me fez quando se foi. Sem tê-lo perto de mim, meus momentos se tornaram um vazio imenso, o tempo não passava e minha vida parecia não fazer nenhum sentido. Apesar de nos falarmos por telefone a todo instante, a distância de Miguel me doía como se meu mundo estivesse acabado. Nem mesmo ir às compras quase todos os dias, passear no parque, ou jogar conversa fora com as outras mulheres que frequentavam a academia do condomínio, era capaz de preencher a solidão em que Miguel me deixara. Eu pensava nele durante as vinte e quatro horas do dia, queria tê-lo por perto, tocar sua pele, sentir seu cheiro gostoso, experimentar o sabor da sua boca. E isso porque passávamos horas nos falando por telefone. Nunca era a mesma coisa, embora fosse o que me impedia

de cair e depressão.

Meus dias sem aquele homem se arrastavam com uma lentidão insuportável.

Como se não bastasse tê-lo longe, eu pensava muito também em como Miguel se comportara na presença de Isabela, que já tinha deixado o hospital e o procurara para discutir a relação. Segundo o que ele me disse por telefone, contara a ela que estava apaixonado por outra mulher e rompera o noivado, e embora eu confiasse naquele homem, não consegui imaginar os dois conversando sem me sentir irritada, principalmente porque eu conhecia a dor de perder alguém como ele.

Com uma semana de investigação, Otávio Machado conseguiu provar o meu álibi à polícia, contratando uma mulher para se fingir de grávida e ir gravar toda a negociação com a velha enfermeira na clínica de abortos clandestina, publicando o vídeo nas redes sociais e enviando uma cópia do mesmo ao Ministério Público, para que o delegado não tivesse outra opção que não me isentar da acusação de tentativa de homicídio. No entanto,

o detetive ainda não tinha chegado a quem fez aquilo, embora afirmasse ter algumas pistas, as quais não nos revelava para que nossas emoções, não nos motivasse a interferir nas suas investigações. Essas foram as suas palavras, assim como me pediu para permanecer em Goiânia até que tivesse como provar suas suspeitas.

CAPÍTULO XXXII

Fazia exatos oito dias que Miguel tinha voltado para Montana. Era noite de quinta-feira quando, durante nosso interminável telefonema pré sono, ele disse que viria me ver na manhã seguinte e mal consegui dormir, tomada de expectativa.

Como queria que tudo estivesse perfeito quando meu amor chegasse, levantei-me bem cedo, tomei um banho demorado, coloquei a depilação em dia, sequei bem o cabelo, vesti um vestidinho curto e justo branco, com bojo em meia taça, que dispensava o uso de alças e preparei a mesa da varanda dos fundos com um farto e variado café da manhã, enfeitando-a com flores. Claro que com o meu novo apetite desenfreado não ia conseguir esperá-lo para

poder comer e devorei um sanduíche de queijo com presunto e suco de laranja, embora ainda tivesse espaço para acompanhá-lo enquanto fazia a refeição.

Pronta, cheia de ansiedade, sem saber a que horas exatamente ele chegaria, comecei a andar pela casa, que apesar de ter um andar apenas, era grande, composta pela sala, cozinha americana, um corredor longo onde havia três quartos e o quintal fofinho com uma piscina pequena, terraço e um lindo jardim florido. Era um lugar agradável, do qual certamente sentiria falta.

Ao olhar-me no espelho do quarto, tive uma ideia melhor e corri para o closet, onde troquei o vestido pelo biquíni mais minúsculo que havia lá. Era branco, de lacinho nos quadris, com tecido suficiente para tapar apenas o básico. Corri de volta para o espelho, à procura de celulite ou qualquer outro sinal de que meu corpo começava a mudar por causa da gravidez, mas não havia nada, eu continuava igual, com meus quadris largos como sempre, a cintura fina, o abdômen reto e os peitos fartos, um pouco maiores aliás, uma mudança única que me

deixou satisfeita.

Passei um pouco de bronzeador para dar luminosidade à pele e fui me espichar em uma das espreguiçadeiras perto da piscina, sob o sol fraco e gostoso daquela manhã de sexta-feira.

Não demorou muito para que a campainha tocasse e apenas gritei que a porta estava aberta, para em seguida ouvir sons de passos entrando.

— Estou aqui no quintal. — Completei, alterando o som da voz.

Seus passos se aproximaram e logo Miguel adentrou o quintal, lindo como uma miragem dentro de um jeans folgado, camiseta de malha e jaqueta de couro preta.

Tinha o cabelo meio bagunçado na frente e a barba ligeiramente crescida. Olhei em seu rosto e meu coração disparou no peito, meu sangue fervendo nas veias, um formigamento gostoso, já familiar, acontecendo na altura do meu ventre.

Putá merda! Que homem era aquele, capaz de me deixar excitada com apenas a sua presença.

— Oi. — Sua voz grossa e máscula encheu o ambiente, aticando ainda mais o fogo que queimava em minhas entranhas.

Aproximou-se de mim com passos largos, seus olhos brilhantes devorando meu corpo dentro do biquíni pequeno.

— Oi. Preparei seu café da manhã. — Levantei-me e me coloquei diante dele, sem desviar meus olhos dos seus. — Como foi de viagem?

— Tranquila e por aqui, como estão as coisas?

— Tudo bem. — Movendo meus quadris com sensualidade, fui até a mesa posta no terraço, ciente de que ele observava meu traseiro dentro do fio dental. — Ainda está quentinho. Quer comer agora? — Vire-me para ele, extasiada com o fogo refletido em seu olhar.

— Quero, mas não a comida.

Com alguns passos, Miguel eliminou a distância entre nós, atacando-me, agarrando-me pela cintura para tomar-me os lábios com uma fome descomedida, enfiando sua língua na minha boca com avidez, quase me deixando sem

fôlego.

Putá merda! Como eu tinha sentido falta de senti-lo daquela forma.

Tudo dentro de mim rebuliu, o mais primitivo dos desejos se alastrando, tomando conta de cada célula do meu corpo.

Excitada demais, coloquei-me na ponta dos pés, para que meu sexo estivesse na altura do seu e esfreguei minha intimidade na sua potente ereção, sendo recompensada por um gemido rouco abafado pelos meus lábios.

Miguel desceu sua boca para a pele do meu pescoço, enquanto explorava minha semi nudez com suas mãos habilidosas, me fazendo incendiar de encontro ao seu contato.

— Como senti saudades de você, meu amor. Achei que ia enlouquecer por passar tanto tempo sem te tocar. —

Miguel falou, sua voz rouca e ofegante.

— Eu também senti sua falta, Miguel. Já não sou nada sem você.

Empurrei sua jaqueta grossa pelos seus braços, até que

consegui tirá-la, para que em seguida, com aquela pegada que deixaria qualquer mulher de calcinha molhada, Miguel me erguesse do chão, apoiando as duas mãos na minha bunda, me fazendo pendurar nele e me carregou até a mesa do café. Afastou os pratos do seu caminho, alguns deles caindo no chão e sentou-me na beirada, voltando a atacar minha boca com todo gás, devorando-me, enquanto sua mão me percorria inteira, até se infiltrar no tecido minúsculo do meu biquíni e mergulhar entre meus grandes lábios, atingindo meu clitóris em cheio, massageando-o.

— Ahhh porra... que delícia... — Gemi na sua boca e abri mais minhas pernas, quando então Miguel escorregou seu dedo do meio para dentro da minha vagina lambuzada, movendo-o em vai e vem, no mesmo ritmo da sua língua na minha boca. — Ahhh. — Gemi ainda mais alto.

— Ah, Manuela como você é gostosa... Tem ideia de quantas noites sonhei com essa bocetinha quente, molhada e apertadinha devorando meu pau? Muitas noites. — Ele sussurrava na minha boca, enquanto eu me acabava de tesão no seu dedo todo enfiado em mim, me fodendo

devagar e gostoso. — Cheguei a me machucar tocando punheta pesando nela... ah delícia...

Aconteceu sem que eu esperasse. As paredes da minha vagina se contrariam, uma, duas, três vezes, como se mamasse o dedo dele e explodi, gozando gostoso na sua mão, meu corpo encontrando um certo alívio, embora o desejo escaldante ainda estivesse presente em cada célula minha.

Miguel retirou seu dedo do meu canal, levou-o à sua boca e sugou a minha lubrificação, seu rosto lindo contorcendo de prazer.

— Que delícia meu amor. — Sussurrou.

Incendiando de dentro para fora, levei a mão à barra da sua camiseta, puxando-a para cima, tirando-a pela cabeça e percorri meus dedos, ligeiramente trêmulos, nos músculos bem feitos do seu tórax, ficando ainda mais excitada.

— Ah Miguel... eu te quero tanto... — Sussurrei, beijando e lambendo seu peito gostoso.

Sem mais esperar, Miguel desfez o laço da peça

superior do meu biquíni, tirando-a com cuidado. Colocou meus dois mamilos entre seu dedo do meio e o polegar e fez aquela deliciosa massagem, deixando meu bico duro, enviando ondas de tesão que percorriam meu corpo como descargas de eletricidade. Com mãos habilidosas, me fez virar e subir na mesa, colocando-me de quatro em cima dos pratos, com a bunda empinada. Afastou o biquíni para o lado, abriu minhas nádegas com as duas mãos e trouxe sua boca para mim, ali atrás, sua língua gostosa dançando freneticamente bem e cima do meu clitóris , deliciosamente.

— Ahhh... — Gritei, descontrolada, e abri mais minhas pernas para ele.

Putá merda! Não existia homem mais gostoso que aquele.

Sua língua deliciosa passeava por todo o meu sexo, indo do clitóris para a vagina, enterrando-se toda nela, depois para o ânus, fazendo movimentos circulares e então parava, mordida minha bunda e recomeçava. Era difícil não ficar doida de tanto prazer e logo meu corpo

respondeu àquilo se retesando todo para anunciar a chegada do êxtase, quando então Miguel segurou meu ponto mais sensível entre seus lábios e sugou, levando-me de vez àquela deliciosa perdição. O orgasmo veio longo e intenso, fazendo todo o meu corpo se contorcer em cima da mesa, seu nome doce escapando da minha boca sem controle algum.

Eu estava toda mole, com meus membros pesados, quando Miguel me puxou de volta, me fazendo sentar novamente na borda da mesa, grudando seu corpo gostoso no meu. Contudo, bastou que me beijasse, chupando minha língua de maneira erótica, para que a languidez desse lugar ao fogo do desejo dentro de mim, o meio das minhas pernas voltando a latejar de ansiedade por senti-lo todo enterrado ali.

Assim, levei minhas mãos trêmulas ao zíper do seu jeans, quando então ele me deteve, segurando minhas mãos entre as suas.

— Isso não vai machucar o bebê? — Indagou.

Sorri divertida.

— Claro que não. Nunca machuca.

— Como você sabe?

— Eu ando lendo livros sobre gravidez.

Ele ficou me encarando em silêncio por um instante, para só então me ajudar com o fecho da sua calça, abrindo-o, tirando a peça pelas pernas junto com a cueca, exibindo o pau muito grande, grosso e deliciosamente duro, todo babado, uma visão que realmente me dava água na boca, além de muitas outras sensações libidinosas.

— Nesse caso. — Miguel falou, para em seguida atacar minha boca com a sua novamente, fodendo-a com sua língua ao mesmo tempo que usava as duas mãos para abrir minhas pernas e encaixar seus quadris entre elas.

Segurou seu membro pelo meio, esfregando-o na entrada lambuzada da minha vagina e entrou em mim, devagar, sua rigidez escorregando lentamente na minha carne macia e úmida, esticando-a, tão gostosamente que me deixava a ponto de enlouquecer.

Apartei minha boca da sua e inclinei meu corpo para trás, apoiando as duas mãos no tampo da mesa atrás de

mim, abrindo mais minhas pernas para recebê-lo ainda mais fundo, gemendo alto, chamando seu nome com súplica, tomada por uma luxúria gostosa.

Miguel acelerou os movimentos dos seus quadris, entrando e saindo depressa, estocando cada vez mais duro e fundo. Quando o acesso do seu corpo ao meu se tornou insuficiente naquela posição, me fez deitar de costas na mesa, pendurou minhas pernas em seus ombros e meteu ainda mais forte, mais brusco, sua pélvis se chocando contra a minha, fazendo muita pressão, deixando-me alucinada a ponto de gritos saltarem da minha garganta.

— Não vai dar para segurar, gata... goza comigo, vai...

— Praticamente grunhiu, excitado demais.

Como sempre, meu corpo reagiu ao comando da sua voz e se retesou inteiro. Sem desviar meu olhar do seu, levei minhas mãos ao seu peito sólido e minhas unhas crescidas se enterraram na sua carne, sem que eu tivesse controle sobre isto. Foi assim que explodimos juntos, entre gritos e gemidos, as paredes da minha vagina se contraído e relaxando em volta da sua rigidez, seus

espasmos fortes tornando tudo mais intenso, seu esperma quente jorrando dentro de mim com abundância. Nossos corpos ondularam juntos, em perfeita harmonia, até que ficamos imóveis, sem forças, quando então Miguel tirou minhas pernas dos seus ombros e deitou-se sobre mim, colando seu corpo suado no meu, tomando-me a boca em um beijo calmo, agraciando-me com as batidas aceleradas do seu coração de encontro à minha pele.

Quando se retirou de mim, levantando-se, puxando-me para cima, observei o café da manhã que preparei completamente destruído sobre a mesa, embora não pudesse dizer que lamentava por isto.

— Acho que vou ter que preparar outra coisa pra você comer. — Comentei.

Miguel sorriu lindamente.

Como se estivesse hipnotizada, desviei meu olhar do seu rosto para observar seu corpo totalmente nu, o tórax bem definido, a abdômen sarado, as coxas grossas, o pau, que mesmo semiereto, era enorme e estava todo lambuzado, do meu gozo e do seu.

Putá merda! Como podia ser tão lindo? Quanto mais o olhava, mais o desejava.

— Não se preocupe com isso. Não estou com fome.

Comi um pacote de biscoitos no caminho.

— Tem certeza?

— Sim e você já tomou seu café?

— Já.

Não havia muito o que falarmos, já que conversamos todos os dias por telefone, às vezes mais de três vezes por dia. O que havia muito era saudade para matar e uma energia extremamente sexual nos envolvendo.

Atendendo a isto, Miguel me pegou em seu colo, cuidadosamente e me carregou para dentro da casa, direto para o quarto, que devia estar friozinho, visto que deixei o ar condicionado ligado.

— Nesse caso, vamos matar nossa outra fome. — Foi o que ele disse e sorri de pura satisfação.

Não conseguimos mais nos desgrudar durante aquela manhã e teríamos avançado pela tarde se a fome por comida não tivesse me assolado. A fim de que eu não

esperasse, Miguel telefonou para um restaurante que encontrou num site da internet e pediu a comida já pronta, um verdadeiro banquete, com vários tipos de carnes, saladas e purês, que devorei sem o menor constrangimento.

Depois da refeição, nos espichamos nas espreguiçadeiras perto da piscina, lado a lado, eu usando o biquíni, ele só de cueca, sob a proteção de um guarda

sol, curtindo a proximidade um do outro, envolvidos por uma paz gotosa, tomados por uma felicidade genuína.

— Você ainda vai sentir tesão por mim depois que eu estiver igual a uma baleia? — Indaguei, pensando no tanto que tinha comido.

Miguel soltou uma sonora gargalhada e deitou-se de lado para fitar-me no rosto.

— Claro que vou. Gorda ou magra você sempre será linda, Manu.

— Pela quantidade que esse seu filho me faz comer, acho que vou ficar imensamente gorda.

— Não culpe nosso algodãozinho. Desde que te conheço, você tem esse apetite de leão.

Lembrei-me da ocasião em que ele me levou para jantar, quando me encontrou na pracinha, estava morrendo de fome, depois de um dia inteiro procurando emprego.

Foi a minha vez de sorrir.

— Acho que a primeira impressão é a que fica. —

Comentei, divertida.

— Nada disso, mesmo quando está de barriga cheia,

você come muito.

— Você chamou nosso filho do quê? — Indaguei, a fim de mudar de assunto, pois estava começando a ficar constrangida.

Miguel sorriu de novo.

— Algodãozinho. Porque imagino ele fofinho e macio.

— Miguel, a gente usa algodão pra limpar a bunda do bebê.

— A daí? Foi só um apelido bobo.

— Tomara que não pegue.

— Então me diz como vamos chamá-lo.

Depois de quase uma hora de discussão, conseguimos chegar ao consenso de que se nosso bebê fosse menina, se chamaria Ana Clara e se fosse menino seria Miguel filho. Confesso que fiquei torcendo para que fosse menino, só para ter dois Migueis em minha vida. Se era magnífico ter um, imagina dois.

Continuamos

ali

tagarelando,

completamente

relaxados, felizes e apaixonados. Cochilamos um pouco, só para acordarmos cheios de tesão e mais uma vez nos entregarmos um ao outro sem reservas, amando-nos loucamente.

Não saímos de casa naquele dia e no dia seguinte, Miguel me convenceu a irmos a um obstetra no centro de Goiânia, cuja indicação consegui com um amigo que morava na cidade, a fim de iniciarmos um pré-natal para termos certeza de que nosso pequenino teria um desenvolvimento saudável.

Como quase sempre, o dia amanheceu ensolarado e fresco, com a brisa gostosa esvoaçando as folhas das árvores que se estendiam em uma fileira ao longo da rua onde se situava a casa dentro do condomínio, dando-lhe um aspecto de aconchego. Saímos no seu Dodge preto esportivo de corrida, Miguel dirigindo em alta velocidade através da rodovia que dava acesso ao perímetro urbano da capital Goiânia. Percebi que ele estava aflito, direcionando sua atenção ao mesmo tempo para a pista e

para o retrovisor.

— Algum problema? — Perguntei.

— Não sei se é impressão minha, mas acho que tem alguém nos seguindo.

Fitei-o em pânico e instintivamente cobri o meu ventre com minhas duas mãos.

— Como é? — Olhei para trás, mas era impossível distinguir entre os outros carros quem estaria atrás de nós.

— Quem é?

— Fica calma, Manu. Ainda não tenho certeza de nada.

— Apesar das palavras, pude sentir sua aflição. — Está vendo aquele carro azul pequeno? — Gesticulei que sim.

— É um Aston Rapide. Não se vê muito desse carro no Brasil, a não ser em corridas de racha. Ele estava parado do outro lado da rua quando deixamos o condomínio, assim que saímos fez a volta e desde então não saiu da nossa cola.

— E isso significa o quê? — Eu estava cada vez mais apavorada.

— Significa uma encrenca das grandes se for o que

estou pensando. Antes de mais nada precisamos ter certeza de que está mesmo nos seguindo.

CAPÍTULO XXXIII

Meu coração batia descompassado por causa da adrenalina, meu sangue gelava nas veias. Miguel agia como se estivesse apostando uma corrida, colocando o carro a duzentos por hora em uma rodovia movimentada pelo tráfego, ultrapassando perigosamente os demais veículos. Sem reduzir, deixou a rodovia, entrando em um desvio que levava ao aeroporto e mesmo após percorrermos alguns quilômetros, o carro azul continuava atrás de nós, com a mesma velocidade.

— Mas que merda! O que esse cara quer? —

Praticamente gritei, alarmada, mil possibilidades se passando em minha mente.

— Não faço ideia. Procura na internet onde tem uma delegacia perto daqui.

Compreendendo o que ele pretendia, liguei meu iPhone, usando a barra de pesquisas do Google para localizar a delegacia mais próxima, havia uma a cerca de

uma hora, só que precisaríamos voltar para a rodovia para chegar lá.

— Volta pra rodovia, temos que ir por lá. — Declarei, aflita.

Alguns metros mais adiante, Miguel fez uso de muita experiência com o volante para entrar em um retorno reduzindo pouquíssimo a velocidade sem nos fazer capotar na curva fechada, todavia, o sujeito que dirigia o carro logo atrás também era experiente e antes que conseguíssemos completar a volta, emparelhou conosco, chocando-se contra nós, não com o intuito de nos tirar da estrada, já que havia uma amurada resistente de cimento ali, pelo visto queria nos forçar a parar.

— Não para, Miguel! — Gritei, apavorada, meu coração quase saindo pela boca.

— Quer droga! Quem é esse cara? — Miguel estava tão aflito quanto eu.

Revidou ao ataque, fazendo o Dodge se chocar contra o outro carro, forçando-o a reduzir, mas ainda assim, não conseguiu ultrapassar como pretendia, pois o outro carro

também era muito veloz.

Já tínhamos saído do retorno, voltando a correr em linha reta na pista de mão única, quando o outro sujeito voltou a arremeter-se contra nós com tudo, fazendo o Dodge se arrastar pela amurada por alguns metros, quando por pouco não capotamos.

Miguel pisou fundo, indo a mais de duzentos por hora, tentando nos livrar do ataque, todavia, oponente era implacável e logo estava emparelhado conosco novamente. Antes que ele fizesse uma nova investida, que poderia ser fatal, Miguel reduziu, praguejando entredentes e por fim parou no acostamento, nosso agressor parando logo atrás.

— Fica aqui, vou ver o que ele quer. — Miguel declarou.

Aflita, sobressaltada, agarrei na manga da sua camisa, como se fosse capaz de segurá-lo ali dentro.

— Por favor não faz isso, não sai desse carro. Vamos chamar a polícia.

— Não há tempo para isso.

Com isto, saiu do carro, travando todas as portas pelo lado de fora, aprisionando-me, deixando-me desesperada. Através do vidro, vi o outro motorista saindo também e imediatamente reconheci o rosto de Davisson, o oponente de Miguel no racha que morava em Anápolis, a quem eu tinha visto apenas uma vez, na noite em que corri junto com ele na competição. Tinha a face contraída de raiva e mantinha uma das mãos dentro da jaqueta, como se pretendesse sacar uma arma a qualquer momento, enquanto falava com Miguel, sem que eu ouvisse o que diziam.

Desesperada, liguei o carro e comecei a apertar todos os botões do painel, muito mais complexo que de um carro comum, até que consegui destravar a porta e saí, aproximando-me dos dois homens com minhas pernas trêmulas.

— O que tá acontecendo? — Indaguei, sobressaltada.

Ao me ver, Miguel se colocou na minha frente, formando uma espécie de barreira entre mim e Davisson, de frente para ele.

— Volta pro carro, Manuela. — Ordenou, sem desviar seu olhar do outro homem.

— Ah, aí está ela. — Davisson falou, encarando-me com olhos demoníacos. Era um sujeito alto e musculoso, tinha a cabeça raspada, os braços cobertos por tatuagens horríveis de caveiras e o rosto extremamente rude. — É com você mesmo que quero falar.

— Falar o quê? — O desafiei.

— Isso. — Ele puxou a mão de dentro da jaqueta, empunhando uma pistola, apontando-a direto para mim, quando pude ver toda a minha vida se passar diante dos meus olhos.

O que aconteceu em seguida foi muito rápido. Um Mercedes cor prata aproximou-se, freando bruscamente ao nosso lado, cantando pneus no meio da pista, quase fazendo o carro de trás chocar-se contra ele, e mesmo antes de sair, o homem que se encontrava no assento de passageiros nos apontou um revólver, dando dois disparos, que acertaram Davisson em cheio, na perna e no ombro, o que foi suficiente para levá-lo ao chão, embora

não deixasse desacordado, quando então Miguel aproveitou para tirar a pistola da mão dele, jogando-a longe antes de vir passar o braço em torno da minha cintura, protetoramente.

O Mercedes estacionou no acostamento, logo adiante e quem saltou foi o detetive Machado, junto com outro homem, o que tinha atirado, a quem não reconheci. Este carregava um iPhone, com o qual filmava tudo à sua volta.

— Desculpem a demora. — Machado falou. — Tentei segui-los de perto, mas vocês correm demais.

— Obrigada, cara. — Miguel falou, seu rosto muito pálido. — Nem sei como te agradecer.

— Não precisa agradecer. Esse é meu trabalho. E esse é meu parceiro Rodrigo. Ele está gravando porque a polícia de Montana é comprada, de modo que se precisa de provas para tudo.

O homem magro e baixinho com cerca de trinta anos e olhos escuros sagazes, nos cumprimentou com simpatia.

— Gente o que está acontecendo aqui? — Eu quis saber.

— Davisson nos seguiu para te matar, Manu. — Miguel explicou. — Ele me disse isso enquanto você ainda estava no carro.

— Me matar porquê?

Miguel não respondeu, apenas olhou para Machado, como se também esperasse uma explicação.

— Me desculpem não ter falado nada, mas o segredo é a alma do meu negócio, pois os clientes costumam interferir negativamente quando sabem das coisas, espantando os suspeitos. Há dias estou na cola desse sujeito, foi ele quem atirou em Isabela e participou da armação contra você, Manuela.

— Se você sabia, por que permitiu que ele nos encontrasse? — Miguel indagou, injuriado. — Ele podia ter atirado em Manuela.

— Era exatamente o que eu estava esperando: que ele te seguisse de Montana até aqui e assim eu tivesse provas para acusá-lo.

— Cara você colocou a vida da mulher que eu amo em risco.

— Não coloquei, Miguel. Eu jamais deixaria que ele chegasse ao fim. — Machado se defendeu.

— E por que ele queria me matar? — indaguei, tentando entender.

— Ele não está sozinho. — Machado foi até o carro de Davisson, abriu a porta e puxou pelo braço a pessoa sentada no assento de passageiros, era Kátia, a mulher que estava com Miguel na noite em que participamos juntos de um racha. Puxo-a pelo braço até diante de nós.

— Oi Miguel. — Kátia disse, com a voz pastosa, deixando claro que estava completamente drogada.

— Você Kátia? — Miguel parecia cada vez mais atônito.

Kátia desviou seu olhar para o chão e Machado continuou:

— A amiga de Larissa, a empregada de Felipe, deixou escapar que você pretendia fazer um aborto naquela tarde, quando então esses dois resolveram colocar em prática o que vinham planejando há dias. — Enquanto ele falava, a lembrança projetou-se em minha mente, pude ver

claramente o homem tatuado e careca dormindo no quarto da casa de Miguel em Montana, na ocasião em que Kátia me disse que ele tinha ficado noivo de Isabela. Eu estava tão abalada, que não me atentei para o fato de que aquele cara na cama era Davisson. — O objetivo deles era que Miguel ficasse na pior, por perder a noiva e ver Manuela sendo presa por isto, para que voltasse para as corridas. Cada um motivado por causas diferentes. Davisson cavava uma revanche, por orgulho em ter perdido o título de campeão regional. Quanto à Kátia, queria que Miguel continuasse bancando festas regadas a drogas e bebidas na casa dele.

— Isso não é verdade. — Kátia retrucou. — Tudo o que fiz foi por amor. — Olhou diretamente para Miguel. — Eu te amo, Miguel. E só fiz isso porque queria ter você pra mim.

Miguel a encarou com repúdio.

— Ah, o amor. Algumas pessoas costumam colocar a culpa nele como se isso fosse capaz de amenizar a gravidade dos seus atos, ou até mesmo de torná-los

nobres, ao invés de criminosos. — Machado falou.

— Você não vale nada, Kátia. — Miguel esbravejou e a garota desviou seu olhar para o chão novamente. — Eu devia estar mesmo muito cego para confiar em pessoas como você.

— Bem, acho que esse caso se encerra aqui. — O detetive continuou. — Rodrigo, por favor chame uma ambulância para o rapaz antes que ele sangre até a morte.

— Isso significa que nem Felipe nem Valentina estavam por trás disso tudo? — Falei, quase para mim mesma e senti o corpo de Miguel estremecendo de encontro ao meu.

— E o que isso significa pra você? — Ele perguntou.

— Nada. Só acho que devo um pedido de desculpas a Felipe por tê-lo julgado mal.

Me arrependi por ter aberto a boca no instante em que Miguel tirou seu braço da minha cintura, provando que seu ciúme nunca teria fim.

— Vocês gostariam de fazer uma declaração? — O parceiro do detetive indagou, ainda gravando tudo à nossa

volta. — O vídeo vai ser postado no Youtube.

— Agora não, estou sem cabeça. — Falei e Miguel também recusou.

Pouco tempo depois, a polícia e a ambulância chegaram, quando Davisson foi levado para o hospital e todos nós para a delegacia de Goiânia, onde permanecemos durante horas, prestando depoimento sobre o caso, que agora seria apurado por lá, de modo que não teria mais nenhuma ligação com a delegacia de Montana, o que me proporcionou um grande alívio.

Quando deixei o prédio antigo que sediava a delegacia, ao lado de Miguel, fui invadida por uma magnífica sensação de liberdade, a qual, unida à certeza de que minha vida mudaria definitivamente e de que estava ao lado do homem que tanto amava, me trazia uma felicidade genuína, indescritível. Finalmente eu podia voltar para Montana, onde viveria ao lado de Miguel no orfanato onde era nosso lugar. O que poderia ser mais perfeito? Naquele dia, almoçamos junto com Machado e seu parceiro em um restaurante movimentado no centro da

cidade, onde Miguel lhe pagou o restante do dinheiro pelos serviços prestados e onde dei minhas declarações a respeito do caso para o vídeo que o parceiro dele fazia. Falei como me senti injustiçada por ter sido acusada por um crime que não cometi, ressaltando a forma como fui tratada na delegacia, tendo meu álibi amplamente rejeitado, sequer investigado pela polícia, simplesmente porque eu não era filha da cidade, porém deixei claro também o quanto agora estava feliz, esperando um filho do homem que amava, tendo a chance de mudar a minha vida como sempre desejei.

À tarde, depois que tudo estava resolvido, conseguimos uma brechinha na agenda do obstetra com o qual tínhamos marcados e fomos ao seu consultório, onde o médico realizou uma ultrassonografia e nos garantiu que nosso algodãozinho estava se desenvolvendo muito bem. Receitou-me algumas vitaminas, recomendou-me que não me deixasse intimidar pelo meu apetite desenfreado, pois ele significava que nosso bebê tinha muita força e crescia depressa e marcou outra consulta de rotina para o mês

seguinte.

Miguel sugeriu que voltássemos para Montana ainda naquele dia, todavia, recusei, alegando que estava cansada, como de fato me sentia e passamos mais aquela noite na casa do condomínio, entregues à paixão visceral que nutríamos um pelo outro — porque para isto não havia cansaço que desse jeito —, a qual parecia se intensificar mais a cada momento que passávamos juntos. No mesmo dia, o parceiro de Machado publicou o vídeo que gravara do momento em que atirou em Davisson no seu canal no Youtube, um canal no qual havia vários outros vídeos de soluções de casos que ambos investigavam. Trazia todas as informações sobre o caso, com detalhes, e teve tanta repercussão, que quando cheguei ao orfanato com Miguel no dia seguinte, fui recepcionada com flores, presentes e por um coral feito pelas crianças, ensaiado pelas professoras, tudo tão lindo que só consegui chorar de emoção, percebendo que finalmente eu tinha encontrado meu lugar no mundo, meu verdadeiro lar.

No mesmo dia em que chagamos, à tarde, Valentina foi procurar Miguel, entrando no casarão com a petulância de sempre, se comportando como se fosse dona de tudo.

Passou quase duas horas trancada no porão com ele, para depois sair chorando. No dia seguinte, ela viajou para a Europa e eu só esperava que não voltasse mais e se voltasse, que trouxesse junto um marido e pelo menos quatro filhos que a mantivessem ocupada o suficiente para não pensar mais em Miguel.

De todas as surpresas boas, a mais bela, aconteceu alguns dias depois, quando Miguel me convidou para jantar fora e pela primeira vez desde que passamos a dormir no mesmo quarto, deixamos o sossego de Santa Maria para irmos à cidade.

Era noite de sexta-feira, como ele me disse que seria uma ocasião especial, caprichei no visual, colocando um vestido de chiffon creme, curto, levinho e com um decote quadrado que me dava um ar de sofisticação. Completei o traje com sandálias sem saltos, para evitar o surgimento de varizes, comum durante a gestação e preendi o cabelo

em um penteado meio desorganizado.

— Uau! Está linda! — Miguel falou, quando desci a escadaria do casarão para encontrá-lo na sala.

Ele estava perfeito como sempre, dentro de uma camisa de mangas compridas de seda e calça social, mostrando que ficava bem com qualquer estilo de roupa.

— Você também está muito bem. — Contornei meus braços em torno do seu pescoço, enquanto ele me abraçava pela cintura, aproximando muito seu rosto da minha pele, o calor gostoso da sua respiração me acariciando do ombro até o queixo, deixando-me toda arrepiada. — Não vai me dizer o que estamos comemorando?

— Ainda não. Agora vamos sair daqui antes que eu perca a cabeça e borre toda a sua maquiagem.

Como ele tinha atendido ao meu pedido de se livrar do seu carro de corrida, partimos no seu novo carro, um Audi de última geração, espaçoso e lindo. O restaurante para onde fomos, ficava na área mais nobre da cidade, um bistrô requintado que servia comida francesa e tocava

música ao vivo, na voz melodiosa de uma mulher, onde fomos direcionados pela simpática recepcionista à nossa mesa previamente reservada.

Notei que muitas pessoas nos observava, algumas das quais Miguel cumprimentava com familiaridade. Temi pela hostilidade que antes me foi direcionada, todavia, desta vez percebi que as pessoas se mostravam mais simpáticas e joviais, certamente por terem assistido ao vídeo que Rodrigo postara no Youtube e também por verem o quanto Miguel estava feliz do meu lado.

Ao som de violinos, pedimos lagostas e coquilles Saint Jacques, uma refeição deliciosa que saboreamos mergulhados na tranquilidade gostosa, quase melancólica, proporcionada pelo ambiente.

Tínhamos terminado de comer e apenas bebíamos nossos Clericot de água tônica, envolvidos em uma conversa gostosa, sobre tudo e ao mesmo tempo sobre nada. Notei que Miguel parecia meio nervoso, o que se confirmou quando ele subitamente pediu licença, levantou-se e gesticulou para a cantora que acabava de

encerrar uma música, no palco pequeno, ao lado de um piano. A mulher de cabelo cacheado negro, usando um vestido longo brilhante, simplesmente deixou o palco, carregando o microfone, vindo em nossa direção, sorridente.

— Boa noite, Manuela. Essa música é de Miguel para você. — Ela disse, no microfone, de modo que todos no restaurante ouviram e se viraram para nos observar.

Em seguida, acompanhada unicamente pelo som do piano, tocado por um homem idoso, começou a cantar *A Thousand Years*, da Christina Perri, a trilha sonora do encerramento da Saga Crepúsculo no cinema, minha música favorita no mundo todo. Ela cantava tão perfeitamente, com a voz tão doce e afinada, que me emocionei, as lágrimas marejando meus olhos.

Miguel estendeu-me a mão, me fazendo ficar de pé, quando então tirou a caixinha preta revestida com veludo do bolso da sua camisa e abriu, revelando o par de alianças de ouro delicadas. Ajoelhou-se diante de mim, ali na frente de todo mundo, e falou:

— Não existem palavras que possam descrever o amor que sinto por você, Manuela, então pensei nesse gesto, para que você saiba que não é apenas a mulher por quem sou capaz de me perder, mas aquela com quem desejo passar o resto da minha vida. Você aceita se casar comigo?

Sorri, emocionada, deixando as lágrimas rolarem

soltas

pelo

meu

rosto,

meu

coração

batendo

descompassado no peito. Quando deixei o Rio de Janeiro

para vir morar em Montana, eu trazia comigo o objetivo

de conquistar um bom homem que me tirasse daquela

vida, todavia, nem em mil anos, imaginei que conquistaria

algo tão maior como era amar e ser amada por Miguel. A

impressão que eu tinha, era de que minha vida estava

começando ali, antes, sem aquele homem, eu sequer existia de verdade.

— Mas é claro que eu quero. — Respondi, com a voz trêmula, quando então, todo o restaurante explodiu em aplausos e assovios.

Miguel levantou-se tirou as alianças da caixinha,

colocando uma no meu dedo anelar e a outra no seu.

Abraçou-me pela cintura, aconchegando meu corpo ao dele e beijou-me até que eu estivesse sem fôlego.

Quando a música terminou, nós ainda estávamos abraçadinhos, nos embalando lentamente ao sabor da melodia, alheios às dezenas de olhos que nos observava.

Sem que palavras fossem necessárias, Miguel pagou a conta e me levou para a sua casa sem muros, onde o vi bêbado e drogado uma vez , um episódio que só queria esquecer.

A mansão estava toda iluminada com luzes fracas douradas, com pétalas de rosas espalhadas pelo chão, desde a entrada até o quarto para onde fomos terminar a nossa noite, uma noite de amor capaz de apagar todas as

outras lembranças daquele lugar e que jamais seria esquecida.

EPÍLOGO

Santa Maria, três meses depois.

Da janela do quarto no terceiro andar do casarão, olhei a movimentação lá embaixo e meus olhos marejaram de lágrimas. O espaço externo do orfanato, próximo à piscina, nunca esteve tão lindo, todo enfeitado com flores, repleto de mesas e cadeiras para acomodarem os convidados, um bufê de dar água na boca estava servido e havia um palco de madeira recentemente montado, onde a cantora que nos embalou com sua voz melodiosa quando Miguel me pediu em casamento, faria um show ao vivo. Porém, o que mais me emocionava, era a quantidade de pessoas empenhadas em organizar a minha festa de casamento, demonstrando um carinho absurdo por mim e por Miguel, da forma como eu não esperava — pelo menos não para comigo —. Entre essas pessoas, estava toda a família do meu futuro marido, que demonstrava grande afeição a mim, embora pouco me conhecessem,

inclusive sua irmã mais nova, Thalita, que veio da Europa especialmente para a ocasião. Todos os funcionários do orfanato também estavam lá ajudando, mesmo sendo domingo, apenas algumas delas cuidavam das crianças, ensaiando o coral que elas formariam.

A cerimônia religiosa, indispensável para Miguel, seria realizada na capela pequena, no início da tarde, pouco antes da festa, pelo novo padre, um velho ancião, que apesar de ser brasileiro vivia na Itália há anos, um dos orientadores de Miguel durante seu seminário, que veio para o Goiás especificamente para substituí-lo. Era um homem franzino e sábio, para quem Miguel me fez confessar meus pecados, na sua incansável tentativa de me converter ao catolicismo, todavia, eu só conseguia olhar para a cara do pobre homem e imaginar o quanto ele certamente ficara chocado com tudo o que ouviu da minha boca.

Faltava poucas horas para o início da cerimônia, eu já estava usando o vestido de noiva branco, com bojo em meia taça sem alças, todo folgadoinho para disfarçar minha

barriga que começava a crescer, esvoaçante, ornamentada com pérolas minúsculas, de modo que faltava apenas terminar o penteado e a maquiagem que Thalita e Helena me ajudavam a fazer, quando houve uma batida na porta do quarto.

— Quem é? — Perguntei.

— *Miguel*. — sua voz linda partiu do outro lado da porta.

— Ah, não vai entrar aqui não! — foi Thalita quem falou.

— Nem pensar em ver a noiva usando o vestido antes do casamento.

— É importante. — havia seriedade demais no tom de sua voz, o que me sobressaltou.

— Deixa ele entrar, Thalita. Essa coisa de não poder ver a noiva antes do casamento é pura superstição. — falei.

— Vocês são quem sabem. — Thalita deu de ombros e foi abrir a porta para que o irmão avançasse pelo quarto.

Estava mais lindo que nunca, usando um terno preto e gravata, com os cabelos lambuzados de gel, penteados para cima, organizados como não era de costume.

— Uau! Você é a noiva mais linda que já vi. — ele falou,

varrendo-me de cima à baixo com seu olhar brilhante.

— Você também está lindo. — respondi, sem conseguir conter a emoção.

— Preciso falar com você a sós. — declarou, olhando para as outras duas mulheres.

Demonstrando a personalidade forte que tinha, Thalita sentou-se na beirada cama e cruzou os braços diante do corpo, determinada.

— Daqui eu não saio. — falou. — Você já quebrou a regra de não poder ver a noiva antes da hora, não vou deixar vocês a sós. — para completar, segurou Helena pelo pulso quando esta tentou sair, detendo-a.

— Então fica aí, Thalita, mas vê se mantém sua boca fechada. — Miguel sabia que era inútil discutir com a irmã. Seu olhar assumiu uma expressão indecifrável quando voltou a me encarar. — Manu, preciso te contar uma coisa, por favor não fique com raiva de mim. — um frio atravessou meu estômago, antes que ele continuasse.

— Algum tempo depois que o parceiro do Machado colocou aquele vídeo no You Tube, sua mãe me procurou.

— processei a informação e meu coração falhou uma batida. — Ela queria te ver, mas não sabia se você a receberia. Então a convidei para o nosso casamento. Ela está aí fora, junto com seu pai e sua irmã.

Refleti por um instante, tentando descobrir se tinha ouvido direito, ou se por acaso não estava sonhando.

— O quê? — foi o que saiu da minha boca, quase num gemido.

Miguel segurou minhas duas mãos.

— Isso mesmo que você ouviu, meu amor. Sua família sente sua falta. Ficaram todos preocupados depois que viram o vídeo. Já garanti a todos que você está bem, agora querem ver você.

Eu não sabia nem o que pensar, tampouco sabia como agir.

Há muitos anos aquelas pessoas me expulsaram de casa, sem um centavo no bolso e sem que eu tivesse para onde ir, de modo que fui obrigada a viver perambulando pelas ruas, me prostituindo para ganhar o meu sustento, passando todo tipo de humilhação na mão daqueles homens, suportando o frio das madrugadas e a

discriminação de toda uma sociedade. Por outro lado, eram a minha família também, me deram amor até quando errei feio e me tornei desmerecedora dele. Será que depois de tudo, ainda poderia haver amor entre nós?

— Posso deixar eles entrarem? — Miguel quis saber.

Nervosa, apartei minhas mãos das dele e as esfreguei na saia do vestido, tentando secar o suor frio.

— Eu não sei. Faz tanto tempo que não os vejo.

— Manu, eles te amam. Estão arrependidos pelo que fizeram. Durante todos esses anos estiveram tentando te localizar. — olhou dentro dos meus olhos antes de continuar. — Meu amor, eles te amam e precisam do seu perdão. Você sabe o valor do perdão, não é?

Ele estava se referindo a nós dois, ao fato de ter me perdoado para que pudéssemos ser felizes como de fato estávamos sendo. Foi então que meus olhos se encheram ainda mais de lágrimas, lágrimas de emoção.

— Deixa eles entrarem então. — falei, com a voz trêmula.

Miguel sorriu amplamente e plantou um beijo em minha testa, para em seguida ir abrir a porta.

Minha família entrou, meus pais e minha irmã. Bastou-me olhar no rosto deles para que o receio de que não houvesse mais amor entre nós caísse por terra, eu ainda os amava e amava muito, os anos distantes não mudaram isso. Era como se nunca tivéssemos nos separado.

Inclusive a aparência deles quase não tinha mudado.

Minha mãe continuava a mulher esguia e elegante de sempre, com seus cabelos negros, curtos e a pele bem cuidada, muito parecida com Paula, minha irmã; meu pai estava um pouco mais gordo, embora ainda fosse o homem vigoroso de sempre, com tórax musculoso e as feições marcantes, parecidas com as minhas; Paula estava uma mulher feita, linda, com os cabelos crescidos, esguia e elegante como nossa mãe.

— Minha filha, como você está? — foi minha mãe quem quebrou o longo silêncio, sua voz trêmula, os olhos cheios de lágrimas, visivelmente emocionada.

— Estou feliz, mãe.

Miguel acenou discretamente com a cabeça e mal percebeu quando Thalita e Helena o seguiram para fora do quarto.

— Será que você pode nos perdoar pelo que fizemos?

Era estranho ouvi-la dizendo aquilo, pois na minha cabeça eu sempre fui a errada, sempre fui quem deveria pedir perdão.

— Não há o que perdoar.

Foi então que ela se aproximou de mim devagar e me abraçou.

Fui tomada por uma onda de afeto tão intensa que desabei, chorando como uma criança, abraçando-a de volta, dando-me conta de que sentira falta de todos eles muito mais do que tinha percebido.

Paula juntou-se a nós, também chorando, para o abraço triplo e assim ficamos por um longo momento, antes de nos apartarmos.

Meu pai sempre foi o mais difícil, mentor da ideia de me expulsar de casa, mostrou-se também arrependido, com poucas palavras e me abraçou, pedindo e recebendo o meu perdão.

Minha cerimônia de casamento foi mais linda do que um dia pude sonhar. A capela, tão pequena que alguns dos

convidados precisaram ficar em pé, estava toda ornamentada com flores brancas, laços de cetim e um tapete vermelho que ia da entrada até o altar; duas das crianças iam adiante de mim, jogando pétalas de rosas no chão; meu pai me levou até o altar. Tudo isso sob o som gostoso da marcha nupcial entoada pelas vozes infantis que formavam um lindo coral.

Estava tudo perfeito, uma atmosfera de paz e felicidade envolvendo todos nós durante todo tempo, até mesmo durante a festa animada que se seguiu no pátio, sob o sol gostoso da tarde, quando mais convidados foram chegando, amigos de infância de Miguel, entre eles Felipe e Larissa, para quem fiz questão de enviar um convite.

Não pude deixar de ir falar com eles, me desculpar com Felipe, apesar de não ser culpada de muita coisa, quando fiquei ainda mais feliz por saber que Larissa esperava um filho dele e em breve ambos se casariam.

Percebi que ainda havia paixão na expressão do olhar de Felipe quando me encarou nos olhos, todavia, ele nada insinuou, demonstrando que por fim havia se convencido

de que eu pertencia a Miguel e a nunca mais seria de outro homem.

Em algum momento da festa, a cantora anunciou que cantaria a música dos noivos, para que eu e Miguel dançássemos e começou a cantar A Thousand Years, da Christina Perri, minha música preferida.

Sob uma salva de palmas, Miguel me puxou para a dança, colocando-nos no centro da pista, em meio a uma roda de pessoas que se formara, enlaçou minha cintura, apertando-me contra seu corpo forte, prendeu meu olhar ao seu e nos embalou lentamente ao sabor da melodia, cantando a musica, só que em português, traduzindo a letra, que ficava ainda mais significativa na sua voz tão amada.

O coração acelerado

Cores e promessas

Como ser corajoso

Como posso amar

Quando tenho medo de me apaixonar

Mas ao assistir você sozinha

Toda a minha dúvida de repente se vai

Um passo mais perto

Eu morri todos os dias esperando você

Querida, não tenha medo

Eu te amei por mil anos

Eu te amarei por mais mil

O tempo fica parado

Há beleza em tudo que ela é

Terei coragem

Não deixarei nada levar embora

O que está na minha frente

Cada suspiro

Cada momento trouxe a isso (...)

— Eu te amarei por mil anos. — sussurrei, emocionada,
meu coração batendo depressa no peito.

— Eu te amei desde sempre, mesmo antes de te conhecer
eu sabia que meu coração te traria a mim. Você era o
pedaço que me faltava, Manuela.

Sorri, feliz, emocionada, e levei meus lábios aos seus
para receber o beijo que veio delicioso e apaixonado,
reforçando a certeza que eu carregava dentro de mim de

que minha vida começara de verdade a partir do momento em que o conheci.

FIM

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

DISPONÍVEIS NA AMAZON

Fugitiva;

Fugitiva 2;

O Caso Roger Miller;

Irresistível Paixão;

O Amante;

Quando me Apaixonou;

Pecados Íntimos;

Bem-vinda ao Jogo;

Quando te Amei;

A Primeira Noite;

Predestinados;

Coração Selvagem;

Para Amar e Proteger.

CONTATO:

Ari.ela_pereira@hotmail.com

Document Outline

- [CAPÍTULO I](#)
- [CAPÍTULO II](#)
- [CAPÍTULO III](#)
- [CAPÍTULO IV](#)
- [CAPÍTULO V](#)
- [CAPÍTULO VI](#)
- [CAPÍTULO VII](#)
- [CAPÍTULO VIII](#)
- [CAPÍTULO IX](#)
- [CAPÍTULO X](#)
- [CAPÍTULO XI](#)
- [CAPÍTULO XII](#)
- [CAPÍTULO XIII](#)
- [CAPÍTULO XIV](#)
- [CAPÍTULO XV](#)
- [CAPÍTULO XVI](#)
- [CAPÍTULO XVII](#)
- [CAPÍTULO XVIII](#)
- [CAPÍTULO XIX](#)
- [CAPÍTULO XX](#)
- [CAPÍTULO XXI](#)
- [CAPÍTULO XXII](#)
- [CAPÍTULO XXIII](#)
- [CAPÍTULO XXIV](#)
- [CAPÍTULO XXV](#)
- [CAPÍTULO XXVI](#)
- [CAPÍTULO XXVII](#)
- [CAPÍTULO XXVIII](#)
- [CAPÍTULO XXIX](#)
- [CAPÍTULO XXX](#)
- [CAPÍTULO XXXI](#)
- [CAPÍTULO XXXII](#)
- [CAPÍTULO XXXIII](#)

- [EPÍLOGO](#)
- [OUTRAS OBRAS DA AUTORA DISPONÍVEIS NA AMAZON:](#)